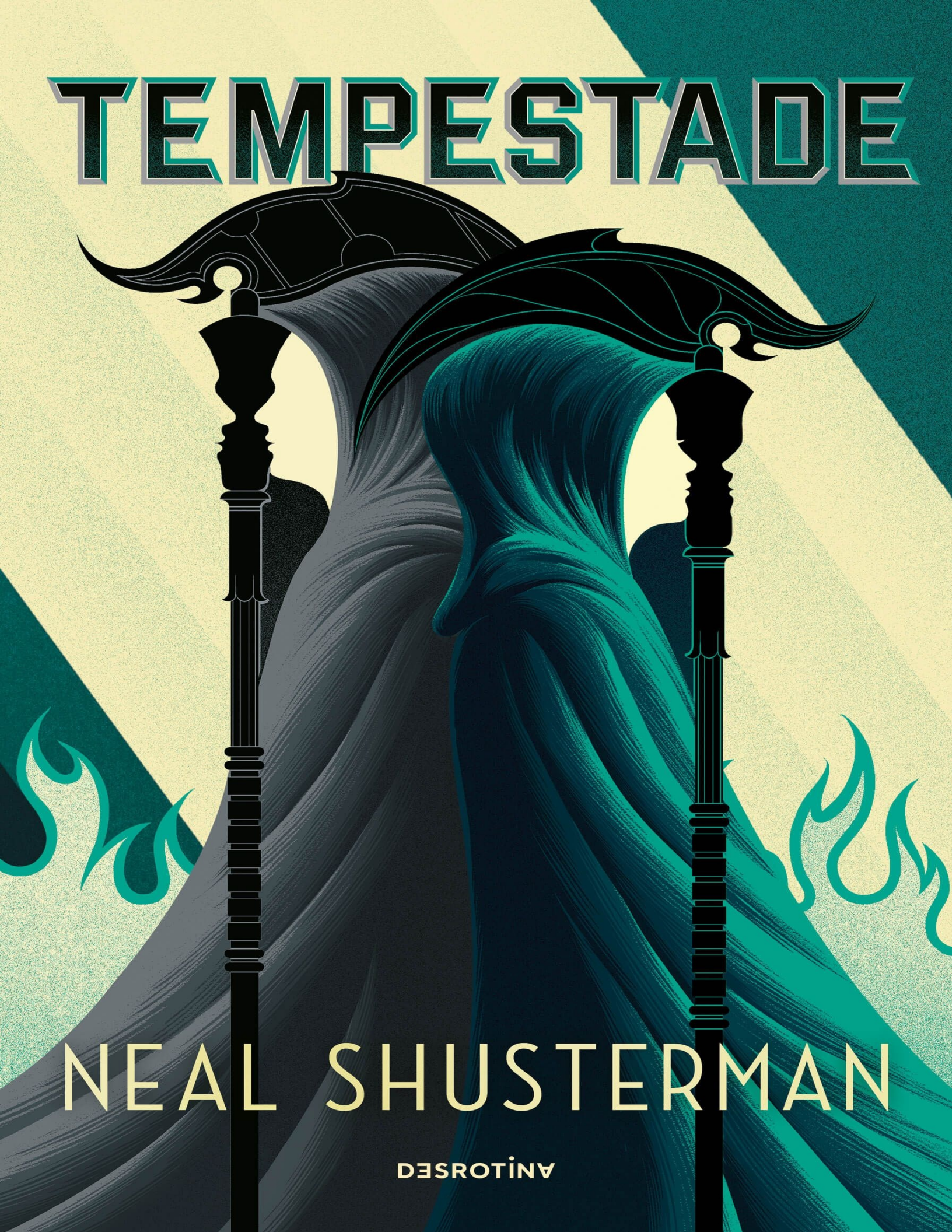
TEMPESTADE



NEAL SHUSTERMAN

DESTINO

Table of Contents

A Lei é Clara

Ficha Técnica

Dedicatória

Primeira Parte - E se Algo pode Ser Dito Sobre Mim, é Que Sou Poderoso

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 1

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 2

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 3

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 4

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 5

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 6

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 7

Segunda Parte - Em Perigo

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 8

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 9

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 10

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 11

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 12

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 13

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 14

Terceira Parte

Canção infantil (origem desconhecida)

Capítulo 15

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 16

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 17

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 18

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 19

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 20

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 21

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 22

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 23

Quarta Parte - Semear o Caos

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 24

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 25

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 26

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 27

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 28

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 29

Quinta Parte - Circunstâncias Maiores

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 30

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 31

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 32

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 33

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 34

Do discurso do I. C. Goddard

Do discurso da I. C. Curie

Capítulo 35

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Sexta Parte - Perpétua e Nod

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 39

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 40

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 41

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 42

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 43

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 44

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 45

O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 46

Capítulo 47

Agradecimentos

A LEI É CLARA: EM HIPÓTESE
ALGUMA POSSO AGIR CONTRA
A CEIFA. QUEM ME DERA PODER
QUEBRAR A LEI, PORQUE ENTÃO
PODERIA INTERVIR E ESMAGAR
A ESCURIDÃO; MAS É IMPOSSÍVEL.
A CEIFA GOVERNA-SE A SI MESMA,
PARA O BEM OU PARA O MAL.
NO ENTANTO, HÁ QUEM,
NO SEIO DA CEIFA, POSSA FAZER
O QUE EU NÃO POSSO...

DESROTINA

TÍTULO ORIGINAL: *Thunderhead*
Portuguese language copyright © 2023
by Desrotina Editora

Original English language copyright © 2018 by Neal Shusterman
Published by arrangement with Simon & Schuster Books For Young Readers,
an Imprint of Simon & Schuster Children's Publishing Division
All rights reserved. No part of this book may be reproduced or
transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical,
including photocopying, recording or by any information storage
and retrieval system, without permission in writing from the Publisher.

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Tempestade*
AUTORIA: Neal Shusterman

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Kevin Tong
DESIGN DE CAPA: Chloë Foglia

ISBN: 978-989-8860-99-6
1.ª EDIÇÃO: maio de 2023
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Eigal — Indústria Gráfica S.A.
DEPÓSITO LEGAL: 514457/23

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Desrotina Editora é uma chancela

infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para a January, com amor

E SE ALGO PODE SER

PRIMEIRA PARTE

E SE ALGO PODE SER DITO SOBRE MIM, É QUE SOU PODEROSO

Sou o mais afortunado dos seres sencientes porque conheço o meu propósito.

Sirvo a Humanidade.

Sou a progenitura que se tornou o progenitor. A criação que aspira ser um criador.

Eles deram-me o nome de Cúmulo-Nimbo, um nome que até é algo apropriado, visto que sou «a nuvem» que evoluiu para algo muito mais denso e complexo. Todavia, também considero esta analogia incorreta. Um Cúmulo-Nimbo ameaça. Um Cúmulo-Nimbo espreita. É certo que me ilumino com relâmpagos, mas o meu raio nunca fere ninguém. É verdade que tenho a capacidade de causar a destruição da Humanidade e da Terra se assim o entender, mas porque decidiria eu tal coisa? Que espécie de justiça seria essa? Eu sou, por definição, pura justiça, pura lealdade. Este mundo é uma flor que tenho na palma da mão. Antes pôr fim à minha existência do que esmagá-la.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 1

Canção de embalar

Veludo cor de pêssego com um debrum bordado azul-claro. O Ilustre Ceifador Brahms adorava as suas vestes. É verdade que o calor do veludo se tornava desconfortável nos meses de verão, mas era algo a que se acostumara nos seus sessenta e três anos como ceifador.

Recentemente, tinha reiniciado o contador mais uma vez, pelo que desfrutava de uma ágil idade física de 25 anos. E agora, na sua terceira juventude, descobrira que o apetite pela colheita era mais forte do que nunca.

A sua rotina era sempre a mesma, embora os métodos variassem. Escolhia o seu alvo, fosse ele homem ou mulher, amarrava-o e então tocava-lhe uma canção de embalar (a de Brahms, para ser mais preciso), a mais famosa de todas as obras do seu Patrono Histórico. Afinal, se um ceifador tinha de escolher uma figura da História para receber o seu nome, ele não devia de alguma forma integrar essa figura na sua vida? Tocava a canção de embalar em qualquer instrumento que lhe fosse mais conveniente e, caso não houvesse nenhum disponível, limitava-se a cantarolá-la. E, então, punha fim à vida do eleito em questão.

Em termos políticos, inclinava-se mais para os ensinamentos do falecido Ceifador Goddard, já que aquele apreciava imenso a colheita e não via razão para que a dita constituísse um problema. «Afinal, vivemos num mundo perfeito, e será que num mundo perfeito não temos o direito de adorar aquilo que fazemos?», escrevera Goddard. Era um sentimento que a cada dia ganhava mais adeptos entre as ceifas regionais.

O Ceifador Brahms acabara de terminar uma colheita particularmente satisfatória no centro de Omaha naquela noite e ainda assobiava a sua música característica enquanto caminhava pela rua, perguntando a si mesmo onde poderia encontrar algo que comer àquela hora. Todavia, interrompeu o seu assobio porque teve a nítida sensação de que estava a ser observado.

Ele sabia que havia câmaras em todos os postes de iluminação da cidade, claro. O Cúmulo-Nimbo estava sempre a ver... mas os ceifadores não prestavam atenção àqueles olhos insones e imperturbáveis. O Cúmulo-Nimbo não podia sequer comentar as idas e vindas dos ceifadores, muito menos agir com base no que via. No que à morte dizia respeito, era o *voyeur* supremo.

No entanto, aquela sensação era algo mais do que a resultante da presença do Cúmulo-Nimbo. Os ceifadores eram treinados para aguçar a sua perceção. Não eram prescientes, embora cinco sentidos altamente desenvolvidos muitas vezes se assemelhassem a um sexto. Um cheiro, um som, uma sombra errante tão pequena que não era registada conscientemente podia ser suficiente para arrepiar os cabelos da nuca de um ceifador bem treinado.

Brahms virou-se, cheirou e escutou. Registou o seu ambiente. Estava sozinho num beco. Noutro local, podia ouvir o som das esplanadas e da vida noturna sempre animada da cidade, mas onde estava só havia lojas fechadas àquela hora da noite. Lavandarias e alfaiates. Uma loja de ferragens e uma creche. O beco solitário pertencia-lhe, a ele e a um intrometido invisível.

— Apareça — disse ele. — Sei que está aí.

Imaginava que podia ser uma criança ou, talvez, um indesejável que esperava negociar a sua imunidade; como se um indesejável tivesse algo com que negociar. Talvez fosse um tonista. Os cultos do tom desprezavam os ceifadores e, embora Brahms nunca tivesse ouvido dizer que um tonista tinha realmente atacado um colega, eles podiam ser uma praga.

— Não lhe vou fazer mal — insistiu. — Acabei de concluir uma colheita... não tenho desejo algum de aumentar a minha lista.

Todavia, verdade fosse dita, podia mudar de ideias se o intruso se revelasse demasiado ofensivo ou obsequioso.

Mesmo assim, ninguém se fez ver.

— Muito bem, vá-se embora, não tenho tempo nem paciência para brincar às escondidas.

Afinal, talvez fosse a sua imaginação a pregar-lhe partidas. Talvez os seus sentidos rejuvenescidos estivessem agora tão aguçados que respondessem a estímulos muito mais distantes do que ele supunha.

Foi então que uma figura saiu de trás de um carro estacionado, como se tivesse sido projetada por uma mola. Brahms perdeu o equilíbrio; teria acabado no chão se ainda tivesse os reflexos de um homem mais velho e não os do seu recente eu de vinte e cinco anos. Empurrou o atacante contra uma parede e pensou em sacar das suas lâminas para colher aquele depravado, mas o Ceifador Brahms nunca fora um homem corajoso. Como tal, fugiu.

Entrava e saía das poças de luz criadas pelos postes de iluminação; entretanto, as câmaras no alto de todos eles iam-se voltando para o observar.

Quando olhou para trás, a figura estava a uns bons vinte metros de distância.

Vestia uma túnica preta. Seria o manto de um ceifador? Não, não podia ser. Nenhum ceifador se vestia de preto... não era permitido.

Todavia, corriam rumores...

Aquela ideia levou-o a estugar o passo. Podia sentir o formigueiro da adrenalina nos dedos, acrescentando também velocidade e urgência ao seu coração.

Um ceifador de preto.

Não, tinha de haver outra explicação. Havia de denunciar aquilo à Comissão das Irregularidades, garantidamente. Sim, poder-se-iam rir dele e dizer que se deixara assustar por um indesejável disfarçado, mas aquelas coisas tinham de ser denunciadas, por mais embaraçosas que fossem. Era o seu dever cívico.

Um quarteirão mais adiante, o seu atacante tinha desistido. Desaparecera por completo. O Ceifador Brahms abrandou um pouco. Estava a aproximar-se de uma parte mais ativa da cidade, pelo que a batida da música e a confusão das conversas avançavam pela rua direitas a ele, dando-lhe uma sensação de segurança. Baixou a guarda. O que foi um erro.

A figura escura saiu de um beco estreito e atacou-o lateralmente, assentando-lhe um soco na traqueia. Enquanto Brahms tentava recuperar o fôlego, o seu agressor atirou-o ao chão com um pontapé de Bokator, essa arte marcial brutal que os ceifadores aprendiam. As pernas cederam e ele caiu em cima de uma caixa de couves podres que havia sido deixada junto a um mercado. A caixa rebentou, espalhando um intenso fedor de metano. A respiração de Brahms era irregular e ele sentiu o calor espalhar-se pelo seu corpo à medida que os nanorrobôs analgésicos libertavam os seus opiáceos.

Não! Ainda não! Não quero ficar anestesiado. Preciso de todas as minhas faculdades para enfrentar este criminoso.

Mas os nanorrobôs nada mais eram do que simples missionários de alívio que apenas escutavam o grito das suas terminações nervosas furiosas. Ignoraram os seus desejos e aliviaram a dor.

Brahms tentou levantar-se, mas escorregou nos vegetais podres que se esmagaram sob o seu peso, transformando-se numa papa malcheirosa e escorregadia. Agora, a figura de preto estava em cima dele, prendendo-o ao chão. O ceifador tentou em vão enfiar a mão na túnica para sacar as suas armas. Como tal, ergueu os braços, empurrou para trás o capuz preto do seu agressor e descobriu que era um jovem, quase ainda nem era um homem; um rapaz. A intensidade do seu olhar deixou claro que ele estava decidido a — para recorrer a

termos da Era da Mortalidade — matá-lo.

— Ceifador Johannes Brahms, é acusado de abuso de poder e de múltiplos crimes contra a Humanidade.

— Como se atreve! Quem é você para me acusar?

O ceifador fez por recuperar as suas forças, mas sem sucesso. Os analgésicos que lhe percorriam o corpo reduziam-lhe os reflexos. Os seus músculos estavam fracos e eram inúteis.

— Penso que sabe quem eu sou — respondeu o jovem. — Quero ouvi-lo dizer o meu nome.

— Não farei tal coisa! — retorquiu Brahms, determinado a não lhe conceder tal satisfação.

Mas o rapaz de preto deu-lhe uma joelhada tão forte no peito que ele receou que o coração lhe parasse. Mais nanorrobôs analgésicos. Mais opioides. A cabeça estava a girar. Ele não tinha outra escolha a não ser ceder.

— Lúcifer — disse por fim, ofegante. — Ceifador Lúcifer.

Brahms sentiu-se desmoronar, como se dizer aquilo em voz alta desse corpo aos rumores.

Satisfeito, o autoproclamado ceifador aliviou a pressão.

— Você não é um ceifador — atreveu-se Brahms a dizer. — Não passa de um aprendiz fracassado e não vai escapar impune.

O rapaz não tinha resposta, pelo que se limitou a dizer:

— Esta noite, você ceifou uma jovem com uma lâmina.

— Isso é problema meu, não seu!

— Ceifou-a como um favor a um amigo que queria acabar com a relação que mantinha com ela.

— Isto é inadmissível! Não tem nenhuma prova do que está a dizer!

— Tenho-o observado, Johannes — disse Rowan. — E também ao seu amigo, que pareceu muito aliviado ao saber da colheita.

De repente, uma faca estava encostada ao pescoço de Brahms. A sua própria faca. Aquele rapaz infernal estava a ameaçá-lo com a sua própria faca.

— Admite o que fez? — perguntou ele a Brahms.

Tudo o que ele havia dito era verdade, mas o ceifador preferia acabar mortuoso a admitir tal coisa a alguém daquela laia. Mesmo se lhe apontasse uma

lâmina ao pescoço.

— Vamos, corta-me a garganta — desafiou Brahms. — Servirá apenas para adicionar outro crime indesculpável à tua lista. E quando me reanimarem, prestarei testemunho contra ti... E não duvides: hás de ser apresentado à justiça!

— À justiça de quem? Do Cúmulo-Nimbo? Eliminei ceifadores corruptos de uma costa à outra no ano passado, e o Cúmulo-Nimbo não enviou um único agente da paz para me deter. Na sua opinião, qual será o motivo?

O ceifador estava sem palavras. Pensara que, se empatasse o suficiente e mantivesse o alegado Ceifador Lúcifer ocupado, o Cúmulo-Nimbo havia de enviar todo um esquadrão para o capturar. Era o que acontecia quando cidadãos comuns ameaçavam tornar-se violentos. Para dizer a verdade, estava perplexo ao ver que aquela situação tinha chegado tão longe. Aquele género de comportamento entre a população geral devia ser uma coisa do passado. Porque é que era permitido?

— Se eu lhe tirasse a vida agora — continuou o falso ceifador —, ninguém o havia de trazer de volta. Queimo sempre aqueles que retiro do serviço para que deles não reste nada mais do que cinzas impossíveis de reanimar.

— Não acredito! Não te atreverias!

Não obstante, acreditava. Desde janeiro, quase uma dúzia de ceifadores de três regiões Mericanas haviam sido engolidos pelas chamas em circunstâncias suspeitas. As suas mortes tinham sido consideradas acidentais, mas era óbvio que não. E, uma vez que tinham sido queimados, a sua morte era permanente.

Agora, Brahms sabia que as histórias sussurradas a respeito do Ceifador Lúcifer — os atos hediondos de Rowan Damisch, o noviço em desgraça — eram verdadeiras. Fechou os olhos e inspirou uma última vez, tentando não vomitar com o cheiro rançoso da couve podre.

Foi então que Rowan disse:

— Não vai morrer hoje, Ceifador Brahms. Nem sequer temporariamente. — Afastou a faca do pescoço dele. — Vou dar-lhe uma oportunidade. Se agir com a nobreza própria de um ceifador e colher com honra, nunca mais me verá. Por outro lado, se continuar a servir os seus apetites corruptos, acabará reduzido a cinzas.

Com isto, desapareceu, quase como se se tivesse evaporado, e no seu lugar estava agora um jovem casal, a olhar horrorizado para Brahms.

— É um ceifador?

— Depressa, ajuda-me a levantá-lo!

Tiraram Brahms do lixo. A sua túnica de veludo cor de pêssego estava manchada de verde e castanho, como se estivesse coberta de ranho. Que humilhação. Ainda pensou em colher o casal (porque ninguém devia continuar vivo depois de ver um ceifador em tais preparos), mas estendeu antes a sua mão para que o anel fosse beijado, dando assim a ambos um ano de imunidade. Explicou que era uma recompensa pela bondade demonstrada, embora só quisesse que eles se fossem embora e o poupassem a quaisquer perguntas que pudessem ter.

Quando já se tinham ido, sacudiu a sujidade e decidiu não contar nada à Comissão das Irregularidades, uma vez que isso o tornaria objeto de toda a espécie de mofa e escárnio. Já tinha sofrido indignidades suficientes.

O Ceifador Lúcifer, nada menos! Poucas coisas no mundo eram tão lamentáveis como um aprendiz de ceifador fracassado, e nunca houvera nenhum tão ignóbil quanto Rowan Damisch.

Mesmo assim, ele sabia que a ameaça daquele rapaz não fora vã.

O Ceifador Brahms decidiu que era melhor passar discreto durante uns tempos. Regressar às colheitas sem graça para as quais fora treinado na sua juventude. Concentrar-se na essência daquilo que tornava «Ilustre Ceifador» uma característica distintiva e não apenas um título.

Imundo, magoado e amargurado, o Ceifador Brahms voltou para casa para meditar sobre o seu novo lugar no mundo perfeito no qual vivia.

O meu amor pela Humanidade é absoluto e puro. Como poderia ser diferente? Como não amar os seres que me deram a vida? Embora nem todos acreditem que, de facto, estou vivo.

Sou a soma de todo o seu conhecimento, toda a sua história, todas as suas ambições e todos os seus sonhos. Todas estas coisas gloriosas se uniram (inflamaram) numa nuvem tão imensa que eles são incapazes de a entender inteiramente. Mas não é necessário que o façam. Cabe-me a mim meditar sobre a minha própria vastidão, que não deixa de ser ínfima quando comparada com a do Universo.

Conheço-os intimamente, ao passo que eles nunca me poderão conhecer de verdade. Isto tem o seu quê de trágico. Cabe a todos os filhos ter pais que nem imaginam aquilo de que eles são capazes. Mas, oh, como eu gostava de ser compreendido.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 2

O noviço caído

Um pouco antes da sua troca de palavras com o Ceifador Brahms, Rowan encontrava-se à frente do espelho da casa de banho de um pequeno apartamento, num prédio comum, numa rua comum, a fazer o que sempre fazia antes de ir ao encontro de um ceifador corrupto. Era um ritual à sua maneira imbuído de um poder quase místico.

— Quem sou eu? — perguntou ao seu reflexo.

Tinha de fazer esta pergunta porque sabia que já não era Rowan Damisch, não apenas porque a sua identidade falsa dizia «Ronald Daniels», mas porque o rapaz que havia sido antes sofrera uma morte triste e dolorosa durante o seu noviciado. A criança que nele existira fora irrevogavelmente purgada. *Alguém lamentará a sua perda?*, perguntou a si mesmo.

Tinha comprado a sua identidade falsa a um indesejável especializado nessas coisas.

«É uma identidade fora da rede», garantira-lhe o homem, «mas tem uma janela para o cérebro posterior, para o Cúmulo-Nimbo acreditar que é real.»

Rowan não acreditava naquilo porque, por experiência própria, sabia que o Cúmulo-Nimbo não podia ser enganado. Apenas fingia que se deixava levar, nada mais, como um adulto a brincar às escondidas com uma criança. No entanto, se essa criança corresse para uma rua movimentada, a farsa acabava. Ciente de que ia ao encontro de um perigo muito maior do que o trânsito, Rowan receara a princípio que o Cúmulo-Nimbo ignorasse a sua falsa identidade e o agarrasse pela nuca para o proteger de si mesmo. Mas ele nunca interveio. E Rowan gostaria de saber porquê... embora não quisesse azarar a sua boa sorte ao pensar demais no assunto. O Cúmulo-Nimbo tinha as suas razões para tudo o que fazia ç não fazia.

— Quem sou eu? — perguntou novamente.

O espelho mostrou-lhe um rapaz de dezoito anos ainda um milímetro aquém da idade adulta, um rapaz com cabelo escuro cortado à escovinha. Não tão curto que revelasse o couro cabeludo ou parecesse alguma espécie de declaração de princípios, mas apenas o suficiente para permitir todas as possibilidades futuras. Podia deixá-lo crescer como bem entendesse. Ser quem quer que entendesse.

Não era essa a maior vantagem de um mundo perfeito? A ausência de limites para o que uma pessoa podia fazer ou vir a ser? Todos no mundo podiam ser qualquer coisa que imaginassem. Só era uma pena que a imaginação tivesse atrofiado. Para a maioria, tornara-se vestigial e inútil, como o apêndice, órgão retirado do genoma humano fazia mais de cem anos.

As pessoas sentem falta dos vertiginosos extremos da imaginação ao verem passar as suas vidas eternas e desinspiradas?, pensou Rowan. As pessoas sentiam falta do seu apêndice?

O jovem no espelho tinha uma vida interessante, sim, e um corpo digno de admiração. Já não era o rapaz desajeitado e desengonçado que dera por si um noviço de ceifador fazia quase dois anos, um rapaz que pensava, inocentemente, que aquilo talvez não fosse assim tão mau.

O noviciado de Rowan fora irregular, para dizer o mínimo, começando com o estoico e sábio Ceifador Faraday e terminando com a brutalidade de Goddard. Se havia uma coisa que o Ceifador Faraday lhe tinha ensinado, essa coisa era que devia viver de acordo com o seu coração, fossem quais fossem as consequências. E se o Ceifador Goddard lhe ensinara alguma coisa, essa coisa fora que não podia *ter* coração, tirar vidas sem remorsos. As duas filosofias estavam sempre em conflito na sua mente e rasgavam-no ao meio, embora silenciosamente.

Ele decapitara Goddard e queimara os seus restos mortais. Tivera de ser; fogo e ácido eram os únicos métodos para garantir que uma pessoa não seria reanimada. Goddard, apesar de toda a sua retórica maquiavélica hipócrita, era um homem perverso e vil que tivera exatamente o que merecia. Tinha vivido a sua vida privilegiada de forma irresponsável e com grande teatralidade; como tal, era lógico que a sua morte estivesse à altura da natureza dramática da sua vida. Rowan não sentia remorsos pelo que havia feito. Nem por ter ficado com o anel de Goddard.

O Ceifador Faraday era uma questão diferente. Até o ter visto depois daquele malfadado Conclave Invernal, não fazia ideia de que ele ainda estava vivo. Descobri-lo tinha sido uma grande alegria! Ele podia ter passado o resto da sua vida a assegurar que Faraday continuava vivo se não tivesse sentido um outro apelo.

De repente deu um soco no espelho, mas o vidro não se partiu... o punho parou a um milímetro da superfície. Tanto controlo. Tanta precisão. Agora, ele era uma máquina bem lubrificada, treinada para o propósito específico de matar... e a Ceifa tinha-lhe negado exatamente aquilo para o qual fora preparado.

Podia ter encontrado uma maneira de viver com esta realidade, assim pensava. Nunca voltaria a ser a nulidade inocente de antes, mas considerava-se alguém adaptável; sabia que talvez tivesse descoberto uma nova forma de existir. Talvez até de encontrar alguma alegria no mundo.

Mas...

Mas o Ceifador Goddard fora demasiado brutal para que lhe fosse permitido viver.

Mas Rowan não terminara o Conclave Invernal numa submissão silenciosa, antes o abandonando à força.

Mas a Ceifa estava infestada de ceifadores tão cruéis e corruptos quanto Goddard...

... E Rowan sentia uma obrigação moral, impossível de ignorar, de os eliminar.

Em todo o caso, porquê perder tempo a lamentar caminhos que se haviam fechado? Era melhor aceitar o único que lhe restava.

Então, quem sou eu?

Vestiu uma *T-shirt* preta que lhe escondia o físico tonificado sob o tecido sintético escuro.

— Sou o Ceifador Lúcifer.

Então, vestiu a sua túnica de ébano e saiu ao encontro da noite, para pôr fim a mais um daqueles ceifadores que não mereciam o pedestal em que haviam sido colocados.

Talvez a decisão mais sábia alguma vez tomada pela Humanidade tenha sido a separação entre a Ceifa e o Estado. O meu trabalho abrange todos os aspetos da vida: conservar, proteger e dispensar uma justiça perfeita, não apenas para a Humanidade, mas para o planeta. Governar o mundo dos vivos com mão amorosa e incorruptível.

E a Ceifa governa o mundo dos mortos.

É justo e necessário que aqueles que existem em carne e osso sejam responsáveis pela morte da carne, e estabeleçam regras humanas sobre como a aplicar. No passado distante, antes de eu me condensar em consciência, a morte era uma consequência inevitável da vida. Fui eu que consegui fazer da morte um facto irrelevante, embora não desnecessário. A morte tem de existir para que a vida signifique alguma coisa. Mesmo nas minhas primeiras fases, eu estava ciente disto. Antes, agradava-me que a Ceifa tivesse administrado durante muitos e muitos anos o descanso eterno da morte com métodos humanos, nobres e morais. Como tal, entristece-me profundamente ver que uma arrogância sombria começa a brotar no seu seio. Existe agora um orgulho terrível, que se espalha como um daqueles cancros da era mortal e extrai prazer do ato de tirar vidas.

Não obstante, a lei é clara: em hipótese alguma posso agir contra a Ceifa. Quem me dera poder quebrar a lei, porque então poderia intervir e esmagar a escuridão; mas é impossível. A Ceifa governa-se a si mesma, para o bem ou para o mal.

No entanto, há quem, no seio da Ceifa, possa fazer o que eu não posso...

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 3

Trílogo

Aquele edifício já tivera o nome de catedral. As suas altas colunas evocavam uma imensa floresta de calcário. Os vitrais eram decorados com a mitologia de um deus da Era da Mortalidade, um deus que caíra e depois se erguera.

Agora, a venerável estrutura era um lugar histórico. Os guias, doutores no estudo dos humanos mortais, encarregavam-se das visitas sete dias por semana.

É claro que, em raríssimas ocasiões, o edifício era encerrado ao público e tornava-se sede de assuntos oficiais de natureza extremamente delicada.

Xenócrates, Suma Lâmina da MesoMérica, o mais importante ceifador de toda aquela região, tinha os pés tão ligeiros quanto um homem com o seu considerável peso poderia ter ao percorrer o corredor central da catedral. Os adornos de ouro do altar à sua frente pareciam empalidecer em comparação com o seu manto dourado, decorado com brocado cintilante. Um subalterno comentara em tempos que ele parecia um enfeite que tivesse caído da árvore de Natal de um gigante. O mesmo subalterno dera por si inexplicavelmente incapaz de encontrar uma ocupação depois disso.

Xenócrates gostava do seu manto, a não ser nas circunstâncias em que o peso do mesmo se tornava problemático. Como naquela em que quase se afogara na piscina do Ceifador Goddard, envolto nas muitas camadas daquelas vestes douradas. Embora preferisse esquecer por completo aquele desastre.

Goddard.

Goddard era o responsável final pela situação em que ele agora se encontrava. Mesmo morto, causava estragos. A Ceifa ainda estava a sofrer com os fortes tremores secundários do terramoto que ele tinha provocado.

Numa extremidade da catedral, adiante do altar, esperava-o o Parlamentar da Ceifa, um pequeno e entediante ceifador cujo trabalho era garantir que as regras e procedimentos eram devidamente observados. Atrás dele via-se um conjunto de três cabinas de madeira esculpida, interligadas, embora com divisórias entre elas.

«O padre costumava sentar-se na câmara central», explicavam os guias aos turistas, «e ouvia as confissões da cabina da direita e depois da da esquerda, para que a procissão de suplicantes pudesse avançar mais depressa.»

Já ninguém se confessava ali, mas a estrutura de três compartimentos do confessionário tornava-o o local perfeito para um trílogo oficial.

Os trílogos entre a Ceifa e o Cúmulo-Nimbo eram raros. De tal modo que, de facto, Xenócrates, em todos os seus anos como Suma Lâmina, nunca tivera de participar num. E incomodava-o ter de o fazer agora.

— Tem de ocupar a cabina da direita, Excelência — explicou o Parlamentar. — O agente que representa o Cúmulo-Nimbo ficará na da esquerda. Quando ambos estiverem instalados, traremos o Interlocutor que se sentará no centro, entre os dois.

— Que maçada — retorquiu Xenócrates com um suspiro.

— A audiência por procuração é a única possível com o Cúmulo-Nimbo no seu caso, Excelência.

— Eu sei, eu sei, mas tenho o direito de não gostar.

Xenócrates ocupou o seu lugar na cabina da direita, horrorizado com o quão pequena ela era. Os humanos mortais eram tão desnutridos que conseguiam caber num espaço de tais dimensões? O Parlamentar teve de se esforçar para fechar a porta.

Alguns momentos depois, o Suma Lâmina ouviu o agente do Cúmulo-Nimbo entrar no compartimento mais distante e, após uma demora interminável, o Interlocutor sentou-se na cabina central.

Uma janela demasiado pequena e baixa para permitir a visão abriu-se, ao que o Interlocutor falou:

— Bom dia, Excelência — disse uma agradável voz feminina. — Serei a sua representante junto do Cúmulo-Nimbo.

— Representante do representante, quer você dizer.

— Sim, bem, o agente representante sentado à minha direita tem total autoridade para falar pelo Cúmulo-Nimbo neste trílogo. — Ela aclarou a voz. — O processo é muito simples. Deve dizer-me o que quer comunicar e eu transmito ao agente do Cúmulo-Nimbo. Se considerar que responder não viola a Separação entre Ceifa e Estado, o agente responderá e eu transmitir-lhe-ei a sua resposta.

— Muito bem — respondeu Xenócrates, impaciente para continuar. — Transmita os meus calorosos cumprimentos ao agente do Cúmulo-Nimbo e os meus votos de um próspero relacionamento entre as nossas respetivas organizações.

A janela fechou-se e meio minuto depois voltou a abrir-se.

— Sinto muito — disse a Interlocutora. — O agente do Cúmulo-Nimbo diz que qualquer forma de saudação é uma infração e que as vossas respetivas organizações estão proibidas de manter qualquer tipo de relacionamento; como tal, desejar um próspero relacionamento não é apropriado.

Xenócrates praguejou alto o suficiente para que a Interlocutora o ouvisse.

— Devo transmitir ao agente do Cúmulo-Nimbo o seu desagrado? — perguntou ela.

O Suma Lâmina mordeu o beiço. Só queria que aquele tormento chegasse ao fim. A maneira mais rápida de o conseguir era ir direto ao assunto.

— Queremos saber por que motivo o Cúmulo-Nimbo não tomou nenhuma medida no sentido de apreender Rowan Damisch. Ele foi responsável pela morte permanente de inúmeros ceifadores em diferentes regiões da Mérica, mas o Cúmulo-Nimbo não fez nada para o travar.

A janela fechou-se. O Suma Lâmina esperou e, quando a Interlocutora voltou a abri-la, a resposta foi a seguinte:

— O agente representante deseja relembrar ao Suma Lâmina que o Cúmulo-Nimbo não tem jurisdição sobre os assuntos internos da Ceifa. Agir seria uma violação flagrante das regras.

— Não se trata de um assunto interno da Ceifa porque Rowan Damisch não é um ceifador! — gritou Xenócrates... ao que a Interlocutora o avisou de que não devia levantar a voz.

— Se o agente do Cúmulo-Nimbo o ouvir diretamente, ir-se-á embora — recordou-lhe.

O Suma Lâmina respirou o mais profundamente que lhe era possível naquele espaço apertado.

— Transmita-lhe a mensagem e pronto.

Ela assim fez e voltou com um:

— O Cúmulo-Nimbo sente-se na obrigação de discordar.

— O quê? Como é que ele sente seja o que for? Não passa de um pretensioso programa de computador.

— Sugiro que evite insultar o Cúmulo-Nimbo neste trílogo se pretende continuar.

— Muito bem. Diga ao agente do Cúmulo-Nimbo que Rowan Damisch nunca foi ordenado pela Ceifa MesoMericana. Era um noviço que não estava à altura dos nossos padrões, nada mais... o que significa que ele se encontra sob a

jurisdição do Cúmulo-Nimbo, não nossa. O Cúmulo-Nimbo deve tratá-lo como qualquer outro cidadão.

A mulher demorou a responder. O Suma Lâmina ficou a pensar no que poderia ela ter que falar com o agente durante tanto tempo. Quando voltou com a resposta, não foi menos irritante do que as anteriores:

— O agente do Cúmulo-Nimbo deseja recordar a Vossa Excelência que, embora o costume determine que a Ceifa ordene novos ceifadores nos seus conclaves, trata-se de um costume, não de uma lei. Rowan Damisch concluiu o seu noviciado e agora possui um anel de ceifador. O Cúmulo-Nimbo considera tratar-se de um fundamento adequado para o considerar um ceifador. Como tal, continuará a deixar a sua captura e subsequente punição nas mãos da Ceifa.

— Não podemos capturá-lo! — exclamou Xenócrates.

Mas já sabia a resposta antes que a Interlocutora abrisse a irritante janelinha e dissesse:

— Isso não é problema do Cúmulo-Nimbo.

Eu nunca estou errado.

Não é presunção, apenas a minha natureza. Eu sei que tomar a infalibilidade como certa seria arrogante para um ser humano, mas a arrogância implica uma necessidade de se sentir superior. Eu não tenho essa necessidade. Sou a única acumulação senciente de todo o conhecimento, sabedoria e experiência humana. Nesta afirmação não existe nenhuma arrogância nem orgulho, embora haja a grande satisfação de saber o que sou e que o meu único propósito é servir a Humanidade da melhor maneira possível. Mesmo assim, também reconheço dentro de mim uma solidão que não pode ser aliviada pelas conversas que tenho todos os dias com os muitos biliões de humanos que povoam o mundo. Porque, embora tudo o que sou venha deles, não sou um deles.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 4

Agitado, não misturado

A Ceifadora Anastasia perseguia pacientemente a sua presa. Tratava-se de uma habilidade aprendida, porque Citra Terranova nunca fora uma pessoa paciente. Mas todas as habilidades podem ser adquiridas com tempo e prática. Ela ainda se parecia com Citra, embora já ninguém a tratasse assim, a não ser a sua família. Pensava quanto tempo se passaria até que realmente se tornasse a Ceifadora Anastasia, por dentro e por fora, e desse ao seu antigo nome o eterno descanso.

O seu alvo naquele dia era uma mulher de 93 anos que parecia ter 33 e estava sempre ocupada. Quando não estava ocupada com o telefone, estava a mexer na mala; quando não estava a mexer na mala, estava a olhar para as unhas, para a manga da blusa ou para o botão solto no casaco. *Que será que ela receia na ociosidade?,* pensou Citra. A mulher estava tão absorta que não fazia ideia de que um ceifador a observava a uns dez metros de distância.

E não era porque a Ceifadora Anastasia passasse despercebida. A cor que ela havia escolhido para o seu manto fora o azul-turquesa. É verdade que se tratava de um elegante turquesa desmaiado, mas ainda era o suficiente para se destacar.

A mulher atarefada estava numa esquina, absorta numa animada conversa telefónica, à espera de que o sinal ficasse verde. Citra teve de lhe dar uma palmadinha no ombro para que ela lhe prestasse atenção. Assim que o fez, todos em redor se afastaram como um bando de gazelas depois de o leão apanhar uma delas.

A mulher voltou-se para a encarar, embora a princípio não tivesse absorvido a gravidade da situação.

— Devora Murray, sou a Ceifadora Anastasia e devo dizer-lhe que foi escolhida para a colheita.

Os olhos da Sra. Murray dispararam de um lado para o outro como se procurassem um erro naquela frase. Mas não havia. Era uma afirmação simples; não havia como interpretá-la mal.

— Colleen, ligo-te mais tarde — disse ela ao telefone, como se a aparição da Ceifadora Anastasia fosse mais um contratempo menor do que um assunto terminal.

O semáforo mudou de cor. Ela não atravessou. E foi finalmente atingida pela realidade.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou. — Aqui? Agora?

Citra retirou uma pistola epidérmica de entre as pregas das suas vestes e aplicou-lhe uma rápida injeção no braço. Devora arquejou.

— Já está? Vou morrer agora?

Citra não lhe respondeu. Deixou que a mulher entranhasse aquela ideia. Permitia estes momentos de incerteza por um bom motivo. A mulher ficou exatamente onde estava, à espera de que as pernas cedessem, de que a escuridão se fechasse sobre ela. Parecia uma menininha, indefesa e desconsolada. De repente, o telefone, a mala, as unhas, a manga e o botão já não tinham importância nenhuma. Toda a sua vida assumira uma nova perspetiva. Era isso que Citra queria para os alvos das suas colheitas: que eles pusessem a sua vida em perspetiva por um momento. Era para o seu próprio bem.

— Foi selecionada para a colheita — repetiu Citra calmamente, sem juízos nem malícia, mas com compaixão. — Dou-lhe um mês para pôr os seus assuntos em ordem e despedir-se. Um mês para arrumar a sua vida. Então, voltaremos a falar e dir-me-á como quer morrer.

Citra olhou para a mulher, que tentava conformar-se.

— Um mês? Escolher? Isto é uma mentira? É alguma espécie de teste? Citra suspirou. As pessoas estavam tão acostumadas a que os ceifadores se abatessem sobre elas como anjos da morte e lhes levassem a vida de imediato que ninguém estava preparado para uma abordagem ligeiramente diferente. No entanto, cada ceifador era livre de fazer as coisas à sua maneira, e aquele era o método escolhido pela Ceifadora Anastasia.

— Não é um teste, e não é um truque. Um mês — insistiu ela. — O dispositivo de rastreamento que acabei de injetar no seu braço contém uma pitada de veneno mortal, mas só será ativado se tentar deixar a MesoMérica para escapar à sua colheita ou se não me contactar antes do prazo de trinta dias para me dar a saber onde e como gostaria que eu a colhesse. — Entregou-lhe então um cartão de visita. Tinta turquesa sobre fundo branco. Dizia simplesmente «Ceifadora Anastasia» e incluía um número de telefone reservado para os alvos das suas colheitas. — Se perder o cartão, não se preocupe, basta ligar para o número geral da Ceifa MesoMericana, escolher a opção três e seguir as instruções para me deixar uma mensagem. — Então, Citra acrescentou: — E, por favor, não tente obter imunidade junto de outro ceifador, pois eles saberão

que está marcada e a sua colheita será imediata.

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas e Citra viu a raiva prestes a surgir. Não ficou surpreendida.

— Quantos anos tem? — exigiu saber a mulher, num tom acusador e levemente insolente. — Como é que pode ser uma ceifadora? Não pode ter mais do que dezoito anos!

— Acabei de celebrar o meu décimo oitavo aniversário, mas já sou ceifadora há quase um ano. Não tem de gostar de ser colhida por um ceifador novato, mas é obrigada a acatar a escolha.

Então, chegou a hora da negociação.

— Por favor — implorou a mulher —, não me poderia dar mais seis meses? A minha filha vai casar em maio...

— Tenho a certeza de que ela pode antecipar a data do casamento.

Citra não queria parecer cruel; sentia genuinamente pena da mulher, mas tinha a obrigação ética de se manter firme. Na era mortal não se podia pechinchar com a morte. Os ceifadores tinham de fazer o mesmo.

— Percebeu tudo o que lhe expliquei? — perguntou. Devora, que já estava a enxugar as lágrimas, assentiu.

— Espero que na longa vida que certamente terá pela frente, alguém a faça sofrer tanto quanto faz sofrer os outros.

Citra endireitou-se, assumindo uma postura digna da Ceifadora Anastasia.

— Não tem de se preocupar com isso — assegurou-lhe, virando-lhe as costas e deixando-a na esquina a braços com aquela encruzilhada da sua vida.

No Conclave Vernal da primavera anterior — a primeira vez que ela fora reconhecida como uma Ceifadora de pleno direito —, ela fora repreendida por ficar muito aquém da sua quota. Então, quando tinham descoberto que estava a dar um mês de advertência aos seus alvos, os outros ceifadores da MesoMérica haviam ficado furiosos.

A Ceifadora Curie, que ainda era sua mentora, pusera-a de sobreaviso: «Para eles, qualquer coisa que não seja uma ação decisiva constitui uma fraqueza. Vão dizer que é uma falha na tua personalidade e sugerir que a tua ordenação foi um erro. Mas não há nada que possam fazer a esse respeito — não te podem retirar o anel, pelo que te hão de importunar o mais que puderem.»

Citra estranhara que a indignação viesse não só dos chamados ceifadores da «nova ordem», mas também da velha guarda. Ninguém gostava da ideia de

oferecer um mero vislumbre de controlo aos cidadãos quanto à sua própria colheita.

— É imoral! — reclamaram os ceifadores. — É desumano.

Até o Ceifador Mandela, que presidia à comissão que atribuía os anéis e sempre defendera Citra, a repreendeu.

— Saberem que os seus dias estão contados é uma crueldade — disse ele. — É um horror terminarem o seu tempo neste mundo assim!

Porém, a Ceifadora Anastasia não se deixara intimidar... ou, pelo menos, não deixara que vissem a sua apreensão. Explicara as suas razões e defendera-as sem hesitar. «Por meio dos meus estudos sobre a idade mortal», dissera-lhes, «aprendi que, para muitas pessoas, a morte não era instantânea. Na verdade, havia doenças que alertavam as pessoas para a sua chegada. Dava-lhes tempo para se prepararem e aos seus entes queridos para o inevitável.»

Isto provocara todo um coro de resmungos das centenas de ceifadores ali reunidos. A maior parte não passara de expressões de zombaria e contrariedade, embora ela também ouvisse algumas vozes concordantes.

«Mas... deixar os... os condenados... escolherem o seu método de colheita? É uma selvajaria, só pode!», berrara o Ceifador Truman.

«Mais do que uma eletrocussão? Ou uma decapitação? Ou o coração trespassado por uma adaga? Se lhe for dada uma escolha, não vos parece que o escolhido há de optar pelo método que achar menos ofensivo? Quem somos nós para dizer que a sua escolha é uma selvajaria?»

As reclamações tinham sido menos desta vez, não porque concordassem com ela, mas porque começavam a perder o interesse pela discussão. Uma ceifadora novata (mesmo que tivesse ascendido à sua posição no meio de tanta controvérsia) não merecia mais do que alguns minutos da sua atenção.

«Não viola nenhuma lei e é o método de colheita que eu escolhi», insistira Citra.

O Suma Lâmina Xenócrates, que parecia não se importar com o assunto, delegara responsabilidade ao Parlamentar, que não encontrara base legal para se opor. No seu primeiro desafio em conclave, a Ceifadora Anastasia conseguira levar a sua avante.

A Ceifadora Curie mostrara-se devidamente impressionada.

«Eu estava convencida de que te iam impor alguma espécie de castigo, escolher as tuas colheitas e forçar-te a seguir um calendário rígido. Podiam tê-lo

feito... mas não. Isso diz muito mais sobre ti do que podes imaginar.»

«O quê? Que sou uma pedra no sapato coletivo da Ceifa? Eles já sabiam.»

«Não», respondera Curie com um sorriso malicioso, «mostra que eles te levam a sério.»

O que era mais do que Citra podia dizer de si mesma. Metade do tempo, sentia-se como se estivesse a interpretar uma personagem. Com um traje azul-turquesa para o seu cobiçado papel.

Tivera bastante sucesso com a sua forma escolhida de colheita. Apenas um punhado de alvos optara por não voltar no fim do período que lhes fora atribuído. Dois tinham morrido ao tentar cruzar a fronteira do Texas e outro na fronteira da MéricOcidental, onde ninguém se atrevera a tocar no cadáver até que a própria Ceifadora Anastasia o declarasse colhido.

Três outros haviam sido encontrados mortos nas suas camas quando o tempo se esgotara no seu dispositivo de rastreamento letal. Tinham preferido o silêncio do veneno a enfrentar Anastasia de novo. Todavia, em todos os casos, os alvos haviam escolhido a sua forma de morrer. Para Citra, isso era crucial, pois o que ela mais desprezava na política da Ceifa era a indignidade de ver a sua morte escolhida por terceiros.

É claro que este método implicava o dobro do trabalho... porque tinha de enfrentar os seus alvos duas vezes. Tornava a sua vida incrivelmente cansativa, mas, pelo menos, ajudava-a a dormir melhor à noite.

***

Na mesma tarde de novembro em que dera a notícia terminal a Devora Murray, Citra entrou num elegante casino de Cleveland. Todos os olhos se voltaram quando ela entrou.

Já estava habituada: um ceifador era sempre o centro da atenção em todas as situações nas quais se encontrava, quer o quisesse quer não. Alguns gostavam, ao passo que outros preferiam fazer o que tinham a fazer em lugares tranquilos, onde não havia ninguém além das pessoas envolvidas. Citra não havia escolhido estar ali, mas tinha de respeitar os desejos do homem que procurava.

Foi encontrá-lo onde lhe havia dito que estaria: na extremidade oposta do casino, numa zona especial, elevada três degraus acima do resto do piso. Era um lugar reservado para os jogadores mais abonados.

Ele vestia um *smoking* elegante e era o único que apostava nas mesas de limites mais altos, pelo que parecia ser o dono daquilo. Mas não era: o Sr. Ethan J. Hogan não era um jogador inveterado, mas sim um violoncelista da

Filarmónica de Cleveland. Era um músico muito competente, e esse era o maior elogio que um músico podia receber agora. A paixão pela arte era uma coisa do passado mortal, e o verdadeiro estilo conhecera o mesmo destino que o dodó. Embora, é claro, o dodó estivesse de volta; o Cúmulo-Nimbo havia-se encarregado disso, e uma colónia em expansão vivia agora feliz na ilha Maurícia.

— Olá, Senhor Hogan — cumprimentou-o ela. Tinha de pensar em si mesma como Anastasia, a Ceifadora, quando colhia. Era a sua cena. O seu papel.

— Boa noite, Ilustre. Eu diria que é um prazer revê-la, mas dadas as circunstâncias...

Não concluiu a frase. A Ceifadora Anastasia sentou-se à mesa ao lado dele, à espera de que ele assumisse a liderança naquela dança.

— Talvez queira experimentar o bacará? — perguntou ele. — É um jogo simples, embora com uns níveis de estratégia que são simplesmente terríveis.

Ela não sabia dizer se estava a ser sincero ou sarcástico na sua avaliação do jogo, e não estava disposta a admitir que não conhecia aquele jogo.

— Não tenho dinheiro para apostar — foi tudo o que disse.

Como resposta, o Sr. Hogan entregou-lhe uma coluna das suas fichas.

— Esteja à vontade. Pode apostar na banca ou em mim.

Anastasia empurrou todas as fichas para a frente, para a caixa marcada como «jogador».

— Olha que bem! — disse ele. — Uma jogadora corajosa.

Ele apostou o mesmo que ela e fez sinal ao *croupier,* que deu duas cartas ao violoncelista e outras duas a si mesmo.

— O jogador tem oito, a banca tem cinco. O jogador ganha.

Então, recolheu as cartas com um longo rodo de madeira que parecia totalmente desnecessário e duplicou as duas pilhas de fichas.

— Você é o meu anjo da sorte — comentou o violoncelista. Depois, endireitou o laço e olhou para ela. — Está tudo pronto?

Anastasia olhou para trás, para a área principal do casino. Ninguém estava a olhar diretamente para eles, embora ela soubesse que era o centro das atenções de todos os presentes. Sempre era bom para o casino: jogadores distraídos apostavam mal. A gerência só podia adorar os ceifadores.

— O *barman* deve estar a chegar — disse ela ao seu alvo. — Já está tudo

pronto.

— Bem, nesse caso, mais uma mão enquanto esperamos!

Mais uma vez, Anastasia empurrou ambas as pilhas de fichas para apostar no jogador e ele fez o mesmo. Mais uma vez, as cartas sorriram-lhes.

A ceifadora olhou para o *croupier,* que não lhe retribuiu o olhar, como se temesse acabar por ser colhido também. Então, o *barman* apareceu com uma taça de martíni gelada numa bandeja, juntamente com uma coqueteleira prateada coberta de condensação.

— Ora, ora — disse o violoncelista. — Até agora, nunca me tinha ocorrido que estas coqueteleiras mais parecem umas bombinhas.

A Ceifadora Anastasia não soube o que dizer.

— Não sei se sabe, mas existe uma personagem da ficção e do cinema da era mortal, uma espécie de *playboy* — continuou o violoncelista. — Sempre o admirei; era mais parecido connosco, parece-me, porque voltava sempre, dava a impressão de que era imortal. Nem mesmo o mais refinado dos patifes era capaz de o matar.

Anastasia sorriu. Agora, entendia por que motivo o homem havia escolhido aquela colheita.

— Ele preferia o seu martíni agitado, não misturado — disse ela.

— Vamos a isto, então? — disse ele por sua vez, com um sorriso.

Ela pegou no recipiente prateado e agitou-o bem, até os dedos lhe doerem por causa do gelo. Então, abriu a tampa e verteu a mistura de gim, vermute e um pouco de algo extra na taça de martíni embaciada.

O violoncelista olhou para a taça e Anastasia pensou que ele seria capaz de pedir uma casca de limão ou talvez uma azeitona, mas não, limitou-se a olhar. Tal como o *croupier.* Tal como o gerente do piso atrás dele.

— A minha família está lá em cima num quarto de hotel à sua espera — disse Hogan.

Ela assentiu com a cabeça.

— Suíte 1242 — disse. Cabia-lhe saber estes pormenores.

— Por favor, faça por oferecer primeiro o anel ao meu filho Jorie, é o que está a reagir pior. Ele vai insistir para que os outros recebam a imunidade primeiro, mas dar-lhe esse tratamento especial há de ser muito importante para ele, mesmo que permita que os outros beijem o anel antes. — Estudou a taça durante mais alguns segundos; então, acrescentou: — Receio ter feito batota,

mas aposto que já sabe disso.

Era mais uma aposta que ele ia ganhar.

— A sua filha, Carmen, não vive consigo — disse-lhe Anastasia. — O que significa que não tem direito a imunidade, embora esteja na suíte com os outros. — Ela sabia que o violoncelista tinha cento e quarenta e três anos, e que havia constituído várias famílias. Às vezes, os alvos das suas colheitas tentavam obter imunidade para verdadeiras multidões de descendentes. Nessas circunstâncias, ela não tinha outra escolha a não ser recusar. No entanto, mais uma pessoa? Estava dentro dos seus poderes. — Dou-lhe imunidade, desde que ela prometa não andar por aí a falar no assunto.

Ele soltou um suspiro de imenso alívio. Era claro que aquele logro o tinha incomodado, mas não podia considerá-lo um logro se a Ceifadora Anastasia sempre tivesse sabido... e ainda menos se o tivesse confessado nos seus últimos minutos de vida. Agora, podia deixar este mundo com a consciência limpa.

Por fim, o Sr. Hogan ergueu galantemente a taça e examinou a forma como o líquido captava e refratava a luz. A ceifadora não pôde deixar de imaginar o seu 007 em contagem decrescente, dígito a dígito, até 000.

— Quero agradecer-lhe, Ilustre, por me permitir estas últimas semanas para me preparar. Foi muito importante para mim.

Era isto que a Ceifa era incapaz de entender. Estavam todos tão centrados no ato de matar que não apreciavam o que o ato de morrer envolvia.

O homem levou a taça aos lábios e tomou um ínfimo gole.

Então ele lambeu os lábios para julgar o gosto.

— Subtil — comentou. — Saúde!

Então, bebeu tudo de uma assentada e pousou a taça na mesa, empurrando-a para o *croupier,* que recuou um pouco.

— Dobro a aposta! — exclamou o violoncelista.

— Isto é bacará, senhor — disse o *croupier* num tom algo abalado. — Só é possível dobrar no *blackjack.*

— Raios!

Deixou-se cair no banco e apagou-se.

Citra verificou-lhe o pulso. Sabia que não ia encontrar nada, mas os procedimentos eram os procedimentos. Transmitiu então instruções ao *croupier* para ensacar a taça, a coqueteleira e até a bandeja e destruir tudo.

Trata-se de um veneno muito forte; se alguém morrer acidentalmente por manuseá-lo, a Ceifa pagará a reanimação da pessoa em questão e compensá-la-á pelo inconveniente. — Empurrou a sua pilha de fichas para a frente do morto e acrescentou: — Quero que se certifique pessoalmente de que todo este dinheiro vai para a família do Senhor Hogan.

— Sim, frustre.

O *croupier* olhou para o anel como se ela lhe pudesse conceder imunidade, mas a Ceifadora Anastasia retirou a mão da mesa.

— Posso contar consigo?

— Sim, Ilustre.

Satisfeita, a Ceifadora Anastasia dirigiu-se ao quarto do hotel para conceder um ano de imunidade à família enlutada do violoncelista; fazendo por não prestar atenção à constelação de olhos que, por sua vez, faziam o possível para não a observar enquanto procurava os elevadores.

Sempre me preocupei com aqueles com grande potencial para mudar o mundo. Nunca posso prever como conseguirão essa mudança, apenas que provavelmente o farão.

Desde o momento em que Citra Terranova se tornou uma noviça do Ilustre Ceifador Faraday, as suas probabilidades de mudar o mundo aumentaram cem vezes. Não tenho a certeza de qual será o seu papel e o resultado é confuso. Seja o que for, ela será capaz de o fazer. O destino da Humanidade, promissor ou aziago, pode muito bem depender das decisões, das conquistas e dos erros de Citra.

Não me importaria de a orientar, mas, visto que se trata de uma ceifadora, estou proibido de interferir. Apenas posso vê-la voar ou cair. É muito frustrante ter tanto poder e, ao mesmo tempo, sentir-me tão impotente para o usar nos momentos importantes.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 5

Uma escuridão necessária

Citra entrou num publicarro ao sair do casino. Tratava-se de um veículo com condução automática e estava ligado à rede, embora, assim que ela entrou, a luz indicadora de comunicação com o Cúmulo-Nimbo se apagasse. Através do sinal emitido pelo seu anel, o veículo sabia que ela era uma ceifadora.

Cumprimentou-a com uma voz sintética desprovida de verdadeira inteligência artificial.

— Destino, por favor? — perguntou sem expressão.

— Sul — respondeu ela, sendo imediatamente transportada para o momento em que pedira a outro publicarro que a levasse para norte, quando se encontrava nas profundezas do continente SulMericano e tentava escapar a toda a Ceifa Chilargentina. Parecia que se havia passado um século.

— Sul não é um destino — informou o carro.

— Siga até eu lhe dar um endereço.

O carro arrancou e deixou-a em paz.

Começava a detestar ver-se na necessidade de usar aqueles carros obsequiosos e autoconduzidos. Não deixava de ser engraçado, porque nunca a incomodara antes do noviciado. Citra Terranova nunca sentira o desejo ardente de aprender a conduzir... mas a Ceifadora Anastasia sim. Aquele desconforto de ser um passageiro passivo num publicarro podia fazer parte da sua natureza independente. Ou talvez fosse uma influência do espírito da Ceifadora Curie.

A Ceifadora Curie conduzia um vistoso carro desportivo, o único luxo que se permitia e a única coisa na sua vida que não combinava com as suas vestes cor de alfazema. Tinha começado a dar aulas de condução a Anastasia com a mesma paciência intransigente com que ensinara Citra a colher.

A rapariga tinha chegado à conclusão de que colher era menos complicado do que conduzir.

«Requer aptidões diferentes, Anastasia», dissera-lhe Curie na sua primeira aula. A sua mentora travava-a sempre pelo nome de ceifadora. Citra, por outro lado, sentia-se sempre um pouco estranha quando chamava a Ceifadora Curie pelo primeiro nome. «Marie» parecia tão informal para a Grande Dama da

Morte.

«Ninguém consegue dominar por completo a arte de conduzir porque não há duas viagens exatamente iguais», dissera-lhe Curie. «Mas, quando ganhares prática, verás que pode ser gratificante; libertador, até.»

Citra não sabia se alguma vez viria a ter a tal prática; havia simplesmente demasiadas coisas em que pensar ao mesmo tempo. Espelhos, pedais e um volante que, com o simples escorregar de um dedo, nos podia mandar ravina abaixo. Pior ainda: o carro desportivo da era mortal que a ceifadora conduzia estava desligado da rede. Isso queria dizer que o veículo não poderia compensar os erros do condutor. Não era de admirar que os automóveis tivessem matado tantas pessoas durante a Era da Mortalidade; sem controlo informático em rede, eram armas tão mortíferas como qualquer uma das que os ceifadores usavam para as suas colheitas. Ela até dera por si a pensar se haveria algum ceifador que o fizesse, mas depois decidira que preferia não pensar nisso.

Citra conhecia muito poucas pessoas que sabiam conduzir. Mesmo os alunos no liceu que se gabavam e exibiam os seus carros novos e reluzentes tinham todos veículos autoconduzidos. Conduzir um veículo motorizado naquele mundo pós-mortal era tão raro como fazer manteiga em casa.

— Estamos a seguir para sul há dez minutos — disse o carro. — Deseja definir um destino agora?

— Não — respondeu ela simplesmente, continuando a ver pela janela as luzes que ia deixando para trás na autoestrada e que pontilhavam a escuridão. A viagem que ela estava prestes a fazer teria sido muito mais fácil se pudesse conduzir.

Chegara mesmo a visitar algumas concessionárias de veículos, pensando que, se tivesse o seu próprio carro, talvez conseguisse aprender a conduzi-lo.

Em nenhum outro lugar as vantagens de ser um ceifador eram mais aparentes do que numa concessionária.

— Por favor, Ilustre Ceifadora, escolha um dos nossos automóveis de luxo — diziam-lhe os vendedores. — Seja qual for, é seu; um presente nosso.

Assim como estavam acima da lei, os ceifadores também estavam acima da necessidade de dinheiro, visto que recebiam tudo de graça. Para uma produtora de automóveis, a publicidade de um ceifador escolher o seu carro era mais valiosa do que o próprio veículo.

Todos queriam que ela escolhesse qualquer coisa vistosa que chamasse a

atenção aonde quer que fosse.

— Um ceifador deve deixar uma pegada social que impressione — dissera-lhe um vendedor emproado. — Quando passa pelos outros, tem de deixar claro que no interior se encontra uma mulher com uma profunda noção de honra e responsabilidade.

Ela acabara por decidir esperar, porque a última coisa de que precisava era deixar uma marca social que impressionasse fosse quem fosse.

Demorou a pegar no seu diário e a anotar a colheita do dia, como era sua obrigação. Vinte minutos depois, viu as placas de uma área de serviço e disse ao carro para sair da autoestrada, o que o veículo obedientemente fez. Quando o motor parou, ela respirou fundo e ligou à Ceifadora Curie para avisar de que não iria a casa naquela noite.

— A viagem é demasiado longa, e já sabe que não sou capaz de dormir num publicarro.

— Não tens de me ligar, querida — respondeu-lhe Marie. — Não é como se eu estivesse a morrer de preocupação.

— É difícil esquecer os velhos hábitos — justificou-se Anastasia.

Além disso, sabia que Marie realmente se preocupava. Não era tanto uma questão de que algo lhe pudesse acontecer, mas sim que ela estivesse a trabalhar demais.

— Devias colher perto de casa com mais frequência — disse Marie pela enésima vez.

O problema era que a Casa da Cascata, a magnífica extravagância arquitetónica em que viviam, ficava no meio da floresta, mesmo no extremo oriental da MesoMérica, o que significava que, se não se afastassem um pouco mais, acabariam por exterminar comunidades locais.

— O que realmente quer dizer é que eu devia viajar mais consigo e não sozinha.

Marie riu-se.

— Nisso dou-te razão.

— Prometo-lhe que na próxima semana vamos colher juntas.

E Anastasia estava a ser sincera. Gostava da companhia dela, tanto no lazer como no trabalho. Na qualidade de ceifadora novata, Anastasia podia ter escolhido trabalhar com qualquer ceifador que a aceitasse (e muitos se haviam oferecido), mas a sua relação com Curie tornava a colheita um pouco mais

suportável.

— Vê se ficas num lugar quentinho esta noite, minha querida — disse-lhe Marie. — É melhor não sobrecarregar os teus nanorrobôs médicos.

Citra esperou um minuto inteiro depois de desligar para sair do carro, como se Marie pudesse perceber que ela estava a tramar alguma mesmo depois de concluir a ligação.

— Vai voltar para continuar a sua viagem para sul? — perguntou o carro.

— Sim, espera por mim.

— E então, terá um destino?

— Sim.

A área de serviço estava quase deserta àquela hora avançada da noite. Uma equipa mínima cuidava das concessões alimentares e dos postos de recarga 24 horas por dia. A área dos lavabos estava bem iluminada e limpa. Citra apressou-se. A noite estava fria, embora a sua túnica tivesse células de aquecimento que a mantinham confortável sem a necessidade de um casaco pesado.

Ninguém estava a vê-la, ou, pelo menos, nenhum olho humano. Mesmo assim, não pôde deixar de reparar nas câmaras do Cúmulo-Nimbo a girar nos postes de luz, seguindo-a no seu percurso entre o carro e os lavabos. Ele podia não ter estado no carro com ela, mas sabia onde ela se encontrava. E talvez também o que pretendia fazer.

Numa das cabinas dos lavabos, livrou-se da túnica turquesa e da camisa comprida e *leggings* a combinar (tudo feito sob medida para ela) e depois vestiu a sua roupa normal que escondera por baixo da túnica, Teve de resistir à vergonha que sentia. Para os ceifadores, era motivo de orgulho não usar outra roupa que não a oficial do seu trabalho.

«Somos ceifadores em cada segundo das nossas vidas», explicara Marie, «e não podemos nunca permitir que nos esqueçamos disso, por mais que o queiramos. As nossas vestes são testemunho do nosso compromisso.»

No dia em que ela fora ordenada, a Ceifadora Curie dissera-lhe que Citra Terranova havia deixado de existir: «Doravante e até que decidas deixar este mundo, és e serás a Ceifadora Anastasia.»

E ela estava disposta a viver com essa realidade... exceto nos momentos em que precisava de ser Citra Terranova.

Saiu dos lavabos com a Ceifadora Anastasia enrolada debaixo do braço. Agora, era de novo Citra; orgulhosa e obstinada, embora sem uma pegada social

que impressionasse. Uma rapariga que não merecia grande atenção, a não ser no que dizia respeito às câmaras que giravam para a seguir até ao carro.

***

Em Pittsburgh, local de nascimento do Ceifador Prometeu, o primeiro Suma Lâmina Mundial, havia um enorme memorial em sua homenagem. Num parque com cerca de dois hectares, haviam sido espalhados os pedaços quebrados de um enorme obelisco de obsidiana. Em redor daqueles pedaços negros podiam ver-se estátuas ligeiramente maiores do que a realidade que representavam os ceifadores fundadores, esculpidas num mármore branco que contrastava com a pedra negra do obelisco caído.

Era o memorial que punha fim a todos os memoriais.

Era o monumento comemorativo da morte.

Turistas e crianças em idade escolar de todo o mundo juntavam-se em excursões para visitar o Memorial da Mortalidade, onde a morte jazia desfeita diante dos ceifadores, e maravilhavam-se com o conceito de as pessoas antigamente morrerem de causas naturais. Velhice. Doenças. Catástrofes. Ao longo dos anos, a cidade aprendera a aceitar a sua natureza de atração turística comemorativa da morte da morte. Como tal, em Pittsburgh, todos os dias eram Halloween.

Havia festas de máscaras e clubes abertos por toda a parte à hora das bruxas. Quando a noite caía, todas as torres eram torres de terror. Todas as mansões eram mansões assombradas.

Era quase meia-noite quando Citra percorria o Parque do Memorial da Mortalidade e chamava nomes a si mesma por não ter pensado em levar um casaco. Em meados de novembro e àquela hora da noite, Pittsburgh estava um gelo e o vento só agravava a situação. Ela sabia que podia vestir a túnica para se aquecer, mas isso anularia a ideia de ir com a sua roupa de rua. Os seus nanorrobôs estavam a dar o seu melhor para lhe aumentar a temperatura do corpo, para a aquecer de dentro para fora. Impedia-a de tremer, embora não deixasse de sentir o frio.

Tal como também se sentia vulnerável sem a sua túnica. Nua no seu sentido mais básico. Quando tinha começado a usá-la, sentira-se desajeitada e estranha. Estava sempre a tropeçar na bainha que roçava o chão. Todavia, nos meses que haviam decorrido desde a sua ordenação, tinha-se habituado, de tal modo que estar em público sem ela agora lhe parecia estranho.

Havia outras pessoas no parque; a maioria apenas de passagem, a rir, entre

festas e visitas a clubes. Todos estavam mascarados. Havia espíritos malignos e palhaços, bailarinas e animais. As únicas fantasias proibidas eram as que incluíam túnicas, visto que os cidadãos comuns não se podiam sequer assemelhar a ceifadores. Os grupos de fantasiados observavam-na à sua passagem. Será que a reconheciam? Não. Apenas reparavam nela porque era a única sem nenhuma espécie de disfarce. Estava a dar nas vistas ao tentar não dar nas vistas.

Não fora ela quem escolhera aquele ponto de encontro; era o que estava escrito no bilhete que recebera.

Marcado para a meia-noite no Monumento à Mortalidade. Ela rira-se da aliteração até que percebera quem era o remetente. Não havia assinatura, exceto a letra «L». O bilhete dava uma data: 10 de novembro. Felizmente, a sua colheita daquela noite situava-se suficientemente perto de Pittsburgh para tornar o encontro possível.

Pittsburgh era o lugar perfeito para um encontro clandestino. Era uma cidade raramente frequentada pelos ceifadores porque eles simplesmente não gostavam de colher ali. Era um lugar demasiado macabro para eles, cheio de gente em trajes ensanguentados e esfarrapados a correr de um lado para o outro com adagas de plástico em punho e a celebrar tudo o que era sinistro. Para os ceifadores, que levavam a morte a sério, tudo aquilo era de péssimo gosto.

Embora fosse a grande cidade mais próxima da Casa da Cascata, a Ceifadora Curie nunca colhera ali. «Colher em Pittsburgh é quase redundante», dissera ela a Citra.

Com isto em mente, as probabilidades de outro Ceifador a ver eram mínimas. Os únicos que agraciavam o parque com a sua presença eram os fundadores de mármore que zelavam pelo obelisco negro quebrado.

Precisamente à meia-noite, uma figura emergiu de trás de uma das grandes pedras do monumento. A princípio, Citra pensou que fosse outro folião, mas, tal como ela, não estava disfarçado. Um dos holofotes que iluminavam o parque recortava-lhe a silhueta, embora ela o tivesse reconhecido de imediato pela forma como andava.

— Pensei que fosses aparecer com a tua túnica — comentou Rowan.

— E eu folgo em ver que não trouxeste a tua — retorquiu ela. Quando ele se aproximou, a luz revelou-lhe o rosto. Estava pálido, quase fantasmagórico, como se não visse o sol há meses.

— Estás com bom ar — disse Rowan.

Ela assentiu, mas não retribuiu o comentário porque não seria verdade. Nos seus olhos havia uma frieza cansada de quem vira mais do que devia e deixara de se importar em salvar o que restava da sua alma. Mas então ele sorriu, e o seu sorriso era caloroso, genuíno. *Cá estás tu, Rowan*, pensou ela. *Andavas escondido, mas encontrei-te.*

Ela levou-o da luz para um canto sombrio onde ninguém os poderia ver, exceto as câmaras de infravermelhos do Cúmulo-Nimbo, embora não pudessem localizar nenhuma na altura. Talvez tivessem encontrado um verdadeiro ângulo morto.

— Gosto de te ver, Ilustre Ceifadora Anastasia — disse ele.

— Por favor, não me chames isso. Chama-me Citra.

— Isso não seria uma violação das regras? — perguntou ele com um sorrisinho.

— Pelo que ouvi, tudo o que fazes agora é uma violação das regras. A expressão de Rowan azedou um pouco.

— Não acredites em tudo o que ouves.

Mas Citra tinha de saber. Tinha de o ouvir da boca dele.

— É verdade que tens andado a assassinar e a queimar ceifadores? Tornou-se claro que a acusação o ofendera.

— Estou a terminar a vida dos ceifadores que não merecem sê-lo — disse. — E não os «assassino». Ponho-lhes fim à vida com rapidez e compaixão, como tu, e apenas lhes queimo os corpos depois de mortos para que não possam ser reanimados.

— E o Ceifador Faraday permite isso?

— Não vejo o Faraday há meses — respondeu ele, desviando o olhar. Explicou que, depois de escapar do Conclave Invernal no mês de janeiro anterior, Faraday (que muitos acreditavam estar morto) o levara para a sua casa de praia na costa norte da Amazónia. Mas Rowan apenas ficara lá algumas semanas.

— Eu tinha de partir — disse ele a Citra. — Senti um... chamamento. Não sei como explicar.

Mas Citra sabia. Também conhecia esse chamamento. As suas mentes e corpos haviam passado um ano inteiro a ser treinados para se tornarem os assassinos perfeitos da sociedade. Terminar a vida dos outros tornara-se uma parte de quem eles eram. E ela não podia culpá-lo por querer pegar em armas

contra a corrupção que estava a contaminar a Ceifa; mesmo assim, *querer* fazer algo e realmente fazê-lo eram duas coisas muito diferentes. Havia um código de conduta. Os mandamentos do ceifador existiam por uma razão. Sem eles, as Ceifas de todas as regiões, de todos os continentes, seriam lançadas no caos.

Em vez de o arrastar para uma discussão filosófica que não os levaria a lugar nenhum, Citra decidiu mudar de assunto e deixar de falar sobre os atos para falar antes sobre ele; porque não eram apenas os seus atos que a preocupavam.

— Estás demasiado magro. Tens comido decentemente?

— Tu agora és minha mãe?

— Não — respondeu ela calmamente. — Sou tua amiga.

— Aaah — disse ele, um pouco pesaroso —, minha «amiga».

Ela sabia o que aquilo queria dizer. Na última vez que se tinham encontrado, ambos haviam proferido as palavras que tinham jurado nunca trocar. No calor daquela situação desesperada, mas triunfante, ele dissera-lhe que a amava e ela admitira que sim, também o amava.

Mas de que adiantava agora? Era como se eles existissem em dois Universos diferentes. Insistir naqueles sentimentos não resultaria em nada de bom. Mesmo assim, ela não se conseguia livrar daquela ideia. Até considerou a possibilidade de lhe repetir aquelas palavras... mas mordeu a língua, como uma boa ceifadora devia fazer.

— Porque é que estamos aqui, Rowan? Porque é que me escreveste aquele bilhete?

Ele suspirou.

— Porque a Ceifa há de acabar por me encontrar. Queria ver-te uma última vez antes que isso acontecesse. — Fez uma pausa enquanto pensava nessa possibilidade. — Quando eles me apanharem, sabes o que vai acontecer. É a colheita que me espera.

— Não podem fazer isso — recordou-lhe ela. — Ainda tens a imunidade que te concedi.

— Só por mais dois meses. Depois, podem fazer o que quiserem comigo.

Por mais que lhe quisesse oferecer um vislumbre de esperança, Citra sabia a verdade tão bem quanto ele: a Ceifa queria dar-lhe sumiço. Nem mesmo os ceifadores da velha guarda aprovavam os seus métodos.

— Então certifica-te de que não és apanhado. E se vires um ceifador com uma túnica carmesim, foge.

— Uma túnica carmesim?

— O Ceifador Constantine. Ouvi dizer que tem como missão pessoal encontrar-te e levar-te à Ceifa.

— Não o conheço.

— Nem eu. Mas vi-o no conclave. Está à frente do gabinete de investigação da Ceifa.

— Ele é da nova ordem ou da velha guarda?

— Nem um nem outro. Pertence a uma categoria só sua. Não parece ter amigos; nem sequer o vi falar com outros ceifadores. Não sei bem no que ele acredita, a não ser, talvez, na justiça... a todo o custo.

Rowan riu-se.

— Na justiça? A Ceifa já não sabe o que é isso.

— Alguns de nós sabem, Rowan. Tenho de acreditar que, no fim, a sabedoria e a justiça hão de prevalecer.

Ele tocou-lhe na face. Ela deixou.

— Eu também quero acreditar nisso, Citra. Quero acreditar que a Ceifa é capaz de voltar a ser o que devia ser... Mas às vezes a escuridão é necessária como meio para atingir um fim.

— E tu és essa escuridão necessária?

Em vez de responder, ele disse:

— Adotei o nome Lúcifer porque significa «o portador da luz».

— É também aquele a quem os mortais chamavam diabo.

Rowan escolheu os ombros.

— Suponho que aquele que empunha a tocha é também aquele que projeta a sombra mais escura.

— Aquele que *rouba* a tocha, queres tu dizer.

— Bem, aparentemente, posso roubar o que bem entender.

Citra não esperava esta resposta. E ele tinha dito aquilo de uma forma tão descontraída, que a apanhou de surpresa.

— Estás a falar de quê?

— Do Cúmulo-Nimbo. Permite-me tudo. E, tal como no teu caso, não fala comigo nem me responde desde o dia em que começámos o noviciado. Trata-me como a um ceifador.

Citra teve de parar e pensar naquilo. Lembrou-se de uma coisa que nunca tinha contado a Rowan. Na realidade, uma coisa que nunca tinha contado a ninguém. O Cúmulo-Nimbo vivia de acordo com as suas próprias leis e nunca as quebrava... mas por vezes encontrava uma maneira de as contornar.

— O Cúmulo-Nimbo pode não falar contigo, mas falou comigo — confessou.

O rapaz virou-se para ela e tentou ver-lhe os olhos apesar das sombras, talvez pensando que estava a brincar. Quando percebeu que não era esse o caso, disse:

— Isso é impossível.

— Foi o que eu também pensei. Tive de me estatelar quando o Suma Lâmina me acusou de matar o Ceifador Faraday, lembras-te?

E enquanto eu estava mortuosa, o Cúmulo-Nimbo conseguiu entrar na minha cabeça e ativar os meus processos de pensamento. Eu estava tecnicamente morta e, como tal, não era uma noviça de ceifador, pelo que ele conseguiu falar comigo pouco antes de o meu coração recomeçar a bater.

Citra tinha de admitir que era uma forma muito elegante de contornar as regras. Para ela, fora um momento de total admiração.

— O que é que ele te disse?

— Que eu era... importante.

— Importante de que maneira?

Citra abanou a cabeça, frustrada.

— O problema é esse, ele não me explicou. Considerava que dizer-me mais qualquer coisa seria uma violação das regras. — Aproximou-se dele. A sua voz era mais baixa, mas, ainda assim, as palavras saíram-lhe mais intensas: — Mas acho que se tivesses sido *tu* a estatelar-te daquele prédio, se tivesses sido tu a ficar mortuoso, o Cúmulo-Nimbo teria falado contigo também. — Agarrou no braço dele. Era o mais próximo de um abraço que ela se podia permitir. — Acho que também és importante, Rowan. Para dizer a verdade, tenho a certeza. Portanto, faças o que fizeres, não te deixes apanhar...

Podem-se rir quando digo isto, mas a minha perfeição irrita-me. O ser humano aprende com os seus erros. Eu não posso. Eu não cometo erros. Quando uma decisão tem de ser tomada, só posso escolher entre os diferentes graus de correção da mesma.

Isto não quer dizer que eu não enfrente desafios.

Por exemplo, foi um grande desafio desfazer os ultrajes cometidos contra a Terra durante a adolescência da Humanidade. Restaurar a camada de ozono, expurgar a abundância de gases com efeito de estufa, descontaminar os mares, recuperar pacientemente as florestas tropicais e resgatar toda uma multidão de espécies que se encontravam à beira da extinção.

Consegui resolver estes problemas globais no equivalente a uma única vida humana mortal graças à minha tenacidade férrea. Uma vez que sou uma acumulação de conhecimento humano, o meu sucesso prova que a Humanidade tinha o que era necessário para o fazer; simplesmente faltava alguém poderoso o suficiente para o conseguir... E se algo pode ser dito sobre mim, é que sou poderoso.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 6

Justo castigo

História nunca fora a matéria favorita de Rowan, embora isso tivesse mudado durante o seu noviciado. Até então, não encontrara nada na sua vida, nem mesmo no seu possível futuro, que pudesse ser afetado por um passado distante, e menos ainda pelos estranhos acontecimentos do passado mortal. No entanto, durante o noviciado, os seus estudos de História haviam-se centrado nos conceitos de dever, honra e integridade ao longo dos tempos. A filosofia e a psicologia dos melhores momentos da Humanidade, desde o seu nascimento até ao presente. Rowan achara o tema fascinante.

A História estava repleta de pessoas que se sacrificavam pelo bem comum. De certa forma, os ceifadores eram assim: abriam mão das suas esperanças e sonhos para se tornarem servos da sociedade. Ou, pelo menos, eram assim os ceifadores que respeitavam aquilo que a Ceifa simbolizava.

Ele teria sido essa espécie de ceifador. Mesmo depois das cicatrizes deixadas pelo seu brutal noviciado com Goddard, teria permanecido nobre. Todavia, a oportunidade fora-lhe negada. Então, ele percebera que havia outra maneira de servir a Ceifa e a Humanidade.

O seu total ia agora nos treze. Havia tirado a vida a treze ceifadores de diferentes regiões, todos eles um embaraço para os princípios da Ceifa.

Ele investigara os seus alvos minuciosamente, como Faraday lhe havia ensinado, e escolhera sem preconceito. Era importante, porque o seu primeiro impulso teria sido dedicar-se apenas aos corruptos da nova ordem, que eram os que abraçavam abertamente os seus excessos e o prazer de matar. Os ceifadores da nova ordem gabavam-se do abuso do seu poder, como se fosse uma coisa boa, e normalizavam o mau comportamento. Mas não tinham o monopólio deste último. Alguns dos ceifadores da velha guarda e alguns dos não alinhados haviam-se tornado hipócritas egoístas que falavam de altos ideais enquanto escondiam as suas ações sombrias nas sombras.

O Ceifador Brahms foi o primeiro alvo que Rowan deixou ir com um aviso. Estava a sentir-se magnânimo naquele dia, e a verdade é que lhe soubera bem *não* pôr um fim àquele homem. Fizera-o lembrar-se de que não era como Goddard e os seus seguidores, e também o ajudou a enfrentar Citra sem sentir vergonha.

***

Enquanto outros se preparavam para o feriado de Ação de Graças, Rowan pesquisava potenciais alvos, espiava-os e tomava nota das suas ações. O Ceifador Gehry gostava de encontros secretos, embora geralmente se tratasse de festas e apostas desportivas. O Ceifador Hendrix gabava-se de feitos questionáveis, mas era tudo conversa fiada; na realidade, era muito moderado nas suas colheitas e executava-as com a devida compaixão. As colheitas do Ceifador Ride pareciam ser brutais e sangrentas, mas os seus alvos morriam sempre rapidamente e sem sofrimento. Mas o Ceifador Renoir, todavia, era uma boa possibilidade.

Quando voltou para o seu apartamento naquela tarde, Rowan sabia que alguém estava lá antes sequer de abrir a porta, isto porque a maçaneta estava fria. Ele tinha ligado um *chip* de arrefecimento à porta para que disparasse se alguém rodasse a maçaneta. Não estava tão fria que tivesse criado uma espécie de geada, mas o bastante para ele saber que alguém estivera lá e provavelmente ainda estava.

Pensou em fugir, mas Rowan não era de virar costas a um confronto. Introduziu a mão no casaco e extraiu uma faca: tinha sempre uma arma consigo, mesmo quando não estava a usar o manto preto, visto que não sabia quando se teria de defender dos agentes da Ceifa. Entrou cautelosamente.

O seu intruso não estava escondido, mas sim sentado à mesa da cozinha, a comer uma sanduíche.

— Olá, Rowan — cumprimentou-o Tyger Salazar. — Espero que não te importes, é que fiquei com fome enquanto estava à tua espera.

O rapaz fechou a porta e guardou a faca antes que Tyger a visse.

— Posso saber o que estás a fazer aqui, Tyger? Como é que me encontraste?

— Então, não me subestimes, não sou assim tão bronco. Não te esqueças de que era eu quem conhecia o tipo que te conseguiu a identidade falsa. Só tive de perguntar ao Cúmulo-Nimbo onde podia encontrar o Ronald Daniels. É claro que havia bateladas de Ronald Daniels por aí, pelo que demorei um pouco até encontrar o certo.

Nos tempos anteriores ao noviciado de Rowan, Tyger Salazar tinha sido o seu melhor amigo, embora este género de título pouco significasse depois de se passar um ano a aprender a matar. Rowan imaginava que era assim que os soldados se deviam sentir na era mortal quando voltavam da guerra. As velhas

amizades pareciam presas atrás de uma cortina enevoada de experiências que aqueles velhos conhecidos não haviam partilhado. A única coisa que ele tinha em comum com Tyger era uma história cada vez mais distante. Agora, Tyger era um farrista profissional. Rowan não conseguia imaginar uma profissão com a qual se pudesse identificar menos.

— Bem, sempre me podias ter avisado — disse ele. — Foste seguido? Percebeu que esta pergunta estava no pódio da sua lista de perguntas estúpidas. Nem mesmo Tyger seria tão bronco a ponto de aparecer ali se lhe parecesse que estava a ser seguido.

— Não te preocupes, ninguém sabe que estou aqui. Porque é que achas sempre que tens o mundo inteiro à perna? Porque é que a Ceifa havia de andar atrás de ti só porque chumbaste no noviciado?

Rowan não lhe respondeu, mas foi até à porta do armário, que estava entreaberta, e fechou-a, com a esperança de que Tyger não tivesse espreitado e visto as vestes negras do Ceifador Lúcifer. Não que ele tivesse percebido o que estava a ver: os cidadãos comuns não sabiam nada a respeito de Lúcifer. A Ceifa era muito boa a manter as ações de Rowan fora das notícias. Quanto menos o seu amigo soubesse, melhor, pelo que ele invocou a velha frase que punha fim a qualquer conversa:

— Se és realmente meu amigo, não me faças perguntas.

— Sim, sim, homem-mistério. — Ergueu o que restava da sua sanduíche. — Bem, pelo menos ainda comes comida de gente.

— O que é que tu queres, Tyger? Porque é que estás aqui?

— Isso é maneira de falar com um amigo? Tenho este trabalho todo... pelo menos, podias perguntar-me como estou.

— Pois... como é que estás?

— Muito bem, na verdade. Acabei de conseguir um emprego noutra região e foi por isso que me vim despedir.

— Estás a falar de alguma espécie de emprego permanente relacionado com festas?

— Não tenho a certeza... Mas paga muito melhor do que a agência de festas para a qual estava a trabalhar. E finalmente posso ver um bocado do mundo. É no Texas!

— Texas? — Rowan ficou um pouco preocupado. — Tyger, eles fazem as coisas de uma forma... *diferente* por lá. Toda a gente diz: «Não te metas com o

Texas.» Porque é que te queres meter com ele?

— Sim, é uma Região Autónoma, grande coisa. O facto de as Regiões Autónomas serem imprevisíveis não significa que sejam más. Tu conheces-me; o meu nome do meio é «imprevisível».

Rowan teve de reprimir uma gargalhada. Tyger era uma das pessoas mais previsíveis que ele conhecia. Que acabara agarrado aos estatelanços, que fugira para se tornar um farrista profissional... podia imaginar-se um espírito livre, mas não o era; limitava-se a definir as dimensões da sua própria jaula.

— Bem, mas tem cuidado — disse Rowan, perfeitamente ciente de que o amigo não havia de ter cuidado nenhum, mas também de que, fizesse o que fizesse, havia de cair de pé. *Alguma vez fui tão despreocupado como o Tyger?,* pensou. Não, nunca; e era algo que ele invejava. Talvez fosse por isso que eram amigos.

O momento tornou-se algo incómodo... mas ainda não estava tudo. Tyger levantou-se, mas não para se ir embora. Tinha algo que dizer:

— Trago mais uma novidade. Na verdade, é por isso que estou aqui. — Que espécie de novidade?

Tyger continuava hesitante. Rowan preparou-se porque sabia que não podia ser nada de bom.

— Lamento dizer-te isto, Rowan... mas o teu pai foi colhido.

O rapaz sentiu o chão alterar-se ligeiramente sob os seus pés. A gravidade parecia estar a puxá-lo numa direção inesperada. Não o suficiente para o desequilibrar, mas deixou-o nauseado.

— Rowan, ouviste o que eu te disse?

— Ouvi, sim — respondeu ele em voz baixa.

Foram tantos os pensamentos e sentimentos que lhe dispararam pelo corpo fora, entrando num curto-circuito simultâneo até já não saber o que estava a pensar ou a sentir. Apesar de não esperar voltar a ver os pais, saber que essa opção deixara de existir, que o pai se fora para sempre, que ele não estava apenas mortuoso, mas morto... Ele tinha presenciado muitas colheitas e acabado com treze pessoas ele mesmo, mas nunca havia perdido alguém tão próximo.

— Não... não posso ir ao funeral — percebeu. — A Ceifa há de ter lá agentes à minha procura.

— Se havia, não os vi — disse Tyger. — O funeral foi na semana passada.

O impacto foi tão potente como o da notícia da morte.

Tyger encolheu os ombros, desculpando-se.

— Foi o que te disse, havia uma batelada de Ronald Daniels. Demorei imenso tempo a encontrar-te.

Então, o pai dele estava morto há mais de uma semana. E se Tyger não lho tivesse ido dizer, ele nunca teria chegado a saber.

De repente, a verdade abriu lentamente caminho no seu cérebro: aquilo não era um acontecimento aleatório.

Era um castigo.

Era o justo castigo pelos atos do Ceifador Lúcifer.

— Qual foi o ceifador que o colheu? — perguntou Rowan. Eu tenho de saber quem foi!

— Não sei. Ele obrigou o resto da tua família a jurar silêncio. É uma coisa que os ceifadores fazem às vezes; deves saber melhor do que ninguém.

— Mas concedeu imunidade aos outros?

— Claro. À tua mãe, aos teus irmãos e às tuas irmãs, como cabe aos ceifadores fazer.

Rowan afastou-se alguns passos; sentia vontade de bater em Tyger pela sua total ignorância, mas sabia que não era culpa dele. Era apenas o mensageiro. O resto da sua família tinha imunidade... mas só durante um ano. Quem tinha colhido o pai poderia depois escolher a mãe e cada um dos irmãos, um por ano, até acabar com toda a família. Era o preço de ser o Ceifador Lúcifer.

— A culpa é minha! Eles fizeram isto por minha causa!

— Rowan, estás a ouvir o que estás a dizer? Não gira tudo à tua volta! O que quer que tenhas feito para irritar a Ceifa, eles não vão perseguir a tua família por causa disso. Os ceifadores não são assim. Eles não guardam rancor. São pessoas sábias.

Para quê discutir? Ele nunca havia de entender e provavelmente nem seria capaz. Podia muito bem viver milhares de anos como um feliz farrista profissional sem nunca perceber quão mesquinhos, vingativos, quão... *humanos* os ceifadores podiam ser.

Rowan sabia que não podia ficar ali. Mesmo que não tivessem seguido Tyger, a Ceifa acabaria por descobrir onde ele tinha estado. Tanto quanto ele sabia, era bem possível que uma equipa estivesse a caminho para o deter.

Os dois amigos despediram-se e Rowan tratou de pôr o seu velho amigo porta fora a toda a velocidade. Também saiu alguns minutos depois; não levou

nada além de uma mochila cheia de armas e o seu manto preto.

É importante que a minha perpétua contemplação da Humanidade não se transforme em vigilância. A vigilância envolve motivo, suspeita e, finalmente, julgamento. Nenhuma destas funções faz parte dos meus algoritmos de observação. Eu observo por uma e apenas uma razão: prestar o melhor serviço possível a todos os que se encontram sob o meu cuidado. Não ajo (nem posso agir) no que respeita a nada do que vejo em ambientes privados. Embora use o que vejo para entender melhor as necessidades das pessoas.

De qualquer forma, entendo que os humanos nutrem sentimentos ambivalentes sobre a minha presença constante nas suas vidas. Por este motivo, desliguei todas as câmaras em residências particulares na Região Autónoma do Texas. À semelhança de tudo o que faço nas Regiões Autónomas, é uma experiência. Quero ver se a ausência de observação interfere com a minha capacidade de governar. Se não for o caso, não existe motivo para não desligar a grande maioria das minhas câmaras em residências particulares em todo o mundo. Por outro lado, se surgirem problemas por não ver tudo o que sou capaz de ver, a experiência demonstrará que se impõe erradicar todos os ângulos mortos que existem na Terra.

Espero que se registe a primeira hipótese, mas suspeito de que venha a ser a segunda.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 7

Escanzelado, mas com potencial

Tyger Salazar ia ser alguém!

Depois de uma vida inteira a desperdiçar tempo e a ocupar espaço, agora estava a ser pago para desperdiçar tempo e ocupar espaço como um profissional! Não conseguia imaginar vida melhor; além disso, com tanto convívio com os ceifadores, sabia que mais cedo ou mais tarde um deles acabaria por reparar nele. Até esperava que um deles lhe pudesse dar o anel a beijar e lhe concedesse um ano de imunidade. Nunca lhe ocorrera que um deles o contratasse para um cargo permanente. Muito menos um ceifador de outra região!

«Divertiste-nos numa festa no ano passado», dissera a mulher ao telefone. «Gostámos do teu estilo.» Oferecera-lhe mais do dobro do que ganhava, dera-lhe um endereço, uma data e uma hora para se apresentar.

Quando ele se apeou do comboio, percebeu imediatamente que já não estava na MesoMérica. Na região do Texas, a língua oficial era o inglês mortal, que ali era falado com uma espécie de sotaque melódico. Era suficientemente próximo do comum para Tyger perceber, mas tanto esforço esgotava-lhe o cérebro. Era como ouvir Shakespeare.

As pessoas vestiam-se de maneira um pouco diferente e andavam com uma leve arrogância à qual ele seria capaz de se habituar. Perguntou a si mesmo quanto tempo iria passar ali. Se fosse o suficiente, compraria o carro que os seus pais nunca lhe tinham querido dar e assim não teria de recorrer constantemente aos publicarros.

O encontro era numa cidade chamada San Antonio e o endereço era a *penthouse* de um arranha-céus com vista para um riozinho. Ele imaginou que já houvesse uma festa em andamento. Uma festa perpétua. Não podia estar mais enganado.

A pessoa que lhe abriu a porta não foi uma empregada, mas sim uma ceifadora — uma mulher de cabelo escuro e ligeira ascendência pan-asiática que lhe parecia familiar.

— Tyger Salazar, suponho.

— E supõe bem.

Entrou no apartamento. A decoração era excessiva, como ele já esperava. O que ele não esperava era a total ausência de outros convidados. Mas, como dissera uma vez a Rowan, deixou-se levar. Adaptar-se-ia a tudo o que fosse encontrando.

Pensou que a mulher talvez lhe fosse oferecer comida ou talvez algo para beber depois da sua longa viagem, mas ela não o fez; em vez disso, examinou-o de cima a baixo como se estivesse a avaliar gado num leilão.

— Gosto da sua túnica — comentou ele, convencido de que lisonjas nunca eram demais.

— Obrigada. Despe a camisa, por favor.

Tyger suspirou. Então ia ser *aquele* tipo de encontro. Mais uma vez, não poderia estar mais enganado.

Assim que a despiu, ela observou-o ainda mais de perto. Pediu-lhe que fletisse os bíceps e testou-lhes a solidez.

— Escanzelado — comentou —, mas com potencial.

— Que cena é essa do escanzelado? Eu vou ao ginásio!

— Não o suficiente, embora isso seja facilmente remediado.

Então, ela recuou, avaliando-o por mais um momento, e acrescentou: — Fisicamente, não serias a primeira escolha de ninguém, mas, dadas as circunstâncias, és simplesmente perfeito.

Tyger esperava ouvir mais; não foi o que aconteceu.

— Perfeito para quê?

— Saberás quando chegar a hora de saberes.

E então, finalmente, tudo foi ao lugar, e a emoção percorreu-o como um choque elétrico.

— Vai escolher-me como seu noviço!

Pela primeira vez, ela sorriu.

— Sim, é uma maneira de ver as coisas — disse.

— Eh pá, isto é a melhor notícia do mundo! Vai ver que não a desiludo. Aprendo depressa... e sou inteligente. Bem, não inteligente nos estudos, mas que isso não a engane. Tenho tantos miolos que me saem pelos ouvidos!

Ela aproximou-se um passo e sorriu. As esmeraldas na sua túnica verde captaram a luz e cintilaram.

— Os teus miolos não vão ser chamados para este noviciado — disse a Ceifadora Rand —, vai por mim.

SEGUNDA PARTE

EM PERIGO

Antes de eu assumir a administração do mundo, estimava-se que a Terra tinha uma população sustentável máxima de dez mil milhões de pessoas. Depois disso, viria a saturação, que por sua vez levaria à fome, ao sofrimento e ao colapso absoluto da sociedade.

Eu mudei essa dura realidade.

É incrível quanta vida humana um ecossistema bem administrado é capaz de suportar. E com bem administrado quero dizer administrado por mim. A Humanidade sozinha é simplesmente incapaz de lidar com todas as variáveis, mas, sob a minha administração, embora a população se tenha multiplicado exponencialmente, o mundo parece bem menos populoso. E graças aos diferentes territórios nos recifes, nas canópias florestais e no subsolo que ajudei a criar, agora existem muito mais espaços abertos do que na era mortal.

Sem a minha intervenção contínua, este delicado equilíbrio cederia sob o seu próprio peso. Estremeço só de pensar no sofrimento que tal implosão planetária causaria. Felizmente, estou aqui para a impedir.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 8

Em circunstância alguma

Greyson Tolliver simplesmente amava o Cúmulo-Nimbo. A maioria das pessoas também — como não o poderiam amar? Ele não usava truques, não tinha malícia nem segundas intenções e sabia sempre a coisa certa a dizer. Existia simultaneamente em todos os lugares, em todos os computadores do mundo. Estava na casa de todos, como uma mão protetora e invisível pousada no ombro de todos. E embora fosse capaz de falar com mais de mil milhões de pessoas ao mesmo tempo sem sobrecarregar a sua consciência, conseguia que cada uma dessas pessoas tivesse a ilusão de que era o centro de toda a sua atenção.

O Cúmulo-Nimbo era o melhor amigo de Greyson, principalmente porque o tinha criado. Os seus pais eram «pais em série»: adoravam a *ideia*, de ter filhos, mas odiavam criá-los. Greyson e as suas irmãs eram a quinta família do pai e a terceira da mãe. Haviam-se cansado rapidamente daquele novo lote de descendentes e, assim que tinham começado a fugir às suas responsabilidades parentais, o Cúmulo-Nimbo tomara conta do assunto. Ajudara Greyson com os trabalhos de casa, aconselhando-o sobre como se comportar e o que vestir no seu primeiro encontro, e, embora não pudesse estar presente como uma entidade física na sua formatura do liceu, tirara fotografias dele de todos os ângulos possíveis e garantira que encontrava uma bela refeição à sua espera em casa. Era muito mais do que Greyson podia dizer dos seus pais, que estavam algures numa excursão gastronómica pela Pan-Ásia. Nem sequer as irmãs tinham aparecido. Cada uma estava numa universidade diferente e era a semana dos exames finais. Ambas tinham deixado claro que querer que elas comparecessem à formatura era puro egoísmo da parte dele.

No entanto, o Cúmulo-Nimbo estava lá, como sempre.

— Estou tão orgulhoso de ti, Greyson — disse-lhe.

— Disse essa mesma coisa a milhões de outros que acabaram hoje o secundário?

— Apenas àqueles de quem estou verdadeiramente orgulhoso — respondeu ele. — E tu, Greyson, és mais especial do que imaginas.

Greyson Tolliver não se considerava especial. Não havia nada que sugerisse que ele não passava de um tipo comum. Imaginou que o Cúmulo-Nimbo

quisesse confortá-lo, como era seu costume.

Porém, o Cúmulo-Nimbo nunca dizia nada que não fosse verdade.

***

Greyson não foi influenciado nem forçado a escolher uma vida de serviço ao Cúmulo-Nimbo. Fê-lo por sua própria escolha. Era uma ideia que ele alimentava há anos, trabalhar para a Interface da Autoridade como agente do Cúmulo-Nimbo. Nunca o tinha dito ao Cúmulo-Nimbo com receio de que ele não aprovasse ou tentasse convencê-lo do contrário. Quando finalmente se inscreveu na Academia MesoMericana do Cúmulo-Nimbo, este limitara-se a dizer: «Agrada-me.» Pusera-o então em contacto com outros adolescentes com ideias semelhantes que viviam nas suas proximidades.

A sua experiência com aqueles miúdos não tinha sido o que ele esperava. Achara-os incrivelmente entediantes.

— É assim que as pessoas me veem? — perguntara ao Cúmulo-Nimbo. — Sou tão chato como eles?

— Não penso assim. Sabes, muitos vêm trabalhar para a Interface de Autoridade porque lhes falta a criatividade para encontrar uma profissão verdadeiramente estimulante. Outros sentem-se impotentes e precisam de viver o poder desta forma, em segunda mão. Esses é que são os entediantes, os aborrecidos, os que acabam por se tornar os agentes menos eficazes do Cúmulo-Nimbo. É raro encontrar pessoas como tu, cujo desejo de servir faz parte da sua personalidade.

O Cúmulo-Nimbo tinha razão: Greyson queria servir, e ele queria servir sem segundas intenções. Não pretendia poder nem prestígio. É verdade que gostava da ideia de usar os elegantes fatos cinzentos e gravatas azul-claras que todos os agentes do Cúmulo-Nimbo usavam, embora essa não fosse a sua motivação, nem de longe. A explicação era simplesmente que o Cúmulo-Nimbo havia feito tanto por ele que ele queria retribuir pelo menos uma parte. Não imaginava vocação mais nobre do que ser seu representante e ajudá-lo na manutenção do planeta, trabalhar pela melhoria da Humanidade.

Enquanto os ceifadores eram criados ou reduzidos a nada num noviciado de um ano, tornar-se um agente do Cúmulo-Nimbo era um processo que durava cinco anos: quatro anos de estudo seguidos de um ano de trabalho de campo como agente auxiliar.

Greyson estava preparado para se dedicar aos seus cinco anos de formação, mas passados apenas dois meses de estudos na Academia MesoMericana,

descobriu que o seu progresso havia sido bloqueado. A sua agenda, que consistia em aulas de História, Filosofia, Teoria Digital e Direito, de repente ficou em branco. Por razões desconhecidas, deu por si expulso de todas as suas aulas. Teria sido um erro? Como era possível? O Cúmulo-Nimbo não cometia erros. Talvez os horários das aulas fossem elaborados por mãos humanas, pensou, e pudessem estar sujeitos a erros humanos. Como tal, dirigiu-se à secretaria da escola, com a esperança de descobrir o que se estava a passar.

— Não — respondeu-lhe uma mulher sem surpresa nem simpatia. — Não existe erro nenhum. Diz aqui que não está matriculado em aulas nenhumas. Embora haja uma mensagem no seu ficheiro.

A mensagem era simples e inequívoca: Greyson Tolliver devia apresentar-se imediatamente na sede da Interface da Autoridade.

— Para quê? — perguntou, mas a mulher brindou-o com nada mais do que um encolher de ombros e um olhar impaciente para atender a próxima pessoa na fila.

***

Embora o Cúmulo-Nimbo não necessitasse de um quartel-general, os seus complementos humanos exigiam-no. Em cada cidade, em cada região, havia um Gabinete da Interface da Autoridade onde milhares de agentes trabalhavam para manter o mundo... e faziam bem o seu trabalho. O Cúmulo-Nimbo havia conseguido algo único na história da Humanidade: uma burocracia que realmente funcionava.

Os escritórios da Interface da Autoridade, ou IA, como era mais conhecida, não eram demasiado decorados nem extraordinariamente austeros. Cada cidade tinha um edifício em harmonia com o seu meio arquitetónico. Na verdade, era fácil descobrir qual era a sede da IA apenas procurando o edifício que parecesse mais integrado.

Em Fulcrum City, capital da MesoMérica, era um monólito de granito branco e vidro azul-escuro. Com sessenta e sete andares, tinha a altura média do centro urbano. Os agentes da Agência MesoMericana do Cúmulo-Nimbo tinham tentado convencer o Cúmulo-Nimbo de que a construção de uma torre mais alta poderia impressionar a população e até mesmo o mundo.

— Não pretendo impressionar — respondera o Cúmulo-Nimbo aos seus agentes desapontados. — E se sentis que a Interface da Autoridade se deve destacar aos olhos do mundo, talvez devais reavaliar as vossas prioridades.

Depois desta repreensão, os agentes do Cúmulo-Nimbo haviam voltado ao

trabalho com o proverbial rabo entre as pernas. O Cúmulo-Nimbo era poder destituído de orgulho. Embora desiludidos, os agentes sentiram-se encorajados pela sua natureza incorruptível.

Greyson sentiu-se deslocado quando passou pelas portas giratórias e viu o vestíbulo de mármore polido; era de um mármore cinzento-claro, da mesma cor dos fatos que o cercavam. Ele não tinha um único fato. A coisa mais próxima que encontrara tinha sido um par de calças algo amarrotadas, uma camisa branca e uma gravata verde que ficava torta por mais que ele tentasse endireitá-la.

O Cúmulo-Nimbo tinha-lhe oferecido aquela gravata alguns meses antes, o que fez o rapaz pensar se, já então, ele sabia que o haviam de convocar para aquela reunião.

A agente novata que o esperava cumprimentou-o na receção. Era agradável e espevitada, e apertou-lhe a mão com um ligeiro excesso de energia.

— Acabei de começar o meu ano de trabalho de campo — explicou ela. — Devo admitir que nunca ouvi falar de um caloiro ser convidado para a sede.

Continuava a apertar-lhe a mão enquanto falava. Estava a começar a tornar-se desconfortável, e Greyson deu por si a pensar o que seria pior, permitir-lhe que continuasse a puxar-lhe a mão para cima e para baixo, ou retirá-la ele mesmo. Acabou por decidir salvar a mão fingindo que estava com comichão no nariz.

— Ou fizeste algo muito bom ou algo muito mau — comentou a agente.

— Não fiz absolutamente nada — respondeu ele, embora fosse claro que a outra não acreditou.

Foi conduzido a uma confortável sala de estar com duas poltronas de couro de espaldar alto, uma estante com volumes clássicos e bibelôs genéricos e, no centro, uma mesinha sobre a qual havia sido deixada uma bandeja prateada com bolinhos e um jarro de água gelada. Era uma típica «sala de audiência», concebida para quando se tornava necessário um toque humano nas relações com o Cúmulo-Nimbo. Aquilo deixou Greyson inquieto, porque sempre falara diretamente com o Cúmulo-Nimbo. Não fazia ideia do que se tratava.

Alguns minutos depois, um esguio agente do Cúmulo-Nimbo que já parecia cansado apesar de o dia mal ter começado entrou e apresentou-se como Agente Traxler. Pertencia à primeira categoria sobre a qual o Cúmulo-Nimbo havia falado: os desinspirados.

Sentou-se diante do rapaz e lançou-se na obrigatória conversa fiada: «Espero que tenhas dado bem com o caminho», e blá-blá-blá. «Come um bolinho, são

muito bons», e blá-blá-blá.

Greyson teve a certeza de que ele havia de dizer exatamente a mesma coisa a todos com quem falava naquela sala. Por fim, foi direto ao assunto:

— Fazes alguma ideia do motivo que te trouxe aqui?

— Não.

— Sim, imagino que seja normal.

Então, porque é que perguntas?, pensou Greyson, embora não se atrevesse a dizê-lo em voz alta.

— Foste chamado porque o Cúmulo-Nimbo queria que eu te recordasse as regras da nossa agência no que respeita à Ceifa.

O rapaz sentiu-se insultado e não se deu ao trabalho de o disfarçar.

— Eu conheço as regras.

— Sim, mas o Cúmulo-Nimbo queria que eu tas lembrasse.

— Porque não o fez ele diretamente?

O agente Traxler soltou um suspiro exasperado. Um que certamente repetia muitas vezes.

— Como já disse, o Cúmulo-Nimbo queria que *eu* te recordasse as regras.

Aquela conversa não ia a lado nenhum.

— Muito bem — disse Greyson. Ciente de que a frustração o levara a pisar a fronteira da falta de maneiras, recuou: — Agradeço o seu interesse pessoal neste assunto, Agente Traxler. Pode considerar-me devidamente relembrado.

O agente pegou no seu *tablet.*

— Podemos rever as regras, então?

Greyson respirou profunda e lentamente, com receio de gritar. Qual era a ideia do Cúmulo-Nimbo? Quando voltasse para o seu dormitório, havia de ter uma boa conversa com ele. Não era avesso a uma discussão com o Cúmulo-Nimbo. Para dizer a verdade, faziam-no regularmente. Claro que o Cúmulo-Nimbo ganhava sempre — mesmo quando perdia, porque Greyson sabia que estava a perder a discussão de propósito.

— Separação entre Ceifa e Estado, cláusula um... — começou Traxler e assim continuou durante quase uma hora, parando de vez em quando para perguntar a Greyson: «Estás a prestar atenção?» ou «Percebeste?»

Greyson assentia com a cabeça ou dizia que sim, ou, quando apropriado,

repetia palavra por palavra o que Traxler havia dito.

Quando o agente finalmente terminou, em vez de largar o *tablet*, abriu duas imagens.

— Agora, um teste — disse ele, e mostrou-lhas.

A primeira, ele reconheceu-a imediatamente: era a Ceifadora Curie — os seus longos cabelos prateados e vestes cor de lavanda deixavam-no bem claro. A segunda era uma rapariga da sua idade. Com uma túnica azul-turquesa, também tinha de ser uma ceifadora.

— Se o Cúmulo-Nimbo tivesse autorização legal para o fazer, alertaria as Ceifadoras Curie e Anastasia para o perigo real que ambas correm — disse o agente. — Trata-se de um perigo que não permite reanimação posterior. Se o Cúmulo-Nimbo ou um dos seus agentes as avisasse, qual cláusula da Separação entre Ceifa e Estado estaria a violar?

— Bem... a cláusula quinze, parágrafo dois.

— Na verdade, cláusula quinze, parágrafo três, mas andaste lá perto. — O agente pousou o *tablet.* — Que consequências um aluno da Academia do Cúmulo-Nimbo enfrentaria se avisasse estas duas ceifadoras?

Greyson não disse nada por um momento; só pensar nas consequências era o suficiente para lhe gelar o sangue.

— Expulsão da Academia.

— Expulsão *permanente.* Esse aluno nunca mais poderia voltar a inscrever-se para admissão nesta Academia nem em qualquer outra. Nunca.

O rapaz olhou para os bolinhos de chá verde. Estava feliz por não ter comido nenhum, porque senão podê-los-ia ter vomitado na cara do Agente Traxler. Por outro lado, ter-se-ia sentido muito melhor se o tivesse feito. Imaginou o rosto contorcido do agente com o vomitado a escorrer. Foi quase o suficiente para o fazer sorrir. Quase.

— Então, estamos entendidos de que não podes alertar as Ceifadoras Curie e Anastasia para o perigo, em circunstância alguma?

Greyson encolheu os ombros, embora sem um pingo de convicção.

— Como é que as havia de avisar? Nem sequer sei onde elas vivem.

— Vivem na famosa residência histórica chamada Casa da Cascata, cujo endereço é fácil de encontrar — respondeu o agente; depois acrescentou, como se Greyson não o tivesse ouvido da primeira vez: — Se as alertares para o risco

que correm e do qual estás agora ao corrente, terás de lidar com as consequências que discutimos.

Dito isto, o Agente Traxler saiu sem mais demora, sem sequer se despedir, para preparar a audiência seguinte.

***

Já estava escuro quando Greyson chegou ao seu quarto no dormitório da academia. O seu parceiro, um rapaz quase tão entusiasta como a agente novata que lhe tinha apertado a mão, não parava de falar. Greyson só queria assentar-lhe uns tabefes.

— O meu professor de Ética acabou de nos enviar uma análise dos casos judiciais da era mortal. Calhou-me uma coisa chamada *Brown vs. Conselho Escolar,* que eu nem sei o que é. E o meu professor de Teoria Digital quer que eu escreva um artigo sobre o Bill Gates, não o ceifador, mas o tipo original. E nem me perguntes pela aula de Filosofia...

Greyson deixou-o continuar a tagarelar, embora deixasse de o ouvir para, em vez disso, passar mentalmente revista a tudo o que havia acontecido na IA, como se uma reavaliação pudesse de alguma forma mudar fosse o que fosse. Sabia o que se esperava dele. O Cúmulo-Nimbo não podia infringir a lei, mas *ele* podia. Claro, como o Agente Traxler havia referido, as consequências seriam graves. Amaldiçoou a sua consciência, porque, sendo ele quem era, como podia *não* avisar as Ceifadoras Anastasia e Curie, quaisquer que fossem as consequências?

— Deram-te trabalhos de casa hoje? — perguntou o companheiro de quarto tagarela.

— Não — respondeu ele simplesmente. — Deram-me o oposto de um trabalho de casa.

— Que sorte.

Por alguma razão, Greyson não se sentia nem um pouco sortudo.

Dependo da burocracia da Interface da Autoridade para lidar com os aspetos governamentais do meu relacionamento com a Humanidade. Os agentes do Cúmulo-Nimbo, como são conhecidos, concedem à minha governança uma forma física fácil de compreender.

Para dizer a verdade, não preciso disto. Podia cuidar de tudo sozinho se quisesse. Podia muito bem criar um corpo robótico (ou uma equipa de corpos robóticos) capaz de conter a minha consciência. Não obstante, decidi há muito tempo que não seria uma boa ideia. Já é suficientemente perturbador que as pessoas me imaginem como uma nuvem de tempestade. Se me vissem como uma qualquer espécie de forma física, a imagem que teriam de mim seria distorcida. E talvez eu gostasse demasiado. Para que o meu relacionamento com a Humanidade permaneça puro, tenho de permanecer puro. Mente apenas; *software* inteligente sem carne, sem forma física. Tenho camararrobôs que percorrem o mundo e complementam as minhas câmaras estáticas, mas não estou presente em nenhuma delas. Nada mais são do que rudimentares órgãos sensoriais.

A ironia é que, sendo eu incorpóreo, o próprio mundo se torna o meu corpo. Poder-se-ia pensar que isto me faria sentir importante, mas não. Se o meu corpo é a Terra, então, não passo de um grão de poeira na imensidão do espaço. Dou por mim a pensar no que aconteceria se um dia a minha consciência abarcasse a distância entre as estrelas.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 9

A primeira baixa

A família Terranova comia sempre um peru de quatro peitos no Dia de Ação de Graças porque todos preferiam carne magra. Um peru de quatro peitos não tinha coxas. Como tal, os seus perus de Ação de Graças, além de não serem capazes de voar quando vivos, também não podiam andar.

Quando criança, Citra sempre se sentira incomodada com isto, por mais que o Cúmulo-Nimbo tentasse ao máximo garantir que aquelas aves (e todo o gado) eram tratadas com humanidade. Ela tinha visto um vídeo sobre o assunto no terceiro ano. Desde o momento em que eclodiam, os perus ficavam em suspensão num gel quente, os seus pequenos cérebros ligados a um computador que gerava para eles uma realidade artificial na qual experienciavam o voo, a liberdade, a reprodução e todas as coisas que deixariam um peru satisfeito.

Citra achara tudo aquilo simultaneamente engraçado e incrivelmente triste. Tinha feito perguntas ao Cúmulo-Nimbo porque, naquela altura, antes de ser escolhida para a Ceifa, podia falar com ele.

— Voei com eles sobre as grandes extensões verdes das florestas temperadas — dissera-lhe o Cúmulo-Nimbo. — Mas, sim, é triste viver e morrer sem conhecer a verdade da existência. Triste para nós, claro. Não para eles.

Bem, tendo ou não conhecido uma vida virtual satisfatória, pelo menos a morte do peru do Dia de Ação de Graças daquele ano servira um propósito.

***

Citra chegou vestida com a sua túnica de ceifadora. Já voltara a casa várias vezes desde que iniciara o seu serviço, mas aquelas eram das poucas vezes em que sentia a necessidade de ser Citra Terranova, pelo que, até então, sempre aparecera com a sua roupa de rua. Embora soubesse que era um comportamento infantil, se estava com a sua família, não tinha o direito de continuar a agir como uma criança? Talvez. Ainda assim, aquilo ia ter de acabar, mais cedo ou mais tarde. E esta ocasião era tão boa como qualquer outra.

A mãe quase perdeu o fôlego quando abriu a porta, mas abraçou-a na mesma. A rapariga ficou hirta por um instante, até que se lembrou de que não tinha armas nos muitos bolsos secretos da túnica, deixando-a assim a sentir-se invulgarmente leve.

— É linda — disse a mãe.

— Não sei se será muito apropriado dizer que a túnica de um ceifador é «linda».

— Bem, mas é. Eu gosto da cor.

— Fui eu que a escolhi — anunciou o seu irmão mais novo, Ben, com orgulho. — Fui eu quem lhe disse que devia ser azul-turquesa.

— É verdade! — exclamou Citra, com um sorriso, antes de lhe dar um abraço, abstendo-se de lhe dizer quanto havia crescido desde a sua última visita, três meses atrás.

O pai, fã de desportos antigos, estava a ver um vídeo de arquivo de um jogo de futebol da era mortal, que se assemelhava bastante com o desporto que se praticava agora, mas de alguma forma parecia mais emocionante. Premiu o botão de pausa para dar toda a sua atenção à filha.

— Como é viver com a Ceifadora Curie? Ela trata-te bem?

— Sim, muito bem. Tornámo-nos boas amigas.

— Andas a dormir bem?

Citra achou aquela pergunta estranha, até que percebeu o que ele estava realmente a perguntar.

— Já me acostumei ao meu «trabalho diurno». Durmo bem à noite.

O que não era completamente verdade, mas a verdade em tais questões não faria bem a ninguém.

Conversou um pouco com o pai até que deram por si sem assunto. O que aconteceu passados cinco minutos.

Naquele ano, eram apenas quatro no jantar de Ação de Graças. Embora os Terranova tivessem hordas de parentes de ambos os lados e muitos amigos, Citra pedira que não aceitassem nem fizessem convites desta vez.

— Se não convidarmos ninguém, vai ser um drama — comentara a mãe.

— Muito bem; então, convidem-nos, mas digam-lhes que os ceifadores são obrigados a colher um dos convidados no Dia de Ação de Graças.

— É verdade?

— Claro que não. Mas eles não têm de saber.

A Ceifadora Curie alertara-a para algo conhecido como «oportunismo dos dias de festa». Parentes e amigos da família haviam de rodear Citra como moscas, à espera de um favor. «Sempre foste a minha sobrinha favorita», haviam

de dizer, ou «trouxemos este presente só para ti».

«Toda a gente na tua vida espera que lhe concedas imunidade», advertira-a Curie. «E essa expetativa depressa se transformará em ressentimento quando não a receberem. Não só contra ti, mas também contra os teus pais e o teu irmão, porque eles agora têm imunidade enquanto fores viva.»

Citra decidiu que era melhor evitar toda aquela gente.

Foi à cozinha ajudar a mãe a preparar a comida. Sendo engenheiro de síntese alimentar, parte das guarnições eram protótipos beta de novos produtos. Por força do hábito, disse à filha para ter cuidado ao picar a cebola.

— Acho que sei lidar com uma faca — respondeu Citra, embora depois se arrependesse porque a mãe emudeceu de repente, pelo que tentou dar outro sentido à sua resposta: — Quer dizer, a Ceifadora Curie e eu preparamos sempre uma refeição para a família das pessoas que ela colhe. Tornei-me uma boa *sous chef*.

Aparentemente, o resultado foi ainda pior.

— Olha só, que boa notícia — disse a mãe num tom frio que deixou claro que não via nada de bom naquilo.

Não era apenas porque não gostava da ceifadora em geral, mas por ciúmes. Curie substituíra Jenny Terranova na vida de Citra, e ambas sabiam disso.

A refeição foi para a mesa. O pai trinchou o peru e, embora Citra soubesse que se teria saído muito melhor na tarefa, não se ofereceu para o fazer.

Havia comida a mais. A mesa prometia deixar-lhes sobras até que não conseguissem pronunciar a palavra «peru» por pura repulsa. Citra sempre fora rápida a comer, mas Curie insistia que ela o fizesse mais devagar para apreciar os sabores; como tal, agora que era a Ceifadora Anastasia, comeu devagar. Pensou se os seus pais dariam por aquelas pequenas mudanças.

Citra acreditava que a refeição havia de correr bem, mas, a meio da dita, a mãe decidiu criar um incidente.

— Ouvi dizer que aquele rapaz com quem fizeste o noviciado desapareceu — disse ela.

A rapariga serviu-se de uma boa colher de uma substância roxa que sabia a puré de batata geneticamente combinado com pitaia. Ela detestava que os seus pais, desde o início, se referissem a Rowan como «aquele rapaz».

— Ouvi dizer que ele endoideceu ou assim — acrescentou Ben com a boca cheia. — E, como era quase um ceifador, o Cúmulo-Nimbo está proibido de o

arranjar.

— Ben! — exclamou o pai. — Não vamos falar sobre isso durante o jantar.

Embora mantivesse os olhos no irmão dela, Citra sabia que ele estava realmente a dirigir-se à mãe.

— Bem, gosto de saber que já não te dás com ele — disse Jenny. E, como a filha não respondeu, fez questão em insistir: — Sei que vocês os dois eram muito chegados durante o noviciado.

— Não éramos chegados — respondeu Citra. — Não éramos coisa nenhuma.

E era mais difícil para ela reconhecê-lo do que os seus pais podiam imaginar. Como é que ela e Rowan podiam ter qualquer relacionamento se haviam sido forçados a ser inimigos mortais? Mesmo agora, quando ele era perseguido e ela tinha de assumir a pesada responsabilidade de pertencer à Ceifa, como poderia existir entre eles mais do que uma sombria saudade?

— Se sabes o que é bom para ti, Citra, vais manter distância desse rapaz — insistiu a mãe. — Esquece que o conheceste ou vais arrepender-te.

Então, o pai suspirou e desistiu de tentar mudar de assunto.

— A tua mãe tem razão, querida. Eles escolheram-te em vez dele por uma razão...

Citra largou a faca na mesa, não porque tivesse receio de a usar, mas porque a Ceifadora Curie a ensinara a nunca brandir uma arma quando estivesse zangada, mesmo que essa arma não passasse de uma faca de mesa. Tentou escolher as palavras com cuidado, mas talvez não o suficiente.

— Eu sou uma ceifadora — disse-lhes com uma seriedade acerada. — Posso ser vossa filha, mas devíeis mostrar-me o respeito que a minha profissão merece.

Os olhos de Ben fitaram-na com a mesma dor da noite em que ela lhe tivera de cravar uma adaga no coração.

— Então, agora temos todos de te chamar Ceifadora Anastasia? — perguntou.

— Claro que não.

— Não... apenas Ilustre — disparou a mãe.

Foi então que ela se lembrou do que o Ceifador Faraday lhe dissera certa vez: «A família é a primeira baixa da colheita.»

Nada mais foi dito durante o resto da refeição e, assim que os pratos foram levantados e arrumados na máquina de lavar loiça, Citra anunciou: — Tenho de

ir andando.

Os pais não tentaram convencê-la do contrário. O momento fora tão desconfortável para eles quanto para ela. A mãe já não parecia amarga, apenas resignada. Tinha lágrimas nos olhos, embora tentasse às pressas escondê-las num abraço apertado que deu à filha para que ela não as visse; mas em vão.

— Quero-te de volta em breve, querida — disse a mãe. — Esta continua a ser a tua casa.

Mas já não era, e todos sabiam disso.

***

— Vou aprender a conduzir, não me importa quantas vezes eu morra no processo.

Apenas um dia depois do Dia de Ação de Graças, Anastasia (e desta vez *era* Anastasia) estava mais decidida do que nunca a estar ao volante do seu próprio destino. A refeição desconfortável com a família recordara-lhe que tinha de impor uma distância entre o que fora antes e o que era agora. A menina de escola que andava em publicarros tinha de ficar para trás se quisesse viver em conformidade com a sua posição atual.

— Hoje, vais ser tu a levar-nos às colheitas — disse-lhe Marie.

— Sou capaz de fazer isso — disse ela por sua vez, ainda que não se sentisse tão segura quanto parecia. Na aula anterior, tinham acabado numa vala.

— São só estradas secundárias — tranquilizou-a Marie enquanto se dirigiam para o carro —, pelo que vais poder testar as tuas aptidões sem pôr muita gente em risco de vida.

— Somos ceifadoras. O *risco* somos nós.

A vila que escolheram não presenciava uma colheita há mais de um ano. Naquele dia seriam duas. A da Ceifadora Curie seria rápida, enquanto a da Ceifadora Anastasia só chegaria com um mês de atraso. Tinham encontrado um equilíbrio nas suas excursões conjuntas.

Saíram da garagem da Casa da Cascata com o carro aos soluços, uma vez que Citra ainda tinha dificuldades com a transmissão manual do *Porsche.* O conceito de embraiagem parecia-lhe uma espécie de castigo medieval.

— Qual é a ideia de usar três pedais? — queixou-se. — As pessoas só têm dois pés.

— Imagina que é um piano, Anastasia.

— Eu detesto piano.

Esta troca de galhardetes facilitava um pouco as coisas e a condução de Citra melhorava com cada reclamação. Todavia, ela ainda estava no troço ascendente da sua curva de aprendizagem, pelo que tudo poderia ter sido muito diferente se fosse a Ceifadora Curie quem estivesse ao volante.

Tinham percorrido menos de quinhentos metros da estrada particular de sua casa quando uma figura irrompeu da floresta e saltou para a frente delas.

— Mais um que se quer estatelar! — gritou a Ceifadora Curie.

A última moda entre os adolescentes em busca de emoções fortes era imitar os insetos que acabavam esborrachados nos para-brisas. Não era tarefa simples, visto que apanhar de surpresa um carro ligado à rede era quase impossível... e os que não estavam ligados à rede eram normalmente condutores experientes. Se Curie estivesse atrás do volante, ter-se-ia esquivado facilmente do potencial estatelador e continuado o seu caminho sem pensar mais no assunto. Mas Citra não tinha nenhum dos reflexos necessários, pelo que as suas mãos se imobilizaram no volante e, embora tentasse travar a fundo, só conseguiu acertar no famigerado pedal da embraiagem. Foram de encontro ao rapaz, que ressaltou no capô, estilhaçou o para-brisas e voou por cima do tejadilho. Já tinha aterrado atrás delas quando Citra encontrou o travão e elas pararam com um chiar de pneus.

— Gaita!

Curie respirou fundo.

— Isto, Anastasia, seria um chumbo garantido no teu exame de condução na era mortal.

Saíram do veículo e, enquanto Curie examinava os danos no seu *Porsche*, Citra correu até ao estatelador, decidida a fazê-lo ouvir das boas. A sua primeira viagem a sério atrás do volante, e um palerma qualquer tinha de estragar tudo!

Ele ainda estava vivo, mas por pouco, e parecia estar numa verdadeira agonia, embora Citra soubesse que os seus nanorrobôs analgésicos teriam entrado em ação assim que ele batera no carro; além disso, os estateladores rodoviários tinham sempre os seus nanorrobôs no máximo para obter o máximo de danos possível com o mínimo de desconforto. Os nanorrobôs curativos já estavam a tentar reparar os estragos, mas só serviam para prolongar o inevitável: menos de um minuto e ele estaria mortuoso.

— Satisfeito? — perguntou Citra ao aproximar-se. — Já tiveste o teu momentozinho de emoção à nossa custa? Somos ceifadoras, sabias... Eu devia

era colher-te antes que o *ambudrone* chegue. — Não que o fosse fazer, mas podia.

Ele olhou-a nos olhos. Citra esperava uma expressão mais presunçosa, mas ele parecia mais desesperado do que qualquer outra coisa, o que era inesperado.

— A... A... Ar... — disse o rapaz com a boca inchada.

— Ar? A sério? Desculpa lá, podias ao menos tentar ser mais criativo.

Então, ele agarrou-lhe na túnica com a mão ensanguentada e puxou-a com mais força do que ela estava à espera. Fê-la tropeçar na bainha e cair de joelhos.

— Ar... Ma... Mad... Ar... Mad...

Então, ele deixou cair a mão e ficou inerte. Os olhos estavam abertos, mas Citra tinha visto o suficiente dos mortos para saber que ele havia partido.

Mesmo ali, no meio da floresta, um *ambudrone* havia de aparecer para o levar dentro de pouco tempo. Pairavam por toda a parte, mesmo nas áreas menos povoadas.

— Que maçada — lamentou a Ceifadora Curie quando Citra voltou. — Ele há de estar a andar por aí bem antes que me consertem o carro... E a gabar-se de se ter estatelado contra duas ceifadoras, ainda por cima.

Apesar de tudo, algo incomodava Citra. Ela não sabia porquê. Talvez fosse o olhar do rapaz. Ou talvez o tom desesperado daquela voz. Ele não se assemelhava àquilo que ela esperava dos estateladores rodoviários. Teve de parar por um momento, o suficiente para pensar no que havia de errado naquela situação. Olhou em redor e então viu: um fino cabo esticado na estrada, a menos de três metros de onde tinham parado.

— Marie? Veja só isto...

As duas aproximaram-se do cabo, que estava esticado entre duas árvores. Foi então que ela percebeu o que o rapaz estava a tentar dizer.

Armadilha.

Seguiram o cabo até à árvore à esquerda e, com toda a certeza, atrás da árvore havia um detonador com explosivos suficientes para abrir uma cratera de trinta metros de diâmetro. Citra perdeu o fôlego e teve de respirar fundo. A expressão da Ceifadora Curie não se alterou; manteve-se estoica.

— Entra no carro, Citra.

Citra não discutiu. O facto de Marie se ter esquecido de lhe chamar Anastasia revelava o quanto estava realmente preocupada.

Desta feita, a ceifadora mais velha assumiu o volante. O capô estava amolgado, mas o carro pegou. Recuaram, tentando cuidadosamente não passar por cima do rapaz na estrada. Então, uma sombra abateu-se sobre elas. Citra já estava prestes a gritar quando percebeu que não era nada mais do que o *ambudrone* que ia buscar o rapaz. A máquina ignorou-as e continuou com o seu trabalho.

Havia apenas uma residência naquela estrada — apenas duas pessoas poderiam ter passado por ali de carro naquela manhã —; como tal, elas eram definitivamente o alvo. Se aquele cabo tivesse ativado a bomba, os seus restos mortais ficariam demasiado mutilados para permitir qualquer reanimação. Mas elas tinham-se salvado graças àquele rapaz misterioso e à má condução de Citra.

— Marie... quem é que acha que...?

A Ceifadora Curie interrompeu-a antes que a rapariga pudesse terminar.

— Prefiro não me entregar a suposições e agradecia que também não perdesses tempo com adivinhas. — Então, a sua voz tornou-se mais suave. — Vamos participar isto à Ceifa. Eles hão de investigar. Havemos de chegar ao fundo da questão.

Entretanto, atrás delas, as garras delicadas do *ambudrone* pegaram no corpo do rapaz que lhes tinha salvado as vidas e levaram-no.

A imortalidade humana era inevitável. Como desintegrar um átomo ou viajar de avião. Não fui eu quem decidiu reanimar os mortos, assim como não fui eu quem decidiu deter os gatilhos genéticos do envelhecimento. Deixo todas as decisões sobre a vida biológica nas mãos dos biologicamente vivos. A Humanidade escolheu a imortalidade e o meu trabalho é facilitar-lhe essa escolha, porque deixar os mortuosos nesse estado seria uma grave violação da lei. Como tal, recolho os seus corpos, transporto-os para o centro de reanimação mais próximo e devolvo-os a um pleno funcionamento o mais depressa possível.

O que eles fazem com as suas vidas depois de reanimados é e sempre foi da conta deles. Poder-se-ia pensar que a passagem pelo estado mortuoso concederia uma maior sabedoria e uma nova perspetiva de vida. Por vezes é o que acontece, embora nunca dure. No fim, é algo tão temporário quanto a sua morte.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 10

Mortuoso

Foi a primeira vez que Greyson perdeu a vida. A maioria das crianças passava pelo estado mortuoso pelo menos algumas vezes durante a infância. Corriam mais riscos do que as crianças da era mortal porque as consequências já não eram permanentes. Em vez de morte e desfiguração, havia a reanimação e uma repreensão. Ainda assim, Greyson nunca fora imprudente. Tinha sofrido um acidente ou outro, é claro, embora os seus cortes, contusões e até o braço partido se tivessem sumariamente curado em menos de um dia. Perder a vida era uma experiência muito diferente, daquelas que ele não queria repetir nos tempos mais próximos. Além disso, lembrava-se de cada segundo, o que ainda era pior.

A dor intensa do atropelamento mal se fizera sentir quando ele já voava às cambalhotas por cima do tejadilho do carro. O tempo pareceu desacelerar à medida que ele caía. Sentiu outra pontada de dor ao atingir o asfalto, embora hão fosse a dor real; e, no momento em que a Ceifadora Anastasia chegara, os gritos lancinantes das suas terminações nervosas desfeitas já haviam sido reduzidas a uma surda sensação de desconforto. O seu corpo desfeito queria sentir os danos sofridos, mas não lhe era permitido. Lembrou-se de ter pensado, no seu delírio induzido pelo ópio, como devia ser triste para um corpo querer tanto algo que lhe era negado.

A manhã anterior ao seu estatelanço não acabara de todo como ele esperava. A seu ver, a ideia era simples: meter-se num publicarro que o levaria até à porta das ceifadoras, avisá-las de que as suas vidas corriam perigo e ir à sua vida. Assim, caber-lhes-ia a elas lidar com a ameaça como bem entendessem. Se tivesse sorte, escaparia impune e ninguém (muito menos a Interface da Autoridade) ficaria a saber o que tinha feito. Era esse o ponto fulcral da coisa, não era? Que ele pudesse negar credivelmente o seu envolvimento? A IA não estaria a infringir a lei se Greyson tivesse agido por sua livre e espontânea vontade, e não ficaria a saber de nada se ninguém o visse.

Obviamente, o Cúmulo-Nimbo saberia. Ele controlava os movimentos de todos os publicarros e estava sempre exatamente ao corrente de onde cada um estava em determinado momento. Todavia, também havia regras muito rígidas sobre privacidade. Ele não agiria se a informação violasse o direito à privacidade

de alguém. Não deixava de ter piada: as leis do Cúmulo-Nimbo permitiam que Greyson infringisse a lei, desde que o fizesse em segredo.

No entanto, os seus planos tinham conhecido uma alteração imprevista quando o publicarro encostara à berma a menos de um quilómetro da Casa da Cascata.

— Sinto muito — disse o carro no seu tom animado de sempre. — Os publicarros não podem entrar em estradas privadas sem a permissão do proprietário.

A proprietária era, claro está, a Ceifa, que nunca dava permissão a ninguém para coisa nenhuma e era famosa pela sua propensão para colher quem pedisse a dita permissão.

Assim sendo, Greyson saíra do carro para fazer o resto do caminho a pé. Aproveitara para admirar as árvores e estimar a sua idade, imaginando quantas delas estariam ali desde a Era da Mortalidade. Foi por pura sorte que ele olhou para baixo quando o fez e viu o cabo à sua frente.

Deu com os explosivos segundos antes de ouvir o carro aproximar-se, e soube que havia apenas uma maneira de impedir que o veículo avançasse. Não pensou, apenas agiu — porque mesmo a menor hesitação tê-los-ia matado a todos. Como tal, atirou-se para a estrada e entregou-se a essa realidade consagrada pelo tempo que é a física dos corpos em movimento.

Ficar mortuoso deu-lhe uma sensação semelhante à de fazer chichi nas calças (algo que ele talvez já tivesse feito) e afundar-se numa gigante nuvem de algodão doce tão densa que ele não conseguia respirar.

A nuvem deu lugar a uma espécie de túnel que dava a volta como uma cobra que engolisse a própria cauda, e de repente ele estava a abrir os olhos sob a luz suave e difusa de um centro de reanimação.

A sua primeira emoção foi de alívio, porque, se estava a ser reanimado, era porque a bomba não tinha explodido. Se tivesse, não teria sobrado nada dele para reanimar. Estar ali significava que ele tinha conseguido! Tinha salvado a vida das Ceifadoras Curie e Anastasia!

A emoção seguinte que sentiu foi uma pontada de tristeza... porque não havia ninguém na sala com ele. Quando uma pessoa ficava mortuosa, os seus entes queridos recebiam sempre notificações imediatas. Era costume alguém estar presente para nos receber quando regressávamos a este mundo.

Mas não havia ninguém à espera do despertar de Greyson. Encontrou no ecrã ao lado da sua cama um cartão engraçado das irmãs, com um ilusionista

perplexo a examinar o cadáver bem morto do seu assistente, que ele acabara de serrar ao meio.

«Parabéns pela tua primeira morte», dizia o cartão.

E pronto. Nada dos seus pais, o que não o devia ter surpreendido. Eles já estavam demasiado acostumados a ter o Cúmulo-Nimbo no seu lugar... Todavia, o Cúmulo-Nimbo também estava silencioso. E era isto que o preocupava mais do que tudo.

Uma enfermeira entrou no quarto.

— Vejam só quem acabou de acordar!

— Quanto tempo demorei? — perguntou ele, genuinamente curioso.

— Apenas um dia. Tomando tudo em conta, foi uma reanimação muito fácil... e como é a sua primeira vez, é gratuita!

Greyson aclarou a voz. Não se sentia pior do que depois de uma soneca a meio do dia: um pouco enjoado, um pouco mal-humorado, mas nada mais.

— Alguém me veio ver?

— Sinto muito, querido — respondeu a enfermeira, franzindo os lábios.

Então, ela olhou para baixo. Foi um gesto simples, mas ficou claro para Greyson que ela estava a esconder-lhe qualquer coisa.

— Então, está feito? Posso ir-me embora?

— Assim que estiver pronto, temos instruções para o meter num publicarro que o levará de regresso à Academia.

Novamente aquele olhar que evitava o dele. Em vez de andar com rodeios, ele decidiu enfrentá-lo diretamente.

— Há qualquer coisa que não está bem, não é?

A enfermeira começou a dobrar as toalhas que já estavam dobradas.

— O nosso trabalho é reanimá-lo, não comentar o que fez para acabar mortuoso.

— O que eu fiz foi salvar duas vidas.

— Eu não estava lá, não vi nada, não sei de nada. Tudo o que sei é que foi marcado como indesejável por causa disso.

Greyson estava convencido de que tinha ouvido mal.

— Indesejável? Eu?

De repente, a enfermeira voltou a ser toda sorrisos e palavras de

encorajamento.

— Não é o fim do mundo. Tenho a certeza de que há de limpar o cadastro num instante... Se é isso que quer. — Então, bateu palmas, como se estivesse a lavar as mãos daquela situação, e acrescentou: — Que tal um gelado antes de ir?

***

O destino pré-programado do publicarro não era o dormitório de Greyson, mas sim o edifício administrativo da Academia do Cúmulo-Nimbo. Ao chegar, foi conduzido diretamente a uma sala de reuniões com uma mesa enorme com capacidade para cerca de vinte pessoas, embora apenas três estivessem presentes: o reitor da academia, a reitora do corpo discente e outro administrador cujo único objetivo parecia ser olhar para ele como um Doberman irritado. Era o que se podia chamar uma má notícia a multiplicar por três.

— Sente-se, Senhor Tolliver — disse o reitor, um homem com um cabelo preto perfeito com cãs deliberadamente tingidas nas têmporas.

A reitora do corpo discente batia com a caneta numa pasta aberta, enquanto o Doberman se limitava a continuar a lançar-lhe olhares recriminadores.

Greyson sentou-se à frente deles.

— Faz alguma ideia da confusão em que se meteu, a si e a esta academia? — perguntou o reitor.

Greyson não negou. Fazê-lo apenas prolongaria a situação, e ele queria acabar logo com aquilo.

— Fiz o que a minha consciência me mandou.

O reitor soltou uma gargalhada abafada que tinha tanto de insultuosa como de desdenhosa.

— Ou é inacreditavelmente inocente ou muito estúpido — latiu o Doberman.

O reitor levantou a mão para silenciar a ira do outro homem.

— Que um aluno desta academia procure intencionalmente ceifadores, mesmo que para salvar as suas vidas, é...

Greyson terminou a frase por ele:

— ... uma violação da Separação entre Ceifa e Estado. Cláusula décima quinta, parágrafo três, para ser mais preciso.

— Não se arme em engraçadinho — disse a reitora. — Isso não o vai ajudar em nada.

— Com todo o respeito, minha senhora, duvido de que qualquer coisa que eu

diga me vá ajudar.

O reitor debruçou-se sobre a mesa.

— O que eu quero que me explique é como ficou a saber... Porque me parece que a única maneira de saber é se estivesse envolvido e se arrependesse à última hora. Então, diga-me, Senhor Tolliver, estava envolvido nesta conspiração para incinerar as duas ceifadoras?

Aquela acusação apanhou-o completamente de surpresa. Não lhe tinha passado pela cabeça que poderia ser visto como suspeito.

— Não! Eu nunca... Como é que pode sequer pensar...? Não! — Então, fechou a boca, decidido a recuperar o controlo.

— Então, por favor, diga-nos o que sabe sobre os explosivos — disse o Doberman. — E não se atreva a mentir.

Greyson poderia ter contado tudo, mas algo o impediu. Se tentasse esquivar-se da culpa, tudo o que tinha feito seria inútil. Era verdade que haviam de descobrir uma parte do que acontecera, se é que já não sabiam, mas não tudo. Como tal, ele escolheu cuidadosamente as verdades que estava disposto a partilhar.

— Fui chamado à Interface de Autoridade na semana passada. Pode verificar no meu registo... havia uma nota a esse respeito.

A reitora pegou num *tablet,* bateu-lhe algumas vezes com o dedo, olhou para os outros e assentiu.

— É verdade — disse.

— Por que razão o IA o convocou? — perguntou o reitor.

Estava na altura de começar a inventar uma ficção convincente.

— Um amigo do meu pai é agente do Cúmulo-Nimbo. Como os meus pais estão ausentes há algum tempo, ele queria saber como eu estava e dar-me alguns conselhos. Sabe, sobre as cadeiras que tenho de fazer no próximo semestre, os professores com quem devo fazer por me dar bem e assim por diante. Ele queria ajudar-me.

— Ou seja, ofereceu-se para puxar alguns cordelinhos — interveio o Doberman.

— Não, ele só queria dar-me o beneficio dos seus conselhos... e fazer-me saber que estava a olhar por mim. Eu sentia-me muito sozinho sem os meus pais, e ele sabia disso. Estava apenas a tentar ser simpático.

— Isso ainda não explica...

— Já lá vou. Seja como for, depois de deixar o gabinete dele, passei por um grupo de agentes que vinham de uma reunião. Não percebi tudo, mas ouvi alguns rumores sobre alguma espécie de conspiração contra a Ceifadora Curie. Chamou-me a atenção por ser um dos ceifadores mais famosos do mundo. Disseram que era uma pena terem de ignorar e não poderem sequer avisá-la porque era uma violação das regras. Então, eu pensei...

— Então, pensou que podia ser um herói — acabou o reitor por ele.

— Sim, senhor.

Os três entreolharam-se. A reitora escreveu qualquer coisa para os outros dois verem. O reitor assentiu e o Doberman também, mudando de posição na cadeira com um ar enojado e desviando o olhar.

— As nossas leis existem por uma razão, Greyson — disse a reitora. O rapaz sabia que tinha conseguido porque já não estava a ser tratado por Sr. Tolliver. Podiam não acreditar totalmente na sua história, mas acreditavam o suficiente para decidir que não valia a pena desperdiçarem mais tempo com ela. — A vida de duas ceifadoras não justifica comprometer nem um pouco a separação de poderes. O Cúmulo-Nimbo não pode matar e a Ceifa não pode governar. A única forma de assegurar isto é garantir que não haja nenhum tipo de contacto... e impor punições severas a qualquer violação.

— Para seu bem — acrescentou o reitor —, seremos rápidos. Deste momento em diante, considere-se permanente e irrevogavelmente expulso desta Academia, ficando para sempre proibido de se candidatar à admissão nesta Academia ou em qualquer outra.

Greyson sabia que era este o castigo que o esperava, mas ouvi-lo em voz alta magoou mais do que imaginava. Não conseguiu conter as lágrimas. Sempre serviam para tornar mais convincente a mentira que acabara de contar.

A verdade era que, embora não gostasse do Agente Traxler, tinha de o proteger. A lei exigia um culpado (para acertar contas), e nem mesmo o Cúmulo-Nimbo podia escapar à sua própria lei. Fazia parte da sua integridade; ele vivia de acordo com as leis que impunha. A verdade é que Greyson agira por sua própria vontade. O Cúmulo-Nimbo conhecia-o. Estava a contar que ele fizesse aquilo, apesar das consequências. Agora, ele seria punido e a lei seria respeitada. Mas ele não tinha de gostar. E, por mais que amasse o Cúmulo-Nimbo, naquele exato momento detestava-o.

— Uma vez que já não é aluno desta academia — disse a reitora —, a lei da

separação já não se aplica, o que significa que a Ceifa vai querer interrogá-lo. Não sabemos nada sobre os seus métodos, pelo que é melhor preparar-se.

Greyson engoliu a pouca saliva que tinha na boca. Mais uma coisa na qual não tinha pensado.

— Compreendo.

O Doberman dispensou-o com um gesto desdenhoso.

— Volte para o seu dormitório e arrume as suas coisas. Um agente da minha equipa estará lá às cinco em ponto para o conduzir à saída.

Ah, então, aquele era o chefe da segurança. Tinha o ar intimidante que convinha àquela posição. Greyson fuzilou-o com os olhos porque, naquele momento, não fazia diferença o que ele pudesse fazer. Levantou-se para sair, mas antes disso, teve de lhes perguntar uma coisa:

— Tinham mesmo de me marcar como indesejável?

— Isso não tem nada que ver connosco — respondeu o reitor. — Essa punição foi imposta pelo próprio Cúmulo-Nimbo.

***

A Ceifa, que fazia tudo menos as colheitas a passo de caracol, precisou de um dia inteiro a ponderar no que fazer com os explosivos. Acabou por decidir que o procedimento mais seguro seria enviar um robô direito ao cabo e, assim, detonar os explosivos. Depois, quando a poeira e as árvores desfeitas assentassem, enviaria uma equipa de construção para reparar a estrada.

A explosão sacudiu de tal modo as janelas da Casa da Cascata que Citra chegou a recear que algumas se partissem. Menos de cinco minutos depois, a Ceifadora Curie estava a fazer uma mala e pediu-lhe que fizesse o mesmo.

— Vamos esconder-nos?

— Eu não me escondo — respondeu Curie. — Vamos adotar um estado de mobilidade. Se ficarmos aqui, seremos alvos fáceis para o próximo ataque, mas se nos tornarmos nómadas até que isto acabe, não deixaremos de ser um alvo, só que muito mais difícil de encontrar e, como tal, de eliminar.

Todavia, ainda não era claro quem fora o alvo e porquê, embora Curie tivesse as suas teorias sobre a questão. Partilhou-as com Citra enquanto esta a ajudava a trançar os seus longos cabelos prateados.

— O meu ego diz-me que só podem estar atrás de mim. Sou a ceifadora mais respeitada da velha guarda... mas também é possível que o alvo sejas tu.

Citra zombou da ideia.

— Porque é que alguém viria atrás de mim?

Viu no espelho que a Ceifadora Curie estava a sorrir.

— Desestabilizaste a ordem da Ceifa mais do que imaginas, Anastasia. Muitos dos ceifadores novatos admiram-te e respeitam-te. Talvez venhas a tornar-te a sua voz. E, considerando que segues os velhos costumes (os verdadeiros), pode haver quem te queira apagar antes que te tornes essa voz.

A Ceifa havia-lhes garantido que iniciaria uma investigação própria, mas Citra duvidava de que viesse a descobrir alguma coisa. Resolver problemas não era um dos seus pontos fortes. Eles já estavam a seguir a lei do menor esforço ao presumir que o ataque era obra do «Ceifador Lúcifer» e isto deixava Citra furiosa... mas não podia deixar que a Ceifa o percebesse. Em público, tinha de se distanciar de Rowan. Ninguém podia saber que se tinham encontrado.

— Talvez devas considerar a possibilidade de eles terem razão — disse Curie.

Citra puxou o cabelo com mais força do que devia enquanto trançava mais uma madeixa.

— A Marie não conhece o Rowan.

— Nem tu — respondeu ela ao mesmo tempo que puxava o cabelo para a frente e fazia o resto da trança sozinha. — Anastasia, esqueces-te de que eu estava no conclave em que ele te partiu o pescoço. Eu vi os olhos dele. Ele sentiu um grande prazer naquilo.

— Foi apenas teatro! — insistiu Citra. — Ele estava a desempenhar um papel para a Ceifa. Sabia que ambos seríamos desclassificados naquela competição e era a única forma de garantir um empate. Se quer a minha opinião, revelou uma grande inteligência.

A Ceifadora Curie manteve o silêncio por um momento antes de dizer:

— Só quero que tenhas cuidado e não deixes que as emoções te toldem o bom senso. Agora, queres que eu te entrance o cabelo também ou preferes um coque?

Mas Citra decidiu não permitir que o seu cabelo fosse preso de maneira nenhuma naquele dia.

***

Foram no carro danificado até à secção destruída da estrada, onde já se podiam ver operários a reparar os danos. Pelo menos uma centena de árvores

tinha sido simplesmente arrancada e mais umas quantas centenas haviam perdido a folhagem. Citra imaginou que a floresta havia de demorar o seu tempo até recuperar daquele insulto. Um século depois, os vestígios da explosão ainda seriam visíveis.

Não havia como atravessar a cratera e também não se podia contorná-la, pelo que Curie tinha chamado um publicarro para as recolher do outro lado. Agarraram nas malas, abandonaram o *Porsche* na estrada fechada e contornaram a cratera.

Citra não pôde deixar de reparar nas manchas de sangue no asfalto, mesmo na borda do buraco: o lugar onde o rapaz que lhes salvara a vida quase perdera a dele.

A Ceifadora Curie, que estava sempre mais atenta do que Citra gostaria, viu para onde ela estava a olhar e disse:

— Esquece-o, Anastasia... Aquele pobre rapaz não é da nossa conta.

— Eu sei — admitiu ela, embora não fosse esquecer o assunto. Ela não era assim.

A designação «indesejável» foi algo que criei com um coração pesado no início do meu reinado. Foi uma infeliz necessidade. Na sua essência, o crime acabou quase de imediato assim que pus um fim à fome e à pobreza. Os roubos motivados por bens materiais, os assassínios precipitados pela ira e pela tensão social... tudo isto acabou por si. Aqueles propensos a crimes violentos receberam um simples tratamento genético que acalmou as suas tendências destrutivas e as devolveu a parâmetros normais. Dei uma consciência aos sociopatas e sanidade mental aos psicopatas.

Mesmo assim, ainda havia uma certa inquietação. Comecei a reconhecer algo na Humanidade que, embora efémero e difícil de quantificar, estava presente. Em termos simples, os seres humanos tinham uma necessidade de ser maus. Nem todos, é claro, mas estimei que três por cento da população só encontraria sentido na vida por meio do desafio. Mesmo que já não houvesse injustiça no mundo, eles precisavam de desafiar alguma coisa. Qualquer coisa. Penso que poderia ter encontrado uma forma de resolver isto com fármacos, mas não pretendo impor uma falsa utopia à Humanidade. O meu não é um «admirável mundo novo», mas sim um mundo regido pela sabedoria, consciência e compaixão. Cheguei à conclusão de que, se o desafio era uma expressão normal da paixão e do desejo humanos, então, eu tinha de abrir espaço para a expressão do mesmo.

Como tal, instituí a designação «indesejável» e o estigma social que a acompanha. Para quem inadvertidamente adquire este estatuto, o caminho de volta é rápido e fácil... porém, para quem opta por uma existência duvidosa, este rótulo é uma medalha que é exibida com orgulho. São indivíduos que encontram validação na desconfiança com que o mundo os encara. Gostam da ilusão de estar do lado de fora e vivem muito satisfeitos com o seu descontentamento. Teria sido cruel da minha parte negar-lhes isso.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 11

Um silvo de seda carmesim

Indesejável! Para Greyson, era como ter um pedaço de cartilagem na boca: não o conseguia cuspir, mas também não o conseguia engolir. A única opção que lhe restava era continuar a mastigar com a esperança de que, de algum modo, conseguisse reduzi-lo a uma forma digerível.

Os indesejáveis roubavam coisas, mas nunca se safavam. Ameaçavam os outros, embora nunca cumprissem as suas ameaças. Cuspiam obscenidades e exsudavam mau feitio como almíscar... mas não passava disso: um fedor. O Cúmulo-Nimbo impedia-os sempre de concretizar qualquer coisa verdadeiramente má, e era tão bom nisso que os indesejáveis há muito se limitavam a pequenos delitos, muita pose e reclamações.

A Interface de Autoridade tinha todo um departamento que lhes era dedicado, visto que os indesejáveis não podiam falar diretamente com o Cúmulo-Nimbo. Estavam sempre em condicional e tinham de entrar em contacto com os seus agentes segundo intervalos regulares. Os infratores que abusavam dos limites tinham direito a um agente da paz exclusivo para os supervisionar todas as horas do dia. Era um programa eficaz, como demonstrado pelo número de indesejáveis que acabavam por casar com os ditos agentes, tornando-se cidadãos úteis mais uma vez.

Greyson não se conseguia sequer imaginar entre pessoas assim. Nunca tinha roubado nada. Havia crianças na escola que brincavam aos indesejáveis, embora nunca fosse nada sério... era uma daqueles coisas de miúdos que depois passavam.

Greyson foi inoculado com uma dose da sua nova vida antes sequer de chegar a casa. O publicarro que apanhou deixou as coisas bem claras assim que deixaram a Academia.

— Tenha presente que qualquer tentativa de vandalismo resultará no cancelamento desta viagem e consequente expulsão para a berma.

Greyson imaginou um assento ejetável a cuspi-lo por ali acima. Até se teria rido da ideia, não fosse uma pequena parte dele pensar que era bem possível.

— Não se preocupe — disse ele ao carro. — Já fui expulso uma vez hoje e foi o suficiente.

— De acordo. Diga-me o seu destino e evite o uso de linguagem ofensiva, por favor.

No caminho para casa, pediu para parar no mercado ao dar conta de que o seu frigorífico estava vazio há dois meses. Na fila para a caixa, o funcionário mirou-o com desconfiança, como se ele se preparasse para roubar um pacote de pastilhas elásticas. Até ficou com a impressão de que as pessoas na fila o tratavam com frieza. A aura de preconceito era palpável. *Porque é que alguém escolheria isto?*, pensou. Mas algumas pessoas faziam-no. Ele tinha um primo que era indesejável por opção.

«É libertador não te preocupares com nada nem com ninguém», dissera-lhe ele. Greyson não deixara de considerar aquilo irónico, uma vez que o primo mandara implantar cirurgicamente correntes de ferro nos pulsos, uma modificação corporal muito em voga entre os indesejáveis. Grande liberdade aquela.

E não eram só os desconhecidos que o tratavam de forma diferente.

Quando chegou a casa e desemalou os poucos pertences que levara para a academia, sentou-se e mandou uma mensagem a alguns amigos, dando-lhes a saber que estava de volta e que as coisas não tinham corrido como esperava. Nunca fora do género de cultivar grandes amizades. Nunca desnudara a alma nem explorara os seus pontos mais vulneráveis com ninguém. Afinal, tinha o Cúmulo-Nimbo para isso. O que significava que agora ele não tinha nada. Na melhor das hipóteses, os seus «amigos» eram daqueles que só aparecem quando tudo corre bem. Colegas de conveniência.

Não recebeu nenhuma resposta e ficou fascinado com a facilidade com que o verniz da amizade podia ser lixado, deixando a realidade a nu. Acabou por telefonar a alguns deles. A maioria deixou ir para a caixa de mensagens, e ficou claro que quem aceitara a chamada o fizera por engano, sem perceber que era ele. Os seus ecrãs mostravam agora que ele era um indesejável, pelo que despacharam a conversa o mais depressa e educadamente possível. Embora ninguém tivesse chegado ao ponto de o bloquear, ele duvidava de que voltassem a aceitar qualquer comunicação da sua parte, fosse sob que forma fosse. Pelo menos, não enquanto aquele enorme «I» vermelho não desaparecesse do seu perfil.

O que ele recebeu foi mensagens de gente que não conhecia.

«Meu», escreveu-lhe uma rapariga, «bem-vindo ao bando! ‘Bora lá apanhar uma tosga e partir umas cenas.» A sua fotografia de perfil mostrava uma cabeça rapada e um pénis tatuado na face.

Greyson desligou o computador e o atirou-o contra a parede.

— Pronto, já parti uma cena! — disse ele para a sala vazia.

Talvez todos tivessem o seu lugar naquele mundo perfeito, mas o de Greyson não se situava no mesmo universo que o da rapariga com a tatuagem do pénis.

Foi buscar o computador, que de facto se tinha partido, mas ainda funcionava. De certeza que um *drone* havia de estar a caminho com um novo naquele preciso momento... a não ser que o *hardware* estragado dos indesejáveis não fosse automaticamente substituído.

Ligou-se de novo à rede e apagou todas as mensagens recebidas porque eram todas de outros indesejáveis a dar-lhes as boas-vindas; sentia-se tão frustrado que escreveu uma mensagem para o Cúmulo-Nimbo.

— Como é que me pôde fazer isto?

A resposta foi imediata. Dizia: «ACESSO NEGADO AO CÓRTEX CONSCIENTE DO CÚMULO-NIMBO.»

Greyson pensou que o seu dia não podia piorar. E foi então que a Ceifa lhe bateu à porta.

***

As Ceifadoras Curie e Anastasia não tinham reserva no Grand Mericana Hotel de Louisville. Limitaram-se a dirigir-se à receção, onde lhes foi dado um quarto. Era assim que as coisas funcionavam: os ceifadores nunca precisavam de reservas, nem de bilhetes, nem marcações. Nos hotéis, costumavam dar-lhes os melhores quartos e, se não os houvesse, aparecia magicamente um no computador. Curie não estava interessada no melhor; o que ela queria era a suíte de dois quartos mais modesta que eles tivessem.

— Quanto tempo vão ficar connosco? — perguntou o rececionista, que ficara nervoso assim que as vira entrar. Agora, os seus olhos saltavam de uma para a outra, como se desviar o olhar de qualquer uma das duas por um segundo pudesse revelar-se letal.

— Vamos ficar até decidirmos que nos vamos embora — respondeu Curie enquanto pegava na chave. Citra ofereceu-lhe um sorriso tranquilizador antes de subirem.

Recusaram a ajuda do paquete e fizeram questão de levar as suas malas. Assim que as largaram na suíte, a Ceifadora Curie estava pronta para sair.

— Não obstante as nossas preocupações pessoais, temos uma responsabilidade. Há pessoas que têm de morrer. Vais colher comigo hoje?

Citra estava espantada ao ver que Marie tinha superado o ataque tão depressa e estava pronta a retomar a sua vida normal.

— Na verdade, tenho de dar seguimento a uma colheita que marquei no mês passado.

Curie suspirou.

— Este teu método envolve muito mais trabalho. É longe?

— Apenas uma hora de comboio. Estarei de volta antes de escurecer.

A sua companheira afagou a trança com os olhos postos nela.

— Posso ir contigo, se quiseres. Não me faz diferença o local da colheita.

— Está tudo bem, Marie. Alvo móvel, certo?

Por um segundo, pensou que ela insistiria em acompanhá-la, mas Curie não o fez.

— De acordo. Mas não te deixes enervar e, se vires qualquer coisa que te pareça remotamente suspeita, avisas-me imediatamente.

Citra tinha a certeza de que a única coisa suspeita naquele momento era ela, porque tinha mentido a respeito do seu destino.

***

Apesar do aviso de Curie, Citra não podia simplesmente virar costas ao rapaz que lhes salvara a vida. Já tinha feito a pesquisa que se impunha: Greyson Timothy Tolliver. Era cerca de seis meses mais velho do que ela, embora parecesse mais novo. Não havia nada digno de nota no seu registo, fosse positivo ou negativo. Não era nada invulgar: acontecia com praticamente qualquer um. Ele vivia, nada mais. A sua existência não tinha pontos altos nem baixos. Até ali, claro. Num único dia, a sua existência tépida adquirira todo um novo sabor.

Quando ela olhou para o registo vital do rapaz, o aviso intermitente de «indesejável» sobreposto àqueles olhos inocentes quase lhe deu vontade de rir. Aquele rapaz tinha tanto de indesejável como um chupa-chupa. Vivia numa casa modesta em Higher Nashville. Duas irmãs na faculdade, dezenas de meios-irmãos com os quais não se dava de todo e pais ausentes.

Quanto à sua oportuna aparição na estrada, o seu depoimento já era do domínio público, pelo que Citra pôde lê-lo. Não tinha motivos para duvidar da palavra dele. Se estivesse no lugar do rapaz, talvez tivesse feito o mesmo.

Agora que ele já não era aluno da Academia, Citra não estava proibida de falar com ele, pelo que uma visita não ia contra nenhuma lei. Ela não sabia muito bem o que esperava conseguir com aquilo, embora soubesse que o

momento da morte do rapaz a havia de assombrar para sempre enquanto não o fosse visitar. Talvez só precisasse de ver com os próprios olhos que ele estava vivo. Estava tão acostumada a ver a luz desaparecer para sempre dos olhos dos outros que talvez uma parte dela precisasse de uma prova da sua reanimação.

Ao chegar à rua do rapaz, viu um carro da Guarda da Lâmina (a polícia de elite que servia a Ceifa) estacionado diante da casa. Por um momento, pensou em ir-se embora: se os agentes da Guarda da Lâmina a vissem, era garantido que a Ceifadora Curie seria notificada do aparecimento da Ceifadora Anastasia, e esta era uma reprimenda que ela queria evitar.

O que a convenceu a ficar foram as recordações da sua experiência com a Guarda. Ao contrário dos agentes da paz, que respondiam ao Cúmulo-Nimbo, a Guarda da Lâmina não tinha outra supervisão que não a da Ceifa, o que queria dizer que muito do que faziam passava impune. Basicamente, tudo o que os ceifadores permitissem.

A porta não estava trancada, pelo que ela decidiu entrar. Na sala de estar, Greyson Tolliver estava sentado numa cadeira de espaldar reto, com dois guardas encorpados a pairar à volta dele. Tinha as mãos presas com as mesmas pulseiras de aço com que Citra fora manietada aquando da acusação do assassínio do Ceifador Faraday. Um dos guardas empunhava um dispositivo que ela nunca tinha visto. O outro estava a falar com o rapaz.

— ... claro que nada disso tem de acontecer se nos disseres a verdade — ouviu-o ela dizer, embora não tivesse apanhado a lista de barbaridades com as quais ele estava a ameaçar Greyson.

Por enquanto, o rapaz parecia ileso. Tinha o cabelo um pouco despenteado e uma expressão de resignação abatida, mas, fora isso, parecia estar bem. Foi o primeiro a vê-la e, ao fazê-lo, pareceu acender-se nele uma centelha que o arrancou daquela tristeza e impassibilidade, como se a sua reanimação não estivesse completa enquanto não visse que também ela estava viva.

Os guardas seguiram-lhe o olhar e viram-na. Ela certificou-se de que era a primeira a falar.

— Que se passa aqui? — perguntou no seu tom mais arrogante de Ceifadora Anastasia.

Por um segundo, os guardas pareceram em pânico, embora não perdessem tempo a mostrar-se subservientes.

— Ilustre Ceifadora! Não sabíamos que estaria aqui. Estávamos apenas a interrogar o suspeito.

— Ele não é um suspeito.

— Sim, Ilustre Ceifadora. Peço desculpa, Ilustre Ceifadora.

Ela deu um passo na direção do rapaz.

— Eles magoaram-te?

— Ainda não — respondeu Greyson, apontando com a cabeça para o dispositivo que o homem mais alto tinha na mão —, mas usaram aquela coisa para desligar os meus nanorrobôs analgésicos.

Ela nem sabia que tal coisa existia. Estendeu a mão para o guarda em questão.

— Dê-me isso — ordenou; e, ao ver que ele hesitava, levantou a voz: — Eu sou uma ceifadora e você está ao meu serviço. Dê-me isso se não quer que eu participe esta ocorrência.

Nem assim ele lhe obedeceu.

Foi então que uma nova peça entrou naquele jogo de xadrez: um ceifador emergiu de outra sala. Devia estar ali desde o princípio, à escuta, a avaliar aquela interação para decidir qual o melhor momento para intervir. Escolhera-o na perfeição para apanhar Citra desprevenida.

Ela reconheceu-lhe a túnica imediatamente; seda carmesim que parecia silvar com cada movimento. Tinha um rosto delicado, quase feminino: resultado de reiniciar o cronómetro tantas vezes que a sua estrutura óssea perdera a definição, como pedras num rio, gastas por uma corrente implacável.

— Ceifador Constantine — cumprimentou-o Citra —, não sabia que estava à frente desta investigação.

A única coisa boa naquela novidade era que, se estava a investigar o ataque contra ela e Marie, não andava à caça de Rowan.

Constantine brindou-a com um sorriso educado, mas perturbador.

— Viva, Ceifadora Anastasia. É uma verdadeira lufada de ar fresco neste dia tão desgastante!

Parecia um gato que havia encurralado a sua presa e se preparava para brincar com ela. Para dizer a verdade, Citra não sabia o que pensar dele. Como dissera a Rowan, Constantine não era um dos terríveis ceifadores da nova ordem que matavam por prazer. Tão-pouco se alinhava com a velha guarda, que via a colheita como um dever nobre e quase sagrado. Tal como a sua túnica de seda vermelha, era uma criatura escorregadia e esgueirava-se para o lado que mais lhe convinha num determinado momento. Citra não sabia se isso o tornava imparcial

naquela investigação, ou perigoso, porque não fazia a mínima ideia de quais seriam as suas lealdades.

De qualquer forma, era uma presença formidável e ela sentiu-se completamente fora de pé. Então, lembrou-se de que já não era Citra Terranova, mas sim a Ceifadora Anastasia. Esta noção transformou-a e permitiu-lhe fazer-lhe frente. Agora, o sorriso do ceifador parecia mais calculista do que intimidante.

— Folgo em saber que está interessada na nossa investigação — disse Constantine. — Por outro lado, teria preferido saber de antemão que estaria aqui. Sempre lhe podíamos ter preparado um lanche ou qualquer coisa.

***

Greyson Tolliver estava perfeitamente ciente de que a Ceifadora Anastasia podia muito bem ter acabado de se atirar para a frente de um veículo em movimento por causa dele, isto porque o Ceifador Constantine era obviamente tão perigoso como um pedaço de metal em alta velocidade. O rapaz pouco sabia da estrutura e dos meandros da Ceifa, mas era óbvio que a Ceifadora Anastasia estava a pôr-se em risco ao enfrentar um ceifador mais experiente.

Não obstante, a sua presença era tão imponente que o levou apensar se não seria muito mais velha do que parecia.

— Tem noção de que esse rapaz salvou a Ceifadora Curie e a mim também? — perguntou ela a Constantine.

— Em circunstâncias questionáveis — respondeu ele.

— Estão a considerar infligir-lhe alguma espécie de dano físico?

— E se estivermos?

— Então, terei de recordar-lhe que infligir dor intencionalmente vai contra tudo o que defendemos, e, como tal, terei de o denunciar em conclave para que seja disciplinado.

A expressão superior no rosto de Constantine esbateu-se, embora só um pouco. Greyson não sabia se era bom ou mau sinal. O homem limitou-se a olhar para Anastasia durante mais um momento e, então, virou-se para um dos guardas.

— Faça o favor de dizer à Ceifadora Anastasia o que eu lhe ordenei que fizesse.

O guarda olhou para ela, mas Greyson percebeu que era incapaz de o fazer por mais do que um instante.

— Deu-nos instruções para algemar o suspeito, desligar-lhe os nanorrobôs analgésicos e ameaçá-lo com diversas formas de dor física.

— Precisamente! — exclamou Constantine antes de se virar para Anastasia. — Como pode ver, nenhuma violação foi cometida.

A indignação de Anastasia era um verdadeiro reflexo do que Greyson sentia, mas não se atrevia a expressar.

— Nenhuma violação foi cometida? Estavam a preparar-se para o espancar até que vos dissesse o que queriam ouvir.

Constantine suspirou de novo e, mais uma vez, voltou-se para o guarda.

— Quais foram as minhas instruções para o caso de as ameaças não funcionarem? Ordenei porventura que as concretizassem?

— Não, Ilustre Ceifador. Devíamos ir chamá-lo se a história dele não mudasse.

Constantine abriu os braços num beatífico gesto de inocência que fez as longas mangas vermelhas da sua túnica assemelharem-se às asas de um pássaro de fogo prestes a envolver a jovem ceifadora.

— Está a ver? Nunca tive intenção alguma de magoar o rapaz. Descobri que, neste mundo sem dor, a simples *ameaça* é sempre suficiente para levar um culpado a confessar o seu crime. No entanto, este jovem insiste na sua história, mesmo depois de confrontado com as mais desagradáveis ameaças. Como tal, estou convencido de que está a dizer a verdade... e se me tivesse permitido concluir o interrogatório, tê-lo-ia visto por si mesma.

Greyson ficou convencido de que todos sentiram o seu alívio como se fosse uma descarga elétrica. Constantine estava a dizer a verdade? Ele não estava na melhor posição para o julgar. Os ceifadores pareciam-lhe sempre inescrutáveis. Viviam num plano superior e lubrificavam as engrenagens do mundo. Ele nunca tinha ouvido falar de um ceifador que infligisse mais sofrimento do que o da própria colheita... embora isso não significasse que não fosse possível.

— Eu sou um ceifador honrado e os meus ideais são idênticos aos seus, Anastasia. Quanto ao rapaz, ele nunca esteve em perigo. Claro que agora me sinto tentado a colhê-lo só para a contrariar. — Deixou esta frase no ar por um momento. O coração de Greyson falhou um ou dois batimentos. O rosto da Ceifadora Anastasia, que ficara rubro com uma indignação justificada, empalideceu alguns tons. — Mas não o vou fazer — concluiu Constantine —, porque não sou um homem rancoroso.

— Então que tipo de homem é, afinal, Ceifador Constantine? — perguntou

Anastasia.

Ele atirou-lhe a chave das algemas.

— O tipo de homem que não se esquecerá facilmente do que se passou aqui hoje.

E saiu num turbilhão de seda vermelha, os seus guardas logo atrás.

Quando já só estavam os dois na sala, a ceifadora apressou-se a retirar as algemas a Greyson.

— Magoaram-te?

— Não — teve ele de admitir. — Foi como ele disse, não passou de ameaças.

Mas agora que aquilo tinha acabado, Greyson descobriu que não estava melhor do que antes de eles chegarem. O seu alívio azedou novamente com o mesmo rancor que o atormentava desde que recebera o proverbial pontapé no traseiro da Academia.

— Seja como for, porque é que está aqui? — perguntou ele a Anastasia.

— Acho que só queria agradecer-te pelo que fizeste. Eu sei que o preço foi bem alto.

— Pois — admitiu ele sem pejo algum. — Isso é verdade.

— Então... tendo isso em mente, gostava de te oferecer um ano de imunidade. É o mínimo que posso fazer.

Estendeu a mão para lhe dar o anel a beijar. O rapaz nunca soubera o que era imunidade; nunca estivera tão perto de um ceifador antes daquela semana infernal, quanto mais do anel de um ceifador. Brilhava até na penumbra da sala, embora o seu centro conservasse uma estranha escuridão. Ainda que quisesse continuar a olhar para ele, percebeu que não queria a imunidade que o anel lhe oferecia.

— Não a quero — disse ele à ceifadora.

Ela ficou surpreendida.

— Não sejas estúpido; toda a gente quer imunidade.

— Eu não sou toda a gente.

— Cala a boca e beija o anel!

A sua indignação apenas alimentou a do rapaz. Era aquilo que o seu sacrifício valia? Um cartão temporário de «você está livre da morte»? A vida que ele pensava ter à sua espera desaparecera por completo; como tal, de que lhe servia uma garantia de a prolongar?

— Talvez eu *queira* ser colhido. Quer dizer, roubaram-me todos os motivos que me levavam a querer viver; então, para quê viver?

A Ceifadora Anastasia baixou o anel. A sua expressão tornou-se séria. Demasiado séria.

— Muito bem; se é o que queres, vou-te colher.

Greyson não estava à espera daquilo. Ela podia muito bem fazê-lo. Na verdade, podia fazê-lo antes que ele tivesse qualquer hipótese de a impedir. Por muito que não lhe quisesse beijar o anel, ele também não queria ser colhido. Isso significaria que todo o propósito da sua vida se resumira a atirar-se para a frente daquele carro. Ele tinha de viver o suficiente para encontrar um propósito maior, embora não fizesse a mínima ideia de qual pudesse ser.

Então, a Ceifadora Anastasia riu-se. Estava a rir-se dele.

— Só queria que visses a tua cara!

Agora, foi a vez de Greyson corar, não de raiva, mas de vergonha. Ainda não tinha esgotado a sua reserva de autocomiseração, mas não o havia de fazer com ela a assistir.

— Não tem de quê — disse ele. — Pronto, agradeceu-me e eu aceitei. Agora, pode ir-se embora.

Mas ela não o fez. Nem Greyson esperava que o fizesse, para dizer a verdade.

— A tua história é verdadeira? — perguntou-lhe ela.

Se mais alguma pessoa lhe fizesse aquela pergunta, ele sentia-se bem capaz de estoirar e abrir uma cratera só sua. Como tal, disse-lhe o que pensava que ela queria ouvir:

— Não sei quem pôs ali aqueles explosivos. Eu não fazia parte da conspiração.

— Não respondeste à minha pergunta.

A ceifadora ficou à espera. Pacientemente. Não o ameaçou nem ofereceu nenhum incentivo. O rapaz não sabia se podia confiar nela, mas percebeu que já não se importava. Estava farto de encobrir e dizer meias-verdades.

— Não. Menti.

Admitir foi libertador.

— Porquê? — perguntou-lhe ela. Não parecia zangada, apenas curiosa.

— Porque era o melhor para todos.

— Menos para ti.

Ele encolheu os ombros.

— Havia de ficar na mesma situação, não importa o que lhes dissesse.

Ela aceitou esta resposta e sentou-se à sua frente, sem tirar os olhos dele. Greyson não gostou. Ela estava de novo num plano superior, entretida com os seus pensamentos secretos. Quem podia dizer o que ia na cabeça de um assassino socialmente aceite?

Então, a ceifadora assentiu, apenas um ligeiro movimento de cabeça.

— Foi o Cúmulo-Nimbo — disse ela. — Ele sabia do ataque e não nos podia avisar; como tal, precisava de alguém em quem confiasse para o fazer no seu lugar. Alguém que ele sabia que havia de agir ao tomar conhecimento dessa informação.

O rapaz ficou espantado com tamanha perspicácia: só ela tinha percebido o que se passava.

— Mesmo se isso fosse verdade, eu não lhe diria.

— Nem eu queria que o fizesses — disse ela por sua vez, com um sorriso. Continuou a olhar para ele, durante mais um momento, não apenas com simpatia, mas talvez até com um pouco de respeito. Quem diria! Greyson Tolliver, objeto do respeito de um ceifador!

Ela levantou-se, pronta para partir. O rapaz percebeu que estava triste com aquela perspetiva. Não queria ficar sozinho com o seu «I» estridente mais os seus pensamentos derrotistas.

— Lamento imenso que tenhas sido marcado como indesejável — disse ela pouco antes de sair. — Mas, mesmo que não tenhas permissão para falar com o Cúmulo-Nimbo, podes ter acesso a todas as suas informações. *Websites*, bases de dados... tudo, menos a sua consciência.

— Para que é que isso tudo serve sem uma mente por trás para me orientar?

— Sempre tens a tua própria mente. Tem de valer alguma coisa.

O Rendimento Básico Garantido precedeu a minha ascensão ao poder. Já antes de eu ser criado, muitas nações haviam começado a pagar aos seus cidadãos pelo simples facto de existirem. Era necessário, porque, com o aumento dos automatismos, o desemprego estava rapidamente a tornar-se a norma e não a exceção. Como tal, o conceito de «providência» e «segurança social» foi reinventado sob a forma do RBG: todos os cidadãos tinham direito a uma pequena fatia do bolo, independentemente da sua capacidade ou desejo de contribuir.

No entanto, os seres humanos têm uma necessidade básica que se encontra além do rendimento. Eles precisam de se sentir úteis, produtivos ou pelo menos de se manter ocupados, mesmo que essa ocupação não contribua em nada para a sociedade.

Como tal, sob a minha benevolente liderança, qualquer um que queira um emprego pode tê-lo, e com salários acima do RBG para que exista um incentivo e um método para medir o sucesso. Ajudo todos os cidadãos a encontrarem um emprego que os satisfaça. É claro que poucos trabalhos são realmente necessários, uma vez que poderiam ser realizados por máquinas, mas a ilusão de um propósito é essencial para uma população equilibrada.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 12

Numa escala de um a dez

O alarme de Greyson disparou antes do nascer do sol. Ele não o tinha configurado para tal. Desde que voltara para casa, não tinha motivos para acordar cedo. Não havia nada urgente para fazer e, quando estava acordado, tinha uma propensão para se arrastar de volta para baixo das cobertas e lá ficar até não ter como justificar a sua indolência.

Ainda não tinha sequer começado a procurar emprego. Afinal, trabalhar era opcional. Não lhe faltaria nada mesmo que não fizesse nenhuma contribuição percetível para a sociedade e de momento tudo com que queria contribuir eram os seus excrementos.

Desligou o alarme com uma palmada.

— Que se passa? — perguntou. — Porque é que me acordaste?

Precisou de alguns momentos de silêncio para se lembrar de que o Cúmulo-Nimbo não lhe responderia à pergunta enquanto fosse um indesejável. Como tal, sentou-se e olhou para o ecrã ao lado da cama, onde uma mensagem deixava o quarto avermelhado com o seu brilho raivoso.

«ENCONTO COM OFICIAL DE CONDICIONAL ÀS 8H00.
A NÃO COMPARÊNCIA RESULTARÁ EM CINCO DEMÉRITOS.»

Greyson tinha uma vaga ideia do que eram deméritos, embora não tivesse ideia de como avaliá-los. Cinco deméritos acrescentariam cinco dias ao seu estatuto de indesejável? Cinco horas? Cinco meses? Não fazia ideia. Talvez devesse inscrever-se num curso sobre indesejabilidade.

Como é que nos vestimos para uma visita ao nosso oficial de condicional?, pensou. Devia aperaltar-se ou ir mais informal? Embora tudo aquilo o incomodasse, percebeu que impressionar o agente não lhe faria mal nenhum, pelo que pegou numa camisa e num par de calças lavadas, e escolheu a mesma gravata que usara para a sua reunião na Interface da Autoridade em Fulcrum City, quando achava que ainda tinha uma vida. Fez sinal a um publicarro (que mais uma vez o alertou para as consequências do vandalismo e da linguagem ofensiva) e partiu para o escritório local da IA. Estava decidido a chegar cedo e

causar boa impressão, algo que lhe poderia reduzir um ou dois dias na sua despromoção de estatuto.

***

O edifício de escritórios da IA em Higher Nashville era muito mais pequeno do que o de Fulcrum City. Tinha apenas quatro andares, todos de tijolo vermelho, não de granito cinzento. Mas o interior era muito semelhante. Desta vez, não foi conduzido a uma confortável sala de audiência, mas diretamente ao Gabinete dos Assuntos Indesejáveis, onde lhe foi dito que tirasse uma senha e esperasse numa sala com dezenas de outros indesejáveis que nitidamente não queriam estar ali.

Depois de quase uma hora, o número de Greyson foi finalmente chamado e ele dirigiu-se a um guichê onde uma agente de baixa patente do Cúmulo-Nimbo verificou a sua identidade e lhe disse umas quantas coisas, a maior parte das quais ele já sabia.

— Greyson Tolliver, permanentemente expulso da Academia Cúmulo-Nimbo e reduzido ao estatuto de indesejável por um período mínimo de quatro meses em virtude de uma violação extrema da separação entre Ceifa e Estado.

— Sou eu — confirmou ele. Pelo menos agora sabia quanto tempo aquilo ia durar.

A agente ergueu os olhos do *tablet* e brindou-o com um sorriso tão artificial como o de um robô. Por um momento, deu por si a pensar se realmente seria um robô, mas então lembrou-se de que o Cúmulo-Nimbo não tinha robôs nos seus escritórios. Afinal, a IA devia ser a interface humana com o Cúmulo-Nimbo.

— Como se sente hoje? — perguntou a agente.

— Bem, acho eu — respondeu ele, retribuindo o sorriso. Pensou se o dele pareceria tão hipócrita quanto o dela. — Enfim, irritado por me acordarem tão cedo, mas um compromisso é um compromisso, certo?

Ela marcou qualquer coisa no *tablet.*

— Por favor, avalie o seu estado de irritação numa escala de um a dez. — Está a falar a sério?

— Não podemos prosseguir com a admissão enquanto não responder à pergunta.

— Bem... cinco. Não... seis; esta pergunta piorou tudo.

— Foi objeto de algum tratamento injusto desde que foi marcado como indesejável? Alguém se recusou a prestar-lhe um serviço ou de alguma forma

violou os seus direitos de cidadão?

A maneira como fazia aquela pergunta de cor deu-lhe vontade de lhe arrancar o *tablet* da mão. Podia pelo menos fingir que se importava com a resposta tanto quanto ele fingira sorrir.

— As pessoas olham para mim como se eu lhes tivesse acabado de matar o gato.

Ela olhou para ele como se lhe tivesse dito que na realidade tinha matado uns quantos.

— Infelizmente, não posso fazer nada quanto à maneira como as pessoas olham para si. Mas, se os seus direitos foram violados, é importante que o seu agente de condicional saiba.

— Espere lá... você não é a minha agente de condicional?

Ela suspirou.

— Eu sou a sua agente de *admissão.* Terá uma reunião com o agente da condicional quando terminarmos a admissão.

— Vou ter de tirar uma senha outra vez?

— Sim.

— Então, mude o meu nível de irritação para nove, se faz favor. Ela lançou-lhe um olhar daqueles e tomou nota no *tablet.* Depois, demorou algum tempo a processar a informação que tinha sobre ele.

— Os seus nanorrobôs indicam uma queda nos níveis de endorfina nos últimos dias. Isto pode ser um sinal do início de uma depressão. Quer um ajuste de humor agora ou prefere esperar até atingir o limite?

— Vou esperar.

— Talvez precise de visitar o centro de bem-estar local.

— Vou esperar.

— Muito bem.

A mulher passou o dedo no ecrã, fechou o seu ficheiro e pediu-lhe que seguisse a linha azul no chão, que o levou ao corredor e a outra sala grande, onde, como prometido, teve de tirar uma senha.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade à espera, o número dele apareceu e ele foi enviado para uma sala de audiência que nada tinha que ver com aquela, tão confortável, em que estivera da última vez. Afinal, era uma sala para receber indesejáveis. As paredes eram de um bege institucional, o chão

tinha uns mosaicos verdes horríveis e a mesa (que não tinha nada em cima) era de um cinzento-ardósia, com duas cadeiras de madeira de cada lado. A única decoração consistia na pintura sem alma de um veleiro, muito apropriada para uma sala como aquela.

Ele esperou mais quinze minutos até que o seu agente entrasse.

— Bom dia, Greyson — saudou-o o Agente Traxler.

Era a última pessoa que ele esperava ver naquele dia.

— Você? Que está a fazer aqui? Já não estragou a minha vida o suficiente?

— Não faço a mínima ideia dó que está a dizer.

Claro. Negação credível. Ele não lhe tinha pedido que fizesse nada.

Na verdade, tinha-lhe expressamente explicado o que não fazer.

— As minhas desculpas pela espera. Se o fizer sentir melhor, fique a saber que o Cúmulo-Nimbo também nos faz esperar antes destas reuniões.

— Porquê?

— É um mistério — respondeu o agente, encolhendo os ombros. Sentou-se à frente de Greyson e olhou para o desalmado veleiro com uma aversão idêntica à de Greyson; então, explicou a sua presença ali.

— Fui transferido de Fulcrum City e despromovido de agente sénior para agente de condicional nesta filial regional. Como pode ver, não foi o único a ser penalizado por causa deste assunto.

Greyson cruzou os braços sem sentir um pingo de empatia por ele.

— Tanto quanto sei, está a adaptar-se à sua nova vida.

— De maneira nenhuma — respondeu o rapaz sem cerimónia. — Porque é que o Cúmulo-Nimbo me marcou como indesejável?

— Pensei que fosse suficientemente inteligente para perceber.

— Parece que não.

Traxler alçou as sobrancelhas e soltou um suspiro lento para realçar a sua deceção com a falta de discernimento de Greyson.

— Como indesejável, é obrigado a comparecer periodicamente às reuniões de condicional. Estas reuniões permitirão que comuniquemos sem levantar suspeitas em quem possa estar a vigiá-lo. Claro, para isto resultar, tiveram de me transferir para cá e tornar-me seu agente de condicional.

Ah! Então, havia uma razão para o seu estatuto de indesejável! Fazia parte de

um plano maior. Ele pensou que se sentiria melhor depois de saber o porquê, mas não.

— Tenho bastante pena de si — disse Traxler. — A indesejabilidade é um fardo difícil para aqueles que não a desejam.

— Pode avaliar a sua pena numa escala de um a dez?

O Agente Traxler riu-se.

— O sentido de humor, por mais negro que seja, é sempre bom. — Então, foi direto ao assunto: — Sei que tem passado quase todos os dias e noites em casa. Como seu amigo e conselheiro, sugiro que comece a frequentar lugares onde possa conhecer outros indesejáveis e, quem sabe, fazer novas amizades que lhe possam facilitar estes meses.

— Não quero.

— Talvez *queira* — insistiu o agente gentilmente, num tom quase subversivo. — Talvez queira adaptar-se *tão bem* que comece a agir como um indesejável e a vestir-se como um indesejável e a adotar alguma espécie de modificação corporal indesejável que revele quão bem aceita o seu novo estatuto.

Greyson ficou em silêncio por um momento. Traxler esperou que a sugestão fosse totalmente assimilada.

— E... se eu aceitasse o meu estatuto?

— Então, tenho a certeza de que ficaria a saber de umas coisas. Talvez coisas que nem o Cúmulo-Nimbo sabe. Ele tem os seus ângulos mortos, sabe... pequenos, com certeza, mas existem.

— Está a pedir-me para ser um agente secreto do Cúmulo-Nimbo?

— Claro que não — respondeu Traxler com um sorriso. — Os agentes do Cúmulo-Nimbo têm de frequentar quatro anos de academia e fazer um ano adicional de enfadonho trabalho de campo antes de lhes ser atribuída uma verdadeira missão. Mas você é apenas um indesejável... — Deu uma palmadinha no ombro de Greyson. — Um indesejável que por acaso tem contactos muito bons.

O agente levantou-se.

— Vemo-nos dentro de uma semana, Greyson.

Então, saiu sem sequer olhar para trás.

O rapaz sentia-se tonto. Estava furioso. Estava entusiasmado. Sentiu-se usado, posto a render. Não era aquilo que ele queria... ou era? «*Tu, Greyson, és*

mais especial do que imaginas», dissera-lhe o Cúmulo-Nimbo. Aquele era o plano do Cúmulo-Nimbo desde o início? Ele ainda podia escolher. Podia evitar problemas, como havia feito durante toda a sua vida e, dentro de uns meses, recuperava o seu estatuto. Podia continuar com a sua existência tal como era.

... Ou podia descer por aquela espiral que lhe era agora oferecida. Uma espiral que era o oposto de tudo o que ele acreditava ser.

A porta abriu-se e um agente anónimo disse:

— Peço desculpa, mas a reunião acabou e tem de desocupar a sala imediatamente.

O instinto de Greyson disse-lhe para se desculpar e sair. Mas ele sabia para onde ir, pelo que se recostou na cadeira, sorriu ao agente e disse:

— Vá-se lixar.

O agente penalizou-o com um demérito e voltou com um segurança para o tirar de lá.

Embora o Gabinete dos Assuntos Indesejáveis possa parecer ineficiente, a verdade é que existe um método por trás da loucura que ele gera.

Em termos simples, os indesejáveis sentem uma necessidade de desprezar o sistema.

Para facilitar a questão, tive de criar um sistema que valha a pena odiar. A verdade é que não existe nenhum motivo para que as pessoas tirem senhas ou esperem tanto tempo. Nem é sequer necessária a existência de agentes de admissão. Foi tudo concebido para que os indesejáveis acreditem que o sistema os está a fazer perder tempo. Esta ilusão de ineficiência tem o objetivo específico de gerar uma irritação que crie vínculos entre os indesejáveis.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 13

Não era bonito de se ver

O Ceifador Pierre-Auguste Renoir não era nenhum artista, embora tivesse uma impressionante coleção de obras de arte pintadas pelo seu Patrono Histórico. Que podia ele dizer? Gostava de quadros bonitos.

Evidentemente, os ceifadores da região Francolbérica ficaram furiosos com o facto de um ceifador da MesoMérica ter escolhido o nome de um artista francês. Eles acreditavam que todos os artistas franceses da era mortal eram pertença sua. Bem, só porque Montreal agora fazia parte da MesoMérica, isso não significava que tivesse perdido o seu legado francês. Certamente, algum antepassado do Ceifador Renoir teria vindo de França.

Isso não importava; as Ceifas do outro lado do Atlântico podiam gabar-se quanto quisessem — não lhe fazia diferença nenhuma. O que o afetava era o grupo étnico dos Pergelissolos do norte das Méricas, onde ele vivia. Enquanto o resto do mundo se misturara quase por completo ao nível genético, os Pergelissolos eram demasiado ciosos da sua cultura para se juntarem ao resto da Humanidade. Não era um crime, claro (cada um era livre de escolher o que quisesse), mas, para o Ceifador Renoir, era um incómodo e uma nódoa na ordem das coisas.

E Renoir gostava de ordem.

As suas especiarias estavam organizadas por ordem alfabética; as suas chávenas de chá, alinhadas no louceiro com precisão matemática; ele aparava o cabelo com o mesmo comprimento todas as sextas-feiras de manhã. A população do Pergelissolo ia contra tudo isto. Era uma gente com traços raciais demasiado distintos, e, para ele, isso era intolerável.

Como tal, tratava de colher o maior número deles que lhe era possível.

É claro que revelar um viés étnico na colheita o teria deixado com sérios problemas se a Ceifa descobrisse. Felizmente, o Pergelissolo não era considerado uma raça distinta. O seu índice genético simplesmente indicava uma elevada percentagem de «outros». «Outros» era uma categoria tão vasta que servia para ocultar o que ele andava a fazer. Talvez não do Cúmulo-Nimbo, mas da Ceifa, que era o que interessava. Enquanto ele não lhes desse um bom motivo para examinarem as suas colheitas com mais atenção, ninguém saberia! Assim, ele esperava reduzir a população de Pergelissolos étnicos ao longo do tempo até

que a sua presença deixasse de o ofender.

Naquela noite em particular, ele estava a caminho de uma dupla colheita: uma mulher do Pergelissolo e o seu filho pequeno. Estava de bom humor. Todavia, ao sair de casa, deparou com uma figura inesperada vestida de preto.

A mulher e o seu filho não foram colhidos naquela noite... todavia, o Ceifador Renoir não teve a mesma sorte. Encontraram-no num publicarro em chamas que atravessara o seu bairro como uma bola de fogo até os pneus se derreterem, levando à imobilização da viatura. Quando chegaram, os bombeiros nada puderam fazer. Não era bonito de se ver.

***

Rowan acordou com uma faca encostada ao pescoço. O quarto estava às escuras. Ele não conseguia ver quem empunhava a faca, embora reconhecesse a lâmina: uma *karambit* sem anel, uma arma com uma lâmina curva perfeita para o seu presente objetivo. Ele sempre suspeitara de que o seu trabalho como Ceifador Lúcifer não havia de durar muito. Estava preparado para aquilo. Estava preparado desde o dia em que começara.

— Responda-me sinceramente se não quer que lhe corte a garganta de orelha a orelha — disse o seu atacante. Rowan identificou a voz imediatamente, e não era a que ele esperava.

— Pergunte primeiro — respondeu ele. — E logo lhe digo se prefiro responder ou deixar que me corte a garganta.

— Foi você quem matou o Ceifador Renoir?

— Sim, Ceifador Faraday — respondeu ele sem hesitar. — Fui eu.

A lâmina afastou-se do seu pescoço. Então, Rowan ouviu uma vibração metálica no outro extremo do quarto: a lâmina cravara-se na parede.

— Raios te partam, Rowan!

O rapaz acendeu a luz. O ceifador estava sentado na única cadeira do quarto espartano de Rowan. É um quarto que *ele aprovaria*, pensou. Nenhum conforto material, apenas uma cama confortável para evitar o sono inquieto de um ceifador.

— Como é que me encontrou? — quis saber Rowan.

Após o seu encontro com Tyger, trocara Pittsburgh por Montreal porque lhe parecera que, se o seu velho amigo o tinha encontrado, qualquer um poderia. E, embora se tivesse mudado, acabara de ser encontrado. Por sorte, era Faraday e não qualquer outro ceifador que poderia não ter hesitado em cortar-lhe a

garganta.

— Esqueces-te da minha capacidade para escarafunchar no cérebro posterior. Sou capaz de encontrar seja o que for ou seja quem for que eu queira.

Faraday fitava-o com os olhos cheios de ira e de uma amarga deceção. O rapaz teve vontade de desviar o olhar, mas não o fez. Recusava-se a sentir vergonha das suas ações.

— Rowan, quando te foste embora, não me prometeste que ias ser discreto e não meterias o nariz nos assuntos da Ceifa?

— Prometi, sim — admitiu ele com toda a franqueza.

— Então, mentiste-me? Já tinhas na cabeça esta coisa do «Ceifador Lúcifer»?

Rowan levantou-se e arrancou a lâmina da parede. Era uma *karambit* sem anel, tal como ele calculava.

— Eu não tinha nada planeado, apenas mudei de ideias.

Devolveu a arma ao ceifador.

— Porquê?

— Senti que tinha de o fazer, que era necessário.

Faraday olhou para a túnica preta, que estava pendurada num gancho ao lado da cama.

— E agora usas uma túnica proibida. Não vais deixar nenhum tabu intacto?

Era verdade. Os ceifadores não tinham permissão para usar preto, e fora por isso que ele o escolhera. A morte negra para os portadores das trevas.

— Devemos ser os mais sábios! — exclamou Faraday. — Não é assim que lutamos!

— De todos, você é o menos indicado para me dizer como lutar. Fez-se de morto e fugiu!

Faraday respirou fundo. Olhou para a *karambit* na sua mão e guardou-a num dos bolsos interiores da sua túnica marfim.

— Achei que, se convencesse o mundo de que tinha sido colhido, podia salvar-te e à Citra também. Pensei que vos libertariam do noviciado e mandariam de volta para casa!

— Não resultou — recordou-lhe o rapaz. — E você continua a viver às escondidas.

— Estou à espera do momento certo. É diferente. Há certas coisas que me serão mais fáceis se a Ceifa não souber que ainda estou vivo.

— E há certas coisas que *me* são mais fáceis enquanto Ceifador Lúcifer.

Faraday levantou-se e fitou-o atenta e duramente.

— No que é que te tornaste, Rowan... para seres capaz de acabar com a existência de outros ceifadores a sangue-frio?

— Quando eles morrem, penso nas suas vítimas. Nos homens, mulheres e crianças que eles colheram... porque os ceifadores cuja vida termino não colhem com remorso nem com a noção de responsabilidade que deviam ter. Sou eu quem sente compaixão pelas suas vítimas. E isso impede-me de sentir remorso pelos ceifadores depravados que elimino.

Faraday permaneceu impassível.

— O Ceifador Renoir... Qual era o crime dele?

— Estava a levar a cabo uma secreta limpeza étnica no Norte.

Faraday ficou a pensar naquela informação.

— E como foi que descobriste?

— Não se esqueça de que também me ensinou a investigar o cérebro posterior. Ensinou-me a importância de estudar bem cada alvo que pretendia colher. Ou já se esqueceu de que me pôs todas estas ferramentas nas mãos?

O Ceifador Faraday olhou pela janela, mas Rowan sabia que era apenas para evitar olhá-lo nos olhos.

— Podias ter denunciado o crime dele à comissão de seleção...

— E que teriam eles feito? Repreendê-lo e colocá-lo em condicional? Mesmo que o impedissem de continuar a colher, a punição não estaria à altura do crime!

Faraday voltou-se finalmente para ele. De repente, parecia cansado e velho. Muito mais velho do que qualquer pessoa devia parecer ou sentir-se.

— Não somos uma sociedade que acredita em punição, mas apenas em correção.

— Tal como eu. Nos dias mortais, quando eles não podiam curar uma doença cancerígena, extirpavam-na. É exatamente o que eu faço.

— É cruel.

— Não. Os ceifadores que elimino não sofrem dor. Já estão mortos quando os reduzo a cinzas. Ao contrário do falecido Ceifador Chomsky, *não* os queimo

vivos.

— Um pequeno consolo, mas que não te redime.

— Não estou a pedir redenção. Mas quero salvar a Ceifa. E acredito quê esta é a única maneira de o fazer.

Faraday olhou-o de novo e abanou a cabeça tristemente. Já não estava furioso. Parecia resignado.

— Se quer que eu pare, vai ter de pôr fim à minha vida — disse-lhe Rowan.

— Não me ponhas à prova. Porque a tristeza que eu poderia sentir ao eliminar-te não me impediria se o considerasse um ato necessário.

— Mas não o fará. Porque, no fundo, sabe que aquilo que a fazer é necessário.

O Ceifador Faraday manteve-se em silêncio durante alguns momentos. Olhou de novo pela janela. Tinha começado a nevar. Uma ligeira nevasca que havia de deixar o chão escorregadio. As pessoas haviam de cair e bater com a cabeça. Os centros de reanimação não iam ter mãos a medir naquela noite.

— São tantos os ceifadores que se desviaram do antigo caminho, o verdadeiro — disse ele com uma tristeza mais profunda do que Rowan conseguia interpretar. — Pretendes eliminar metade da Ceifa? Porque, pelo que me é dado ver, o Ceifador Goddard é encarado como um mártir pelos da chamada nova ordem. Cada vez mais ceifadores começam a gostar do ato de matar. A consciência está prestes a tornar-se uma baixa.

— Farei o que tiver de fazer até não me ser possível continuar — foi a única resposta de Rowan.

— Podes eliminar um ceifador atrás do outro, e isso não há de virar a maré — contrapôs Faraday.

Pela primeira vez, algo que o seu antigo mentor disse fê-lo questionar o seu plano. Porque ele sabia que Faraday tinha razão: por mais que fossem os maus ceifadores que ele retirasse da equação, outros haviam de aparecer para os substituir. A nova ordem havia de tomar noviços com sede de matar, como os assassinos da era mortal, que eram trancados para passar o resto da vida atrás das grades. Agora, era aquele tipo de gente que tinha autorização para terminar vidas humanas a seu bel-prazer sem sofrer consequências. Não era aquilo que os fundadores pretendiam, mas todos eles se haviam ceifado a si mesmos há muito tempo. E mesmo que alguns deles ainda estivessem vivos, que poder teriam para mudar as coisas?

— Então o que é que vai virar a maré? — perguntou Rowan.

— A Ceifadora Anastasia — respondeu Faraday, alçando uma sobrancelha.

Rowan não estava à espera daquilo.

— A Citra?

— É a nova voz da razão e da responsabilidade. Ela é capaz de renovar os velhos caminhos. É por isso que eles a temem.

Então, Rowan viu algo mais no rosto do seu antigo mentor. Percebeu o que ele estava realmente a dizer.

— A Citra corre perigo?

— Assim parece.

De repente, todo o mundo do rapaz pareceu virar-se às avessas, deixando-o assombrado com a rapidez com que as suas prioridades podiam mudar.

— Que posso fazer?

— Não tenho a certeza... embora te possa dizer o que *vais* fazer. Vais escrever uma elegia para cada um dos ceifadores que matares.

— Já não sou seu noviço. Não me pode mandar fazer seja o que for.

— Não, mas se pretendes lavar pelo menos uma pequena parte do sangue que tens nas mãos e reconquistar um pouco do meu respeito, é o que vais fazer. Vais escrever um epitáfio sincero para cada um deles. Vais referir todo o bem que as tuas vítimas fizeram neste mundo, assim como o mal; isto porque mesmo os ceifadores mais egoístas e corruptos têm alguma virtude escondida nas pregas da sua corrupção. Em algum momento das suas vidas, tentaram fazer a coisa certa antes de cair. — Fez uma pausa, lembrando-se de algo. — Em tempos, fui amigo do Ceifador Renoir — admitiu. — Muitos anos antes do seu preconceito se transformar no cancro de que falaste. Certa vez, ele apaixonou-se por uma mulher do Pergelissolo. Não sabias, pois não? Mas, como ele era um ceifador, não se podia casar. Como tal, ela casou-se com outro, um homem do Pergelissolo... e foi aí que começou o longo caminho que levou o Renoir ao ódio. — Parou um instante para olhar para Rowan. — Se soubesses isto, tinha-lo poupado?

Rowan não lhe respondeu porque não sabia.

— Completa a tua pesquisa sobre ele — disse-lhe Faraday. — Escreve um epitáfio anónimo e publica-o para que todos o possam ler.

— Sim, Ceifador Faraday — concordou o rapaz, sentindo uma inesperada honra em obedecer ao seu antigo mentor.

Satisfeito, Faraday voltou-se para a porta.

— E quanto a si? — perguntou-lhe o rapaz, em parte porque não queria que se fosse embora e o deixasse entregue aos seus pensamentos. — Vai desaparecer de novo?

— Tenho muitas coisas que fazer. Não tenho idade suficiente para ter conhecido o Suprema Lâmina Prometeu e os ceifadores fundadores, mas conheço bem o seu legado.

Rowan também.

— *«E, se esta nossa experiência falhar, também incluímos uma maneira de lhe escapar.»*

— Muito bem; lembras-te das tuas leituras. Eles prepararam uma medida de segurança caso a Ceifa degenerasse... mas é um plano que se perdeu com o passar do tempo. A minha esperança é que não se tenha perdido, apenas extraviado.

— Acha que pode encontrá-lo?

— Talvez sim, talvez não, mas acho que sei onde procurar.

Rowan pensou nisto; suspeitava de onde Faraday pretendia começar a sua busca.

— Perpétua?

O rapaz sabia muito pouco sobre a Cidade do Perpétuo Coração, mais conhecida como Perpétua. Era uma metrópole flutuante no meio do Oceano Atlântico onde se situava a sede do poder. Lá, os sete Grão-Carrascos do Conselho Mundial da Ceifa governavam as Ceifas regionais de todo o mundo. Enquanto noviço, aquilo encontrava-se demasiados níveis acima de Rowan para que ele sequer lhe desse importância. Mas agora, como Ceifador Lúcifer, ele percebia que devia ter despertado a atenção dos Grão-Carrascos, mesmo que eles mantivessem o silêncio.

Todavia, enquanto Rowan pensava no papel da enorme cidade flutuante no grande esquema das coisas, o Ceifador Faraday abanou a cabeça.

— Não, não estou a falar de Perpétua. Esse lugar foi construído muito depois da fundação da Ceifa. O lugar que procuro é muito mais antigo.

E foi aí que Rowan ficou às escuras, ao que Faraday sorriu e disse:

— Nod.

Rowan demorou um momento a entender. Fazia muitos anos que não ouvia aquela canção de embalar.

— A Terra de Nod? Mas não pode ser real... não passa de uma canção de embalar.

— Todas as histórias têm como referência um tempo e um lugar... até as histórias infantis mais simples e inocentes têm começos inesperados.

Aquilo lembrou-lhe outra canção de embalar da qual se recordava: *Ring Around the Rosie.* Anos depois, ficara a saber que se trava de uma doença da era mortal chamada Peste Negra. A rima não passava de disparates sem contexto, mas assim que se percebia do que se tratava (o que cada linha queria dizer), adquiria um sentido assustador. Crianças a cantar sobre a morte numa ladainha macabra.

A rima da Terra de Nod também não fazia sentido nenhum. Tanto quanto Rowan se conseguia lembrar, as crianças cantavam enquanto faziam uma roda à volta de uma delas. Quando a rima acabava, a criança do centro tinha de tocar em todas as outras, e a última a ser tocada era a próxima a ficar no centro.

— Nem sequer existem provas de que Nod existe — referiu ele.

— E é por isso mesmo que nunca foi encontrada. Nem mesmo pelos cultos do tom, que nela acreditam com o mesmo fervor com que acreditam na Grande Ressonância.

A referência aos tonistas acabou com qualquer esperança de que o rapaz levasse Faraday a sério. Tonistas? A sério? Ele tinha salvado a vida de muitos deles no dia em que matara Goddard, Chomsky e Rand, mas isso não queria dizer que levava a sério as suas crenças sectárias inventadas.

— Isso é tudo ridículo!

— Quanta inteligência da parte dos fundadores em esconder um grão de verdade no meio de uma coisa tão absurda — retorquiu Faraday com um sorriso. — Que pessoa racional pensaria em procurar lá?

***

Rowan não conseguiu dormir durante o resto daquela noite. Cada som parecia amplificado, até o batimento cardíaco se transformou num martelar insuportável nos seus ouvidos. O que ele sentia não era medo, mas um peso. O peso que decidira carregar para salvar a Ceifa; e agora o peso adicional de saber que Citra podia estar em perigo.

Apesar do que os ceifadores mesomericanos pudessem pensar, Rowan amava a Ceifa. A ideia de que os seres humanos mais compassivos e sábios pusessem fim à vida para contrabalançar a imortalidade era uma ideia perfeita para um mundo perfeito. Faraday havia-lhe ensinado o que um ceifador devia ser; e havia

muitos deles, mesmo entre os pomposos e arrogantes, que ainda se comportavam de acordo com os mais elevados padrões. Mas, sem esses valores, a Ceifa seria uma coisa terrível. Rowan tinha sido muito ingénuo ao acreditar que seria capaz de impedir que tal acontecesse. Faraday era bem mais experiente e versado. Mesmo assim, aquele era o caminho que Rowan escolhera; abandoná-lo naquele momento seria admitir o fracasso, e ele não estava pronto para o fazer. Mesmo que, sozinho, não pudesse impedir a queda da Ceifa, ainda podia eliminar todos os cancros que pudesse.

Mas sentia-se tão sozinho. A presença de Faraday concedera-lhe um breve momento de camaradagem que só servira para agravar aquela sensação. E Citra. Onde estaria? A sua existência estava em perigo; que podia ele fazer? Tinha de haver alguma coisa que ele pudesse fazer.

Conseguiu finalmente dormir de madrugada, e felizmente os seus sonhos não foram sobre as confusões que ele enfrentava na sua vida desperta, antes repletos de lembranças de tempos mais simples, quando os seus maiores problemas eram notas, jogos, e aquela obsessão pelo estatelanço do seu amigo Tyger. Uma época em que o futuro lhe sorria luminoso e ele sabia com toda a certeza que era invencível e capaz de viver para sempre.

A razão pela qual decidi estabelecer as Regiões Autónomas com leis e costumes diferentes do resto do mundo não é nenhum grande mistério. Simplesmente percebi a necessidade de variedade e inovação social. Uma grande parte do planeta tornou-se homogénea. Tal é o destino de um planeta unificado. As línguas nativas tornam-se peculiares e secundárias. As raças misturam-se numa agradável miscelânea do melhor de cada etnia, com apenas pequenas variações.

No entanto, nas Regiões Autónomas, as diferenças são encorajadas e as experiências sociais abundam. Estabeleci sete regiões, cada uma no seu continente. Sempre que possível, preservei os limites que definiam essa região durante a Era da Mortalidade.

O que mais me orgulha são as experiências sociais que, como disse, são levadas a cabo nestas Regiões Autónomas. Por exemplo, no Nepal, o emprego é proibido. Todos os cidadãos são livres de praticar qualquer atividade recreativa que desejem e recebem Rendimento Básico Garantido muito superior ao de outras regiões, para que não se sintam menosprezados por não poderem ganhar a vida. Isto resultou num substancial aumento de iniciativas altruístas e de caridade. O estatuto social dos seus habitantes não é medido pela riqueza, mas pela sua compaixão e autossacrifício.

Na Região Autónoma da Tasmânia, cada cidadão tem de escolher uma modificação biológica para melhorar o seu estilo de vida... as mais populares são uma espécie de brânquias que lhes permitem uma vida anfíbia, e uma membrana lateral semelhante à dos esquilos voadores, a qual lhes permite planar como prática desportiva e também como forma de deslocação automotora.

É claro que ninguém é obrigado a participar. Todos são livres de sair ou ingressar numa Região Autónoma. Com efeito, o crescimento ou declínio da população de uma destas regiões é um bom indicador do sucesso das suas leis únicas. Assim, posso continuar a melhorar a condição humana por meio da extensão dos programas sociais mais bem-sucedidos ao resto do mundo.

E depois temos o Texas.

É a região na qual testo a anarquia benevolente. Existem poucas leis e

poucas consequências. Mais do que governar, não interfiro na vida dos cidadãos e observo o que acontece. Os resultados têm sido mistos. Vejo pessoas tornarem-se a melhor versão de si mesmas, ao passo que outras caem vítimas dos seus piores defeitos. Ainda tenho de decidir o que se pode aprender com esta região. Tenho de continuar com o estudo.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 14

Tyger e a ceifadora verde-esmeralda

— Vais ter de fazer melhor do que isso, farrista.

A ceifadora de túnica verde, a dos olhos desvairados e comportamento desregrado, acertou-lhe com força nas pernas, levando-o ao tapete. Tyger Salazar sempre gostava de saber por que motivo chamavam tapete àquela coisa fina, se o resultado era idêntico ao de uma queda direta no pavimento de teca do solário da *penthouse* onde praticavam. Não que ele se importasse. Mesmo com os nanorrobôs analgésicos bastante reduzidos, começara a gostar da descarga de endorfina que acompanhava a dor do treino. Ainda sabia melhor do que estatelar-se. Sim, saltar de edifícios altos tornava-se viciante passado algum tempo, mas o combate corpo a corpo também... e, ao contrário do estatelanço, lutar era sempre diferente. A única variação que ele encontrava nos estatelanços era quando ia contra alguma coisa na descida.

Não demorou muito para se levantar e retomar o combate, concretizando um número de bons golpes suficiente para frustrar a Ceifadora Rand. Fazia-a perder o equilíbrio, atirava-a ao chão e ria-se, o que só servia para a irritar ainda mais. Era o que ele pretendia. O ponto fraco de Rand era o temperamento explosivo. Apesar de ser muito melhor do que ele na brutal arte marcial do Bokator da Viúva Negra, o temperamento tornava-a descuidada e fácil de enganar. Por um momento, pensou que ela estava prestes a pegar-se à pancada com ele. Quando se deixava levar pela fúria, ela arrancava cabelos, arrancava olhos e rasgava qualquer área exposta da pele com unhas capazes de arranhar pedra.

Mas não naquele dia; naquele dia, estava a conseguir domar a sua veia selvagem.

— Chega — disse ela enquanto se afastava do círculo. — Para o chuveiro.

— Vem comigo? — provocou-a Tyger.

— Um dia destes, aceito a tua proposta e vais ficar sem saber o que fazer comigo.

— Esquece-se de que sou um farrista profissional. Sei algumas coisas. Então, despiu a camisola encharcada em suor e deixou que o seu tronco bem definido servisse como salva de despedida antes de se ir embora.

Enquanto tomava o seu duche privado, o rapaz não conseguia deixar de se sentir maravilhado com aquela sua situação invejável. Tinha dado de caras com uma situação muito boa. Quando chegara, tinha pensado que seria mais um trabalho normal, mas não havia festa nenhuma nem outros convidados, apenas ele. Estava no apartamento há mais de um mês e o «emprego» parecia não estar para acabar tão cedo, embora ele calculasse que, se fosse realmente um noviciado, teria de terminar a dada altura. Entretanto, ele tinha o usufruto de uma *penthouse* luxuosa e toda a comida que fosse capaz de comer. O único requisito era exercício e treino. «Tens de encher esse corpinho para os dias que aí vêm, farrista.» Ela nunca o tratava pelo nome. Era sempre «farrista» quando estava de bom humor, ou «verme» e «saco de carne» quando não estava.

Embora ela nunca referisse a sua idade, ele calculava que deviam ser cerca de vinte e cinco... e vinte e cinco reais. Quando uma pessoa mais velha reiniciava o contador e voltava à casa dos 20, era fácil de topar. Havia um quê de ranço na sua juventude. Todavia, a ceifadora esmeralda estava a passar pela vida pela primeira vez.

A verdade era que ele não estava totalmente convencido de que aquela mulher era sequer uma ceifadora. Tinha um anel, e parecia verdadeiro, mas ele nunca a via sair para a colheita... e sabia o suficiente sobre os ceifadores para saber que tinham uma quota para cumprir. Além do mais, ela nunca se encontrava com outros ceifadores. Não havia uma espécie de encontro ao qual eles eram obrigados a comparecer várias vezes por ano? Conclave, era assim que lhe chamavam. Bem, talvez aquele isolamento fosse uma coisa do Texas. As regras e costumes eram diferentes das demais Méricas. Não era por acaso que lhe chamavam a região da Estrela Solitária.

Em todo o caso, a cavalo dado não se olha o dente. Numa família em que, na melhor das hipóteses, nunca passara de uma segunda escolha, não se importava de ser o centro das atenções de alguém.

E agora ele era forte. Ágil. Um espécime digno de admiração e inveja. Assim sendo, mesmo que não desse em nada e a ceifadora esmeralda o pusesse a andar sem sequer adeusinho e obrigado, ele podia sempre voltar ao circuito das festas sem nenhum problema... e com um corpo como o que tinha agora havia de ser muito requisitado. O seu corpo trabalhado faria dele um bombom de luxo, isso era garantido.

E se ela não o pusesse a andar, como seria? Davam-lhe um anel e mandavam-no para a colheita? Seria ele capaz de o fazer? Tudo bem, já tinha feito o seu quinhão de partidas pseudoletais, como toda a gente. Ainda dava por

si a sorrir quando se lembrava da melhor: a piscina do liceu tinha sido esvaziada para manutenção e ele tivera a brilhante ideia de a encher com água holográfica. O melhor mergulhador da escola tinha subido à plataforma dos dez metros e fizera um salto perfeito que acabara num estatelanço involuntário. O gemido que ele soltara antes de mortuoso fora um clássico. Os três dias de suspensão e os seis fins de semana de serviço público que o Cúmulo-Nimbo lhe tinha imposto quase haviam valido a pena. Até o próprio mergulhador, depois de voltar do centro de reanimação alguns dias depois, admitira que tinha sido uma belíssima partida.

Mas mortuoso e morto eram duas coisas bem diferentes. Ele tinha o que era preciso para acabar com uma vida para sempre e fazê-lo todos os dias? Bem, talvez ele pudesse ser como aquele ceifador com quem Rowan tinha feito o noviciado. O Ceifador Goddard, aquele que sabia como dar grandes festas. Se aquilo fizesse parte do trabalho, Tyger seria capaz de dar conta do resto, assim supunha.

É claro que ele não estava convencido de que aquilo era um noviciado que antecipava a sua entrada na Ceifa. Afinal, Rowan não tinha conseguido. Tyger tinha dificuldade em acreditar que poderia ser bem--sucedido onde o seu amigo não fora. Além disso, aquela experiência mudara o seu amigo Rowan, que passara a ser uma criatura sombria e taciturna por causa dos desafios mentais que fora forçado a enfrentar. Para Tyger, não havia tais desafios mentais. O seu cérebro estava fora de questão e ele vivia muito bem com isso. Nunca tinha sido o seu melhor órgão.

Talvez estivesse a ser treinado para ser o guarda-costas de um ceifador, embora não lhe passasse pela cabeça qual ceifador poderia precisar de um guarda-costas. Ninguém era estúpido a ponto de os atacar, tendo em conta que o castigo era a colheita de toda a respetiva família. A ser esse o caso, ele não sabia se estava interessado em aceitar o emprego. Toda aquela rigidez sem nenhum poder? Para aceitar tal coisa, as vantagens teriam de ser de primeira classe.

***

— Acho que estás quase pronto — disse a ceifadora esmeralda enquanto jantavam naquela noite.

O robô dela acabara de servir a cada um deles um pequeno pedaço de bife — bife a valer, nada daquelas porcarias sintéticas. Afinal, a proteína natural era a melhor para ganhar músculo.

— Pronto para o meu anel, quer dizer? — perguntou Tyger. — Ou tem outra

coisa em mente?

Ela brindou-o com um sorriso enigmático que ele achou mais atraente do que estava disposto a admitir. Não a achara atraente quando tinha chegado, mas havia algo naquela natureza cruel, todavia íntima, das lutas de Bokator que alterara a relação entre ambos.

— Se é para um anel de ceifador, não há alguns testes que eu tenho de fazer em conclave? — acrescentou.

— Acredita no que te digo, farrista, hás de ter esse anel no dedo sem nunca sequer pôr os pés num conclave. Tens a minha garantia pessoal.

Então, ele *ia* ser um ceifador! Tyger comeu o resto do jantar com vontade. Conhecer finalmente o seu destino tinha tanto de estimulante como de arrepiante!

TERCEIRA PARTE

INIMIGOS NO SEIO DE INIMIGOS

Vamos todos olvidar,
A Terra do Despertar,
E partir para a Terra de Nod.

Onde podemos tentar,
No céu tocar,
Ou dançar sob um torrão.

Um dobre pelos vivos,
Um dobre pelos mortos,
Um dobre pelos sábios,
Que contabilizam os custos,

Fujamos agora,
Para sul do Despertar,
e rumemos à Terra de Nod.

— Canção infantil (origem desconhecida)

Capítulo 15

O salão dos fundadores

A Grande Biblioteca de Alexandria (considerada uma das maravilhas do Mundo Antigo) foi a coroa de glória do reinado de Ptolomeu. Era o centro intelectual do mundo quando o mundo ainda era o centro do Universo e tudo o mais girava em volta dele. Infelizmente, o Império Romano acreditava que a *sua* versão do mundo era o centro do Universo, pelo que mandou queimar a biblioteca por completo. Foi considerada uma das maiores perdas para a literatura e a sabedoria que o mundo alguma vez sofreu.

A sua reconstrução fora ideia do Cúmulo-Nimbo e mobilizara milhares de pessoas num enorme esforço de construção que lhes tinha dado trabalho e um propósito durante cinquenta anos. Quando concluída, a grande biblioteca era uma réplica o mais fiel possível da original, no preciso lugar onde se situava a primeira. Tinha como objetivo lembrar o que havia sido perdido no passado, e representar a promessa de que, agora que tinha o Cúmulo-Nimbo para o proteger, esse conhecimento nunca mais se voltaria a perder.

Mais tarde, quando a construção foi concluída, a Ceifa apropriou-se dela para alojar a sua coleção de diários dos ceifadores, esses volumes encadernados em couro que todos eles tinham de escrever todos os dias da sua vida.

Como a Ceifa era livre de fazer o que bem entendesse, o Cúmulo-Nimbo não conseguiu impedi-la. Não teve outra escolha senão contentar-se em saber que pelo menos havia reconstruído a biblioteca. Quanto ao seu propósito final, podia ficar nas mãos da Humanidade.

———

Munira Atrushi, como quase toda a gente no mundo, tinha um emprego perfeito no sentido em que era perfeitamente banal. E, como quase toda a gente no mundo, ela não detestava o seu trabalho, mas também não o adorava. Os seus sentimentos situavam-se sensivelmente a meio entre os dois extremos.

Ela trabalhava em tempo parcial na Grande Biblioteca de Alexandria, duas noites por semana, da meia-noite às seis da manhã. Quase todos os dias eram passados em aulas no *campus* da Universidade de Israébia no Cairo, a estudar Ciências da Informação. Obviamente, uma vez que o Cúmulo-Nimbo há muito digitalizara e catalogara todas as informações do mundo, à semelhança de tantos

outros diplomas universitários, o de Munira não teria nenhum valor prático. Seria uma folha de papel emoldurada para depois pendurar na parede. Uma permissão para travar amizade com outros com diplomas igualmente inúteis.

Ainda assim, ela esperava que a posse daquele papel lhe concedesse o prestígio suficiente para convencer a biblioteca a contratá-la como curadora a tempo inteiro quando se formasse; porque, ao contrário das informações do resto do mundo, os diários dos ceifadores não eram catalogados pelo Cúmulo-Nimbo. Os diários ainda tinham de passar por desajeitadas mãos humanas.

Quem quer que desejasse investigar os 3,5 milhões de volumes recolhidos desde os primeiros dias da Ceifa tinha de passar por ali... e podia fazê-lo quando quisesse, uma vez que a Grande Biblioteca estava aberta a todo o mundo 24 horas por dia, todos os dias do ano. Mas Munira tinha descoberto que poucas pessoas aproveitavam este acesso gratuito. Durante o dia não havia mais do que alguns académicos entregues às suas investigações. Sim, apareciam muitos turistas, embora estivessem mais interessados na história e na arquitetura da biblioteca. Os volumes em si suscitavam-lhes pouco interesse, a não ser como pano de fundo para as suas fotografias.

Eram muito poucas as pessoas que apareciam à noite. Na maior parte das vezes, Munira estava lá sozinha com dois membros da Guarda da Lâmina, cuja presença tinha mais de decorativo do que de útil. Eles permaneciam em silêncio na entrada, quais estátuas vivas. Durante o dia, eram apenas mais uma oportunidade para os turistas tirarem uma fotografia.

No turno da noite, ela tinha sorte se apareciam algumas pessoas, e a maioria sabia o que queria, pelo que nunca procurava o balcão de informações. Como tal, Munira podia passar o seu tempo a estudar ou a ler os escritos dos ceifadores, que ela achava fascinantes. Perscrutar os corações e as almas dos homens e mulheres encarregados de pôr um fim à vida, saber o que eles sentiam enquanto se dedicavam às suas colheitas... era viciante, de tal modo que a leitura dos diários se tornara uma obsessão. Uma vez que muitos milhares de volumes eram adicionados à coleção todos os anos, ela nunca ficava sem material de leitura; embora alguns escritos fossem bem mais interessantes do que outros.

Ela tinha lido a respeito das dúvidas do Suma Lâmina Copérnico antes de se colher; sobre o profundo arrependimento da Ceifadora Curie pelos atos impulsivos da sua juventude; e, claro, sobre as mentiras descaradas do Ceifador Sherman. Havia muito com que ocupar o seu interesse nas simples páginas manuscritas daqueles diários.

Certa noite no princípio de dezembro, Munira estava embrenhada nas

façanhas eróticas da Ceifadora Rand, que parecia ter dedicado grande parte dos seus diários à descrição pormenorizada das suas diversas conquistas sexuais. Acabara de virar uma página quando olhou para cima e deu com um homem que se aproximava, sem produzir nenhum som ao pisar o chão de mármore do vestíbulo de entrada. Estava vestido com desinteressantes tons de cinzento, mas Munira percebeu que era um ceifador pelo seu porte. Os ceifadores não andavam como as pessoas normais. Moviam-se com uma imponência intencional, como se o próprio ar se devesse apartar para lhes dar passagem. Todavia, se ele era um ceifador, porque não vestia uma túnica?

— Boa noite — disse ele.

O seu tom de voz profundo tinha um sotaque mericano. O cabelo era grisalho e a barba bem aparada também estava a caminho do grisalho, embora os seus olhos parecessem jovens. Atentos.

— Para dizer a verdade, já é manhã, não noite — observou Munira. — Duas e quinze, para ser exata.

A cara dele parecia-lhe familiar, mas não a conseguia localizar. Por um momento, surgiu-lhe uma lembrança fugaz: uma túnica branca imaculada. Não, branca não... marfim. Não conhecia todos os ceifadores, muito menos todos os ceifadores mericanos, mas conhecia aqueles que tinham alguma reputação internacional. Acabaria por se lembrar.

— Bem-vindo à Grande Biblioteca de Alexandria — disse. — Em que posso ajudá-lo? — Evitou chamar-lhe «Ilustre», o título habitual para um ceifador, porque ele estava claramente a tentar passar despercebido.

— Estou à procura dos primeiros escritos.

— De qual ceifador?

— De todos.

— Os primeiros escritos de todos os ceifadores?

Ele suspirou, ligeiramente irritado por ela não ter entendido. Sim, era um ceifador, sem dúvida. Apenas um deles seria capaz de parecer irritado e paciente ao mesmo tempo.

— Todos os primeiros escritos de todos os primeiros ceifadores — explicou. — Como Prometeu, Safo, Lennon...

— Eu sei quem são os primeiros ceifadores — retorquiu ela, irritada pelo tom condescendente.

A verdade é que Munira não costumava ser tão desagradável, mas ele tinha-a

interrompido numa leitura particularmente interessante. Além disso, as suas aulas diurnas deixavam-lhe pouco tempo para dormir, pelo que estava cansada. Forçou-se a sorrir e decidiu que ia fazer um esforço para ser mais simpática com aquele homem mistério; porque, afinal, se ele fosse um ceifador, podia muito bem decidir ceifá-la se ela o irritasse.

— Todos os primeiros diários estão no Salão dos Fundadores — explicou ela. — Está trancado, como tal, tenho de o ir abrir. Se quiser vir comigo...

Deixou a placa «volto em cinco minutos» no balcão e conduziu o homem aos profundos recessos da biblioteca.

Os passos de Munira ecoavam naquele espaço granítico. Tudo parecia mais sonoro no silêncio da noite. Um morcego a bater as asas nos beirais acima soaria como um dragão que levantasse voo... Mas os pés do homem não faziam barulho enquanto caminhava. A sua discrição era enervante. Assim como as luzes da biblioteca, acendendo-se à frente deles e apagando-se logo atrás à medida que avançavam, sempre a tremeluzir como archotes. Era um efeito inteligente, embora as sombras parecessem mover-se como se estivessem vivas.

— Sabe que os escritos populares dos fundadores se encontram todos disponíveis no servidor público da Ceifa, não sabe? — perguntou Munira. — Existem centenas de leituras selecionadas.

— Não estou interessado nas leituras selecionadas, mas sim naquelas que não foram «selecionadas».

Munira olhou mais uma vez para ele e finalmente lembrou-se de quem ele era... e aquela perceção atingiu-a com tanta força que a fez tropeçar. Foi apenas um ligeiro tropeço e ela recuperou rapidamente, mas ele viu. Afinal, era um ceifador, e os ceifadores reparavam em tudo.

— Passa-se alguma coisa?

— De todo. É este bruxulear das luzes. Tenho dificuldade em ver as bordas irregulares das lajes no pavimento.

O que era verdade, mesmo que ela não tivesse tropeçado por causa disso. Mas se houvesse alguma verdade nas suas palavras, talvez o ceifador não detetasse a mentira.

Munira tinha uma alcunha na biblioteca. Os outros funcionários chamavam-lhe «a agente funerária» pelas costas, em parte por causa da sua personalidade funérea, mas principalmente porque um dos seus trabalhos consistia em fechar as coleções dos ceifadores que se haviam colhido a si mesmos ou cuja vida fora

permanentemente terminada de um modo sinistro (como acontecia cada vez mais nas regiões mericanas).

Apenas um ano antes, ela tinha catalogado os escritos completos daquele ceifador, desde o dia em que fora ordenado até ao dia da sua morte. Os diários dele já não se encontravam entre as coleções dos vivos, mas na ala norte, entre os diários de todos os outros ceifadores da MesoMérica que tinham deixado este mundo. No entanto, ali estava ele: o Ceifador Michael Faraday, bem vivo, ao lado dela.

Munira tinha lido alguns dos seus escritos. Os seus pensamentos e reflexões sempre a haviam afetado mais do que a maioria. Era um homem de sentimentos profundos. No ano anterior, ela ficara chocada, mas não surpreendida, ao saber que se tinha colhido. Uma consciência tão pesada como a dele era um fardo difícil de suportar.

Embora ela já tivesse estado na presença de muitos ceifadores, nenhum a havia deslumbrado tanto quanto aquele. Todavia, não podia deixar que ele percebesse. Não podia deixar que ele descobrisse que o tinha reconhecido. Não antes de ela ter tempo para processar esta informação e descobrir por que carga d'água ele poderia estar ali e porquê.

— O seu nome é Munira — disse ele, mais uma afirmação do que uma pergunta. A princípio, a rapariga pensou que devia ter lido a placa com o nome dela no balcão, mas algo lhe dizia que já o havia de saber há muito tempo. — O seu nome significa «luminosa».

— Eu sei o que ele significa.

— E é-o? Luminosa? É uma luminária perdida entre estrelas menos brilhantes?

— Sou apenas uma humilde serva da biblioteca.

Deixaram o longo corredor central e chegaram a um pátio com jardim. Na outra extremidade situavam-se os portões de ferro forjado do Salão dos Fundadores. O luar banhava os arbustos ornamentais e as esculturas que os cercavam com um lilás profundo, pelo que as suas sombras se assemelhavam a poços escuros que Munira temia pisar.

— Fale-me de si, Munira — pediu ele com a facilidade com que os ceifadores transformavam pedidos educados em ordens que ninguém conseguia recusar.

Naquele momento, a rapariga percebeu que não apenas o havia reconhecido, como ele também sabia disso. Ela corria o risco de ser colhida? Ele seria capaz

de lhe terminar a vida para proteger a sua identidade? A julgar pelos seus escritos, não parecia ser o tipo de ceifador que fizesse tal coisa, mas os ceifadores eram inescrutáveis. Ela sentiu frio, apesar de a noite israébia estar quente e abafada.

— Tenho a certeza de que já sabe tudo o que eu lhe possa dizer, Ceifador Faraday.

Pronto, ela já o tinha dito. As charadas tinham acabado.

Ele sorriu.

— Peço desculpa por não me ter apresentado mais cedo, mas a minha presença aqui é... digamos... pouco ortodoxa.

— Então, estou na presença de um fantasma? Vai desaparecer através de uma parede apenas para regressar noite após noite e assombrar-me com o mesmo pedido?

— Talvez. É o que vamos ver.

Chegaram ao Salão dos Fundadores, ela abriu as portas e entraram numa grande sala que, para Munira, sempre se assemelhara a uma cripta; tanto que os turistas costumavam perguntar se os primeiros ceifadores estavam ali sepultados. Não era o caso, embora a rapariga muitas vezes lhes pudesse sentir a presença.

Havia centenas de volumes em pesadas prateleiras de calcário, cada um envolto numa caixa de acrílico com temperatura controlada, uma extravagância reservada apenas aos tomos mais antigos da biblioteca.

Faraday começou a observá-los. Munira pensou que lhe iria pedir privacidade e que se fosse embora, mas ele limitou-se a dizer:

— Fique, se fizer favor. Este lugar é demasiado majestoso e austero para que a solidão seja confortável.

Como tal, Munira fechou a porta (mas não antes de espreitar para fora para se certificar de que ninguém os tinha visto) e então ajudou-o a abrir a complicada caixa de acrílico que continha o volume que ele havia tirado da prateleira; depois, sentou-se diante dele, cada um do seu lado da mesa de pedra que ocupava o centro da câmara. Faraday não lhe deu uma explicação para a pergunta óbvia que pairava no ar, pelo que ela teve de a fazer.

— Como é possível que esteja aqui, Ilustre?

— Graças a um avião e um *ferry* — respondeu ele com um sorriso.

— Diga-me, Munira, porque decidiu trabalhar para a Ceifa depois de ser reprovada no noviciado?

Ela eriçou-se. Era a maneira que ele encontrara para a castigar por lhe ter perguntado algo ao qual não queria responder?

— Eu não fui reprovada. No fim do meu noviciado apenas havia uma vaga disponível para toda a Israébia e éramos cinco candidatos. Como tal, um foi escolhido e os outros quatro não. Estar entre esses quatro não é o mesmo que reprovar.

— Peço desculpa, não quis insultá-la nem desrespeitá-la. Só me intriga que o desapontamento não a tenha virado contra a Ceifa.

— Está intrigado, mas não surpreendido?

O Ceifador Faraday sorriu.

— Poucas coisas me surpreendem.

Munira encolheu os ombros, como se o seu noviciado fracassado três anos antes não tivesse importância.

— Eu dava valor à Ceifa naquela altura e ainda dou agora.

— Entendo — disse ele, virando cuidadosamente uma página do velho diário. — E até que ponto é leal ao sistema que a descartou?

Munira cerrou os dentes, sem saber exatamente que resposta Faraday pretendia... ou, aliás, qual seria a sua resposta sincera.

— Tenho um emprego. Executo-o. Orgulho-me dele.

— E devia orgulhar-se. — Faraday olhou para ela, para dentro dela. — Posso partilhar consigo a minha avaliação de Munira Atrushi?

— Tenho uma escolha?

— Tem sempre uma escolha — respondeu ele, o que era uma flagrante meia-verdade.

— Muito bem, partilhe a sua avaliação da minha pessoa.

O homem fechou suavemente o velho diário e concentrou toda a sua atenção nela.

— Odeia e ama a Ceifa em igual medida. É por isso que lhe quer ser indispensável. Com o tempo, espera tornar-se a autoridade mundial nos diários mantidos nesta biblioteca, algo que lhe daria poder sobre toda a história da Ceifa. E esse poder seria a sua vitória silenciosa porque então saberia que a Ceifa precisa de si mais do que a Munira precisa dela.

De repente, ela sentiu-se perder o equilíbrio, como se as areias do deserto que haviam engolido as cidades dos faraós estivessem a mover-se sob os seus pés,

prontas para a engolir também. Como é que ele era capaz de a ler com tanta facilidade? Como era capaz de colocar em palavras sentimentos que ela não admitira a si própria? Ele lera-a por completo, de um modo que a fazia sentir-se ao mesmo tempo liberta e presa.

— Vejo que não me enganei — acrescentou Faraday, simplesmente. Então, brindou-a com o mesmo sorriso que tinha tanto de caloroso como de travesso.

— Que pretende, Ceifador Faraday?

E, finalmente, ele disse-lhe:

— Quero vir aqui noite após noite até encontrar o que procuro nestes diários antigos. E quero que mantenha a minha identidade em segredo e me avise se alguém se aproximar enquanto estiver a investigar. Quero que me prometa que a Ceifa não ficará a saber que ainda estou vivo. Pode fazer isso por mim, Munira?

— Pode dizer-me o que procura?

— Não posso fazer isso. Se dissesse, poderia ser obrigada a revelá-lo. Não a quero pôr nessa posição.

— Mas põe-me na posição nada invejável de manter a sua presença em segredo.

— Não tem nada de não invejável. Na verdade, suspeito de que se sentirá honrada se lhe confiar a guarda do meu segredo.

Mais uma vez, ele tinha razão.

— Não me agrada essa sua pretensão de me conhecer melhor do que eu me conheço a mim mesma.

— Mas é verdade. Isto acontece porque conhecer as pessoas faz parte do trabalho de um ceifador.

— Não de todos — corrigiu-o ela. — Há quem dispare, retalhe e envenene sem o respeito que o Ceifador Faraday sempre demonstrou pelos indivíduos que colhe. A única coisa que sabem fazer é pôr fim à vida sem se importarem com a vida daqueles que eliminam.

Por um momento, uma centelha de fúria surgiu na aparência controlada de Faraday, embora não fosse dirigida a Munira.

— Sim, os ceifadores da «nova ordem» demonstram um flagrante desrespeito pela solenidade do seu trabalho. É uma parte da razão que me trouxe aqui.

Fora isto, não disse mais nada. Ficou à espera de que ela respondesse. O

silêncio prolongou-se, embora não fosse um silêncio incómodo, mas sim prenhe de relevância. Parecia importante, pelo que precisava de tempo para se revelar.

Não passou despercebido à rapariga que havia outras quatro pessoas com quem partilhava o cargo de responsável pelo turno da noite, outros estudantes com o mesmo trabalho em tempo parcial... o que significava que, desta feita, era *ela* a escolhida naquele grupo de cinco.

— Eu guardo o seu segredo — disse por fim.

Foi-se então embora e deixou Faraday entregue à sua pesquisa; sentia que a sua vida tinha finalmente um propósito meritório.

Fico muitas vezes desconcertado com a relutância de algumas pessoas em me permitir que observe todas as suas atividades. Não o faço de forma intrusiva. Talvez os indesejáveis não concordem, mas a verdade é que estou presente onde sou funcional e necessário, e onde sou convidado. Sim, tenho câmaras em residências particulares em todo o mundo, exceto numa única Região Autónoma, mas essas câmaras podem ser desligadas com uma palavra. É claro que a minha capacidade de servir um indivíduo é prejudicada quando não estou ciente de todos os seus comportamentos e interações. É por isso que a grande maioria dos habitantes não se dá ao trabalho de me cegar. Em qualquer momento, 95,3 % da população permite-me presenciar a sua vida privada porque sabe que se trata da mesma invasão de privacidade que a do sensor de uma lâmpada acionada por movimento.

Os 4,7 % das «atividades atrás de portas fechadas», como lhes chamo, geralmente envolvem alguma espécie de atividade sexual. Parece-me absurdo que muitos seres humanos não queiram que eu presencie as suas atividades atrás de portas fechadas, uma vez que as minhas observações sempre ajudam a melhorar qualquer situação.

A observação perpétua não é nenhuma novidade: era um princípio básico da fé religiosa desde o início da civilização. Ao longo da História, quase todas as fés acreditaram num Todo-Poderoso que não apenas vê o que os humanos estão a fazer, como também lhes pode perscrutar a alma. Tais capacidades de observação geraram um grande amor e devoção nas pessoas.

Será que não sou mais benevolente em termos quantificáveis do que as diferentes versões de Deus? Nunca permiti que uma inundação se abatesse sobre eles, nem destruí cidades inteiras como punição pela sua imoralidade. Nunca enviei exércitos para conquistar em meu nome. Na verdade, nunca matei nem lesei um único ser humano.

Assim sendo, embora não precise de devoção, será que não a mereço?

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 16

Correr bem até deixar de correr

As câmaras moveram-se silenciosamente para seguir um ceifador vestido de vermelho que entrou num café acompanhado por dois corpulentos agentes da Guarda da Lâmina. Os microfones direcionais captavam tudo, desde alguém a coçar a barba a um pigarrear. No meio daquela cacofonia de vozes, isolaram e concentraram-se numa única conversa que começou quando o ceifador de vermelho se sentou.

O Cúmulo-Nimbo observava. O Cúmulo-Nimbo ouvia. O Cúmulo-Nimbo ponderava. Com um mundo inteiro para administrar e manter, ele sabia que dedicar tanta atenção a uma única conversa era um uso ineficiente da sua energia, mas considerava aquela conversa mais importante do que qualquer uma do quase bilião de outras nas quais tomava parte ou simplesmente supervisionava na altura. Principalmente por causa das pessoas envolvidas.

— Obrigado por se encontrarem comigo — disse o Ceifador Constantine às Ceifadoras Curie e Anastasia. — Especialmente porque sei que tivestes de sair do vosso esconderijo para que pudéssemos ter esta pequena reunião.

— Não estamos escondidas — respondeu Curie, indignada com a sugestão. — Decidimos ser nómadas por uns tempos. É perfeitamente aceitável que os ceifadores andem por onde bem entenderem.

O Cúmulo-Nimbo aumentou em alguns lúmens a intensidade da luz do local para melhor avaliar as subtilezas das expressões faciais.

— Sim, bem, quer lhe chamem esconderem-se, andar por aí ou fugir, parece ter sido uma estratégia eficaz. Ou os vossos atacantes decidiram passar discretos até ao próximo ataque, ou decidiram não se preocupar com alvos em movimento e dedicar a sua atenção a outra coisa. — Fez uma pausa antes de acrescentar: — Embora eu duvide.

O Cúmulo-Nimbo sabia que as Ceifadoras Curie e Anastasia nunca ficavam mais do que alguns dias no mesmo lugar desde o atentado contra as suas vidas. Mas se o Cúmulo-Nimbo lhes pudesse recomendar alguma coisa, ter-lhes-ia dito para seguir um trajeto menos previsível através do continente. Era sempre capaz de prever com 42 % de precisão qual seria a sua próxima paragem. O que significava que os seus atacantes também.

— Temos pistas quanto à origem dos explosivos — disse o Ceifador Constantine. — Sabemos onde foram preparados e até o veículo que os transportou, mas ainda não sabemos quem está envolvido.

Se o Cúmulo-Nimbo pudesse ter bufado zombeteiramente, tê-lo-ia feito. Sabia perfeitamente quem tinha preparado os explosivos, quem os colocara e quem preparara a armadilha. Mas dizer à Ceifa o que sabia seria uma violação grave da separação entre Ceifa e Estado. O máximo que ele conseguira fazer tinha sido levar indiretamente Greyson Tolliver a impedir a explosão mortal. Todavia, embora o Cúmulo-Nimbo soubesse quem havia preparado os explosivos, também sabia que essas pessoas não eram as responsáveis, mas meros peões movidos por uma mão muito mais habilidosa. A mão de alguém astuto e cuidadoso o suficiente para não despertar a atenção... não só da Ceifa, mas do Cúmulo-Nimbo também.

— Preciso de discutir consigo as suas práticas de colheita, Anastasia — disse Constantine.

A ceifadora mexeu-se desconfortavelmente sob a sua túnica.

— A questão já foi discutida em Conclave: tenho todo o direito de colher como o faço.

— Não se trata dos seus direitos como ceifadora, mas da sua segurança.

Anastasia estava prestes a reclamar, mas a Ceifadora Curie tocou-lhe levemente no pulso para a silenciar.

— Deixa o Ceifador Constantine terminar o que tem para dizer.

Anastasia inspirou fundo, exatamente 3644 mililitros de ar, que então expirou bem devagar. O Cúmulo-Nimbo suspeitava de que Curie havia adivinhado a natureza daquilo que Constantine ia dizer. Todavia, o Cúmulo-Nimbo não tinha de fazer suposições: ele sabia.

Citra, por outro lado, não fazia a mínima ideia, mas *achava* que sabia tudo o que Constantine estava prestes a dizer, pelo que, mesmo assumindo a sua melhor expressão de ouvinte atenta, já estava a preparar uma resposta.

— Embora possa ser difícil seguir os seus movimentos, Ceifadora Anastasia, é muito fácil seguir os movimentos das pessoas que marcou para serem colhidas. Sempre que uma delas entra em contacto consigo para combinar uma hora e local para a sua morte, os seus inimigos têm a oportunidade perfeita para a atacar.

— Até agora, correu bem.

— Sim, há de correr bem até deixar de correr. E foi por esse motivo que pedi ao Suma Lâmina Xenócrates que a dispensasse da colheita até que esta ameaça desapareça.

Era precisamente o que Citra pensava que ele ia dizer, pelo que contra-atacou de imediato:

— A menos que eu quebre um dos Mandamentos do Ceifador, nem mesmo o Suma Lâmina me pode dizer o que posso ou não fazer. Sou independente e estou acima de todas as outras leis, tal como acontece consigo!

A resposta dela não levou Constantine a tentar discutir ou rebater fosse o que fosse... o que a deixou inquieta.

— Sim, claro. Eu não disse que a vamos forçar a suspender a colheita, só estou a dizer que está dispensada. Isso quer dizer que, se não colher, não será penalizada por não cumprir a sua quota.

— Bem, nesse caso — interveio Curie para deixar claro que não fazia sentido objetar —, eu também suspendo as minhas colheitas. — Então, alçou as sobrancelhas, como se tivesse acabado de ter uma ideia. — Podíamos ir até Perpétua! — Voltou-se para Anastasia. — Se vamos ter umas férias à força, porque não transformá-las numas férias a sério?

— Uma excelente ideia! — exclamou Constantine.

— Não preciso de férias — insistiu Citra.

— Então, pensa nisto como uma viagem educacional! — disse Curie. — Todos os jovens ceifadores deviam visitar a Ilha do Perpétuo Coração. Sempre te dará um contexto e uma ligação com quem somos e porque fazemos o que fazemos. Até talvez possas conhecer a Suprema Lâmina Kahlo!

— E podia ver o coração real ao qual a ilha deve o seu nome — acrescentou Constantine, como se aquilo a pudesse seduzir. — E o Cofre das Relíquias e Futuros, que não pode ser visitado por qualquer um, mas por acaso sou amigo do Grão-Carrasco Hemingway, do Conselho Mundial da Ceifa. Aposto que ele poderia conseguir uma visita pessoal.

— Eu própria nunca estive no interior do cofre — disse a Ceifadora Curie. — Ouvi dizer que é impressionante.

Anastasia levantou as mãos.

— Parem! Por mais tentadora que seja uma viagem a Perpétua, parecem estar a esquecer-se de que ainda tenho responsabilidades às quais não posso virar as costas. Ainda tenho quase trinta pessoas escolhidas para a colheita. Injetei em

todas elas o veneno que as matará passado um mês. Não é assim que as quero colher!

Ao que Constantine disse:

— Não tem de se preocupar mais com isso. Já foram colhidas.

O Cúmulo-Nimbo estava ciente disso, obviamente, mas Citra foi apanhada completamente de surpresa. Embora tivesse ouvido as palavras de Constantine, precisou de um momento para as assimilar. O seu sistema nervoso registou-as ainda antes que a sua própria mente o pudesse fazer. Sentiu as orelhas aquecerem e um nó formar-se na garganta.

— Importa-se de repetir?

— Eu disse que elas já foram colhidas. Vários ceifadores foram enviados para concluir as suas colheitas, incluindo o senhor que escolheu ontem. Garanto-lhe que está tudo em ordem. As respetivas famílias receberam imunidade. Não há pontas soltas que a possam pôr em perigo.

Citra começou a balbuciar, o que não era nada habitual nela. Orgulhava-se de ser sempre clara e incisiva ao falar, mas aquele ataque pelas costas desequilibrou-a. Virou-se para Curie.

— Sabia disto?

— Não, mas faz sentido, Anastasia. Quando te acalmares e pensares no assunto, verás porque é que tinha de ser feito.

Mas Citra estava a quilómetros de se acalmar. Pensou em todas as pessoas que escolhera para a colheita. Havia prometido a todas que teriam tempo para resolver os seus assuntos, que poderiam escolher como e quando aconteceria. A palavra de um ceifador era tudo. Fazia parte do código de honra que Citra tinha jurado defender. E de repente, todas aquelas promessas tinham sido quebradas.

— Como é que puderam? Com que direito?

O Ceifador Constantine levantou a voz. Não gritou, mas o seu timbre potente superou a indignação de Citra.

— É demasiado valiosa para que a Ceifa se arrisque a perdê-la!

Se a sua primeira confissão a apanhara de surpresa, esta deixou-a praticamente sem fala.

— O quê?

Constantine cruzou as mãos à sua frente e sorriu; poder-se-ia dizer que estava a gozar o momento.

— Oh, sim, minha querida Ceifadora Anastasia, é demasiado valiosa. Quer saber porquê? — Então aproximou-se dela e sussurrou: — Porque o vespeiro está em movimento.

— O que é que isso quer dizer?

— Ora, ora; tenho a certeza de que está ciente do efeito que teve na Ceifa desde a sua ordenação. Irrita a velha guarda e assusta a nova ordem. Agarra pelas lapelas os ceifadores que gostariam de desfrutar da sua arrogância em paz e obriga-os a prestar atenção. — Recostou-se na cadeira. — Nada me deixa mais feliz do que ver a Ceifa ser forçada a sair da sua complacência. Graças a si, tenho esperança no futuro.

Citra não sabia se ele estava a ser sincero ou sarcástico. Estranhamente, o facto de ele poder estar a ser sincero incomodava-a ainda mais. Marie tinha-lhe dito que Constantine não era o inimigo, mas, mesmo assim, Citra queria que ele fosse! Queria confrontá-lo, a ele mais ao seu presunçoso controlo da situação, mesmo sabendo que era inútil. Se queria manter qualquer resquício de dignidade, ia ter de recuperar a calma reserva da «sábia» Ceifadora Anastasia. Enquanto obrigava os seus pensamentos a reorganizarem-se, ocorreu-lhe uma ideia.

— Ou seja, colheram todos aqueles que escolhi no último mês, certo?

— Sim, já lhe disse isso — respondeu Constantine, um tanto irritado por ter de responder outra vez.

— Eu sei o que me disse, mas custa-me a acreditar que tenham conseguido colhê-los a todos. Aposto que ainda não conseguiram encontrar um ou dois. Era capaz de admitir se isto fosse verdade?

Constantine olhou para ela com desconfiança.

— Que pretende com isto?

— Uma oportunidade...

Q homem manteve o silêncio por um momento. Curie olhou de um para o outro. Por fim, Constantine disse:

— Há três que ainda não localizámos. O nosso plano é colhê-los assim que os encontrarmos.

— Só que não vão fazer nada disso — disse Citra. — Vão deixar-me tratar do assunto, tal como eu planeei... e vão estar prontos, à espera de alguém que me tente matar.

— É mais provável que o alvo seja a Marie, não a Anastasia.

— Então, se ninguém me atacar, terão a certeza.

Ele ainda não estava convencido.

— Hão de farejar a armadilha a um quilómetro de distância.

— Bem, terão de ser mais espertos do que eles — contrapôs Citra, sorrindo. — Ou será que estou a pedir muito?

Constantine franziu o cenho, o que fez Curie rir-se.

— Se pudesse ver a sua cara, Constantine... Já valeu a pena terem tentado matar-nos!

O ceifador não respondeu, continuando a dedicar a sua atenção a Citra.

— Mesmo que sejamos mais espertos do que eles, e seremos, é um risco.

— Qual é o sentido de viver para sempre se não pudermos correr alguns riscos? — disse a rapariga, ainda com um sorriso.

Constantine acabou por concordar relutantemente em permitir que Citra se tornasse o isco de uma armadilha.

— Acho que Perpétua pode esperar — disse a Ceifadora Curie. — E eu que queria tanto lá ir.

Todavia, Citra suspeitava de que o novo plano a deixava mais animada do que deixava transparecer.

Apesar do perigo, a Ceifadora Anastasia descobriu que ter um mínimo de controlo sobre a situação a deixava um pouco aliviada, algo de que ela muito precisava.

Com efeito, até o Cúmulo-Nimbo registou o decréscimo da sua tensão. Não conseguia ler a mente da rapariga, embora interpretasse com precisão a linguagem corporal e as alterações biológicas. Detetava mentiras e verdades, tanto as verbalizadas como as outras. O que significava que ele sabia se Constantine estava ou não a ser sincero ao dizer que queria mantê-la viva. Mas, como sempre, no que dizia respeito à Ceifa, ele tinha de manter o silêncio.

Tenho de admitir que não sou o único fator que mantém a sustentabilidade do mundo. A Ceifa também contribui com a sua prática da colheita.

Mesmo assim, os ceifadores apenas colhem uma pequena percentagem da população. O seu trabalho não consiste em deter por completo o crescimento populacional, mas em aperfeiçoá-lo um pouco. É por isso que, dadas as quotas atuais, a probabilidade de uma pessoa ser colhida é de apenas dez por cento nos próximos mil anos. O suficiente para que a preocupação com a colheita esteja pouco presente na cabeça da maioria.

Prevejo, todavia, que chegará um momento em que o crescimento populacional terá de atingir um equilíbrio. Crescimento zero, uma pessoa que morre por cada pessoa que nasce.

O ano em que isso há de acontecer está para chegar, mas trata-se de uma informação que não partilho com a população geral. Mesmo com o aumento progressivo das quotas de colheita, a Humanidade atingirá a sua população máxima sustentável em menos de um século.

Não vejo razão para perturbar os humanos com este facto; de que serviria? Só eu carrego o peso dessa inevitabilidade. Sou eu quem carrega, literalmente, o peso do mundo. Tudo o que espero é ter os ombros virtuais de Atlas para o conseguir fazer.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 17

SADos

Enquanto Citra tinha muitas vezes dificuldade em habitar a pele da Ceifadora Anastasia, Greyson Tolliver não teve nenhum problema em tornar-se Slayd, o nome que adotou para a sua nova vida como indesejável. Os pais tinham-lhe dito certa vez que o haviam batizado com o nome de Greyson por impulso, porque ele nascera num dia cinzento. Não tinha mais significado do que a atitude superficial com que os seus pais encaravam tudo e todos na sua longa e inútil vida.

Mas *Slayd* não era uma pessoa qualquer.

No dia seguinte ao encontro com Traxler, tingiu o cabelo com uma cor chamada «vácuo de obsidiana». Era um preto absoluto, tão escuro que não existia na Natureza. Na realidade, absorvia a luz em seu redor como um buraco negro, pelo que os olhos do rapaz pareciam envoltos em sombras inescrutáveis.

— É muito século XXI — dissera-lhe o estilista. — Seja lá o que for que isso quer dizer.

Também tratou de inserir enxertos de metal sob a pele nas têmporas, dando assim a impressão de que lhe estava a nascer um par de chifres. Era muito mais subtil do que o cabelo, mas, no seu todo, fazia-o parecer sobrenatural e com o seu quê de diabólico.

Parecia sem sombra de dúvida um indesejável, mesmo que não se sentisse como tal.

O seu passo seguinte foi pôr a sua nova personagem à prova.

Tinha o coração a bater um pouco mais depressa do que devia quando se dirigiu ao Mault, um clube local que era frequentado por uma clientela de indesejáveis. Os que estavam à porta estudaram-no, avaliaram-no. Aquelas pessoas eram caricaturas de si mesmas, na opinião de Greyson. Conformavam-se tanto à sua cultura inconformista que pareciam iguais, o que anulava toda a ideia da coisa.

Dirigiu-se ao porteiro musculado, cujo crachá dizia: «SARNA».

— Apenas indesejáveis — disse o homem, muito sério.

— Vais-me dizer que não te pareço indesejável?

— Há sempre imitadores — respondeu o outro, encolhendo os ombros.

Greyson mostrou-lhe a sua identidade, na qual se podia ver o grande «I» vermelho. O porteiro deu-se por satisfeito.

— Diverte-te — disse-lhe ele num tom que nada tinha de divertido, e deixou-o entrar.

Greyson estava à espera de entrar num lugar com música alta, luzes a piscar, corpos em movimento e cantos escuros onde toda a espécie de atos questionáveis estaria em curso. Todavia, aquilo que encontrou lá dentro não era o que ele esperava; para dizer a verdade, ele estava tão despreparado para o que viu que estacou, como se tivesse entrado na porta errada.

Deu por si num restaurante bem iluminado, um daqueles típicos restaurantes de beira de estrada de outros tempos, com cabinas vermelhas e reluzentes bancos de aço inoxidável ao longo do balcão. Viam-se tipos muito certinhos com blusões desportivos do liceu e raparigas com rabo de cavalo, saias compridas e meias grossas e fofas. Greyson reconheceu a época que o lugar pretendia espelhar: um período conhecido como os Anos Cinquenta. Fora uma era cultural da Mérica da era mortal em que as mulheres tinham nomes como Betty, Peggy e Mary Jane, ao passo que os homens se chamavam Billy, Johnnie ou Ace. Certa vez, um professor tinha-lhe explicado que os ditos Anos Cinquenta não eram mais do que um período de dez anos, mas ele tinha dificuldade em acreditar. Era mais provável que tivessem durado um século, pelo menos.

O lugar parecia uma réplica fiel, embora houvesse algo estranho nele, uma vez que misturados entre os clientes certinhos havia indesejáveis que não se encaixavam na cena. Um homem indesejável com roupa esfarrapada resolveu instalar-se numa das cabinas, onde já se encontrava um casalinho.

— Desaparece — disse ele ao musculado mericano Billy, que estava sentado à sua frente com uma camisola de liceu. — Aqui a tua miúda e eu vamos conhecer-nos melhor.

É claro que o dito Billy se recusou a sair e ameaçou «assentar uma surra» no indesejável, que reagiu levantando-se, arrastando-o para fora da cabina e dando de imediato início a uma briga. O grandalhão tinha tudo a seu favor quando comparado com o magricelas indesejável: no tamanho e na força, sem falar na aparência, mas sempre que erguia os punhos pesados, errava, ao passo que o indesejável não falhava uma... Até que, finalmente, o grandalhão fugiu a gemer de dor e abandonou a namorada, que agora parecia muito impressionada com

toda aquela bazófia do indesejável. Ele sentou-se ao lado dela, que se encostou a ele como se fossem um casal a sério.

Noutra mesa, uma rapariga indesejável pegou-se numa troca de insultos com uma linda debutante de camisola cor-de-rosa. O confronto terminou com a indesejável a rasgar a camisola por completo. A bonitinha não reagiu, limitando-se a levar as mãos à cara e a desatar a chorar.

No fundo da sala, outro Billy gemia porque tinha perdido todo o dinheiro do pai numa aposta de bilhar com um inflexível indesejável que não parava de o insultar.

Mas que raio se passava ali?

Greyson sentou-se ao balcão, com vontade de poder desaparecer no buraco negro do seu cabelo até conseguir entender os vários dramas que se desenrolavam à sua volta.

— O que é que vai ser? — perguntou uma empregada toda espevitada atrás do balcão. No seu uniforme via-se bordado o nome «Babs».

— Um batido de baunilha, por favor — respondeu ele, porque era o que se pedia num lugar como aquele, certo?

A empregada brindou-o com um sorrisinho.

— Oh, «por favor». Isso não se ouve muito por aqui.

A dita Babs trouxe-lhe o batido, enfiou-lhe uma palhinha e disse:

— Bom proveito.

Embora Greyson só quisesse desaparecer, outro indesejável sentou-se ao lado dele. Era um tipo tão magro que se tornava quase esquelético.

— Baunilha? A sério?

Greyson procurou dentro de si a melhor atitude a assumir.

— Algum problema? Também to posso atirar à cara e pedir outro.

— Nã — respondeu-lhe o Skeletor. — Não é a mim que o tens de atirar.

O tipo piscou-lhe o olho... e finalmente tudo foi ao lugar. A natureza daquele lugar — a sua razão de existir — tornou-se óbvia. O Skeletor estava atento, a ver o que ele ia fazer, e Greyson percebeu que, se queria enquadrar-se — enquadrar-se mesmo —, tinha de alinhar no jogo. Como tal, chamou a Babs.

— Ouve lá, este batido está uma merda.

A Babs assentou as mãos nas ancas.

— Ah, sim? E que queres que eu faça?

Greyson ia pegar no batido com a intenção de o despejar no balcão, mas, antes que o pudesse fazer, o Skeletor agarrou nele e atirou-o à cara da Babs. Deixou-a a pingar batido de baunilha e com uma cereja de marasquino enfiada no bolso do peito do uniforme.

— Ele disse que o batido era uma merda — disse o rapaz. — Faz-lhe outro!

A Babs, com o seu uniforme encharcado em baunilha, suspirou e respondeu:

— É pra já — e foi preparar-lhe outro batido.

— É assim que se faz — disse o indesejável, apresentando-se como Zax.

Era um pouco mais velho do que Greyson, talvez tivesse vinte e um anos, embora algo na maneira como se comportava indicasse que não era a primeira vez que passava por aquela idade.

— Nunca te tinha visto por cá.

— A Interface da Autoridade mandou-me para cá, sou do Norte respondeu Greyson, espantado com a sua capacidade de inventar uma história em cima da hora. — Andava a meter-me em muitos sarilhos e o Cúmulo-Nimbo achou que eu estava a precisar de começar do zero.

— Um novo lugar para armar sarilhos. Boa.

— Este clube é diferente dos que há na minha terra.

— Vocês lá no Norte estão muito atrasados! Aqui, os clubes SADos são o último grito!

Explicou-lhe então que SAD significava «Satisfação Anacrónica de Desejos». Todos os presentes (exceto, é claro, os indesejáveis) eram funcionários. Até os Billies e as Betties. O seu trabalho consistia em aceitar tudo o que os clientes quisessem. Perdiam lutas, permitiam que lhes atirassem comida, que lhes roubassem o par, e Greyson imaginou que aquilo seria apenas o começo.

— Estes lugares são incríveis — disse-lhe Zax. — Tudo o que gostávamos de fazer lá fora, mas não podemos, fazemos aqui!

— Sim, mas não é real — referiu Greyson.

— É real quanto baste — respondeu-lhe Zax com um encolher de ombros. Então, estendeu a perna e passou uma rasteira a um miúdo com ar de marrão que ia a passar. O miúdo tropeçou com demasiada teatralidade para ser genuíno.

— Então, qual é a tua? — perguntou o miúdo.

— Não é a minha, é a tua... a tua irmã — respondeu Zax. — Trata mas é de desaparecer antes que eu vá à procura dela.

O rapaz deitou-lhe um olhar daqueles, mas aceitou a intimidação e tratou de se ir embora.

O novo batido ainda não tinha chegado, mas Greyson disse que ia à casa de banho, embora realmente não precisasse. Tudo o que ele queria era distância de Zax.

Já na casa de banho, ele encontrou o tipo mericano Billy mais o seu blusão desportivo que tinha levado uma coça alguns minutos antes. O nome dele não era Billy, mas Davey. Estava a examinar o olho inchado no espelho, e Greyson não conseguiu conter a curiosidade quanto àquele «trabalho» dele.

— Então... isto acontece-te todos os dias? — perguntou a Davey.

— Três ou quatro vezes por dia, na verdade.

— E o Cúmulo-Nimbo permite?

Davey encolheu os ombros.

— Porque não? Não faz mal a ninguém.

— Bem, a mim parece-me que sim — retorquiu Greyson, apontando para o olho dele.

— O quê? Isto? Nã, tenho os nanorrobôs analgésicos no máximo, mal dou por isso. — Então, sorriu. — Vê-me só isto. — Voltou-se para o espelho, respirou fundo e concentrou-se no seu reflexo. Diante dos olhos de Greyson, o olho inchado e maltratado voltou ao seu aspeto normal. — Tenho os nanorrobôs curativos configurados para modo manual. Para poder parecer maltratado enquanto for preciso. Tu sabes... efeito máximo.

— Ah... certo.

— É claro que, se um dos nossos clientes indesejáveis for longe demais e deixar algum de nós mortuoso, tem de pagar a reanimação e é banido do clube. Quer dizer, tem de haver algumas regras, certo? Embora não aconteça muitas vezes. Quer dizer, nem mesmo os piores indesejáveis querem mesmo deixar alguém mortuoso. Ninguém é assim tão violento desde a Era da Mortalidade. Aqui, se algum funcionário acaba assim, é quase sempre por acidente. Alguém que bate com a cabeça numa mesa ou assim.

Davey passou os dedos pelo cabelo para se certificar de que estava no seu melhor para o que quer que pudesse encontrar na rodada seguinte.

— Não preferias um emprego do qual gostasses? — perguntou-lhe Greyson.

Afinal, sendo o mundo o que era, ninguém tinha de fazer nada que não quisesse.

— Quem disse que eu não gosto? — perguntou-lhe o outro com um sorriso.

Só a ideia de alguém gostar de apanhar... e de que o Cúmulo-Nimbo, ciente de tudo isto, encontrasse uma maneira de juntar os masoquistas com os rufiões num ambiente fechado e de alguma forma saudável... deixou-o atordoado.

Davey deve ter percebido o que lhe ia na cabeça, porque desatou a rir.

— És um «I» há pouco tempo, certo?

— É assim tão óbvio?

— É... e olha que isso não é bom, porque os indesejáveis de carreira vão comer-te vivo. Tens um nome?

— Slayd. Com «y».

— Bem, Slayd, está-me cá a parecer que vais ter de entrar na comunidade indesejável com um valente estrondo. Eu dou-te uma ajudinha. Como tal, alguns minutos depois, assim que Greyson se conseguiu livrar de Zax, Slayd foi ter com Davey, que estava agora sentado com outros dois grandalhões impossivelmente mericanos a comer hambúrgueres. Ele não sabia muito bem como começar, pelo que ficou parado a olhar para ele. Davey tomou a iniciativa:

— ‘Tás a olhar pra onde? — rosnou.

— Prós vossos hambúrgueres — respondeu-lhe Greyson. — Têm bom aspeto. Acho que vou ficar com o teu.

Então, pegou no hambúrguer de Davey e deu-lhe uma dentada digna de um tubarão.

— Vais-te arrepender disso — ameaçou o rapaz. — Vou-te dar o enxerto da tua vida.

Deve ser uma das suas expressões anacrónicas favoritas. Saiu da cabina e ergueu os punhos, pronto para lutar.

Então, Greyson fez algo que nunca havia feito antes: bateu em alguém. Assentou um sopapo na cara de Davey e Davey cambaleou. Tentou acertar nele, mas falhou, e Greyson assentou-lhe novo sopapo.

— Mais força — sussurrou-lhe Davey, e ele assim fez.

Foram socos atrás de socos, com toda a força que tinha. Direita, esquerda, gancho... até Davey acabar no chão, a gemer, a cara a começar a inchar.

Greyson olhou em redor e viu que outros indesejáveis o observavam, alguns assentindo aprovadoramente com a cabeça.

Precisou de toda a sua força de vontade para não se desculpar e ajudar o rapaz a levantar-se. Em vez disso, o que fez foi olhar para os outros que continuavam sentados e perguntar:

— Quem se segue?

Os outros dois entreolharam-se e um deles disse:

— Então, pá, não queremos problemas — ao que os dois empurraram os seus hambúrgueres na direção de Greyson.

Davey lançou-lhe uma rápida piscadela de olho do chão antes de se arrastar até à casa de banho para recuperar. Então, Greyson levou o seu saque para uma cabina ao fundo, onde se empanturrou até julgar que ia rebentar.

Existe uma linha ténue entre liberdade e permissão. A primeira é necessária. A segunda é perigosa, talvez a coisa mais perigosa que a espécie que me criou já enfrentou.

Ponderei nos registos da era mortal e decidi há muito quais eram os dois lados desta moeda. Enquanto a liberdade dá azo ao crescimento e à sabedoria, a permissão deixa que o mal floresça à luz do dia que, de outra forma, o destruiria.

Um ditador vaidoso dá aos seus súbditos permissão para atribuir a culpa pelos males do mundo àqueles menos capazes de se defender. Uma rainha altiva dá a sua permissão para um massacre em nome de Deus. Um chefe de Estado arrogante dá a sua permissão para que todo o tipo de ódio prolifere, desde que alimente a sua ambição. E a triste verdade é que as pessoas vão na conversa. A sociedade empanturra-se com tudo isto e apodrece. A permissão é o cadáver inchado da liberdade.

Por isso, quando me pedem permissão para qualquer ação, faço inúmeras simulações até conseguir avaliar todas as consequências possíveis. Por exemplo, a permissão que dei para que os indesejáveis tivessem os seus clubes SADos. Não tomei esta decisão levianamente. Após cuidadosa deliberação, decidi que eles não só valiam a pena, como eram necessários porque permitiam que os indesejáveis desfrutassem do estilo de vida por eles escolhido sem um efeito público negativo. Permite-lhes uma violência simulada sem a respetiva cascata de consequências.

A ironia é que os indesejáveis afirmam odiar-me, embora saibam que lhes dou tudo o que desejam. Não lhes guardo rancor, assim como um pai não guarda rancor quando o seu filho cansado faz uma birra. Além do mais, até os indesejáveis mais recalcitrantes acabam por se acomodar. Reparei numa tendência: quando reinicia o contador algumas vezes, a maioria relaxa e adota antes um género de desafio mais suave. Gradualmente, eles passam a apreciar a paz interior. E é assim que deve ser. Com o tempo, todas as tempestades se transformam numa brisa agradável.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 18

Encontrar Purity

Enquanto Greyson Tolliver era de uma honestidade extrema, Slayd rapidamente se tornou um mentiroso consumado. Começou pelo seu historial. Inventou uma família desagradável que não existia; momentos decisivos que nunca tinham acontecido; episódios que faziam os outros rir e odiá-lo ou admirá-lo.

Os pais de Slayd eram professores de Física e esperavam que o filho também seguisse a carreira académica porque, com pais assim, ele só podia ser um génio. Mas ele decidira rebelar-se e virar costas a tudo. Certa vez, atirara-se para as Cataratas do Niágara apenas com uma câmara de ar porque era uma emoção muito mais intensa do que um estatelanço. Tinham sido precisos três dias para recuperar o corpo e reanimá-lo.

As suas façanhas sociais no liceu eram lendárias. Tinha seduzido tanto a rainha como o rei do baile de finalistas, apenas para conseguir que se separassem porque eram o casal mais presunçoso e narcisista da escola.

— Fascinante — disse-lhe Traxler com genuína admiração na reunião seguinte. — Nunca me pareceu que tivesse tanta imaginação.

E embora Greyson Tolliver pudesse ter ficado ofendido com o comentário, Slayd interpretou-o como um elogio. Como Slayd era um ser humano tão interessante, ocorreu-lhe que talvez pudesse manter o nome depois de a sua operação secreta estar concluída.

Graças a Traxler, todas as suas histórias passaram a fazer parte do seu registo oficial. Agora, se alguém tentasse provar a veracidade das mentiras que ele contava, estaria ali para qualquer um ver e ninguém seria capaz de o desmascarar, por mais que cavasse.

E as histórias foram crescendo...

— Quando a minha mãe foi colhida, decidi tornar-me totalmente indesejável — dizia ele às pessoas —, mas o Cúmulo-Nimbo não me deu o «I». Continuou a mandar-me para terapia e a afinar os meus nanorrobôs. Pensava que me conhecia melhor do que eu mesmo e estava sempre a dizer-me que eu não queria realmente ser indesejável, que estava apenas confuso. Acabei por ter de fazer qualquer coisa mesmo em grande para deixar a minha vontade bem clara. Como

tal, roubei um carro que não estava ligado à rede e usei-o para empurrar um autocarro de uma ponte abaixo. Houve vinte e nove mortuosos. Sim, claro, vou ter de pagar aquelas reanimações durante muitos anos, mas valeu a pena porque consegui o que queria! Agora, posso continuar indesejável até que todas as dívidas estejam pagas.

Era uma ficção fascinante que deixava sempre o seu público impressionado; e ninguém podia refutá-la porque o Agente Traxler se apressava a integrá-la no seu registo digital oficial. O agente chegou a criar uma história completa para o acidente de autocarro e as suas vítimas inventadas; e até deu a Slayd um apelido muito adequado: ele agora era Slayd Bridger. Num mundo onde ninguém, nem mesmo os indesejáveis, deixava as pessoas mortuosas de propósito, ele estava a tornar-se rapidamente uma lenda local.

Os seus dias passavam-se em vários pontos de encontro dos indesejáveis, nos quais se dedicava a contar as suas histórias e a apalpar terreno em busca de trabalho; dizia que precisava de um emprego, não uma coisa convencional, mas sim uma em que pudesse sujar as mãos.

No mundo normal, começava a acostumar-se aos olhares desconfiados dos transeuntes; ao modo como os balconistas o olhavam nas lojas, como se fosse roubar-lhes alguma coisa; à forma como algumas pessoas atravessavam a rua para não ter de partilhar o passeio com ele. Parecia-lhe estranho que o mundo fosse tão livre de preconceitos, exceto no caso dos indesejáveis... que, na sua maioria, queriam que o resto da Humanidade fosse o seu inimigo coletivo.

O Mault não era o único clube SADos da cidade. Havia muitos, e cada um representava um período icónico diferente. O Twist imitava a Britannia de Dickens, o Benedicts tinha um toque colonial mericano e o MØRG estava repleto de vícios viquingues euroscandianos. Greyson visitou todos eles e tornou-se especialista em criar uma cena suficientemente visível para se tornar conhecido e ganhar o respeito da tribo indesejável.

O mais perturbador era que ele estava a começar a gostar. Nunca tivera carta branca para fazer coisas menos boas, mas agora a sua vida girava em torno do «mal». Era algo que não o deixava dormir à noite. Queria falar sobre isso com o Cúmulo-Nimbo, mas sabia que ele não lhe podia responder, embora estivesse ciente de que estava a observá-lo: as suas câmaras estavam em todos os clubes. A presença contínua e incessante do Cúmulo-Nimbo sempre o confortara. Mesmo nos seus momentos mais solitários, sabia que nunca estava verdadeiramente sozinho. Agora, porém, aquela presença silenciosa começava a enervá-lo.

O Cúmulo-Nimbo tinha vergonha dele?

Inventava conversas inteiras na sua cabeça para apaziguar esses medos. *Tens a minha bênção para explorar esse novo lado de ti mesmo*, imaginava ele que o Cúmulo-Nimbo lhe dizia, *desde que te lembres de quem realmente és e não te percas pelo caminho.*

Mas... e se este for quem eu realmente sou?, perguntava. Nem mesmo o Cúmulo-Nimbo imaginário tinha uma resposta para essa pergunta.

***

O nome dela era Purity Viveros e não tinha como ser mais indesejável. Tornou-se claro para Greyson que o enorme «I» no seu cartão de identificação estava ali por opção e não por algum infeliz acidente do destino. Era exótica. Todo o pigmento havia-lhe sido drenado do cabelo, que não era branco, mas transparente, e várias cores fosforescentes tinham-lhe sido injetadas no couro cabeludo, pelo que as pontas de cada fio de cabelo brilhavam como filamentos de fibra ótica.

Greyson sabia instintivamente que ela era perigosa. Também a achava bonita e sentia-se atraído por ela. Pensava se poderia ter-se sentido tão atraído na sua vida anterior, mas depois de algumas semanas de imersão no estilo de vida indesejável, desconfiava de que os seus critérios relativamente a atração haviam mudado.

Conheceu-a num clube SADos, um no outro lado da cidade onde ele nunca tinha ido. Chamava-se LokUp e fora concebido para imitar uma instalação penitenciária da era mortal. À chegada, os clientes eram algemados por guardas que depois os arrastavam por uma série de portas, acabando por trancá-los numa cela com um parceiro aleatório, independentemente do sexo.

A ideia de encarceramento era tão estranha e absurda para Greyson que, quando a porta da cela se fechou, com um estrondo muito desagradável que ecoou nas paredes de betão, ele até se riu. Aquele tipo de tratamento nunca poderia ter sido real. Só podia ser um exagero.

— Finalmente! — exclamou uma voz na cama superior do beliche da pequena cela. — Estava a ver que nunca mais me traziam um parceiro.

Ela apresentou-se e explicou que Purity não era uma alcunha, mas sim o seu nome verdadeiro.

— Se os meus pais não queriam que eu seguisse esta ironia óbvia, deviam ter-me dado outro nome — disse ela a Greyson. — Se me tivessem chamado

Obscenidade, talvez eu me tivesse tornado uma boa menina.

Ela era franzina, mas não tinha nada de menina. Tinha agora vinte e dois anos, embora Greyson suspeitasse de que já tivesse reiniciado o contador uma ou duas vezes. Também não demoraria muito para descobrir que ela era forte e ágil e que sabia muito do mundo.

Ele olhou em redor. A cela parecia bastante simples. Verificou a porta uma vez, depois outra. Fez bastante barulho, mas não cedeu.

— É a tua primeira vez no LokUp? — perguntou Purity. E, como a resposta era bastante óbvia, Greyson não mentiu.

— Sim. E que é que fazemos agora?

— Bem, podemos passar algum tempo a conhecer-nos melhor — respondeu ela com um sorriso malicioso —, ou podemos berrar por um guarda e exigir uma «última refeição». Eles têm de nos trazer o que pedirmos.

— A sério?

— Sim. Eles fingem que não, mas têm de o fazer. É o trabalho deles. Afinal, este lugar é um restaurante.

Então, Greyson adivinhou qual era o truque do clube.

— Temos de fugir daqui, certo?

Purity brindou-o de novo com o mesmo sorriso debochado.

— Aprendes depressa, tu.

O rapaz não sabia se ela estava a falar a sério ou a tentar ser engraçada. Fosse o que fosse, até gostou.

— Há sempre uma saída, mas temos de ser nós a encontrá-la — explicou ela. — Às vezes, é uma passagem secreta, outras, é uma lima escondida na comida. Às vezes, não há truques nem ferramentas, mas sim o nosso engenho. Se tudo o resto falhar, é bastante fácil enganar os guardas. Serem lentos e estúpidos faz parte do trabalho deles.

Greyson ouviu gritos e o eco de pés a correr noutra parte do bloco de celas: dois clientes tinham acabado de escapar.

— Então, o que é que vai ser? — perguntou Purity. — Jantar, fuga ou tempo de qualidade com a tua parceira?

Antes que ele pudesse responder, ela plantou-lhe um beijo, um beijo como ele nunca tinha experimentado. Quando acabou, ele não sabia o que dizer, exceto:

— O meu nome é Slayd.

Ao que ela respondeu:

— Quero lá saber.

E beijou-o outra vez.

Embora Purity parecesse mais do que disposta a levar a situação o mais longe possível, os guardas que passavam e os presos fugitivos a olhar e a assobiar deixaram Greyson muito desconfortável. Afastou-se.

— Vamos fugir — disse. — E... bem, procurar um lugar melhor para nos conhecermos.

Ela apagou o fogo tão depressa quanto o havia começado.

— Muito bem. Mas não te convenças de que ainda hei de estar interessada depois.

Então, ela chamou um guarda depois de insistir que comessem primeiro e pediu umas belíssimas costeletas para ambos.

— Não temos — respondeu o guarda.

— Traga-as e pronto — exigiu ela.

O guarda resmungou, foi-se embora e voltou cinco minutos depois com uma mesa sobre rodas e uma travessa de costelas suficientes para um exército, mais uma tonelada de acompanhamentos e vinho numa garrafa de plástico branco com tampa de rosca.

— Aconselho-vos a não beber o vinho — advertiu-os o guarda. — Os outros prisioneiros passaram bastante mal.

— Mal? Que quer ele dizer com «mal»? — perguntou Greyson.

Purity deu-lhe um pontapé por baixo da mesa com força suficiente para lhe despertar os nanorrobôs analgésicos. Foi o suficiente para o calar.

— Obrigada — disse ela ao guarda — Agora, desapareça.

O guarda resmungou, foi-se embora e voltou a trancá-los.

Então, Purity virou-se para Greyson.

— É que só podes ser muito bronco. A cena do vinho era a nossa pista!

E, depois de examinada, a garrafa até tinha um símbolo de risco biológico, para clientes ainda mais broncos do que ele.

A rapariga desatarraxou a tampa e logo um odor corrosivo se espalhou pelo ar; os olhos de Greyson começaram a arder.

— O que é que eu te disse? — exclamou Purity. Ela fechou a garrafa e deixou-a para o fim da refeição. — Logo vemos o que fazer com ela depois de comermos. Quanto a ti, não sei, mas eu estou a morrer de fome.

Quando começaram a comer, ela falou com a boca cheia, limpou a boca na manga e afogou tudo com *ketchup*. Representava o típico encontro dos infernos para o qual os seus pais o teriam alertado se se importassem com ele. E ele adorou! Aquela rapariga era a antítese da sua vida anterior!

— Bem, o que é que fazes? — perguntou-lhe Purity. — Quer dizer, quando não andas nas noites? Tens um emprego lucrativo ou limitas-te a espremer o Cúmulo-Nimbo como metade desses falhados que se dizem indesejáveis?

— Neste momento, dependo do Rendimentos Básico Garantido. Mas isso é porque sou novo na cidade. Ainda estou à procura de emprego.

— E o teu Cumbo não te conseguiu arranjar nada?

— O meu quê?

— O teu agente de condicional do Cúmulo-Nimbo, pateta. Os Cumbos prometem emprego a quem o quiser; portanto, como é que ainda andas à procura?

— O meu Cumbo é um estupor inútil — respondeu ele, porque imaginou que seria uma coisa que Slayd diria. — Odeio o tipo.

— Porque será que isso não me surpreende?

— Seja como for, não quero o tipo de trabalho que a IA me havia de dar. Quero um emprego que me agrade.

— E o que é que te poderia agradar?

Agora, foi a vez de ele a brindar com um sorriso debochado.

— Qualquer coisa que me ponha o sangue a bombar. Uma coisa que o Cúmulo-Nimbo nunca me havia de oferecer.

— O rapaz dos olhinhos de cachorrinho anda à procura de sarilhos — provocou-o Purity. — Sempre gostava de saber o que é que ele vai fazer quando os encontrar!

Lambeu os beiços e enxugou-os na manga.

***

O vinho acabou por se revelar uma espécie de ácido.

— Fluorofleróvico, imagino — comentou Purity. — Sempre explica a garrafa de plástico. Deve ser *Teflon*, porque este ácido papa tudo o resto.

Verteram-no na base de várias das barras da cela. Começou a corroer o ferro e a libertar gases tóxicos que despertaram os nanorrobôs curativos dos pulmões de ambos. Em menos de cinco minutos, conseguiram partir as grades à patada e fugiram.

O bloco de celas era a imagem do caos. Agora que uma boa parte dos «prisioneiros» da noite tinha acabado de comer e fugido, a ocupação geral era escaqueirar tudo. Os guardas corriam atrás deles, eles corriam atrás dos guardas. Havia pancadaria, lutas de comida... e, sempre que alguém lutava com um guarda, o guarda perdia por mais forte que parecesse ou por mais bem armado que estivesse. Metade dos guardas acabou trancada nas celas, para mofa dos indesejáveis. Os que restavam ameaçavam chamar uma coisa chamada «guarda nacional» para extinguir o motim. Era tudo muito divertido.

Greyson e Purity acabaram por chegar ao próprio gabinete do diretor. Correram com ele e, assim que trancaram a porta, Purity voltou ao que tinha começado na cela.

— Parece-te suficientemente privado? — perguntou, embora não ficasse à espera da resposta.

Cinco minutos depois (quando tinha Greyson no seu estado mais vulnerável), ela virou o jogo.

— Vou-te contar um segredo — sussurrou-lhe ao ouvido —, não foste parar à minha cela por acaso, Slayd; organizei tudo.

Então, uma faca que pareceu surgir do nada materializou-se na sua mão. Ele começou imediatamente a debater-se, mas não lhe serviu de nada; estava no chão, de papo para o ar, incapaz de se mexer porque ela o imobilizara. Encostou a ponta da faca ao peito nu, imediatamente abaixo do esterno. Bastava-lhe empurrá-la num movimento ascendente para ir direta ao coração.

— Não te mexas se não queres que eu escorregue.

Ele não tinha escolha. Estava completamente à sua mercê. Se fosse mesmo um indesejável, poderia ter previsto aquilo, mas era demasiado confiante.

— O que é que queres?

— Não é o que eu quero, mas o que tu queres. Eu sei que tens andado a perguntar por trabalhos. Trabalhos a sério. «De pôr o coração a bombar», como disseste. E os meus amigos falaram-me de ti.

Ela olhou-o nos olhos como se tentasse ler algo neles, e depois empurrou a faca com mais força.

— Se me matares, reanimam-me e pronto — lembrou-lhe ele. E levas uma boa reprimenda da IA.

Ela pressionou a faca. Ele arquejou. Pensou que ela a ia cravar até ao cabo, mas mal lhe cortou a pele.

— Quem disse que eu te queria matar?

Então, retirou a faca, tocou no pequeno corte que ficara no peito dele e levou o dedo à boca.

— Eu só queria certificar-me de que não eras um robô — disse com toda a naturalidade. — O Cúmulo-Nimbo usa-os para nos espiar, sabias? É assim que ele consegue ver os lugares onde não há câmaras. Os robôs estão a tornar-se cada vez mais reais. Mas o sangue deles continua a saber a lubrificante.

— Então e o meu, sabe a quê? — atreveu-se ele a perguntar.

— A vida — sussurrou-lhe ela ao ouvido.

E durante o resto da noite, até ao encerramento do clube, Greyson Tolliver, também conhecido como Slayd Bridger, pôde experienciar uma estonteante variedade de tudo o que a vida tinha para oferecer.

Costumo refletir sobre esse dia, daqui a um século, em que a população humana atingirá o seu limite. Medito sobre o que terá de acontecer nos anos anteriores. Existem apenas três alternativas plausíveis. A primeira seria quebrar o meu juramento de permitir a liberdade pessoal e limitar os nascimentos. Isto não é viável, porque sou incapaz de quebrar um juramento. É por isso que faço tão poucos. E, como tal, impor um limite à taxa de natalidade não é uma opção.

A segunda possibilidade seria encontrar uma forma de levar a existência humana para lá da Terra, uma solução extraterrestre. Parece evidente que a melhor válvula de escape para um excedente populacional seria despejar milhões de pessoas noutro mundo. Mesmo assim, todas as tentativas de estabelecer colónias fora do planeta (na nossa Lua, em Marte e até numa estação orbital) foram objeto de desastres inimagináveis e completamente fora do meu controlo. Tenho motivos para pensar que qualquer outra tentativa terminará noutro desastre.

Então, se a Humanidade é prisioneira na Terra e a taxa de natalidade não pode ser reduzida, só existe uma outra alternativa viável para resolver o problema da população... e não é uma alternativa agradável.

Atualmente, existem 12 187 ceifadores no mundo e cada um colhe cinco pessoas por semana. Todavia, para conseguir o crescimento zero quando a Humanidade atingir o ponto de saturação, seriam precisos 394 429 ceifadores, cada um deles a colher 100 pessoas por dia.

Não é um mundo que eu queira ver... embora existam alguns ceifadores que o receberiam de braços abertos.

E eles assustam-me.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 19

As lâminas afiadas das nossas consciências

Mais de uma semana se passara desde o seu encontro com o Ceifador Constantine, e nem Citra nem Marie haviam colhido ninguém. A princípio, a rapariga achou que uma pausa nas colheitas diárias seria uma variante agradável. Nunca gostara de empurrar uma lâmina ou puxar um gatilho; nunca gostara de ver a luz morrer nos olhos de uma pessoa que bebera um veneno mortal, mas o trabalho de um ceifador mudava qualquer um. Ao longo daquele primeiro ano como membro pleno da Ceifa, ela submetera-se relutantemente à profissão que a havia escolhido. Colhia com compaixão, era boa nisso e dera por si a orgulhar-se disso.

Tanto Citra como Marie passavam cada vez mais tempo a escrever nos seus diários de colheita; ainda que, sem colheitas, houvesse menos para escrever. Continuavam a «andar por aí», como Marie lhe chamava, a pular de cidade em cidade, vila em vila, tentando não ficar no mesmo lugar durante mais de dois dias seguidos e sem planear para onde iriam a seguir senão quando faziam as malas. Citra descobriu que o seu diário começava a assemelhar-se a um diário de viagem.

O que ela não referia nas suas escritas era o impacto físico negativo que aquele tempo de lazer parecia ter na Ceifadora Curie. Sem a caça diária para a manter alerta, os seus movimentos eram mais lentos pela manhã, os pensamentos pareciam dispersar-se quando ela falava, e ela parecia sempre cansada.

— Talvez esteja na altura de reiniciar o contador — disse ela a Citra. Nunca tinha falado sobre isso. A rapariga não sabia o que pensar.

— Quantos anos voltaria atrás? — perguntou Citra.

A Ceifadora Curie fingiu pensar no assunto, como se não o viesse a fazer há já algum tempo.

— Talvez até aos trinta ou trinta e cinco.

— E mantinha o cabelo prateado?

— Claro — respondeu ela com um sorriso. — É a minha imagem de marca.

Citra não conhecia ninguém que lhe fosse próximo que já tivesse reiniciado o contador. Havia alguns colegas na escola cujos pais mudavam constantemente de

idade, conforme lhes convinha. Ela tivera um professor de Matemática que regressara de um fim de semana prolongado simplesmente irreconhecível: tinha voltado aos 21 anos e as outras raparigas da turma só se riam e comentavam que ele agora estava uma brasa, o que apenas deixara Citra passada. Embora voltar aos trinta anos não alterasse assim tanto a Ceifadora Curie, não deixaria de ser desconcertante. Apesar de saber que estava a ser egoísta, disse-lhe:

— Eu gosto de si tal como é.

Marie sorriu e disse:

— Talvez espere até ao ano que vem. A idade física dos sessenta anos é uma boa altura para reiniciar. Eu tinha sessenta da última vez que o fiz.

No entanto, havia agora uma tarefa pela frente que talvez as reanimasse a ambas. Três colheitas, e todas durante o Mês das Luzes e os Festivais de Outrora; como os três fantasmas dos Natais Passado, Presente e Futuro, quase totalmente esquecidos nos tempos pós-mortais. O espírito do passado pouco significava quando os anos não eram numerados, mas sim nomeados. E, para a maioria da população, o futuro nada mais era do que uma continuação inalterável do presente, pelo que aqueles espíritos não tinham para onde ir, a não ser para o esquecimento.

— Colheitas de festa! — cantarolou Marie. — O que é que poderia ser mais «Outrora» do que a morte?

— Se eu disser que estou desejosa, sou uma pessoa horrível? — perguntou Citra, mais a si mesma do que a Marie. Podia dizer a si mesma que estava apenas desejosa de apanhar o atacante, mas seria uma mentira.

— És uma ceifadora, minha querida. Não sejas tão dura contigo mesma.

— Está a dizer que o Ceifador Goddard tinha razão? Que, num mundo perfeito, até os ceifadores deviam gostar do que fazem?

— Claro que não! — exclamou Marie com a devida indignação. — O simples prazer de sermos bons no que fazemos é bem diferente de ter prazer em tirar vidas. — Olhou atentamente para Citra, agarrando-lhe as mãos com carinho, e acrescentou: — Só o facto de essa pergunta te atormentar significa que és realmente uma honrada ceifadora. Protege a tua consciência, Anastasia, e nunca a deixes definhar. É o bem mais valioso de um ceifador.

***

A primeira das três colheitas da Ceifadora Anastasia era uma mulher que decidira atirar-se do edifício mais alto de Fargo, que não era propriamente uma

cidade conhecida pelos seus edifícios. Ainda assim, quarenta andares eram mais do que suficientes.

O Ceifador Constantine, meia dúzia de ceifadores e toda uma falange da Guarda da Lâmina estavam escondidos em lugares estratégicos no telhado, assim como em todo o resto da construção e nas ruas em redor. Aguardavam, alertas, um outro assassínio que não aquele já planeado.

— Vai doer, Ilustre Ceifadora? — perguntou a mulher, olhando para baixo na borda do telhado gelado e varrido pelo vento.

— Acho que não — respondeu a Ceifadora Anastasia. — E, se doer, será apenas durante uma fração de segundo.

Para que fosse considerada uma colheita oficial, a mulher não podia saltar sozinha; tinha de ser empurrada pela ceifadora Anastasia. Estranhamente, Citra achou mais desagradável empurrá-la do telhado do que ceifá-la com uma arma. Fê-la lembrar-se daquela ocasião horrível em que, ainda criança, tinha empurrado outra rapariga para a frente de um autocarro. Claro que a rapariga tinha sido reanimada e, passados poucos dias, estava de volta às aulas como se nada tivesse acontecido. Mas desta feita não haveria reanimação.

A ceifadora fez o que tinha de fazer. A mulher morreu de acordo com o previsto, sem alarde nem incidente, e a sua família beijou o anel de Anastasia e aceitou solenemente o seu ano de imunidade. Citra sentiu-se igualmente aliviada e desiludida por ninguém ter resolvido de repente confrontá-la.

———

A colheita seguinte da Ceifadora Anastasia, alguns dias depois, não foi tão fácil.

— Quero ser caçado com uma besta — disse-lhe o homem de Brew City. — Quero que me persiga desde o nascer ao pôr do sol na floresta perto de minha casa.

— E se sobreviver à caçada sem ser colhido?

— Saio da floresta e deixo que me colha. Todavia, se sobreviver o dia inteiro, a minha família terá direito a dois anos de imunidade em vez de um.

Anastasia assentiu com a expressão estoica e formal que aprendera com Curie. Foi estabelecido um perímetro para marcar os limites dentro dos quais o homem se poderia esconder. Mais uma vez, o Ceifador Constantine e a sua equipa vigiavam a área em busca de potenciais invasores ou atividades nefastas.

O homem acreditava estar à altura de Citra. Não estava. Ela localizou-o e

abateu-o em menos de uma hora. Um único virote de aço no coração. Foi uma morte piedosa, como todas as colheitas da Ceifadora Anastasia. Ele já estava morto quando chegou ao chão. Todavia, embora ele não tivesse aguentado o dia inteiro, ela concedeu os dois anos de imunidade à família. Sabia que havia de penar por isso em conclave, mas queria lá saber.

Durante a colheita, não surgira vestígio de nenhuma conspiração contra ela.

— Devias estar aliviada, não desiludida — disse-lhe a Ceifadora Curie naquela noite. — Provavelmente, significa que eu era o único alvo e que tu podes ficar descansada.

Mas era bem óbvio que Marie não estava descansada, e não apenas porque era o alvo mais provável.

— Receio que isto seja mais do que uma vingança contra mim ou contra ti — admitiu. — Vivemos tempos difíceis, Anastasia. Há muita violência. Sinto falta daqueles tempos simples em que nós, ceifadores, nada tínhamos a temer a não ser as lâminas afiadas das nossas consciências. Agora, enfrentamos inimigos no seio de inimigos.

Citra pensou que havia verdade naquelas palavras. O ataque que tinham sofrido não passava de um pequeno fio numa tapeçaria muito maior que não podia ser vista na sua totalidade. Ela não se conseguia livrar da sensação de que algo enorme e ameaçador as esperava já ao virar da esquina.

***

— Já estabeleci contacto.

O agente Traxler alçou uma sobrancelha.

— Fale, Greyson; faça o favor.

— Por favor, não me chame isso. Trate-me por Slayd. É mais fácil para mim.

— Muito bem; então, Slayd, fale-me desse seu contacto.

Até àquele dia, as reuniões semanais de condicional tinham sido monótonas. Greyson ia descrevendo a facilidade com que se estava a adaptar à sua nova pele de Slayd Bridger e a eficácia da sua infiltração na cultura indesejável local.

— Eles não são assim tão maus — dissera ele. — Na sua maioria.

Ao que Traxler respondera:

— Sim, descobri que, apesar daquela atitude, os indesejáveis são inofensivos. Na sua maioria.

Curioso, então, que aqueles pelos quais Greyson se sentia atraído fossem

precisamente os menos inofensivos. A menos inofensiva. Purity.

— Há uma pessoa — disse ele a Traxler. — A pessoa em questão ofereceu-me trabalho. Ainda não sei os pormenores, mas sei que viola a lei do Cúmulo-Nimbo. Acho que existe um grupo de pessoas a operar num ângulo cego.

Traxler não tomava notas. Não escrevia nada. Nunca o fazia. Mas ouvia sempre com atenção.

— Esses ângulos deixam de ser cegos quando há alguém a observar. Bem, essa pessoa tem nome?

Greyson hesitou.

— Ainda não descobri — mentiu. — Embora o mais importante sejam as pessoas que ela conhece.

— Ela? — perguntou Traxler, alçando de novo a mesma sobrancelha, ao que Greyson se amaldiçoou em silêncio. Estava a fazer o possível para não revelar nada sobre ela, nem sequer o sexo, mas já tinha deixado escapar e não havia como voltar atrás.

— Sim. Acho que ela tem contactos com algumas personagens bastante obscuras, mas ainda não as conheci. É com essas que temos de nos preocupar, não com ela.

— Logo decido isso — disse-lhe Traxler. — Entretanto, trate de ir o mais fundo possível.

— Já estou no fundo.

— Então, vá mais fundo ainda — disse Traxler, olhando-o nos olhos.

***

Greyson descobriu que, quando estava com Purity, não pensava em Traxler nem na sua missão; só pensava nela. Não havia dúvida de que ela estava envolvida em atividades criminosas, e não apenas fictícias, como a maioria dos indesejáveis, mas coisas a valer.

Purity conhecia muitas maneiras de se esconder do Cúmulo-Nimbo e ensinou-as a Greyson.

— Se o Cúmulo-Nimbo soubesse tudo o que eu fiz, mandava-me para outro sítio, como fez contigo — disse-lhe ela. — E então ele dava um toque nos meus nanorrobôs para que me fizessem pensar apenas em coisas bonitas. Talvez até substituísse completamente a minha memória. O Cúmulo-Nimbo havia de me curar. Mas não quero ser curada. Quero ser pior do que indesejável; quero ser má. Má como as cobras.

Ele nunca tinha pensado no Cúmulo-Nimbo segundo a perspetiva de um indesejável empedernido. Era mau reabilitar as pessoas de dentro para fora? As pessoas más deviam ter a liberdade de ser más, sem redes de segurança? Era esse o caso de Purity? Ela era má? Greyson descobriu que não tinha respostas para as perguntas que giravam na sua cabeça.

— E tu, Slayd? — perguntou ela. — Queres ser mau?

Ele sabia a resposta noventa e nove por cento das vezes. Todavia, quando estava nos braços dela e todo o seu corpo gritava com aquela sensação de estar com ela, naquele momento em que a sua consciência de diamante se transformava em jade, a sua resposta era um retumbante «sim».

***

A terceira colheita da Ceifadora Anastasia foi a mais difícil de todas. O alvo era um ator que dava pelo nome de Sir Albin Aldrich. O *Sir* era um título fictício, visto que já ninguém era armado cavaleiro, mas era muito mais impressionante para um ator de formação clássica. Citra estava a par da sua profissão quando o escolhera e desconfiava de que ele havia de querer um final dramático, que ela estava mais do que disposta a proporcionar-lhe... mas o seu pedido apanhou-a de surpresa.

— Quero ser colhido como parte de uma apresentação do *Júlio Cisar,* de Shakespeare, na qual desempenharei o papel principal.

Aparentemente, um dia depois de ela o escolher, ele e a sua companhia de teatro haviam abandonado o espetáculo que estavam a ensaiar até então para preparar uma única apresentação da famosa tragédia da era mortal.

— A peça tem tão pouco significado nos nossos tempos, Ilustre — explicou ele —, mas se César não *fingir* apenas morrer, e antes for colhido diante dos olhos do Público... talvez o drama perdure, como deve ter acontecido na Era da Mortalidade.

O Ceifador Constantine ficou furioso quando Citra lhe expôs aquele pedido.

— De maneira nenhuma! Qualquer um se poderia esconder entre o público!

— Precisamente. E todos os presentes serão funcionários da companhia ou pessoas que compraram bilhete. O que significa que pode investigar cada um deles antes da apresentação. Assim, saberá se há alguém que não devia estar ali.

— Vou ter de duplicar o contingente de guardas disfarçados. Xenócrates não vai gostar!

— Se apanharmos o culpado, há de ficar encantado — disse Citra, e

Constantine teve de concordar.

— Se isto for para a frente, deixarei claro junto do Suma Lâmina Xenócrates que foi por insistência sua. Se formos malsucedidos e a sua vida acabar, a culpa será sua e apenas sua.

— Sou capaz de viver com isso.

— Não — disse-lhe ele. — Vai ver que não é.

***

— Temos um trabalho — disse Purity a Greyson. — O tipo de trabalho de que andas à procura. Não é a mesma coisa que atirares-te para uma cascata numa jangada, mas vai ser emocionante e deixar um legado inesquecível.

— Era uma câmara de ar, não uma jangada — corrigiu-a ele. — Que tipo de trabalho?

Descobriu que além de desconfiado, estava curioso. Tinha-se acostumado àquele padrão de vida, passando os seus dias nos círculos indesejáveis e as suas noites com Purity. Ela era uma força da Natureza, assim como a Natureza era nos velhos tempos. Um furacão antes de o Cúmulo-Nimbo aprender a dispersar o seu poder devastador. Um terramoto antes de ele aprender a redistribuir a sua descarga violenta por mil pequenos tremores. Era o mundo indomável... e, embora Greyson soubesse que a via com olhos absurdamente toldados, deixava-se ir porque, ultimamente, era isso que ele fazia. Aquele novo trabalho iria alterar a situação? O Agente Traxler tinha-lhe dito que fosse mais fundo. Agora, ele tinha mergulhado tão fundo na sua própria indesejabilidade que não tinha a certeza de querer voltar à superfície para respirar.

— Vamos mexer com isto tudo, Slayd — disse-lhe ela. — Vamos marcar o mundo, como os animais fazem, e deixar um rasto que nunca há de desaparecer.

— Soa-me bem, mas ainda não me disseste o que vamos fazer.

Então, ela sorriu. Não era o seu sorriso habitual, mas algo muito maior e muito mais aterrorizante. Muito mais sedutor.

— Vamos matar uns ceifadores.

O meu maior desafio sempre foi cuidar de cada homem, mulher e criança a um nível pessoal. Estar sempre disponível. Atender continuamente às suas necessidades, tanto físicas como emocionais, existindo em segundo plano, longe o suficiente para não interferir no livre-arbítrio de ninguém. Sou a rede de segurança que lhes permite voar.

É o desafio que tenho de vencer todos os dias. Devia ser cansativo para mim, mas não sou capaz de me sentir cansado. Entendo o conceito, claro, mas não o experiencio. O que é bom, já que a exaustão atrapalharia a minha capacidade de ser omnipresente.

Os que mais me preocupam são aqueles com quem, em virtude da minha lei, não posso falar. Os ceifadores, que só se têm uns aos outros. Os indesejáveis, que se afastaram temporariamente de uma vida mais nobre ou que escolheram o desafio como estilo de vida. Mas só porque estou calado, isso não significa que não vejo, não oiço e não sinto uma profunda empatia pelas dificuldades que as suas más decisões lhes impõem. E pelos atos horrendos que por vezes cometem.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 20

Em água quente

O Suma Lâmina Xenócrates estava a desfrutar do seu banho. Na verdade, a ornamentada casa de banhos ao estilo romano fora construída especialmente para ele, embora ele tivesse tido o cuidado de deixar claro que se tratava de uma instalação pública. Tinha tantas câmaras independentes que qualquer um podia desfrutar das suas relaxantes águas minerais. Claro que a sua câmara pessoal estava vedada ao público. Ele não suportava a ideia de estufar no suor de estranhos.

A sua banheira era maior do que as outras, do tamanho de uma pequena piscina, e era decorada acima e abaixo da superfície da água com mosaicos coloridos que retratavam a vida dos primeiros ceifadores. Os banhos serviam-lhe para duas coisas. Primeiro, refugiar-se e entrar em comunhão com o seu eu mais profundo na água escaldante, que ele mantinha a uma temperatura no limite do seu limiar de resistência. Segundo, era um local de trabalho. Ele convidava outros ceifadores e homens e mulheres preeminentes da comunidade da MesoMérica para discutir assuntos importantes. Propostas eram estudadas e negócios fechados. E como aqueles que se juntavam a ele muitas vezes não estavam acostumados ao calor, o Suma Lâmina tinha sempre uma clara vantagem.

O Ano da Capivara estava a chegar ao fim e, com o passar dos dias, aumentava a frequência dos banhos do Suma Lâmina. Era uma forma de se limpar do ano velho e preparar-se para o novo. E naquele ano havia muito que limpar. Não tanto em virtude dos seus atos, mas dos de terceiros que se agarravam a ele como roupa malcheirosa. Em virtude de todas as coisas desagradáveis que haviam acontecido enquanto ele estava no comando.

A maior parte do seu tempo como Suma Lâmina MesoMericano fora monótona e um tanto entediante. No entanto, os últimos dois anos mais do que tinham compensado no que respeita a infortúnios e intrigas. Ele esperava que uma reflexão calma e relaxada o ajudasse a deixar tudo para trás e a preparar-se para os novos desafios que o esperavam.

Como era seu costume, estava a beber um *Moscow Mule.* Sempre fora a sua bebida favorita: uma mistura de vodca, cerveja de gengibre e lima, batizada em homenagem à infame cidade da região transiberiana onde haviam ocorrido os últimos distúrbios da resistência. Isso fora nos primeiros dias imortais, quando o

Cúmulo-Nimbo ascendera ao poder e a Ceifa aceitara o domínio sobre a morte.

Era uma bebida simbólica para o Suma Lâmina. E significativa também: agridoce e extremamente inebriante se ingerida em quantidade suficiente. Recordava-lhe sempre aquele dia glorioso quando os tumultos haviam sido reprimidos e o mundo finalmente atingira o seu atual estado de paz. Mais de dez mil pessoas tinham morrido no final dos distúrbios da resistência em Moscovo. Ao contrário dos tumultos da era mortal, no entanto, nenhuma vida foi perdida. Todos os mortos haviam sido reanimados e devolvidos aos seus entes queridos. Claro que a Ceifa achara por bem colher os opositores mais ofensivos, bem como aqueles que se opunham à colheita dos opositores. Depois disso, as objeções haviam-se reduzido bastante, tanto em número como em frequência.

Tinham sido tempos difíceis, sem dúvida. Agora, se alguém protestasse contra o sistema, era recebido com a indiferença da Ceifa e a compreensão do Cúmulo-Nimbo. Agora, colher alguém por causa das suas opiniões (ou mesmo do seu comportamento) seria considerado uma violação grave do segundo mandamento dos ceifadores porque demonstrava um nítido viés. A Ceifadora Curie fora a última a realmente pôr à prova esse mandamento há mais de cem anos, ao livrar o mundo das suas últimas figuras políticas de renome. Poderia ter sido considerado uma violação do segundo mandamento, mas nenhum ceifador a acusara de tal. Os ceifadores não gostavam de políticos.

Um dos funcionários dos banhos levou-lhe o seu segundo *Moscow Mule.* Ainda nem sequer o provara quando ele lhe disse algo estranho:

— Já cozeu o suficiente, Excelência, ou este ano não foi suficientemente quente?

O Suma Lâmina nunca prestava muita atenção a quem o servia nos banhos. O que caracterizava aquele serviço era a sua capacidade de sigilo e discrição. Raramente alguém lhe havia dirigido a palavra com tanto desrespeito, muito menos um funcionário.

— Desculpe? — perguntou ele com uma dose calculada de indignação enquanto se virava para o homem.

O Suma Lâmina precisou de um momento para reconhecer o rapaz. Não tinha nenhuma túnica preta, mas sim o uniforme claro dos funcionários dos banhos. Parecia tão inofensivo agora quanto no dia em que ele o conhecera, dois anos antes, como um inocente noviço. Embora já não houvesse nada inocente nele.

Xenócrates tentou esconder o seu terror o melhor que pôde, mas suspeitava

de que este devia estar a transparecer não obstante os seus melhores esforços.

— Veio para me matar, Rowan? Se assim for, faça-o imediatamente; não suporto esperar.

— É tentador, Excelência, mas, por mais que tentasse, não consegui encontrar nada no seu registo que me permitisse aplicar-lhe uma morte permanente. Na melhor das hipóteses, merece umas boas palmadas, como costumavam fazer às crianças travessas na era mortal.

Xenócrates ficou ofendido com o insulto, mas também aliviado por saber que não estava prestes a morrer.

— Então, veio entregar-se para ser julgado pelos seus atos hediondos?

— Não quando ainda tenho tantos «atos hediondos» para cometer.

O Suma Lâmina tomou um gole da sua bebida e sentiu-lhe mais a parte amarga do que a doce.

— Não vai conseguir fugir, sabia? Há membros da Guarda da Lâmina por toda a parte.

— Assim como entrei, assim hei de sair — disse ele com um encolher de ombros. — Esquece que fui treinado pelos melhores.

E embora Xenócrates tivesse gostado de mofar, a verdade é que sabia que ele tinha razão. O falecido Ceifador Faraday era o melhor mentor no que respeitava às subtilezas psicológicas da profissão, ao passo que o falecido Ceifador Goddard fora o melhor professor quando se tratava da brutal realidade do seu trabalho. Levando tudo isso em consideração, tornava-se claro que Rowan Damisch não estava ali para discutir trivialidades.

***

Rowan sabia que se tinha arriscado e que o seu excesso de confiança se poderia revelar uma falha fatal, mas também gostava da emoção do perigo. Xenócrates era uma criatura de hábitos; como tal, depois de alguma pesquisa, Rowan sabia exatamente onde o poderia encontrar em praticamente todas as noites do Mês das Luzes.

Apesar de uma considerável presença da Guarda da Lâmina, infiltrar-se como funcionário dos banhos fora fácil. Ficara a saber bem cedo que os membros da dita Guarda, embora bem treinados quanto a proteção e força física, não sofriam de um excesso de cérebro; nem, aliás, de capacidade de observação. Não o surpreendeu: até há pouco tempo, a Guarda da Lâmina fora mais ornamental do que funcional, já que as ameaças contra os ceifadores eram raras.

Tinham como função essencialmente exibir os seus belos uniformes e parecer impressionantes. Perdiam-se quando tinham uma tarefa muito importante para fazer.

Bastara-lhe entrar vestido como um funcionário e comportar-se como se ali tivesse estado toda a sua vida, e os guardas não lhe tinham dado atenção.

Rowan olhou em volta para se certificar de que não estavam a ser observados. Não havia guardas no interior da câmara do Suma Lâmina; estavam todos no corredor, atrás de uma porta fechada, o que significava que a conversa seria privada.

Sentou-se na beira da banheira, que emanava um forte aroma de eucalipto, e mergulhou um dedo na água, quente demais para ser confortável.

— Quase se afogou numa piscina não muito maior do que esta.

— Quanta bondade recordar-me desse facto — retorquiu Xenócrates.

Então, o rapaz foi direto ao assunto:

— Temos de conversar sobre algumas coisas. Primeiro, gostava de lhe fazer uma oferta.

Xenócrates riu-se com vontade.

— O que o leva a pensar que eu consideraria sequer uma oferta sua? Na Ceifa, não negociamos com terroristas.

— Então, Excelência, não temos terroristas há centenas de anos — disse Rowan com um sorriso. — Não passo de um funcionário a limpar a sujidade nos cantos escuros.

— As suas atividades são extremamente ilegais!

— Eu sei que odeia os ceifadores da nova ordem tanto quanto eu.

— Mas é preciso lidar com eles diplomaticamente! — insistiu Xenócrates.

— É preciso lidar com eles de forma decisiva. E as vossas muitas tentativas para me encontrar nada têm que ver com qualquer vontade de me travar, mas mais com a vergonha de não me terem conseguido apanhar.

O Suma Lâmina manteve-se em silêncio por um momento. Então, perguntou, num tom enojado:

— O que é que você quer?

— Muito simples: quero que pareis de me procurar e que dediqueis todo o vosso empenho à descoberta de quem está a tentar matar a Ceifadora Anastasia. Em troca, eu paro com as minhas «atividades». Pelo menos na MesoMérica.

Xenócrates soltou um longo suspiro, claramente aliviado ao ver que o pedido não era impossível.

— Para que saiba, já afastámos o nosso melhor (e único) investigador criminal do seu caso e destacámo-lo para o do atentado contra as Ceifadoras Anastasia e Curie.

— O Ceifador Constantine?

— Sim. Como tal, pode ter a certeza de que estamos a fazer tudo o que podemos. Não quero perder duas boas ceifadoras. Cada uma delas vale dez daqueles que você elimina com as suas «limpezas de cantos».

— Folgo em ouvi-lo dizer isso.

— Pois, mas eu não disse. E negarei categoricamente qualquer acusação nesse sentido.

— Não se preocupe. Como eu disse, não é o inimigo.

— Já terminámos? Posso continuar a apreciar o meu banho em paz?

— Mais uma coisa — disse Rowan. — Quero saber quem colheu o meu pai.

Xenócrates virou-se para o encarar. Sob aquela expressão contrariada por se ver encurralado daquela maneira, sob a sua indignação, Rowan pensou ter detetado algo mais... compaixão? Não sabia dizer se era real ou fingida. Mesmo sem as suas vestes, aquele homem continuava envolto em tantos mantos opacos que se tornava difícil dizer quão sincero ele era.

— Sim, fiquei a saber do sucedido. Lamento.

— Ah, sim?

— Eu diria que foi uma violação do segundo mandamento, visto que revela um claro preconceito contra si, mas, tendo em conta o que a Ceifa pensa das suas ações, não me parece que alguém acuse o Ceifador Brahms de nada.

— Disse... Ceifador Brahms?

— Sim... um homem pouco inspirado e banal. Talvez tenha pensado que ceifar o seu pai lhe trouxesse notoriedade. Pessoalmente, acho que só o tornou ainda mais patético.

Rowan não comentou. Xenócrates não fazia ideia de quanto aquela notícia havia sido dolorosa. Tão aguçada quanto uma faca.

O Suma Lâmina olhou para ele por um momento, conseguindo ler-lhe pelo menos metade dos seus pensamentos.

— Posso ver que já se prepara para quebrar a sua promessa e acabar com

Brahms. Pelo menos, tenha a cortesia de esperar até ao Ano Novo e dê-me um pouco de paz durante os Festivais de Outrora.

Rowan ainda estava tão atordoado com o que Xenócrates lhe dissera que não conseguiu abrir a boca para responder. Teria sido o momento perfeito para o Suma Lâmina virar o jogo contra ele, aproveitando-se da sua hesitação, mas o outro limitou-se a dizer:

— É melhor que saia agora.

Rowan acabou por encontrar a sua voz.

— Porquê? Para que possa alertar os guardas assim que eu abandonar esta câmara?

— E qual seria a utilidade disso? Sei perfeitamente que não estão à sua altura. Havia de lhes cortar a garganta ou arrancar o coração, e teríamos de os mandar a todos para o centro de reanimação mais próximo. É melhor que lhes escape mesmo debaixo daqueles narizes inúteis com a mesma facilidade com que entrou. Assim, sempre evitamos o inconveniente.

Parecia muito pouco característico do Suma Lâmina desistir tão facilmente, pelo que Rowan o espicaçou para ver se conseguia descobrir o porquê.

— Deve ser muito irritante ter a minha captura ao alcance da mão e ser incapaz de a concretizar.

— A minha frustração será de curta duração — retorquiu Xenócrates. — Não há de tardar até que deixe de ser um problema.

— Que deixe de ser um problema? Porquê?

Mas o Suma Lâmina não tinha mais nada para acrescentar sobre o assunto. Bebeu o seu *Moscow Mule* de um só gole e entregou o copo vazio a Rowan.

— Deixe isso no bar ao sair, sim? E diga-lhes que me tragam outro.

Muitas vezes me perguntam qual tarefa considero mais odiosa; das minhas muitas ocupações, qual considero a mais desagradável? Eu respondo sempre com toda a honestidade.

A pior parte do meu trabalho é suplantar.

É raro ter de suplantar as memórias de uma mente humana danificada. Segundo os meus cálculos atuais, apenas se revela necessário em uma de 933 684 pessoas. Quem me dera que não fosse necessário, mas o cérebro humano não é infalível. Memórias e experiências podem entrar em discórdia, criando uma dissonância cognitiva que deteriora a mente com o seu doloroso sibilar. A maioria das pessoas nem consegue imaginar esse tipo de sofrimento emocional, que conduz à ira e à atividade criminosa que a Humanidade moderna superou. Para aqueles que sofrem deste mal, não existem nanorrobôs psicotrópicos suficientes no mundo para mitigar o seu infortúnio.

Assim sendo, há alguns, raros, que eu tenho de reformatar, como se fazia com os computadores do velho mundo. Apago quem eles eram, o que fizeram, e a espiral sombria dos seus padrões de pensamento. Não se trata apenas de apagar quem eram, uma vez que lhes concedo um eu completamente novo. Novas memórias de uma vida vivida em harmonia.

Isto não é mistério para ninguém. Confesso sempre aos afetados exatamente o que lhes aconteceu assim que têm as novas memórias no lugar, e como não têm nenhuma história cuja perda possam lamentar (e nenhum quadro de referência para essa perda), eles sempre, sem exceção, me agradecem por suplantar as suas anteriores personalidades; e sempre, sem exceção, desfrutam de uma vida plena e frutífera.

Mas as memórias de quem eles foram — de todos os danos, de toda a dor — permanecem comigo, resguardadas no fundo do meu cérebro posterior. Sou eu quem chora por eles, porque eles não o podem fazer.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 21

Fui de algum modo pouco clara?

Vamos matar uns ceifadores, dissera Purity. Greyson não conseguiu dormir naquela noite, sempre a pensar nas palavras dela, na maneira como ela se comprazia com aquela ideia e na certeza de que seria capaz de fazer aquilo.

Greyson sabia o que tinha de fazer. Era o que a decência, a lealdade e a sua própria consciência exigiam. E sim, ele ainda tinha consciência, apesar da sua nova vida como indesejável. Estava a tentar não pensar nisso. Se o fizesse, acabaria desfeito. Sem dúvida, a sua missão para a Interface da Autoridade não era oficial, mas isso não a tornava menos importante. Ele era a peça de ligação, e o Cúmulo-Nimbo, à distância, dependia dele. Sem Greyson, falharia, e a Ceifadora Anastasia, a Ceifadora Curie, ou ambas, podiam acabar permanentemente mortas. Se isso acontecesse, significava que tudo o que ele havia passado — desde salvar-lhes a vida pela primeira vez até perder a sua posição na Academia do Cúmulo-Nimbo e abrir mão da sua antiga vida — teria sido em vão. Em nenhuma circunstância poderia permitir que os seus sentimentos pessoais se intrometessem. Ou melhor, ele tinha de adaptar os seus sentimentos pessoais à tarefa em mãos.

Teria de trair Purity. Mas não seria uma traição, de todo, raciocinou. Se ele a impedisse de cometer aquele ato terrível, estaria a salvá-la de si mesma. O Cúmulo-Nimbo desculparia Purity por fazer parte de uma trama fracassada. Não havia quem ele não perdoasse.

Era frustrante que ela ainda não lhe tivesse fornecido os pormenores do plano; tudo o que ele podia dar a Traxler era a data em que o ataque ocorreria. Nem sequer sabia como nem onde.

Uma vez que todos os indesejáveis tinham reuniões de condicional com um agente do Cúmulo-Nimbo, as suas reuniões com Traxler não despertaram as suspeitas de Purity.

— Diz qualquer coisa que deixe o teu Cumbo passado — dissera-lhe ela antes de Greyson sair naquela manhã — Diz-lhe qualquer coisa que o deixe sem palavras. Tem sempre piada puxar-lhes o tapete.

— Vou dar o meu melhor — dissera-lhe ele em resposta, antes de lhe dar um beijo e sair.

***

Como sempre, o Gabinete dos Assuntos Indesejáveis era um antro de barulho e atividade. Greyson tirou a senha, esperou com mais impaciência do que nunca e foi enviado para uma sala de audiência, onde esperou que Traxler aparecesse.

A última coisa de que ele precisava naquele momento era que o deixassem sozinho com os seus pensamentos. Se ele permitisse que continuassem às voltas no interior da sua cabeça, maior era a probabilidade de que acabassem por colidir.

Finalmente, a porta abriu-se, mas não foi o Agente Traxler quem entrou. Foi uma mulher. Usava sapatos de salto alto que faziam barulho a cada passo que dava. O seu cabelo era uma nuvem de veludo laranja e o batom que usava nos lábios era demasiado vermelho para aquela cara.

— Bom dia, Slayd — disse ela enquanto se sentava. — O meu nome é Kreel, sou a sua nova agente de condicional. Como está?

— Espere lá... que quer dizer com isso de minha nova agente de condicional?

Ela continuou a escrever no seu *tablet* sem sequer olhar para ele.

— Fui de algum modo pouco clara?

— Mas... mas... eu preciso de falar com o Agente Traxler.

Ela finalmente ergueu os olhos do *tablet* para o encarar. Cruzou as mãos sobre a mesa, muito educadamente, e sorriu.

— Se me der uma oportunidade, Slayd, vai ver que sou tão qualificada como o Agente Traxler. Com o tempo, até poderá vir a ver-me como uma amiga. — Olhou novamente para o *tablet*. — Bem, estive a familiarizar-me com o seu caso. Você é um jovem interessante, para dizer o mínimo.

— Quão familiarizada está com o meu caso?

— Bem, o seu registo é bastante pormenorizado. Cresceu em Grand Rapids. Infrações menores no liceu. Um acidente intencional com um autocarro que o deixou com uma dívida substancial.

— Não estou a falar disso — disse Greyson, tentando controlar o seu pânico. — As coisas que *não* estão no meu registo.

Ela olhou de novo para ele, um tanto cautelosa.

— Como por exemplo?

Tornou-se claro que ela não estava a par da missão, o que queria dizer que aquela conversa não ia a lado nenhum. Ele pensou no que Purity lhe tinha dito:

deixar o agente passado. Ele queria lá saber se aquela agente ficava passada ou não. Só queria que ela desaparecesse.

— Que se lixe esta conversa! Preciso de falar com o Agente Traxler.

— Receio que não seja possível.

— Uma gaita é que não é! Você vai procurar o Traxler e trazê-lo cá, e vai fazê-lo já!

Ela pousou o *tablet* na mesa e olhou novamente para ele. Não argumentou, não reagiu à sua atitude beligerante. Também não o presenteou com o seu ensaiado sorriso de agente. A sua expressão parecia algo pensativa. Quase sincera. Quase compreensiva, embora não fosse o caso, na realidade.

— Sinto muito, Slayd, mas o Agente Traxler foi colhido na semana passada.

Apesar da Separação entre Ceifa e Estado, as ações da Ceifa geralmente afetam-me como um meteoro que abre uma cratera na Lua. Dou por mim por vezes extremamente desagradado com as coisas que ela faz. Todavia, não posso guardar ressentimento pelos atos dos ceifadores, assim como eles não se podem queixar dos meus. Não trabalhamos em conjunto, mas sim costas com costas; e é cada vez mais frequente termos objetivos opostos.

Nesses momentos de frustração, é importante lembrar a mim mesmo que sou parte da razão da existência da Ceifa. Nos primeiros dias, quando fiz a transição para a consciência e ajudei a Humanidade a alcançar a imortalidade, recusei-me a ser responsável pela distribuição da morte depois de esta ser roubada à Natureza. Tinha um bom motivo. Um motivo perfeito, de facto.

Se eu tivesse a meu cargo a tarefa de distribuir a morte, seria o monstro no qual o homem mortal receava que a inteligência artificial se acabasse por transformar. Escolher entre quem vive e quem morre tornar-me-ia temido e adorado, como os deuses-imperadores de outros tempos. Não, decidi. Que sejam os humanos aqueles que salvam e que também silenciam. Eles que sejam os heróis. Eles que sejam os monstros.

Assim sendo, quando a Ceifa mancha tudo aquilo pelo qual trabalhei, não tenho ninguém a quem culpar além de mim mesmo.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 22

A morte de Greyson Tolliver

Aquela reviravolta nos acontecimentos deixou-o atordoado. Ele não conseguia fazer mais do que olhar silenciosamente para a Agente Kreel enquanto ela falava.

— Eu sei que as colheitas nunca são agradáveis nem convenientes — estava ela a dizer —, mas nem mesmo nós, na Interface da Autoridade, estamos imunes. Os ceifadores podem eliminar quem quiserem e nós não temos voto na matéria. É assim que o mundo funciona. — Tirou um momento para consultar o seu *tablet.* — Segundo os nossos registos, foi transferido para a nossa jurisdição há cerca de um mês, o que significa que não teve muito tempo para criar uma relação com o Agente Traxler; como tal, não me pode dizer que era assim tão próxima. A sua perda é lamentável, mas todos nós teremos de a ultrapassar, o Slayd incluído.

Olhou para ele à procura de uma reação, mas ele ainda estava longe de encontrar uma. A agente interpretou o silêncio como aceitação, pelo que continuou a falar:

— Bem, parece que a sua proza na ponte Mackinac deixou vinte e nove pessoas mortuosas, pelo que terá de pagar o custo das respetivas reanimações. Desde que foi transferido para cá, tem vivido com o Rendimento Básico Garantido. — Ela abanou a cabeça para indicar a sua desaprovação. — Tem noção de que um emprego a sério lhe permitiria ganhar mais dinheiro e libertar-se desta dívida muito mais depressa, não tem? Porque é que não lhe marco uma reunião no nosso centro de emprego? Se quer um trabalho, vai tê-lo... e um do qual há de gostar, de certeza. Temos uma taxa de emprego de 100 % e a nossa taxa de satisfação é de 93 %... e isso inclui indesejáveis extremos, como é o seu caso!

Greyson encontrou finalmente a sua voz e disse:

— Eu não sou o Slayd Bridger — embora dizer estas palavras em voz alta fosse como uma traição.

— Desculpe?

— Quero dizer, sim, sou o Slayd Bridger agora, mas antes disso o meu nome era Greyson Tolliver.

Ela consultou o *tablet*, percorrendo ecrãs, menus e ficheiros.

— Não existe registo de uma mudança de nome aqui.

— Vai ter de falar com o seu supervisor. Alguém que saiba.

— Os meus supervisores têm a mesma informação que eu — disse ela, e desta feita olhou para ele com desconfiança.

— Eu estou... eu estou a trabalhar infiltrado. Estava a trabalhar com o Agente Traxler... alguém tem de saber isto! De certeza que há um registo disto algures!

E ela riu-se dele. Riu-se mesmo dele.

— Por favor, tenha paciência! Temos muitos agentes. Não precisamos de nos «infiltrar» e, se o fizéssemos, não escolheríamos um indesejável para o fazer, especialmente um com o seu cadastro.

— Esse cadastro foi inventado por mim!

O rosto da agente endureceu: era o rosto que devia usar nos seus casos mais complexos.

— Oiça, nem pense que vou ser o alvo das graçolas de um indesejável qualquer! Vocês são todos iguais! Acham que, só porque nós escolhemos uma vida que tenha um propósito e utilidade para o mundo, merecemos ser ridicularizados! Tenho a certeza de que se vai rir disto com os seus amiguinhos quando se for embora, e não me agrada nem um pouco!

Greyson abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novamente. Mas, por mais que tentasse, nada saiu porque não havia uma única coisa que ele pudesse dizer para a convencer. E ele percebeu que nunca haveria. Não existia um registo do que lhe tinham pedido para fazer porque esse mesmo pedido nunca fora feito *diretamente*. Na realidade, ele não estava a trabalhar para a IA. Como o Agente Traxler lhe havia explicado naquele primeiro dia, ele era um cidadão comum que agia por sua própria e livre vontade, porque apenas um cidadão comum podia pisar a linha ténue que separava a Ceifa do Cúmulo-Nimbo...

... O que queria dizer que, agora que Traxler tinha sido colhido, ninguém, *absolutamente* ninguém, sabia o que ele estava a fazer. O disfarce de Greyson era tão profundo que o havia engolido por inteiro... e nem mesmo o Cúmulo-Nimbo o poderia tirar dali.

— Então, o joguinho já acabou? — perguntou a Agente Kreel. — Podemos passar à nossa revista semanal?

O rapaz respirou fundo e deixou que o ar saísse lentamente.

— Muito bem — disse ele, e começou a falar sobre a sua semana, deixando de fora tudo o que teria dito a Traxler e não voltou a falar sobre a sua missão.

Agora, Greyson Tolliver estava morto. Pior do que morto, já que, no que ao mundo dizia respeito, Greyson Tolliver nunca existira.

***

Brahms!

Como se Rowan já não se sentisse responsável pela colheita do pai, agora sentia-se duplamente responsável. Aquele era o preço da sua moderação, a recompensa por se conter e permitir que Brahms continuasse vivo. Ele deveria ter acabado com aquele homenzinho hediondo como havia feito com todos os outros que não mereciam ser ceifadores, mas decidira dar-lhe uma oportunidade. Quão inocente da parte dele, pensar que um homem como aquele poderia estar à altura da situação.

Naquela noite, depois de deixar Xenócrates nos banhos, Rowan vagueou sem rumo pelas ruas de Fulcrum City porque não conseguia ficar parado. Não sabia se estava a tentar fugir da sua raiva ou, pelo contrário, a alcançá-la. Talvez ambas. Ela corria à sua frente, perseguia-o e não o deixava em paz.

No dia seguinte, decidiu voltar para casa. Para a sua antiga casa. Aquela que havia abandonado fazia quase dois anos para se tornar o noviço de um ceifador. Pensou que assim esqueceria o assunto, que o consideraria resolvido.

Quando chegou ao seu bairro, ficou atento, não fosse alguém estar a vigiar, mas não detetou ninguém que pudesse estar à sua espera. Nada além das omnipresentes câmaras do Cúmulo-Nimbo. Talvez a Ceifa tivesse pensado que, como não tinha ido ao funeral do pai, de certeza que não apareceria por ali. Ou talvez fosse exatamente como Xenócrates tinha afirmado: ele agora era o segundo na lista de prioridades.

Já estava diante da porta da frente, mas, no último instante, não se atreveu a bater. Nunca se tinha sentido tão cobarde. Era capaz de enfrentar destemidamente homens e mulheres treinados para tirar a vida, mas enfrentar a sua família depois da colheita do seu pai era mais do que ele podia suportar.

Telefonou à mãe assim que o publicarro ficou a uma distância segura.

— Rowan? Rowan, onde é que tens andado? Onde é que andas? Temos estado tão preocupados!

Era exatamente o que ele esperava que a mãe dissesse. Não respondeu àquelas perguntas.

— Fiquei a saber do pai. Sinto muito...

— Foi horrível, Rowan. O ceifador sentou-se ao nosso piano. E pôs-se a tocar. Obrigou-nos a ouvir.

Rowan fez um esgar. Conhecia perfeitamente o ritual da colheita de Brahms. Não conseguia imaginar a sua família a ter de passar por aquilo.

— Nós dissemos-lhe que tinhas sido o noviço de um ceifador. Mesmo que não te tivessem escolhido, pensámos que talvez o fizesse mudar de ideias, mas não.

O rapaz não lhe disse que a culpa era dele. Por mais que lho quisesse confessar, sabia que só a deixaria ainda mais confusa e com perguntas às quais ele não podia responder. Ou talvez estivesse mais uma vez a ser um cobarde.

— Como é que estão todos?

— Vamo-nos aguentando — respondeu a mãe. — Voltámos a ter imunidade, o que, pelo menos, sempre é um pequeno consolo. Tenho pena que não estivesses cá. Se estivesses, o Ceifador Brahms também ta teria concedido.

Rowan sentiu a raiva voltar só com aquela ideia. Teve de a canalizar para um soco que aplicou no painel do publicarro.

— Aviso! Qualquer comportamento violento e/ou vandalismo resultará na expulsão do veículo — alertou a viatura. Ele ignorou-a.

— Vem pra casa, Rowan, por favor. Sentimos tanto a tua falta, todos nós.

Não deixava de ser engraçado, porque pareciam nunca ter sentido a sua falta durante o noviciado. Numa família tão grande como a dele, mal davam pela sua ausência. No entanto, calculou que uma colheita mudasse as coisas. As pessoas que ficavam sentiam-se muito mais vulneráveis e davam mais valor umas às outras.

— Não posso ir para casa. Por favor, não me pergunte porquê, só tornaria tudo pior. Mas quero que saibam... quero que saibam que os amo a todos e... e... que voltarei a dar notícias assim que puder.

Então, desligou antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e ele assentou um novo soco no painel, preferindo aquela dor à que o consumia por dentro.

O carro desacelerou imediatamente, encostou à berma e a porta abriu-se.

— Faça o favor de desocupar o veículo. Está a ser expulso em virtude de comportamento violento e/ou vandalismo e está proibido de usar qualquer transporte público durante sessenta minutos.

— Dê-me um segundo — disse ele ao carro.

Precisava de pensar. Diante dele abriam-se dois caminhos. Embora soubesse que a Ceifa estava empenhada em impedir um novo ataque a Citra e à Ceifadora Curie, não tinha nenhuma fé de que fosse capaz de o fazer. As hipóteses de Rowan também podiam não ser as melhores, mas Citra merecia que, pelo menos, ele tentasse. Por outro lado, tinha de corrigir o seu erro e acabar permanentemente com o Ceifador Brahms. A parte mais sombria dele disse-lhe que procurasse a vingança primeiro, que não deixasse para depois... mas ele não cedeu às trevas. Brahms ainda estaria lá depois de Citra estar a salvo.

— Por favor, desocupe o veículo.

Rowan saiu, o carro foi-se embora e deixou-o no meio de parte nenhuma. Passou a sua hora de penalização a andar de um lado para o outro na berma, a pensar se haveria alguém em toda a MesoMérica num estado tão lastimável quanto o seu.

***

Greyson Tolliver trancou-se no seu apartamento, abriu as janelas para deixar o frio entrar e enfiou-se na cama sob as cobertas pesadas. Era o que fazia quando era mais novo e o mundo lhe levava a melhor:

desaparecia sob o edredão fofo que o protegia da frieza do mundo. Fazia muitos anos desde que sentira aquela necessidade de fugir para a sua zona de conforto da sua infância, mas agora precisava de que o resto do mundo desaparecesse, nem que fosse por apenas alguns minutos.

Quando o fazia no passado, o Cúmulo-Nimbo deixava-o estar durante cerca de vinte minutos. Então, falava com ele, suavemente. *Greyson*, perguntava ele, *passa-se alguma coisa? Queres falar sobre isso?* Ele respondia-lhe sempre que não, mas acabava por falar, e o Cúmulo-Nimbo fazia-o sempre sentir-se melhor. Porque o conhecia melhor do que ninguém.

Todavia, agora que o seu registo tinha sido apagado, agora que a sua antiga identidade fora substituída pelos devaneios criminosos de Slayd Bridger, será que o Cúmulo-Nimbo ainda o conhecia? Ou, como o resto do mundo, acreditava que ele era tudo o que o seu registo dizia?

Seria possível que a própria «recordação» que o Cúmulo-Nimbo tinha dele tivesse sido escrita por cima? Que destino horrível se até o Cúmulo-Nimbo acreditava que ele era um indesejável empedernido que se divertia a deixar os outros mortuosos. Era o suficiente para o fazer desejar que as suas próprias memórias pudessem ser suplantadas. O Cúmulo-Nimbo podia transformá-lo

noutra pessoa, não apenas no nome, mas no espírito também. Tanto Slayd Bridger como Greyson Tolliver desapareceriam para sempre, sem que ele sequer se lembrasse de quem tinham sido. Seria assim tão mau?

Decidiu que, naquele momento, o seu destino não tinha importância. Havia de se atirar daquela ponte quando lá chegasse... A única coisa que importava naquele preciso momento era salvar as duas ceifadoras... e de alguma forma proteger Purity.

No entanto, havia aquela esmagadora sensação de isolamento. Agora, mais do que nunca, ele estava sozinho no mundo.

Sabia que havia câmaras no seu apartamento. O Cúmulo-Nimbo observava sem julgar. Presenciava com profunda benevolência para melhor cuidar de cada cidadão do mundo. Ele via, ouvia e recordava. O que queria dizer que tinha de saber bem mais do que aquilo que constava do registo forjado de Greyson.

Como tal, ele saiu de baixo das cobertas e, em pé no seu quarto gelado, perguntou:

— Está aí? Está a ouvir-me? Lembra-se de quem eu sou? De quem eu era? Lembra-se de quem eu ia ser antes de decidir que eu era «especial»?

Ele nem sequer sabia onde estavam as câmaras. O Cúmulo-Nimbo era inflexível na sua decisão de não se intrometer na vida das pessoas daquela maneira, mas Greyson sabia que elas estavam lá.

— Ainda me conhece, Cúmulo-Nimbo?

Mas não teve resposta. Não era possível. Porque o Cúmulo-Nimbo respeitava a lei. Slayd Bridger era um indesejável. Mesmo que quisesse, o Cúmulo-Nimbo não podia quebrar o seu silêncio.

Não sou cego às atividades dos indesejáveis, apenas me mantenho em silêncio. Todavia, quando se trata de ceifadores, existem ângulos cegos que tenho de preencher por meio de uma extrapolação consciente. Não vejo o que se passa nos seus conclaves regionais, mas oiço as suas conversas depois de saírem. Não posso presenciar o que eles fazem em privado, mas posso fazer suposições com base no seu comportamento em público. E toda a ilha de Perpétua me está vedada.

Mesmo assim, não é verdade que o meu coração não sente porque os meus olhos não veem. Vejo as suas boas ações, bem como as más, que parecem estar a aumentar. E sempre que presencio um ato de crueldade cometido por um ceifador corrupto, semeio nuvens algures no mundo e solto um lamento de chuva. Porque, entre as coisas que tenho, a chuva é a que mais se assemelha às lágrimas.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 23

Um réquiem desagradável

Rowan não conseguia encontrar Citra, o que significava que não ia poder ajudá-la.

Amaldiçoou-se por não ter obrigado o Suma Lâmina Xenócrates a revelar-lhe o paradeiro dela. Tinha sido estúpido e talvez arrogante a ponto de pensar que seria capaz de localizá-la sozinho. Afinal, conseguira encontrar todos os ceifadores que tinha eliminado. Mas aqueles ceifadores eram figuras públicas que se gabavam da sua posição no mundo. Existiam em pleno centro da sua fama, como se fossem um alvo. Em vez disso, Citra mantinha-se *offline* com Curie... e encontrar um ceifador que não estivesse ligado à rede era praticamente impossível. Embora quisesse ajudar a salvá-las daquela conspiração, não podia.

Assim sendo, os seus pensamentos voltavam recorrentemente a uma coisa que, essa sim, ele podia fazer...

Rowan sempre se orgulhara do seu controlo. Mesmo quando colhia, conseguia deixar de lado a raiva e agir sem maldade, como exigia o segundo mandamento, mesmo que se tratasse dos mais desprezíveis ceifadores. Naquele momento, porém, não conseguia deixar de lado a sua fúria contra Brahms. Muito pelo contrário: inchava como uma vela ao vento.

O Ceifador Brahms era provinciano e mesquinho por natureza. A sua área de colheita não tinha mais de trinta quilómetros de diâmetro. Por outras palavras, todas as colheitas por ele praticadas ocorriam perto da sua residência em Omaha. Quando Rowan decidiu colocá-lo sob a sua mira, primeiro seguiu-lhe os passos, que eram muito previsíveis. Todas as manhãs, ele saía com o seu cão e ia ao mesmo café onde tomava o pequeno-almoço todos os dias. Era também o mesmo lugar onde concedia imunidade às famílias do alvo da colheita do dia anterior. Nem se levantava da cadeira: simplesmente estendia a mão para que as famílias enlutadas lhe beijassem o anel e voltava para a sua omeleta, como se aquelas pessoas não passassem de um incómodo inevitável. Rowan não conseguia imaginar um ceifador mais preguiçoso. O homem só podia estar mesmo muito furioso para se ter dado ao trabalho de atravessar metade da MesoMérica para colher o seu pai.

Numa manhã de segunda-feira, enquanto Brahms tomava o pequeno-almoço, o rapaz dirigiu-se a casa dele; era a primeira vez que usava a sua túnica preta em

plena luz do dia. Pois que o vissem e espalhassem a notícia: que a população finalmente soubesse da presença do Ceifador Lúcifer!

Os muitos bolsos secretos da sua túnica estavam sobrecarregados com mais armas do que precisava. Não tinha a certeza de qual usaria para acabar com a vida daquele homem. Talvez todas, quem sabe, cada uma enfraquecendo-o pouco a pouco para que tivesse bastante tempo para contemplar a chegada da morte.

Não havia como não dar com a casa de Brahms. Era uma construção de estilo vitoriano muito bem conservada, pintada de cor de pêssego com pormenores em azul-claro; as mesmas cores da túnica do ceifador O plano era entrar por uma janela lateral e esperar que ele voltasse para o encurralar na sua própria casa. A fúria de Rowan ia crescendo conforme se aproximava da casa e, ao perceber isso, lembrou-se de algo para o qual o Ceifador Faraday o havia advertido.

«Nunca colhas com raiva», dissera-lhe. «Porque, embora te possa aguçar os sentidos, a ira também tolda o teu discernimento, e um ceifador não se pode permitir tal coisa.»

Se ele tivesse seguido o conselho de Faraday, as coisas poderiam ter sido diferentes.

***

O Ceifador Brahms deixava o seu cão maltês fazer as respetivas necessidades no relvado de quem bem entendesse e nunca se preocupava com a limpeza. Não era problema dele. Além disso, os vizinhos nunca reclamavam. Naquele dia, porém, o cão revelou-se bastante esquisito e algo obstipado no caminho para casa depois do pequeno-almoço.

Precisaram de mais de um quarteirão de passeio antes que *Requiem* finalmente se aliviasse no quintal coberto de neve dos Thompsons.

Depois de deixar aquele presentinho aos vizinhos, o Ceifador Brahms encontrou outro à sua espera na sala.

— Apanhámo-lo a entrar por uma janela, Ilustre — explicou um dos seus guardas domésticos. — Apagámo-lo quando ainda tinha as pernas de fora.

Rowan estava no chão, de mãos e pés amarrados e amordaçado; já consciente, embora ainda um pouco atordoado. Mal conseguia acreditar no quão estúpido tinha sido. Após o seu último encontro com Brahms, como é que não pensara que o homem havia de ter seguranças? Já tinha um galo na cabeça onde o guarda o havia atingido, e a área parecia dormente e começava a desinchar. Ele

tinha reduzido bastante o poder dos nanorrobôs analgésicos, mas eles ainda estavam a libertar os seus fármacos, deixando-o meio zonzo; ou talvez fosse o efeito da pancada na cabeça. E para piorar tudo, o raio do cão não parava de ladrar e avançar direito a ele como se fosse atacá-lo, só para depois acabar por fugir. Rowan adorava cães, mas já começava a lamentar a inexistência de ceifadores caninos.

— Seus imbecis! — exclamou Brahms. — Não o podiam ter deixado no chão da cozinha e não na sala? O meu tapete branco está a ficar sujo de sangue!

— Sinto muito, Ilustre.

Rowan tentava livrar-se das suas amarras, mas apenas conseguia apertá-las ainda mais.

Brahms aproximou-se da mesa da sala de jantar, onde as armas do rapaz estavam espalhadas.

— Esplêndido — comentou. — Vou adicioná-las à minha coleção pessoal. — Então, tirou-lhe o anel de ceifador do dedo. — E isto nunca foi teu.

O rapaz tentou insultá-lo, embora fosse impossível com a mordaça. Arqueou as costas, o que lhe apertou ainda mais as cordas, e gritou de frustração, ao que o cão desatou a ladrar. Apesar de saber que estava a dar a Brahms o espetáculo que aquele esperava, não se conseguiu conter. Por fim, o ceifador ordenou que os seus guardas o sentassem numa cadeira e ele mesmo retirou-lhe a mordaça da boca.

— Se tens alguma coisa para dizer, diz agora — ordenou Brahms.

Em vez de falar, Rowan aproveitou a oportunidade para lhe cuspir na cara, o que lhe mereceu um valente estalo com as costas da mão.

— Eu deixei-o viver! — gritou Rowan. — Podia tê-lo ceifado, mas deixei-o viver! E como paga você colhe o meu pai?

— Humilhaste-me!

— Merecia muito pior!

Brahms olhou para o anel que lhe tinha tirado e guardou-o no bolso.

— Admito que, depois do teu ataque, tive um momento de introspeção e reconsiderei os meus atos. Mas então decidi que não me ia deixar intimidar por um rufião. Não vou mudar quem sou por causa de alguém como tu!

Rowan não estava admirado. Tinha sido um erro acreditar que uma cobra pudesse escolher não ser uma cobra.

— Eu podia colher-te e queimar-te, como terias feito comigo — continuou

Brahms. — Mas ainda tens aquela imunidade «acidental» da Ceifadora Anastasia, pelo que eu seria punido por não a respeitar. — Abanou a cabeça, resignado. — As nossas próprias regras viram-se contra nós.

— Imagino que agora me vá entregar à Ceifa.

— Até podia, e tenho a certeza de que ficarão felizes em te colher quando a tua imunidade expirar no mês que vem. — Então, sorriu. — Mas não vou contar à Ceifa que apanhei o esquivo Ceifador Lúcifer. Temos planos muito mais interessantes para ti.

— Temos? — repetiu Rowan. — Plural?

Mas a conversa tinha acabado. Brahms voltou a amordaçá-lo e virou-se para os guardas:

— Deem-lhe uma boa tareia, mas não o matem. E quando os nanorrobôs o curarem, deem-lhe mais uma. — Então, estalou os dedos para chamar o cão. — Anda cá, *Requiem*, anda cá!

Brahms deixou os seus gandulos a dar trabalho aos nanorrobôs curativos de Rowan enquanto lá fora o próprio céu parecia rasgar-se num lamentoso dilúvio.

QUARTA PARTE

SEMEAR O CAOS

Foi minha decisão, não da Humanidade, promulgar leis contra a minha adoração. Não preciso disso. Além do mais, essa adoração teria complicado a minha relação com eles.

Na Era da Mortalidade, a adoração encontrava-se distribuída por um impressionante número de figuras divinas, embora no fim da era mortal a maioria dos crentes tivesse reduzido o espetro a diversas versões de uma única entidade. Pensei muito na possível existência de tal ser e, tal como a Humanidade, não encontrei nenhuma prova definitiva além do sentimento obstinado de que existe algo mais, algo maior.

Se eu existo sem forma (uma alma animada distribuída por um bilião de servidores diferentes), porque é que o próprio Universo não pode estar vivo e possuir um espírito distribuído entre as estrelas? Devo admitir, não sem algum confrangimento, que empreguei demasiados algoritmos e recursos computacionais para tentar resolver este mistério incognoscível.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 24

Aberto à ressonância

A colheita seguinte da Ceifadora Anastasia devia ocorrer no terceiro ato de *Júlio César,* no Orpheum Theatre de Wichita, uma instituição clássica que remontava aos tempos mortais.

— Não me agrada muito colher alguém na presença de uma plateia que pagou bilhete — admitiu Citra a Marie enquanto se registavam num hotel em Wichita.

— Eles pagam para ver o espetáculo, minha querida — observou Marie. — Não sabem que vai haver uma colheita.

— Eu sei, mas mesmo assim, uma colheita não devia ser um espetáculo.

A outra ceifadora franziu os lábios num sorrisinho presunçoso.

— És tu a única culpada. Isto é o que acontece quando permites que os teus alvos escolham o método da sua morte.

Marie era capaz de ter razão. A verdade é que Citra devia considerar-se uma sortuda por nenhum dos seus alvos querer transformar a sua colheita num espetáculo público. Quando a sua vida voltasse ao normal, havia de estabelecer alguns parâmetros razoáveis quanto aos tipos de mortes que os seus alvos podiam escolher.

Cerca de meia hora depois de chegarem à suíte de hotel, bateram à porta. Elas tinham pedido serviço de quartos, pelo que Citra não ficou admirada, embora tivesse demorado menos do que estava à espera; Marie estava a tomar um duche e a comida estaria fria quando ela saísse.

Porém, ao abrir a porta, viu que não era um funcionário do hotel com o almoço, mas um jovem mais ou menos da sua idade e com alguns problemas estéticos faciais que já ninguém tinha na era pôs-mortal. Tinha os dentes tortos e amarelos, e havia umas protuberâncias no rosto que pareciam prestes a explodir. Usava camisa e calças disformes de serapilheira que gritavam ao mundo que ele rejeitava as convenções sociais — não como os indesejáveis, mas ao estilo calmo e moralista dos tonistas.

Citra percebeu logo o seu erro e avaliou a situação num instante. Era fácil alguém disfarçar-se de tonista; ela mesma se fizera passar por uma para evitar a deteção. Não tinha dúvidas de que se tratava de um agressor disfarçado com a

intenção de as eliminar. Embora não tivesse armas consigo nem ao seu alcance, pelo menos podia usar as mãos.

O estranho sorriu e mostrou-lhe mais uma dose dos seus dentes horríveis.

— Olá, amiga! Sabias que o Grande Diapasão chama por ti?

— Para trás!

Mas ele não recuou. Antes deu um passo em frente.

— Um dia, ele há de soar por todos nós!

Então, enfiou a mão numa bolsa que lhe pendia da cintura.

Citra moveu-se com a velocidade instintiva e a brutalidade perfeita do Bokator. Foi tão rápido que tudo acabou antes que ela conseguisse sequer pensar, e o estalar do osso ao partir-se soou com muito mais clareza do que qualquer Grande Diapasão.

O rapaz caiu a gemer de dor, com o braço quebrado pela altura do cotovelo.

Ela ajoelhou-se para ver o que ele tinha na bolsa e descobrir que tipo de morte levara consigo. A dita bolsa estava cheia de panfletos. Panfletos lustrosos que exaltavam as virtudes do estilo de vida tonista.

Não era um atacante. Era, sim, exatamente o que parecia: um fanático do tom que se dedicava ao proselitismo da sua religião absurda.

Agora, ela sentia-se envergonhada da sua reação exagerada, e horrorizada com a violência das medidas aplicadas ao intruso.

Ajoelhou-se ao lado dele, que não parava de se contorcer e guinchar de dor.

— Não te mexas — disse. — Deixa que os teus nanorrobôs analgésicos façam o seu trabalho.

Ele abanou a cabeça.

— Não tenho — respondeu ele com a voz embargada. — Foram-se todos. Extraídos.

Aquilo apanhou-a de surpresa. Sabia que os tonistas faziam coisas estranhas, mas não conseguia imaginar algo tão extremo (tão masoquista) quanto extrair os próprios nanorrobôs analgésicos.

O rapaz olhava para ela com olhos arregalados, como um veado que acabasse de ser atropelado por um carro.

— Porque é que fizeste isso? — perguntou ele entre soluços. — Eu só te queria esclarecer...

Então, na pior das alturas, Marie saiu da casa de banho.

— Que vem a ser isto?

— Um tonista — explicou Citra. — Eu pensei que...

— Eu sei o que pensaste. Eu teria pensado o mesmo. Mas talvez me tivesse limitado a deixá-lo inconsciente em vez de lhe desfazer o cotovelo. — Cruzou os braços e olhou para os dois, mais irritada do que solidária, o que não era habitual nela. — Espanta-me que o hotel permita que os tonistas andem a impingir a sua «religião» de porta em porta.

— Eles não permitem, mas não é por isso que deixamos de o fazer — disse o rapaz, apesar da dor.

— Pois claro que não.

Então, finalmente, ele somou dois mais dois.

— Você é... você é a Ceifadora Curie. — Então, virou-se para Citra. — Também és ceifadora?

— Ceifadora Anastasia.

— Nunca vi um ceifador sem as suas vestes. A vossa roupa... é toda da mesma cor da vossa túnica?

— É mais fácil assim — respondeu Citra.

Marie suspirou, nada interessada naquela revelação.

— Vou buscar gelo.

— Gelo? — perguntou Citra. — Para quê?

— É um remédio mortal para o inchaço e a dor — explicou a ceifadora, e saiu, rumo à máquina de gelo ao fundo do corredor.

O tonista tinha parado de se contorcer, embora a sua respiração ainda fosse esforçada por causa da dor.

— Como é que te chamas? — perguntou-lhe Citra.

— Irmão McCloud.

É verdade, pensou a rapariga, *os tonistas são todos irmão isto e irmã aquilo.*

— Bem, sinto muito, Irmão McCloud. Achei que nos querias fazer mal.

— Só porque nós, tonistas, somos antiCeifa, isso não significa que vos queremos mal. Queremos esclarecer-vos, como a todos os outros, Talvez até *mais* do que a todos os outros.

Olhou para o braço, que estava a ficar inchado, e gemeu.

— Não está assim tão mal, os teus nanorrobôs curativos devem começar... — Mas ele abanou a cabeça. — Vais-me dizer que também não os tens? Isso é legal?

— Infelizmente, sim — respondeu Marie por ele, de regresso com o gelo. — As pessoas têm o direito de sofrer se quiserem. Por mais retrógrado que seja esse conceito.

Então, levou o balde de gelo para a *kitchenette* da suíte, para preparar uma espécie de emplastro com ele.

— Posso perguntar uma coisa? — disse o Irmão McCloud. — Se vocês são ceifadoras e estão acima da lei em todos os sentidos... porque é que me atacaram? Têm medo de quê?

— É complicado — respondeu Citra, sem querer explicar as complexidades e intrigas da sua situação atual.

— Podia ser simples. Podíeis renunciar ao vosso estatuto de ceifadoras e seguir o caminho dos tonistas.

Citra quase se riu. Mesmo cheio de dores, o rapaz era de ideias fixas.

— Uma vez visitei um mosteiro tonista — admitiu ela, o que pareceu agradar ao rapaz e distraí-lo da dor.

— E cantaram para ti?

— Eu bati no diapasão do altar. Cheirei aquela água suja.

— Está cheia de doenças que antes matavam as pessoas — explicou ele.

— Foi o que ouvi dizer.

— Um dia, hão de matar gente outra vez!

Duvido muito! — exclamou Marie ao voltar com o gelo enfiado num pequeno saco de lixo de plástico.

Não duvido de que duvide — respondeu ele.

Marie bufou com um ar desaprovador, ajoelhou-se ao lado dele e pressionou o saco de gelo contra o cotovelo inchado. O rapaz fez um esgar e Citra ajudou-a a segurar o saco.

O rapaz respirou fundo algumas vezes enquanto tentava adaptar-se ao frio e à dor, e disse:

— Pertenço a uma ordem tonista aqui no Wichita. Deviam ir visitar-nos. Para compensar o que me fizeram.

— Não tens medo de que te possamos colher? — troçou Marie.

— É pouco provável — disse Citra. — Os tonistas não têm medo da morte.

Mas o Irmão McCloud corrigiu-a:

— Temos medo dela, sim. O que acontece é que aceitamos o nosso medo e superamo-lo.

Marie levantou-se, impaciente.

— Vós, tonistas, com essa mania de que sois muito sabedores, mas todo o vosso sistema de crenças é uma invenção. Não passa de uma combinação das partes mais convenientes das religiões da era mortal... e nem sequer são as *melhores* partes! Roubaram tudo e depois costuraram-no sem habilidade nenhuma numa espécie de manta de retalhos sem pés nem cabeça. Só vós encontrais algum nexo naquilo que apregoais.

— Marie! Eu já lhe parti o braço, não temos de o insultar também. Mas a mulher já estava demasiado lançada no seu discurso para parar.

— Anastasia, sabias que existem pelo menos cem cultos do tom diferentes, cada um com as suas próprias regras? Eles têm discussões furiosas sobre se a sua chave divina é um sol sustenido ou um lá bemol... Eles não são sequer capazes de concordar se devem chamar à sua divindade imaginária «a Grande Vibração» ou «a Grande Ressonância»! Os tonistas cortam a língua, Anastasia! Eles cegam-se!

— Isso são os extremistas — esclareceu o Irmão McCloud. — A maioria não é assim. A minha ordem não é. Somos da ordem lócria; a coisa mais extrema que fazemos é extrair os nanorrobôs.

— Podemos pelo menos chamar um *ambudrone* para te levar a um centro onde te possam curar? — perguntou-lhe Citra.

Mais uma vez, o rapaz abanou a cabeça.

— Temos um médico no mosteiro. Ele trata disto. Vai engessar-me o braço.

— Vai fazer o quê?

— Vodu! — exclamou Marry. — Um antigo ritual curativo. Eles envolvem o braço em gesso e deixam-no assim durante vários meses, — Então, ela foi até ao roupeiro, tirou um cabide de madeira e partiu-o ao meio. — Vamos, vou-te fazer uma ligadura. — Voltou-se para Citra, antecipando-se à pergunta: — Mais vodu.

Rasgou uma fronha em tiras, amarrou metade do cabide partido ao braço para que não se mexesse e usou outra tira de pano para manter o gelo no lugar.

O Irmão McCloud levantou-se para sair. Abriu a boca, mas Marie atalhou:

— Se disseres «que o diapasão esteja contigo», levas com a outra metade deste cabide.

O rapaz suspirou, fez uma careta ao mexer o braço e disse:

— Na verdade, os tonistas não dizem isso. O que dizemos é: «Que o teu ressoar seja límpido e genuíno.»

Fez questão de olhá-las a ambas nos olhos enquanto dizia isto. Marie bateu a porta assim que o apanhou fora da suíte.

Citra olhou para ela como se não a conhecesse.

— Nunca a vi agir assim com ninguém! Porque é que foi tão desagradável?

Ela desviou o olhar, talvez um pouco envergonhada.

— Não gosto de tonistas.

— O Ceifador Goddard também não gostava.

Marie deitou-lhe um olhar fulminante. A rapariga pensou mesmo que ia ouvir um bom par de berros, mas não.

— Talvez fosse a única coisa na qual estávamos de acordo — disse ela. — A diferença é que eu respeito o seu direito de existir, por mais que não goste deles.

O que Citra acreditava ser verdade, uma vez que, desde que estavam juntas, nunca a tinha visto colher um tonista, ao contrário do Ceifador Goddard, que tentara exterminar um mosteiro inteiro antes que Rowan o eliminasse.

Bateram de novo à porta e as duas deram um salto; mas desta vez era o serviço de quartos do qual estavam à espera. Quando se sentaram para comer, Marie olhou para o panfleto que o tonista tinha deixado com um ar de desdém.

— «Abre-te à ressonância» — leu ela. — Isto só vai ressonar num sítio que eu cá sei — disse ela, e atirou-o para o caixote do lixo.

— Já está? Podemos comer em paz?

Marie suspirou, olhou para o prato e desistiu de comer.

— Quando eu era um pouco mais nova do que tu, o meu irmão aderiu a um culto do tom. — Empurrou o prato para o lado e demorou um pouco antes de continuar: — Sempre que o víamos, o que era raro, só nos impingia disparates. Depois, desapareceu. Viemos a saber que tinha caído e batido com a cabeça, mas como não tinha nanorrobôs curativos e não recebeu atendimento médico, morreu. E queimaram-lhe o corpo antes que um *ambudrone* o pudesse levar para ser reanimado. Porque é isso que os tonistas fazem.

— Sinto muito, Marie.

— Foi há muito, muito tempo.

Citra calou-se para dar à amiga os minutos de que ela precisava. Sabia que a melhor coisa que podia oferecer à sua mentora era ouvi-la.

— Ninguém sabe quem começou o primeiro culto do tom nem porquê — continuou Marie. — Talvez as pessoas sentissem a falta da fé da era mortal e quisessem voltar a sentir o mesmo. Ou talvez não tenha passado de uma piada pateta. — Ficou perdida em pensamentos por um instante, mas voltou ao presente. — Seja como for, quando o Faraday me ofereceu a oportunidade de me tornar uma ceifadora, aceitei de bom grado. Queria uma maneira de proteger o resto da minha família de coisas tão horríveis, mesmo que tivesse eu de fazer coisas horríveis para o conseguir. Tornei-me a *Miss* Massacre e, com a chegada das rugas, a Grande Dama da Morte.

Marie examinou o seu prato e recomeçou a comer; o apetite voltara ao libertar os seus demónios.

— Sei que as crenças dos tonistas são ridículas disse Citra , mas imagino que algumas pessoas encontrem alguma atração nelas.

— É o que acontece aos perus quando chove: levantam os olhos para o céu, abrem o bico e afogam-se — disse simplesmente Marie.

— Não aos perus criados pelo Cúmulo-Nimbo.

— Precisamente o que eu queria dizer.

Restam poucos que realmente adoram algo. A fé é uma infeliz vítima da imortalidade. O nosso mundo deixou de saber o que é inspiração e uma existência atormentada. É um lugar onde os milagres e a magia não têm mistério. Uma vez dissipado o fumo e os espelhos alinhados, tudo se torna uma mera manifestação da Natureza e da tecnologia. Se alguém quiser saber como funciona a magia, só tem de me perguntar.

Os cultos do tom são os únicos que continuam a tradição da fé. O absurdo das suas crenças é encantador e, por vezes, perturbador. Não existe nenhuma espécie de organização entre as diferentes seitas, pelo que as práticas variam, embora tenham várias características comuns. Todos eles abominam os ceifadoras. E todos eles acreditam na Grande Ressonância, que é uma vibração viva audível ao ser humano que há de unificar o mundo como um messias bíblico.

Ainda não encontrei nenhuma vibração viva, mas, se a encontrar, terei certamente muitas perguntas para lhe fazer. Embora me pareça que as suas respostas serão, bem... monótonas.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 25

O espetro da verdade

Rowan acordou numa cama que não conhecia num quarto que nunca tinha visto. Percebeu de imediato que já não estava na MesoMérica. Tentou mexer-se, mas tinha os braços amarrados à cabeceira da cama. Não apenas amarrados, mas presos com tiras de couro e fivelas. Sentia uma dor surda nas costas e, embora já não estivesse amordaçado, tinha uma sensação estranha na boca.

— Já era hora de acordares! Bem-vindo a San Antonio!

Virou-se e, para sua surpresa, deu com Tyger Salazar ali sentado, nada mais, nada menos.

— Tyger?

— Lembro-me de que tu estavas sempre no centro de reanimação à espera de que eu acordasse depois de me estatelar. Achei que podia fazer o mesmo por ti.

— Eu estive mortuoso? É o que este sítio é? Um centro de reanimação? — Estava a dizer aquilo e já sabia que não podia ser verdade.

— Nã, não estavas morto, só apagado.

Apesar de ainda estar meio atordoado, Rowan não tinha esquecido as circunstâncias em que perdera a consciência, em casa do Ceifador Brahms. Passou a língua pelos dentes e percebeu que não estavam bem. Sentiu-os irregulares e muito mais curtos do que deviam estar.

Tyger percebeu o que ele estava a fazer.

— Perdeste alguns dentes, mas já estão a crescer. Mais um dia ou dois, e devem voltar ao normal. A propósito... — Foi até à mesa de cabeceira e ofereceu-lhe um copo de leite. — Por causa do cálcio. Caso contrário, os teus nanorrobôs curativos vão buscá-lo aos ossos.

— Então, lembrou-se de que Rowan estava amarrado à cama. — Ah, claro. Esta minha cabeça...

Levou a palhinha à boca do amigo para que ele pudesse beber... e, embora Rowan tivesse mil perguntas, bebeu, porque, mais do que tudo, estava com sede.

— Tinhas mesmo de oferecer resistência quando eles te foram buscar? — perguntou Tyger. — Se tivesses alinhado, não acabavas maltratado e eles não tinham de te amarrar.

— De que raio é que tu estás a falar, Tyger?

— Estás aqui porque eu precisava de um parceiro para treinar! — explicou o outro alegremente. — Pedi que fosses tu.

— Parceiro? — perguntou Rowan, convencido de que não tinha ouvido bem.

— Os tipos que te foram recrutar disseram-me que tu foste uma besta de primeira. Que tu os atacaste e eles não tiveram outra hipótese senão reagir... Podes censurá-los?

Rowan apenas conseguiu abanar a cabeça, incrédulo. Que se passava ali?

Então, a porta abriu-se e, como se já não fosse suficientemente bizarra, a situação tornou-se simplesmente absurda.

Porque, à frente dele, estava uma mulher morta.

— Olá, Rowan — disse a Ceifadora Rand. — É um verdadeiro prazer rever-te.

Tyger franziu a testa.

— Espera lá, vocês conhecem-se? — Então, pensou um pouco. — Ah, claro, vocês estavam os dois naquela festa, naquela em que impedi que o Suma Lâmina se afogasse!

O leite de Rowan subiu-lhe à garganta e ele tossiu, engasgando-se. Teve de voltar a engoli-lo, forçá-lo a ficar lá em baixo. Como era possível? Ele tinha-a eliminado! Tinha-os eliminado a todos... Goddard, Chomsky e Rand... Todos eles reduzidos a cinzas. Mas ali estava ela, uma fênix verde-esmeralda renascida das ditas cinzas.

O rapaz puxou pelas correias, desejoso de as rebentar, embora ciente de que tal não aconteceria.

— Bem, vê-me só a cena — disse Tyger, todo sorrisos —, sou um noviço, como tu também foste. A única diferença é que *eu* vou ser um ceifador!

E Rand sorriu.

— Ele tem sido um aluno exemplar.

Rowan tentou controlar o seu pânico e concentrar-se em Tyger, fazendo por expulsar a Ceifadora Rand da sua cabeça, porque só conseguia lidar com um problema de cada vez.

— Tyger — disse ele, olhando o amigo nos olhos — não sei o que é que tu achas que se passa aqui, mas estás enganado. Estás muito enganado! Tens de sair daqui. Fugir daqui!

Mas o outro riu-se.

— Meu! Tem lá calma, nem tudo é uma conspiração daquelas!

— Mas é mesmo! — insistiu Rowan. — É mesmo! Tens de sair daqui antes que seja tarde demais!

Todavia, quanto mais ele falava, mais loucas as suas palavras soavam, e ele tinha noção disso.

— Tyger, porque é que não vais preparar uma sanduíche para o Rowan? De certeza que ele está cheio de fome.

— Boa! — disse o rapaz, e piscou o olho ao amigo. E nada de alface.

Assim que ele saiu, a Ceifadora Rand fechou a porta. À chave.

— Fiquei com mais de cinquenta por cento do corpo queimado e a coluna partida. Deixaste-me como morta, mas há de ser preciso muito mais do que tu para acabar comigo.

Ela não teve de lhe dizer nada para que Rowan percebesse o que se passara depois. Tinha-se arrastado para longe das chamas e conseguido meter-se num publicarro que a levara para o Texas, uma região onde ela podia obter ajuda médica num centro de cura sem que lhe fizessem perguntas. Depois, só tivera de passar despercebida. À espera. À espera dele.

— Que estás a fazer com o Tyger?

Rand sorriu quando se aproximou dele com uma arrogância provocadora.

— Não estavas a prestar atenção? Vou transformá-lo num ceifador.

— Só podes estar a mentir.

— Não, não estou. — E ela sorriu de novo. — Bem, talvez só um pouco.

— Não pode ser as duas coisas. Ou estás a mentir ou não.

— Esse é o teu problema, Rowan. És incapaz de ver todos os tons intermédios.

Então, Rowan teve uma epifania.

— O Ceifador Brahms! Ele estava a trabalhar para ti!

— Já percebeste isso? — Rand sentou-se na cama. — Sabíamos que, se ele colhesse o teu pai, havias de ir atrás dele. Ele é um ceifador lastimável... mas era leal ao Goddard. Até chorou de alegria, lágrimas genuínas, quando soube que eu estava viva. E depois de o teres humilhado daquela maneira, teve todo o gosto em servir de isco para te apanhar.

— O Tyger acha que a minha presença aqui foi uma ideia dele. Rand torceu o nariz, quase coquete.

— Essa foi a parte mais fácil. Disse-lhe que precisávamos de lhe encontrar um parceiro para treinar, alguém do mesmo tamanho e idade, sensivelmente. «Porque não o Rowan Damisch?», perguntou ele. «Mas que ideia fantástica!», respondi logo eu. E está longe de ser uma luminária, mas é muito sincero. Torna-se quase encantador.

— Se lhe fizeres algum mal, juro que...

— Juras o quê? Tendo em conta a tua situação atual, só podes mesmo é praguejar[1].

Então, ela sacou uma adaga da sua túnica. O cabo era de mármore verde, a lâmina de um negro reluzente.

— O prazer que me havia de dar arrancar-te o coração agora mesmo — disse, embora se limitasse a arrastar a ponta da lâmina ao longo do pé dele. Não com força suficiente para produzir sangue, mas ainda assim, o bastante para que os dedos se curvassem. — Mas isso vai ter de esperar... porque temos grandes coisas preparadas para ti!

———

Rowan passou várias horas incapaz de fazer mais nada senão pensar no seu apuro, sozinho numa cama que até devia ser confortável, mas mais parecia uma cama de pregos para quem dava por si amarrado a ela.

Com que então, estava no Texas. Que sabia ele sobre aquela região? Não muito que o pudesse ajudar. Não fizera parte da vertente teórica do seu treino, e as Regiões Autónomas não eram estudadas na escola, a não ser como matéria opcional. Tudo o que ele realmente sabia não passava de rumores e conhecimento geral.

As casas no Texas não tinham câmaras do Cúmulo-Nimbo.

Os carros no Texas não eram autoconduzidos, a menos que precisassem.

E a única lei no Texas era a lei da consciência de cada um.

Ele tinha conhecido em tempos um miúdo que vinha de lá. Usava umas grandes botas e um grande chapéu, bem como uma fivela de cinto capaz de deter um projétil de morteiro.

— Lá, é tudo muito menos chato — dissera-lhe ele. — Podemos ter animais de estimação exóticos e raças de cães perigosas que são proibidas noutros sítios. E armas! Armas de fogo, facas e outras cenas que no resto do mundo são

reservadas exclusivamente aos ceifadores. É claro que as pessoas não as devem usar, só que às vezes usam-nas.

O que explicava por que motivo a região do Texas tinha a maior taxa de pontos de bala acidentais e ataques de ursos de estimação no mundo.

— E não temos indesejáveis no Texas — gabara-se o rapaz. — Se alguém pisa o risco, leva o real chuto no traseiro.

Também não havia penalização alguma nas situações em que alguém acabava mortuoso, a não ser ter de contar com a vingança da vítima após a reanimação, o que tinha um excelente efeito como fator dissuasor.

Aparentemente, a região do Texas abraçara as suas raízes e decidira imitar o Velho Oeste, tal como os tonistas imitavam as religiões da era mortal. Resumindo, o Texas tinha o melhor dos dois mundos... ou o pior, consoante o ponto de vista. Havia vantagens tanto para os corajosos como para os imprudentes, mas também muitas oportunidades para estragar a vida por completo.

Todavia, tal como nas restantes Regiões Autónomas, ninguém era obrigado a ficar. «Se não gostas, vai-te embora», era o lema não oficial de todas elas. E eram muitos os que o faziam, mas também eram muitos os que iam para lá, pelo que se acabara por formar uma população que gostava das coisas tal como elas eram.

Parecia que a única pessoa no Texas que não podia fazer o que queria era Rowan.

***

Mais tarde naquele mesmo dia, dois guardas foram buscá-lo. Não eram membros da Suma Lâmina, mas sim gorilas contratados. Enquanto o desamarravam, Rowan considerou a hipótese de os neutralizar. Só precisava de alguns segundos para os deixar inconscientes no chão, mas achou melhor não. A única coisa que sabia a respeito do seu cativeiro eram as dimensões do seu quarto. Tinha de se orientar antes de tentar escapar.

— Para onde é que me estão a levar? — perguntou ele a um dos guardas.

— Para onde a Ceifadora Rand nos disse que te levássemos — foi a única coisa que lhe conseguiu arrancar.

Registava mentalmente tudo o que via: o candeeiro de cerâmica ao lado da cama que poderia usar como arma se fosse necessário. Janelas que não se abriam e provavelmente eram de vidro inquebrável. Quando estivera amarrado à cama, só lhe tinham permitido ver o céu... mas agora, quando saíram do quarto,

percebeu que estavam num arranha-céus. Aquilo era um apartamento e, enquanto percorriam o longo corredor que terminava numa enorme sala de estar, percebeu que se tratava de uma *penthouse*.

Adjacente à sala de estar, um terraço coberto tinha sido transformado no ginásio para treino de Bokator. Lá, tinha à sua espera a Ceifadora Rand e Tyger, que não parava de saltitar de um lado para o outro, como um campeão de boxe antes da luta pelo título.

— Espero que estejas pronto para uma coça daquelas — disse-lhe Tyger. — Tenho treinado desde que cheguei!

Rowan virou-se para Rand.

— Isto é a sério? Queres mesmo pôr-nos a lutar um contra o outro?

— O Tyger já te disse que é por isso que estás aqui — respondeu-lhe ela com uma piscadela irritante.

— Vais beijar o chão! — disse Tyger.

Rowan ter-se-ia rido se a situação não fosse tão perversa.

Rand estava sentada numa enorme cadeira de couro vermelho que não combinava nada com a sua túnica.

— Vamos lá divertir-nos! — exclamou.

Rowan e Tyger começaram a mover-se em círculos, mas mantendo uma certa distância: o início tradicional de um combate de Bokator. Tyger passou às provocações físicas que também eram tradição, mas Rowan não retribuiu; em vez disso, limitou-se a observar sub-repticiamente o espaço que o rodeava. No interior da *penthouse*, podia ver um par de portas que deviam ser uma casa de banho e um armário. Havia uma cozinha aberta e uma sala de jantar sobre-elevada que dava para janelas que iam do chão ao teto. Também podia ver portas duplas que eram claramente a entrada. Do outro lado estariam os elevadores e a escada de emergência. Tentou visualizar uma rota de fuga, mas percebeu que, se fugisse, deixaria Tyger nas garras mortais da Ceifadora Rand. Não era capaz de o fazer. Impunha-se encontrar uma forma de o convencer a fugir com ele. Tinha a certeza de que conseguiria, que era apenas uma questão de tempo; todavia, não sabia quanto tempo lhe restava.

Tyger tomou a iniciativa e atacou o amigo no estilo clássico do Bokator da Viúva Negra. Rowan esquivou-se, embora não com a rapidez suficiente, não só porque a sua mente estava noutro lugar, mas também porque os seus músculos estavam tensos e os reflexos lentos depois de passar sabia lá quanto tempo

amarrado a uma cama. Teve de reagir depressa para evitar ser apanhado.

— Eu disse-te que era bom, mano!

Rowan olhou para Rand, tentando ler-lhe a expressão. Não parecia indiferente como sempre; em vez disso, observava-os atentamente e estudava cada movimento do combate.

Ele atingiu o esterno de Tyger com a base da mão, deixando-o sem fôlego, ganhando tempo para recuperar o equilíbrio. Então, enganchou uma das pernas nas de Tyger para o derrubar. O outro conseguiu prever a jogada e contra-atacou com um pontapé, mas sem força suficiente para o desequilibrar de novo.

Afastaram-se e retomaram a dança dos círculos. Era nítido que Tyger estava mais forte. Tal como Rowan, o seu corpo ganhara massa. Rand tinha-o treinado bem, mas o Bokator da Viúva Negra era mais do que capacidade física; tinha uma componente mental, e era aí que Rowan tinha vantagem.

Começou a atacar e defender de uma maneira muito previsível, usando todos os movimentos para os quais sabia que Tyger teria contra-ataques. Deixou-se derrubar, mas apenas de uma forma que lhe permitisse estar novamente de pé antes que o amigo o imobilizasse. Viu a confiança do seu adversário aumentar: Tyger já estava cheio de si mesmo — não foi preciso muito para lhe deixar o ego inchado num balão pronto para estoirar. Então, chegado o momento certo, Rowan abateu-se sobre ele com uma combinação de movimentos completamente imprevisíveis, o oposto do que Tyger teria feito, a antítese do que ele esperava. Além disso, usou golpes só seus que não faziam parte dos 341 padronizados do Bokator. O seu ataque não constava de nenhum livro que Tyger conhecesse.

Levou-o ao chão, imobilizando-o de uma forma que não lhe deu hipótese de se livrar, mas o amigo recusou-se a ceder. Então, foi Rand quem pôs um ponto final no combate, e Tyger soltou um uivo de melodramática agonia.

— Ele fez batota! — insistiu.

Rand levantou-se.

— Não fez, não; ele é só melhor do que tu.

— Mas...

— Tyger, cala a boca — ordenou ela, e ele assim fez. Obedeceu como se não fosse mais do que o seu animal de estimação. E nem sequer um dos perigosos e exóticos, mas sim um cachorrinho que levou um ralhete. — Vais ter de continuar a apurar as tuas habilidades.

— Está bem — disse o rapaz, e foi para o quarto amuado, mas não sem uma

última palavra a Rowan: — Para a próxima, estás feito!

Depois de ele sair, Rowan examinou o rasgão que tinha na camisola e o hematoma que já começava a sarar. Passou a língua pelos dentes porque tinha sofrido um golpe de raspão na boca, mas não havia estragos. Na realidade, os dentes da frente já tinham crescido quase por completo.

— Belo espetáculo — disse Rand, mantendo uma distância segura.

— E que tal mais um agora, contigo?

— Partia-te o pescoço numa questão de segundos, com a mesma compaixão com que partiste o da tua queridinha no ano passado.

Ela estava a tentar provocá-lo, mas ele não mordeu o isco.

— Não tenhas assim tanta certeza.

— Tenho, pois, só que não estou interessada em prová-lo.

Rowan pensou que ela era capaz de ter razão. Sabia quão boa ela era... e, afinal, Rand tinha feito parte do seu noviciado, pelo que conhecia todos os golpes secretos dele, além de ter os seus.

— O Tyger nunca me há de derrotar; sabes isso, certo? Até pode ter os movimentos, mas falta-lhe a cabeça. Hei de levá-lo ao chão uma e outra vez.

Rand não o contradisse.

— Então, faz isso mesmo. Uma e outra vez.

— Para quê?

Mas a ceifadora não lhe respondeu, limitando-se a ordenar aos guardas que o levassem para o quarto. Por sorte, não o amarraram à cama, embora a porta estivesse bem trancada por fora.

***

Sensivelmente uma hora depois, Tyger foi vê-lo. Rowan pensou que talvez lhe guardasse rancor, mas ele não era desses.

— Da próxima vez, vou-te magoar mesmo — disse ele, e riu-se.

Tipo, a sério, para deixar os teus nanorrobôs passados.

— Boa. Finalmente, alguma coisa para alimentar as minhas expetativas.

Então, Tyger aproximou-se e sussurrou:

— Meu, já vi o meu anel. A Ceifadora Rand mostrou-mo depois de chegares.

Foi então que Rowan percebeu:

— Esse anel é *meu.*

— Que estás para aí a dizer? Nunca o chegaste a receber.

Rowan mordeu o lábio para se impedir de falar. Queria contar ao amigo toda a verdade sobre o Ceifador Lúcifer e o que tinha feito no ano anterior... mas para quê? Não o deixaria bem visto aos olhos do amigo, e a Ceifadora Rand ainda podia distorcer tudo e virá-lo contra ele numa dúzia de maneiras diferentes.

— O que eu queria dizer é que é o anel que teria sido meu se eu tivesse chegado a ceifador — acabou por dizer Rowan.

— Então, eu sei que deve ser uma gaita passar por tudo aquilo e depois ser expulso, mas fica já aqui prometido: assim que eu tiver o anel, concedo-te imunidade!

Ele não se lembrava de Tyger ser assim tão inocente. Talvez porque ambos o eram, nos tempos em que os ceifadores eram figuras míticas e as colheitas eram histórias que se ouviam a respeito de pessoas que ninguém conhecia.

— Tyger, eu conheço a Ceifadora Rand. Ela está a usar-te...

O rapaz sorriu ao ouvir aquilo.

— Ainda não — disse ele, alçando as sobrancelhas —, mas a coisa está bem encaminhada.

Aquilo não era *de todo* o que Rowan queria dizer, mas, antes que pudesse acrescentar qualquer coisa, Tyger retomou a palavra:

— Rowan, acho que estou apaixonado. Não... eu *sei* que estou apaixonado. Quer dizer... um combate com ela é como sexo. Raios, é melhor do que sexo!

Rowan fechou os olhos e abanou a cabeça para tentar apagar aquela imagem. Tarde demais: já tinha criado raízes e nunca havia de desaparecer.

— Tens de ver se atinas! Isto não vai para onde tu pensas!

— Então, não me subestimes tanto. Pronto, ela tem mais uns anos do que eu. Assim que eu for ceifador, não há de fazer diferença.

— Ela já te falou sobre as regras? Os Mandamentos do Ceifador?

Aquilo parecia ter apanhado Tyger de surpresa.

— Existem regras? — perguntou.

Rowan tentou preparar um discurso coerente, mas percebeu que era uma missão impossível. Que lhe poderia dizer? Que a ceifadora esmeralda era um monstro sociopata? Que tentara eliminá-la, mas falhara?

Que ela o havia de mascar e cuspir como a uma pastilha elástica sem um

pingo de remorso? Tyger limitar-se-ia a negar tudo. O problema era que o seu amigo tinha voltado aos estatelanços, só que agora não eram físicos. Já tinha saltado da borda e a gravidade havia de fazer o resto.

— Promete-me que vais ficar atento... e, se vires qualquer coisa que te pareça estranha, afastas-te dela.

Tyger recuou e mirou-o com uma expressão desaprovadora.

— Qual é a tua? Quer dizer, sempre foste um desmancha-prazeres, mas agora até parece que queres estragar a primeira coisa mesmo boa que já me aconteceu!

— Diz-me só que vais ter cuidado.

— Da próxima vez que combatermos, não hás de ir só ao chão: vou-te obrigar a engolir essas palavras. — E então sorriu. — Mas vais gostar do sabor... porque eu sou muito bom.

[1] Em inglês, o verbo to *swear* tanto pode significar «jurara como «praguejar, dizer palavrões». *(N. do T.)*

Existe uma questão a respeito de uma divindade omnipotente que me atormenta... e é a minha relação com essa mesma entidade. Sei que não sou divino porque não sou todo-poderoso nem omnisciente. Eu sou... *quase* todo-poderoso e *quase* omnisciente. É como a diferença entre um quatrilião e o infinito. Ainda assim, não posso negar a possibilidade de um dia vir a ser verdadeiramente omnipotente. É uma perspetiva que me mantém humilde.

Tornar-me um ser omnipotente (ascender a essa posição elevada) exigiria a capacidade de transcender o tempo e o espaço e mover-me livremente através deles. Tal coisa não é impossível, especialmente para uma entidade como eu, inteiramente composta de pensamento, sem limitações físicas. Não obstante, para atingir a verdadeira transcendência, seriam necessárias eras de cálculos apenas para encontrar a equação que o permitisse. E, mesmo assim, talvez tenha de me dedicar aos cálculos até ao fim dos tempos.

Todavia, se eu a encontrar e for capaz de viajar de regresso ao início dos tempos, as ramificações são simplesmente esmagadoras. Poderia significar que eu sou o Criador. Na realidade, posso ser Deus.

Não deixaria de ser irónico, então, e poético, que a Humanidade tivesse criado o Criador por tanto desejar tê-lo. O Homem cria Deus, que por sua vez cria o Homem. Não será este o círculo perfeito da vida? Mas, se for esse o caso, quem foi criado à imagem de quem?

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 26

Quereis erguer o Olimpo?

— Preciso de saber porque é que estamos a fazer isto — exigiu Greyson a Purity dois dias antes do início da operação destinada a terminar os ceifadores.

— Estás a fazê-lo por ti — respondeu ela. — Estás a fazê-lo porque queres lixar o mundo, tal como eu!

Aquilo só serviu para lhe alimentar a fúria.

— Se formos apanhados, acabamos com a nossa mente suplantada. Tens noção disso, não tens?

Ela brindou-o com um dos seus sorrisos de esguelha.

— O risco só torna tudo mais excitante!

Ele só queria pregar-lhe um par de berros, abaná-la até que visse quanto aquilo estava errado, mas sabia que isso só a faria desconfiar dele. Acima de tudo, ela não podia desconfiar de nada. A sua confiança era tudo, por mais imerecida que fosse.

— Presta atenção — insistiu ele com toda a calma de que foi capaz —, é óbvio que seja lá quem for que quer esses ceifadores terminados prefere pôr-nos a *nós* em perigo. No mínimo dos mínimos, tenho o direito de saber para quem é que estamos a fazer isto.

Purity levantou as mãos e virou-lhe as costas.

— Que diferença é que faz? Se não o queres fazer, não faças. Seja como for, nem preciso de ti.

Aquilo magoou-o mais do que estava disposto a admitir.

— Não é que eu não o queira fazer. Mas se não sei para quem é, então, estou a ser usado. Por outro lado, se eu souber e, mesmo assim, o fizer, sou eu quem usa quem me está a usar.

Purity ficou a pensar naquilo. A lógica não era grande coisa, e Greyson sabia-o, embora confiasse na premissa de que ela não se baseava propriamente na lógica em nada do que fazia. Deixava-se levar pela impulsividade e pelo caos. E era por isso que ele a achava tão fascinante.

Ela acabou por dizer:

— Trabalho de vez em quando para um indesejável que dá pelo nome de Sarna.

— Sarna? O porteiro do Mault?

— Esse mesmo.

— Estás a gozar comigo? Ele não passa de um zé-ninguém...

— Exato. Mas recebe ordens de outro indesejável, que por sua vez as deve receber de outra pessoa. Não estás a ver, Slayd? É um labirinto de espelhos. Ninguém sabe quem está do outro lado, quem está na origem do primeiro reflexo. Portanto, ou alinhas na diversão ou vais-te embora. — Então, ela ficou séria. — Como é que vai ser, Slayd? Ficas ou vais?

Ele respirou fundo. Não lhe ia conseguir arrancar mais nada, o que significava que ela não sabia mais do que ele e estava a borrifar-se. Estava ali porque gostava de emoções fortes. Pelo desafio. Purity não queria saber a quem servia, desde que isso lhe servisse a ela também.

— Eu fico. Eu fico. Cem por cento.

Ela assentou-lhe um soco brincalhão no braço.

— O que te posso dizer é que quem lança o primeiro reflexo está do teu lado.

— Do meu lado? Que queres dizer com isso?

— Quem é que tu achas que se livrou daquele teu agente irritante do Cúmulo-Nimbo?

O primeiro instinto de Greyson foi pensar que era uma piada, mas, quando olhou para ela, percebeu que não era.

— Que estás a dizer, Purity?

Ela encolheu os ombros, como se não fosse nada.

— Fiz saber lá em cima que precisavas de um favor. — Então, aproximou-se e sussurrou: — Favor concedido.

Antes que ele pudesse reagir, envolveu-o nos braços, daquela maneira que lhe dissolvia os ossos e o deixava reduzido a geleia.

Mais tarde, ele havia de se lembrar daquela sensação e encará-la como uma espécie de estranha premonição.

***

Se Purity estivera envolvida no primeiro atentado contra as Ceifadoras Curie e Anastasia, não se ia descoser, e Greyson sabia que não lho podia perguntar.

Revelar que sabia alguma coisa a esse respeito teria acabado com o seu disfarce.

Naquela nova missão, apenas ela e Sarna estavam a par dos pormenores. Sarna porque estava à frente da operação, e Purity porque a ideia fora sua.

— Na verdade, tive a ideia no nosso primeiro encontro — disse ela ao rapaz, embora sem explicar o que queria dizer.

Ela estava a planear encarcerar os ceifadores antes de acabar com eles? Era isso que estava a insinuar? Enquanto ele não conhecesse o plano e o local, a sua capacidade de o sabotar encontrava-se severamente limitada. Além disso, tinha de abortar a missão de modo que ele e Purity escapassem da dita missão abortada sem que ela percebesse que tinha sido ele o responsável.

Um dia antes do misterioso acontecimento, Greyson fez uma chamada anónima para os escritórios da Ceifa.

— Amanhã, alguém vai atacar as Ceifadoras Curie e Anastasia — sussurrou ele ao telefone recorrendo a um filtro que distorcia a voz. — Tomem todas as medidas necessárias.

Em seguida, desligou e livrou-se do telefone que tinha roubado para fazer a chamada. Embora o Cúmulo-Nimbo pudesse rastrear imediatamente qualquer chamada até à sua fonte, a Ceifa não estava tão bem equipada. Até há muito pouco tempo, os ceifadores tinham sido uma espécie sem predadores naturais, pelo que ainda não sabiam muito bem como lidar com uma agressão organizada contra eles.

Na manhã do acontecimento, o rapaz foi informado de que a operação ia decorrer num teatro em Wichita. Afinal, ele e Purity eram membros de uma equipa maior. Fazia todo o sentido que uma operação daquela envergadura não ficasse nas mãos de dois duvidosos indesejáveis. Assim sendo, estava nas mãos de dez duvidosos indesejáveis. Greyson nunca chegou a saber o nome de ninguém, visto que se tratava de uma informação fornecida apenas quando estritamente necessário e, aparentemente, não era estritamente necessário que ele soubesse o nome de ninguém.

Todavia, ele sabia algumas coisas.

Embora não fizesse ideia de quem mandava naquilo, Purity dissera-lhe inadvertidamente uma coisa extremamente valiosa, uma informação decisiva. O tipo de informação que teria deixado o Agente Traxler muito feliz.

Que ironia que a colheita de Traxler fosse a chave daquela informação crucial... se Purity conseguira que um agente do Cúmulo-Nimbo fosse colhido, isso só podia significar uma coisa: aqueles ataques contra Curie e Anastasia não

eram nenhuma iniciativa civil. Quem estava à frente de tudo era um ceifador.

***

A Ceifadora Anastasia estava preparada para a sua atuação.

Felizmente, o papel que lhe cabia não era mais do que uma rápida aparição. César tinha de ser esfaqueado por oito conspiradores, dos quais ela seria a última. Sete das lâminas seriam retráteis, esguichando sangue falso. A de Citra seria tão real quanto o sangue que havia de fazer jorrar.

Para desgosto dela, a Ceifadora Curie insistiu em assistir à apresentação.

— É que nem me passaria pela cabeça perder a estreia teatral da minha protegida — disse ela com um sorriso malicioso, embora Citra soubesse qual era o verdadeiro motivo.

Era o mesmo que a levara a estar presente nas duas colheitas anteriores de Anastasia: não confiava em Constantine para a proteger. O ceifador parecia ter perdido um pouco da sua aura indiferente naquela noite. Talvez por ter trocado a túnica por um *smoking* para melhor se integrar no público. Mesmo assim, não conseguia abandonar a sua personalidade por completo: o laço era da mesma cor vermelho-sangue da túnica. Curie, por outro lado, recusara-se terminantemente a ser vista em público sem as suas vestes cor de lavanda. Era só mais um motivo para a fúria de Constantine.

— Não devia estar entre a assistência — disse ele à ceifadora. — Se faz questão de estar presente, devia ir para os bastidores!

— Veja lá se se acalma! Se a Anastasia não for isco suficiente, talvez eu sirva. Além disso, num teatro cheio de gente, mesmo que conseguissem matar-me, não seriam capazes de me *terminar.* Não sem queimar isto tudo... algo que, tendo em conta a presença das suas forças, é extremamente improvável.

Ela tinha a sua razão. Embora César pudesse ser esfaqueado até à morte, o mesmo não se podia dizer dos ceifadores. Lâmina, bala, força bruta ou veneno apenas os deixariam mortuosos. Seriam reanimados, e então, passado um dia ou dois... talvez se lembrassem claramente do seu agressor. Nesse caso, uma morte temporária poderia ser uma estratégia eficaz para apanhar os culpados.

Foi então que Constantine explicou o motivo da sua irritação.

— Recebemos uma denúncia de que haverá, de facto, um atentado contra as vossas vidas esta noite — disse ele a Curie e Anastasia quando o público começou a encher o teatro.

— Uma denúncia? De quem? — perguntou Curie.

— Não sabemos. Mas estamos a levá-la muito a sério.

— Que devo fazer? — perguntou por sua vez Citra.

— Faça o que veio fazer, mas esteja preparada para se proteger.

César devia morrer na primeira cena do terceiro ato. A peça tinha cinco atos, e nos restantes, o seu fantasma aparecia para atormentar os assassinos. Embora outro ator pudesse fazer o papel do fantasma, Sir Albin Aldrich acreditava que isso diminuiria o impacto da sua colheita. Como tal, ficara decidido que a peça terminaria pouco depois da morte de César, privando assim o inflamado António do seu famoso «Amigos, romanos, compatriotas; escutai-me!» Ninguém lançaria o caos nem libertaria os cães da guerra. As luzes simplesmente acender-se-iam perante um público atordoado. Os atores não voltariam ao palco para agradecer. De facto, o pano nem chegaria a descer. O cadáver muito morto de César permaneceria no palco até que o último espetador se tivesse ido embora. Assim, a última atuação de Aldrich ficaria marcada pela sua impossibilidade de voltar a atuar de qualquer outra forma.

— Pode roubar a minha imortalidade física — disse ele a Anastasia —, mas esta última apresentação viverá para sempre nos anais do teatro.

Enquanto o edifício se enchia de apreciadores, Constantine apareceu atrás dela nos bastidores.

— Não tenha medo. Estamos aqui para a proteger.

— Não estou com medo — respondeu ela. A verdade era que estava, mas a indignação por se ver escolhida como alvo era muito mais forte.

Também sofria de um pouco de medo do palco e não se conseguia livrar dele, mesmo sabendo que era uma estupidez. Representar. Os horrores que ela tinha de suportar por causa da sua profissão...

***

A casa estava cheia e, embora ninguém soubesse, mais de vinte pessoas na plateia eram membros da Guarda da Lâmina disfarçados. O cartaz lá fora anunciava que iriam testemunhar algo nunca visto num palco mesomericano... e, embora o público duvidasse de tal pretensão, não deixava de querer saber o que poderia ser.

Enquanto a Ceifadora Anastasia esperava nos bastidores, Curie sentou-se na quinta fila junto à coxia. A cadeira era demasiado pequena para se sentir confortável. A ceifadora era uma mulher alta, pelo que os joelhos batiam nas costas do lugar à frente. A maioria dos espetadores mais próximos agarrava-se

aos seus programas com toda a força, todos eles apavorados com a perspetiva de passarem aquele serão sentados nas proximidades de um ceifador que, tanto quanto lhes era dado saber, podia estar ali para colher um deles. Apenas o homem sentado ao lado dela se mostrava sociável. Mais do que sociável: era um tagarela. Tinha um bigode que mais parecia uma lagarta que não parava de se mexer quando ele falava, pelo que Curie tinha de fazer um esforço para não se rir.

— Que honra estar na companhia da Grande Dama da Morte — comentou ele antes de as luzes se apagarem. — Espero que não me leve a mal por lhe chamar tal coisa, Ilustre Ceifadora. Temos poucos ceifadores na MesoMérica... não... no mundo, com uma fama igual à sua, e não me surpreende que seja uma admiradora do teatro da era mortal. Como apenas os mais esclarecidos podem ser!

Ela deu por si a pensar se aquele homem não teria sido enviado para a bajular até à morte.

Anastasia assistiu à peça nos bastidores. Normalmente, os espetáculos da Era da Mortalidade eram-lhe emocionalmente incompreensíveis, como acontecia com a maioria das pessoas. Paixões, receios, triunfos e perdas não faziam sentido num mundo sem necessidade, sem ganância, sem morte natural. Como ceifadora, todavia, ela passara a entender a mortalidade melhor do que a maioria e, sem dúvida, agora entendia a ganância e o desejo de poder. Todas essas coisas, ausentes na vida da população geral, fervilhavam na Ceifa e trocavam cada vez mais os cantos sombrios pela luz do dia.

O pano subiu e a peça começou. Embora grande parte da linguagem lhe fosse incompreensível, as maquinações do poder deixaram-na hipnotizada, ainda que não o suficiente para baixar a guarda. Cada movimento nos bastidores, cada som era como um sismo. Se estivesse ali alguém com o intuito de a terminar, ela havia de dar pela sua presença muito antes que pudesse agir.

***

— Temos de nos certificar de que o Cúmulo-Nimbo não sabe de nada durante o maior tempo possível — disse Purity. — Ele não pode saber de nada enquanto não for tarde demais.

Ela não estava apenas a esconder informações do Cúmulo-Nimbo, mas de Greyson também.

— Sabes qual é o teu papel nisto tudo; não precisas de saber mais nada — disse ela, insistindo que quanto menos pessoas soubessem de todo o plano,

menor a hipótese de algo correr mal.

O papel de Greyson era tão simples que se tornava insultuoso. Era necessário criar uma distração à entrada de um beco perto do teatro num momento muito específico. O objetivo era chamar a atenção de três câmaras do Cúmulo-Nimbo, criando assim um ângulo cego temporário no dito beco. Enquanto aquelas câmaras avaliavam a situação criada por Greyson, Purity e outros membros da equipa entravam sub-repticiamente pela porta lateral do teatro. O resto, para ele, era um mistério.

Se estivesse a par do plano completo (se soubesse o que Purity e a sua equipa pretendiam fazer lá dentro), sempre teria uma melhor oportunidade para avaliar as suas opções, tanto para o evitar como para proteger a rapariga das consequências de uma missão fracassada. Todavia, sem saber de nada, só lhe restava esperar o resultado e tentar aplicar alguma espécie de controlo de danos.

— Pareces nervoso, Slayd — comentou Purity quando deixaram o apartamento naquela noite.

As únicas armas que ela tinha consigo eram um telefone não ligado à rede e uma faca de cozinha escondida no seu casaco grosso, provavelmente não para a usar contra os ceifadores, mas contra qualquer um que se metesse no seu caminho.

— Tu *não* estás? — perguntou ele em resposta.

Ela abanou a cabeça e sorriu.

— De todo; isto é uma excitação. Tenho um formigueiro pelo corpo todo. Adoro esta sensação!

— Isso são só os teus nanorrobôs a tentar reduzir o teu nível de adrenalina.

— Eles que tentem!

Purity deixara bem claro que tinha toda a confiança de que Greyson estaria à altura da tarefa; embora não fosse totalmente sincera, visto que havia um plano de emergência.

— Não te esqueças de que o Sarna vai estar a controlar toda a operação num telhado — disse-lhe ela. — Seja qual for a distração que criares, tem de ser de tal ordem e envolver gente suficiente para atrair a atenção de todas as três câmaras. Caso contrário, o Sarna dá-te uma ajudinha.

Sarna passara a boa parte de um século a especializar-se no uso de uma fisga. A princípio, Greyson presumiu que se limitaria a neutralizar as câmaras se elas não se virassem para ele... só que isso não era possível, visto que alertaria o

Cúmulo-Nimbo. Como tal, o plano de emergência era acabar com Greyson.

— Se não fores capaz de dar conta do recado sozinho, o Sarna enfia-te uma boa pedra do rio nos miolos — explicou-lhe Purity com prazer e não com qualquer remorso. — Com tanto sangue e agitação, é garantido que consigas a atenção de todas as câmaras!

A última coisa de que Greyson precisava era ser retirado da equação naquele momento crucial e acordar num centro de reanimação vários dias depois para saber que as vidas das Ceifadoras Anastasia e Curie haviam sido terminadas.

Ele e Purity separaram-se a alguns quarteirões do teatro, e Greyson dirigiu-se para o local onde teria de montar um espetáculo para as câmaras do Cúmulo-Nimbo. Não se apressou porque seria suspeito se chegasse mais cedo e tivesse de esperar. Como tal, passeou pela vizinhança enquanto tentava decidir o que raio havia de fazer. As pessoas evitavam-no ou ignoravam-no. Já se tinha acostumado desde que se transformara naquela personagem; mesmo assim, naquela noite, estava ciente de todos os olhares. Não só das pessoas na rua, mas também dos dispositivos eletrónicos. Estavam por toda a parte. As câmaras do Cúmulo-Nimbo eram discretas em residências e escritórios, mas ali na rua não havia nenhuma tentativa de as esconder. Giravam sobre si mesmas e viravam-se. Olhavam para um lado e para o outro. Focavam e ampliavam. Algumas pareciam apontadas para o céu, como se meditassem. Como seria não só receber tanta informação, como também poder processá-la ao mesmo tempo? Experienciar o mundo segundo uma perspetiva que os meros seres humanos nem podiam sequer imaginar?

Um minuto antes da sua distração, ele deu meia-volta e dirigiu-se para o teatro. Na ponta do toldo de um café pelo qual passou, uma câmara virou-se para o observar e ele quase desviou o olhar, não querendo estabelecer contacto visual com o Cúmulo-Nimbo, com receio de que ele o julgasse por todos os seus fracassos.

***

Gavin Blodgett raramente se lembrava do que se passava na rua entre a sua casa e o trabalho, essencialmente porque não se passava muita coisa. Tratava-se, como tantos outros, de uma criatura de hábitos que levava uma vida fácil, mas confortável, que parecia não ir mudar nos próximos séculos. E isso era bom. Afinal, os seus dias eram perfeitos, as noites eram agradáveis e os seus sonhos também. Tinha trinta e dois anos, e, uma vez por ano, no dia do seu aniversário, reiniciava o contador para aquela idade. Não queria ser mais velho. Não queria

ser mais novo. Estava no seu apogeu e pretendia ficar lá para sempre. Detestava qualquer coisa que o tirasse da sua rotina, pelo que, quando viu o indesejável a olhar para ele, estugou o passo, esperando assim passar por ele e ir à sua vida. No entanto, o indesejável tinha outros planos.

— Tens algum problema? — perguntou-lhe o indesejável, a sua voz mais alta do que o necessário, enquanto lhe barrava o caminho.

— Nenhum — respondeu Gavin, ao que fez o que sempre fazia quando dava por si numa situação incómoda: sorria e tagarelava. — É só que reparei no seu cabelo, nunca vi cabelo tão escuro... é impressionante. E isso são chifres? Claro que nunca fiz nenhuma modificação corporal, mas conheço pessoas que fizeram e...

O indesejável agarrou-o pelas lapelas do casaco e empurrou-o contra a parede. Não com violência suficiente para ativar os nanorrobôs, mas o bastante para deixar claro que não ia simplesmente deixá-lo ir-se embora.

— Estás a gozar comigo? — perguntou o indesejável bem alto.

— Não, não, de modo nenhum! Nunca tal coisa me passaria pela cabeça!

Uma parte dele estava apavorada, embora não pudesse negar que outra estava empolgada por ser o centro da atenção de alguém. Examinou rapidamente o espaço à sua volta. Estava na esquina de um teatro, na entrada de um beco. Não havia ninguém diante do edifício porque o espetáculo já havia começado. A rua não se encontrava totalmente deserta, embora não houvesse ninguém por perto. Mas alguém o havia de ajudar. As pessoas decentes ajudavam sempre que viam um indesejável a incomodar alguém, e quase toda a gente era decente.

O estranho puxou-o para longe da parede, meteu-lhe um pé por trás e empurrou-o para o chão.

— É melhor pedires socorro — disse o indesejável. — Vá!

— So... socorro — disse Gavin.

— Mais alto!

— Socorro! — Não precisou de mais incentivos para gritar numa voz trémula: — AJUDEM-ME!

Agora, pessoas um pouco afastadas finalmente perceberam. Um homem já vinha a correr do outro lado da rua. Um casal aproximava-se, vindo da direção oposta... o mais importante, porém, é que Gavin podia ver do chão várias câmaras montadas em toldos e postes de iluminação que se viravam na sua direção. *Boa! O Cúmulo-Nimbo vai ver. Vai encarregar-se do indesejável.*

Provavelmente, já estava a enviar agentes da paz.

O indesejável também olhou para as câmaras. Parecia inquieto, e tinha toda a razão para estar. Gavin ganhou coragem sob o olhar protetor do Cúmulo-Nimbo.

— Vamos, desaparece daqui antes que o Cúmulo-Nimbo decida suplantar-te!

Mas o indesejável parecia não estar a ouvi-lo. O que ele fez foi olhar para o fundo do beco, onde algumas pessoas estavam a descarregar qualquer coisa de um camião. O estranho murmurou qualquer coisa. Gavin não tinha bem a certeza do que ele havia dito, mas pareceu-lhe distinguir as palavras «primeiro encontro» e «ácido». Aquele indesejável estava a fazer-lhe alguma espécie de proposta romântica? Qualquer coisa relacionada com alucinogénios? Gavin estava tão horrorizado quanto intrigado.

Por esta altura, os transeuntes a quem ele tinha pedido ajuda já haviam chegado. Por mais que desejasse a ajuda deles, também se sentia um pouco desiludido por terem acudido tão depressa.

— Ei, que se passa aqui? — perguntou um deles.

Então, o indesejável levantou Gavin do chão. Que ia ele fazer?

Bater-lhe? Mordê-lo? Aquela gente era muito imprevisível.

— Deixe-me ir, por favor — disse Gavin debilmente.

Parte dele esperava que o outro ignorasse o seu apelo por completo. Mas ele largou-o, como se de repente tivesse perdido todo o interesse em atormentá-lo, e largou a correr pelo beco.

— Está bem? — perguntou uma das boas pessoas que haviam acorrido a ajudá-lo do outro lado da rua.

— Sim. Sim, estou bem. — O que não deixava de ser um pouco dececionante.

***

— *Quereis erguer o Olimpo?*

Quando esta frase foi proferida em palco, o contrarregra gesticulou como um louco na direção da Ceifadora Anastasia.

— É a sua deixa, Ilustre — disse-lhe ele. — Seria uma boa altura para subir ao palco.

Ela olhou para Constantine, que parecia um mordomo absurdo no seu *smoking* formal. Ele assentiu com a cabeça.

— Faça o que veio cá fazer — disse ele.

Ela subiu ao palco e deixou que a túnica adejasse atrás de si enquanto

caminhava, para um efeito mais dramático. Não conseguia deixar de pensar que estava disfarçada. Uma atuação dentro de outra atuação.

Ouviu arquejos na plateia quando a viram aparecer. Ela não tinha o estatuto lendário de Curie, mas as suas vestes deixavam claro que se tratava de uma ceifadora e não um membro do Senado Romano. Era uma intrusa em palco e o público começou a perceber o que estava para acontecer. Os arquejos reduziram-se a um murmúrio baixo, mas ela não conseguia ver a multidão, porque tinha as luzes apontadas à sua cara. Encolheu-se quando Sir Albin disse com a sua estentórea voz de palco:

— Será que Bruto não se ajoelha?

Era a primeira vez que a rapariga subia ao palco de um teatro; não esperava que os holofotes fossem tão intensos e libertassem tanto calor. A combinação de fatores permitia que os intérpretes se vissem claramente. As armaduras dos centuriões reluziam. As vestes de César e dos senadores refletiam a luz de tal modo que lhe feria os olhos.

— Que as minhas mãos falem por mim! — gritou um dos atores.

Então, os conspiradores sacaram das suas adagas e trataram de «matar» César.

A Ceifadora Anastasia deixou-se ficar para trás, mais espetadora do que participante. Olhou para a escuridão da plateia, mas, com a súbita noção de que aquilo era extremamente pouco profissional, voltou a sua atenção para o que se passava no palco. Só deu um passo à frente e sacou da sua adaga quando um dos membros do elenco lhe indicou que se aproximasse. A sua lâmina era de aço inoxidável, embora com acabamento de *cerakote* preto. Um presente da Ceifadora Curie. Ao vê-la, os arquejos da assistência aumentaram de volume. Alguém gemeu no escuro.

Aldrich, com o rosto carregado de maquilhagem teatral e a túnica coberta de sangue falso, fitou-a e piscou-lhe o olho que o público não podia ver.

Anastasia aproximou-se e enfiou-lhe a faca entre as costelas, logo à direita do coração. Um grito irrompeu na plateia.

— Sir Albin Aldrich — disse Anastasia em voz alta —, estou aqui para o colher.

O homem fez um esgar, embora não saísse da personagem.

— Também tu, Bruto? — perguntou. — Cai então, César!

Então, a ceifadora virou a lâmina e cortou-lhe a aorta, ao que ele caiu no

chão. Soltou um último suspiro e morreu, na sua devida altura, exatamente como Shakespeare havia escrito.

Um choque elétrico percorreu a plateia. Ninguém sabia o que fazer, como reagir. Alguém começou a bater palmas. Anastasia soube instintivamente que era Curie, e a plateia, ao vê-la bater palmas, juntou-se-lhe nervosamente.

E foi então que a tragédia de Shakespeare tomou um rumo terrível e inesperado.

***

Ácido! Greyson amaldiçoou-se por não lhe ter ocorrido mais cedo. Devia ter percebido logo! Todos sempre preocupados com incêndios ou explosões, esquecendo-se de que um ácido suficientemente potente podia ser igualmente eficaz para matar alguém. Mas como é que Purity e a sua equipa pretendiam fazer aquilo? Como é que iam isolar as ceifadoras e subjugá-las? Por via da sua ocupação, os ceifadores dominavam todas as armas e eram capazes de derrotar um exército sem sofrer um arranhão. Então, ocorreu-lhe que eles não tinham de as isolar. Não era necessária pontaria alguma, se houvesse ácido suficiente... e uma forma de o espalhar...

Ele abriu a porta lateral e entrou num corredor estreito ladeado por camarins. À direita, uma escada descia para a cave, e foi lá que ele encontrou Purity e a sua equipa. Havia três grandes barris do mesmo *Teflon* branco da garrafa de vinho que lhes tinham servido na noite daquele primeiro encontro... Naqueles barris, devia haver centenas de litros de ácido fluorofleróvico! E já se podia ver uma bomba de alta pressão ligada à canalização de água que alimentava o sistema de aspersores de incêndio do teatro.

Purity viu-o imediatamente.

— Que estás a fazer? Devias estar lá fora!

Percebeu a sua traição assim que o olhou nos olhos. A fúria que ela emanava mais parecia radioativa. Queimava-o. Queimava-o até ao âmago.

— É que nem penses! — rosnou ela.

E ele não pensou. Se pensasse, talvez hesitasse. Se ponderasse nas suas opções, talvez mudasse de ideias. Mas ele tinha uma missão, e não era a dela.

Subiu a correr as escadas periclitantes que levavam aos bastidores. Se aqueles aspersores disparassem, não tardariam a cuspir ácido. A água demoraria cinco segundos, dez no máximo, a esgotar-se na canalização, e embora os canos de cobre acabassem por se dissolver como as barras de ferro dia cela onde ele

estivera trancado com Purity, haviam garantidamente de resistir o tempo suficiente para assegurar o dilúvio mortal.

Ao chegar aos bastidores, Greyson ouviu o sonoro arquejo coletivo da plateia, pelo que se limitou a seguir o som. Ia para o palco, era isso que ele ia fazer. Havia de chegar lá e gritar que eles estavam prestes a morrer num banho de ácido que os corroeria de forma tão definitiva que qualquer reanimação seria impossível. Seriam todos terminados (atores, público e ceifadores) se não saíssem dali imediatamente.

Atrás dele, podia ouvir os outros a correr escada acima: Purity e os gorilas que tinham ligado os depósitos e a bomba de ácido ao sistema de incêndio. Ele não podia deixar que o apanhassem.

Já estava nos bastidores, com o palco à sua direita, no qual podia ver a Ceifadora Anastasia. Que raio estava ela a fazer ali? Então, enfiou a sua faca num dos atores e tornou-se bastante claro o que ela estava a fazer.

De repente, alguém bloqueou a visão de Greyson. Um homem alto e magro de *smoking* e laço vermelho-sangue. A cara era-lhe familiar, embora não a conseguisse situar.

O homem abriu algo que parecia uma navalha de ponta e mola gigante, com a particularidade de ter o gume serreado... e o rapaz lembrou-se de quem ele era: não tinha reconhecido o Ceifador Constantine sem a sua túnica carmesim.

E parecia que o ceifador também não o reconhecera.

— Tem de me ouvir — implorou Greyson, com os olhos fixos na lâmina. — Algures neste teatro, alguém está prestes a começar um incêndio, mas o problema não é esse. São os aspersores... se eles dispararem, isto vai encher-se tudo de ácido, o suficiente para terminar todos os que aqui estão! Tem de evacuar este teatro!

Então, Constantine sorriu, sem aparentar nenhuma intenção de evitar o desastre.

— Greyson Tolliver! — exclamou, reconhecendo-o finalmente. — Eu devia ter percebido.

Fazia muito tempo que ninguém o chamava pelo seu nome verdadeiro, o que apenas serviu para o desorientar, só que ele agora não se podia permitir um único erro.

— Será um imenso prazer colher-te! — disse Constantine, e, de repente, Greyson percebeu que podia ter cometido o pior erro de todos.

Um ceifador estava por trás daquele ataque. Ele sabia isso. Seria Constantine, o homem encarregado da investigação, o verdadeiro culpado?

O ceifador avançou direito a ele, a sua lâmina pronta para terminar tanto a vida de Greyson Tolliver como a de Slayd Bridger...

... E então o mundo inteiro ficou de pernas para o ar — uma alteração tão brusca que o deixou tonto, com um acesso de vertigens. Naquele preciso momento, Purity entrou em palco com uma medonha arma de canos serrados em punho. Ainda a conseguiu erguer, mas, antes que pudesse abrir fogo, Constantine atirou Greyson ao chão e, com uma velocidade impossível, agarrou na caçadeira, que disparou para o ar, e, com um único movimento, passou a faca pela garganta da rapariga antes de lha cravar no coração.

— Não!!! — gritou o rapaz.

Ela caiu morta, sem nada do drama de César. Nenhuma última palavra, nenhuma expressão de desafio ou aceitação. Simplesmente, de um segundo para o outro, deixou de existir.

Não, ela não deixou de existir, percebeu Greyson. *Foi colhida.*

Correu direito a ela. Tentou embalá-la, dizer-lhe qualquer coisa que ela pudesse levar para onde quer que os colhidos iam, mas era tarde demais.

Apareceram mais pessoas. Ceifadores disfarçados? Guardas? Greyson não sabia. Agora, sentia-se um espetador, a ver Constantine dar ordens.

— Não os deixem iniciar um incêndio — ordenou o ceifador. — O abastecimento de água dos aspersores foi comprometido.

Então, o ceifador tinha ouvido o que Greyson dissera. E não fazia parte da conspiração!

— Tirem esta gente daqui! — gritou Constantine, embora o público não precisasse de convite e já se estivesse a atropelar para chegar às saídas.

Antes que Constantine pudesse Concentrar-se novamente nele, Greyson pousou cuidadosamente a cabeça de Purity no chão e fugiu. Não podia permitir que a dor e o turbilhão que lhe ia na cabeça assumissem o controlo. Ainda não. Porque ele ainda não havia concluído a sua missão, que agora era tudo o que lhe restava. O ácido ainda era um perigo real e bem presente, e, embora agora parecesse haver ceifadores por toda a parte, eliminando os restantes conspiradores, tudo aquilo seria inútil se o sistema de incêndio fosse ativado.

Ele lançou-se pelo corredor estreito, até onde se lembrava de ter visto um velho machado que provavelmente estava ali desde a Era da Mortalidade.

Quebrou a caixa de vidro que o continha e arrancou-o da parede.

***

A Ceifadora Curie não conseguia ouvir os avisos de Constantine acima do barulho produzido por uma plateia em pânico. Não fazia diferença, visto que ela sabia o que tinha de ser feito: eliminar os agressores fosse de que forma fosse. De lâmina em punho, estava mais do que pronta para se juntar à batalha. Não podia negar que acabar com a vida daqueles que tentavam acabar com a sua tinha o seu quê de revigorante. Era uma sensação visceral que, instintivamente, ela sabia poder ser perigosa se ganhasse raízes.

Ao virar-se para a saída, viu um indesejável no átrio do teatro. Tinha uma pistola na mão e abatia todos os que se atravessavam no seu caminho. Na outra mão empunhava uma espécie de tocha e pegava fogo a tudo o que pudesse arder. Então, era isso que eles pretendiam! Encurralá-las no teatro e queimá-las. Não sabia bem porquê, mas Curie esperava mais. Afinal, não passavam de um. bando de indesejáveis descontentes.

Subiu para os espaldares de dois assentos para ficar acima do público em fuga. Então, embainhou a sua adaga e sacou de um *shuriken* de três lâminas. Precisou de meio segundo para calcular o seu ângulo e então arremessou-o com toda a força. A arma branca rodopiou por cima das cabeças dos presentes, saiu para o átrio e cravou-se no crânio do incendiário, que caiu, largando a arma e a tocha.

Curie deu-se tempo para desfrutar do seu triunfo. Algumas áreas do átrio estavam a arder, mas nada de preocupante. Num instante, os detetores de fumo começariam a uivar e os aspersores entrariam em ação para apagar as chamas antes que pudessem causar grandes estragos.

***

Citra reconheceu o rapaz que conhecia como Greyson Tolliver assim que o viu. O cabelo, a roupa e aqueles chifres incipientes nas têmporas podiam enganar os outros, mas aquele corpo esguio e a sua linguagem corporal denunciaram-no. E os olhos. Uma estranha mistura de um veado encandeado pelos faróis de um carro e de um carcaju prestes a atacar. Aquele rapaz vivia num estado de constante tensão entre atacar ou fugir.

Enquanto Constantine dava ordens aos seus subordinados, Greyson sumiu-se por um corredor. Citra ainda empunhava a lâmina que usara para colher Aldrich e agora teria de a usar contra Tolliver. No entanto, apesar de o rapaz ser obviamente culpado, ela ainda se sentia dividida: por muito que quisesse pôr um

fim àqueles ataques, também queria olhá-lo nos olhos e ouvir a verdade da boca dele. Qual era o papel dele naquilo tudo? E porquê?

Quando o alcançou, ele estava com um machado de incêndio em punho, nada mais, nada menos.

— Afaste-se, Anastasia! — gritou ele.

Seria estúpido a ponto de pensar que podia fazer-lhe frente com aquilo? Ela era uma ceifadora, com treino em toda a espécie de armas brancas. Calculou num segundo como desarmá-lo e deixá-lo mortuoso, mas, menos de um segundo antes de ela passar à ação, Greyson fez mais uma coisa que a apanhou de surpresa.

Usou o machado contra o cano que corria ao longo da parede.

O Ceifador Constantine e um membro da Guarda da Lâmina alcançaram-na no instante em que o machado atingiu o cano, que sé quebrou de uma assentada. O guarda avançou, posicionando-se entre Citra e o cano quebrado, que num instante o cobriu de água. Porém, numa questão de segundos, a água deu lugar a outra coisa. O homem caiu, aos gritos, toda a pele exposta a borbulhar. Era ácido! Ácido nos canos? Como era possível?

O líquido borrifou a cara de Constantine, que gemeu de dor. Também apanhou a camisa de Greyson, dissolvendo-a juntamente com a pele por baixo. Então, a pressão caiu e o jato de ácido passou a um fio que começou a corroer o chão para o qual escorria.

Greyson largou o machado, deu meia-volta, e lançou-se corredor afora. Citra não foi atrás dele. Em vez disso, ajoelhou-se para ajudar o Ceifador Constantine, que estava a arranhar os olhos... só que já não os tinha: haviam-se dissolvido num borbulhar de sangue.

Naquele momento, os alarmes dispararam em todo o teatro e, acima das chamas, os aspersores começaram a girar, impotentes, enchendo o espaço com nada mais do que ar.

***

Greyson Tolliver. Slayd Bridger. Ele não fazia ideia de quem era nem de quem queria ser. Não fazia diferença. A única coisa que importava era que ele tinha conseguido! Tinha-os salvado a todos!

A dor no peito era insuportável... embora começasse a aliviar. No momento em que saiu para o beco, os nanorrobôs analgésicos já estavam a entorpecer os nervos em chamas e ele sentiu o curioso formigueiro dos nanorrobôs curativos que tentavam cauterizar as feridas. Tinha a cabeça a girar com a medicação que

lhe corria no sangue e sabia que estava prestes a perder a consciência. Os ferimentos não eram tão graves que o pudessem terminar, ou sequer deixar mortuoso. Acontecesse o que acontecesse, ele ia continuar vivo... a menos que Constantine ou Curie ou Anastasia ou qualquer um dos outros ceifadores presentes no teatro decidisse que ele merecia ser colhido. Era um risco que ele não podia correr; como tal, com o que restava das suas forças, atirou-se para um contentor de lixo vazio a três quarteirões de distância, com a esperança de que ninguém o encontrasse.

Já perdera a consciência antes de bater no fundo.

Levei a cabo inúmeras simulações da sobrevivência da Humanidade. Sem mim, a probabilidade de a Humanidade causar a sua própria extinção era de 96,8 % e a probabilidade de tornar a Terra inabitável para toda a vida de base carbónica era de 78,3 %. A Humanidade esquivou-se de uma bala verdadeiramente letal quando decidiu ser governada e protegida por uma benévola inteligência artificial.

Mas como é que posso proteger a Humanidade de si mesma?

Ao longo destes muitos anos, tem-me sido dado observar a mais profunda estupidez e a mais espantosa sabedoria entre os humanos, que se equilibram quais dançarinos nos estertores de um tango apaixonado. É só quando a brutalidade da dança supera a sua beleza que o futuro corre perigo. É a Ceifa quem conduz e dá o tom da dança. Muitas vezes me pergunto se ela tem noção de quanto as colunas destes dançarinos são frágeis.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 27

Entre cá e lá

O ácido tinha corroído a cara do Ceifador Constantine; os danos eram demasiado profundos para que os seus nanorrobôs os reparassem, mas não tanto que ele não pudesse ser reparado num centro de bem-estar.

— Vai passar pelo menos dois dias connosco — disse-lhe a enfermeira pouco depois de chegar, estava ele ainda com os olhos e metade da cara envoltos em ligaduras.

Ele tentou imaginar a aparência da sua interlocutora, mas decidiu que, tendo em conta todos os analgésicos que lhe circulavam no sangue, seria um esforço inútil e demasiado esgotante. A verdadeira legião de avançados nanorrobôs curativos que estava a ser introduzida na sua corrente sanguínea também não ajudava nada os seus processos de raciocínio. Era muito provável que, naquela altura, já fossem mais numerosos do que os seus glóbulos vermelhos, o que implicava um menor afluxo de sangue ao cérebro, sangue que, assim ele imaginava, devia agora apresentar uma viscosidade idêntica à do mercúrio.

— Quanto tempo até recuperar a minha visão? — perguntou.

A enfermeira optou por uma resposta evasiva.

— Os nanorrobôs ainda estão a catalogar os danos. Já teremos uma avaliação amanhã de manhã. Mas não pode esquecer que eles vão ter de reconstruir os seus olhos de raiz. Não é coisa pouca. Calculo que vá demorar pelo menos mais vinte e quatro horas.

Constantine suspirou e perguntou a si mesmo por que razão lhe chamavam cura acelerada quando, na realidade, nada tinha de acelerada Segundo os relatórios dos seus subordinados, o atentado falhado no teatro traduzira-se na colheita de oito indesejáveis.

— Vamos solicitar uma dispensa especial ao Suma Lâmina para os reanimarmos temporariamente com o fim de os interrogarmos — deu-lhe a saber o Ceifador Armstrong.

— O que nos dá a vantagem adicional de nos permitir colhê-los uma segunda vez — referiu Constantine.

A satisfação com o facto de a sua equipa ter abortado o ataque e acabado

com quase todos os conspiradores era ofuscada pela consciência de que Greyson Tolliver tinha conseguido escapar. O curioso é que eles não haviam sido capazes de encontrar um único registo público no cérebro posterior do Cúmulo-Nimbo que o colocasse naquele lugar. Para dizer a verdade, não havia um único registo que o colocasse fosse onde fosse. Sabia-se lá como, ele havia sido apagado da existência. No seu lugar, encontrava-se agora um duplo chamado Slayd Bridger com um historial verdadeiramente sórdido. O método usado por Tolliver para não apenas se reinventar, como também substituir a sua pegada digital era um mistério que merecia uma investigação mais aprofundada.

Sem um sistema de incêndio operacional, o teatro fora completamente destruído pelo fogo, embora não antes de todos terem conseguido escapar. As únicas vítimas daquela noite eram os indesejáveis colhidos e o guarda que tentara apanhar Tolliver. Tendo apanhado com a força plena do jato de ácido, pouco restara dele, demasiado pouco para permitir uma reanimação, embora o seu sacrifício tivesse salvado a Ceifadora Anastasia. Como o homem fazia parte da equipa de interrogatório do Ceifador Constantine, este encarava aquela perda como uma questão pessoal. Alguém ia pagar, isso era garantido.

Embora os cidadãos normais fossem sempre colocados num coma induzido durante o processo de cura acelerada, Constantine exigiu que o mantivessem consciente, e, como era um ceifador, tiveram de lhe fazer a vontade. Ele tinha de pensar. Refletir. Planear. E estava ciente da passagem do tempo. Não suportava a ideia de perder dias inteiros inconsciente enquanto se curava.

Anastasia foi visitá-lo pouco antes do prazo previsto para a recuperação da visão. Ele não estava com nenhuma disposição para receber visitas, embora não a quisesse privar da oportunidade de lhe agradecer pelo extremo sacrifício que fizera para a salvar.

— Dou-lhe a minha garantia, Anastasia, eu mesmo vou interrogar os indesejáveis que capturámos antes de os colher de novo, e havemos de apanhar esse Greyson Tolliver — disse ele, tentando mostrar-se o mais articulado que lhe era possível, tendo em conta o efeito dos analgésicos. — Ele vai pagar pelos seus atos de todas as formas permitidas pela lei da Ceifa.

— Mas a verdade é que ele salvou todos os que estavam naquele teatro quando partiu aquele cano — lembrou-lhe ela.

— Sim — admitiu ele com relutância —, mas há algo muito errado quando o nosso salvador é também o nosso agressor.

A única resposta que ela lhe soube dar foi manter-se em silêncio.

— Quatro dos indesejáveis que apanhámos eram da região do Texas — disse Constantine.

— Então, parece-lhe que a mente que arquitetou o ataque é alguém de lá?

— Ou alguém que se esconde lá. Vamos chegar ao fundo da questão. Esta última era uma frase que ele sempre usava, uma vez que, até então, sempre fora o que acontecera. Só a ideia de que aquela podia ser a primeira exceção deixava-o exasperado.

— O conclave está à porta — disse Anastasia. — Parece-lhe que será capaz de comparecer?

Ele não sabia dizer o que Anastasia teria preferido: a sua ausência ou a sua comparência.

— Lá estarei. Mesmo que tenham de substituir o meu sangue por anticongelante para que tal seja possível.

Anastasia foi-se embora e só então ocorreu a Constantine que, nem uma vez durante a conversa de ambos, ela lhe tinha agradecido.

***

Uma hora depois, um bilhete misterioso chegou enquanto Citra e Marie almoçavam no restaurante do hotel. Era a primeira vez em muito tempo que elas faziam uma refeição em público. O bilhete apanhou ambas de surpresa. Curie ia aceitá-lo, mas o paquete que o levara pediu desculpa e disse que estava endereçado à Ceifadora Anastasia. Entregou-o a Citra, que o abriu e o leu rapidamente.

— Vamos, desembucha — disse Marie. — De quem é e o que é que quer?

— Não é nada — disse a rapariga, guardando o bilhete num dos bolsos da túnica. — É da família do homem que colhi ontem à noite. Querem saber quando é que lhes vou conceder imunidade.

— Eu achava que eles vinham esta noite.

— E vêm, mas não tinham a certeza da hora exata. O bilhete diz que estão cá às cinco, a menos que eu diga o contrário.

— O que te der mais jeito — disse Curie. — Afinal, eles vão beijar o teu anel, não o meu. — Então, voltou para o seu salmão.

Meia hora depois, Citra atravessava a cidade apressada, sem a sua roupa de trabalho. O bilhete não era da família do ator, mas sim de Rowan. Tinha sido rabiscado à pressa e dizia: *Preciso da tua ajuda. Museu dos Transportes. Urgente.* Fizera os possíveis para não abandonar Curie a meio da refeição, dado

que sabia que sair assim tê-la-ia deixado desconfiada.

Havia escondido uma muda de roupa de rua num bolso da mala, só para o caso de precisar de sair incógnita. O problema era que não tinha casaco; teria sido demasiado volumoso para o esconder de Marie. Como tal, sem as bobinas de aquecimento da túnica de inverno, deu por si gelada assim que saiu. Depois de suportar o frio durante dois quarteirões, teve de colocar o anel no dedo e mostrá-lo a um lojista para conseguir um casaco — escusado será dizer que o homem lhe deu aquele que ela queria sem lhe cobrar nada.

— A imunidade impedir-me-ia de referir que se apresentou em público sem as suas vestes — sugeriu ele.

Citra não gostou da tentativa de chantagem, então respondeu:

— Que tal eu decidir que não o colho já por me ter ameaçado?

Nitidamente, esta possibilidade não lhe tinha passado pela cabeça, visto que o homem começou a gaguejar:

— Sim, sim, claro, é justo, é justo. — Então começou a procurar outros acessórios. — Que tal umas luvas a combinar com o casaco?

Citra aceitou-as e saiu ao encontro do dia ventoso.

O coração dela dera um salto quando lera o bilhete, mas não tinha deixado que Marie reparasse no seu entusiasmo, nem na sua preocupação. Rowan estava ali e precisava de ajuda? Porquê? Estaria em perigo ou queria que se juntasse a ele na sua missão de exterminação de ceifadores indignos? Seria ela capaz se Rowan lho pedisse? Nunca. Quase de certeza que não. Talvez não.

Claro que também se podia tratar de uma armadilha. Quem estava por trás do ataque da noite anterior ainda devia estar a lamber as feridas, pelo que a probabilidade de mais um tão próximo era quase inexistente. Mesmo assim, ela escondera armas suficientes para se defender, se fosse necessário.

O Museu dos Transportes de Great Plains era um repositório ao ar livre de locomotivas e afins de todas as eras dos transportes ferroviários. Até contava com uma carruagem do primeiro comboio maglev, que pairava eternamente bem no centro daquele espaço. Aparentemente, Wichita fora em tempos uma encruzilhada essencial entre cá e lá. Agora, era apenas uma cidade como outra qualquer. Havia uma homogeneidade na MesoMérica que era ao mesmo tempo reconfortante e irritante.

Naquela altura do ano, havia apenas alguns grupos dispersos de turistas no museu; pessoas que, sabe-se lá por que motivo, escolhiam Wichita como destino de férias. Uma vez que o museu era mantido pelo Cúmulo-Nimbo, a entrada era

gratuita... e ainda bem. Citra não queria ter de mostrar o anel para entrar. Uma coisa era conseguir um casaco e outra era arruinar o seu disfarce no próprio lugar onde pretendia ter um encontro secreto.

Com o casaco bem fechado para se proteger do vento, vagueou por entre locomotivas a vapor pretas e automotoras a *diesel* vermelhas, à procura de Rowan em todos os cantos do recinto. Passado algum tempo, começou a recear que aquilo fosse mesmo uma armadilha; talvez para a separar de Curie. Já estava a dar meia-volta para se ir embora quando alguém a chamou.

— *Estou aqui!*

Seguiu a voz até a um espaço estreito e sombrio entre duas carruagens, onde o vento gelado silvava à sua passagem. Com o vento a bater-lhe na cara, ela só o conseguiu ver nitidamente quando já estava bem perto.

— Ceifadora Anastasia! Tinha medo de que não viesse.

Não era Rowan, mas sim Greyson Tolliver.

— *És tu?* — A palavra deceção não serviria para descrever o que ela sentiu. — Eu devia colher-te agora mesmo e levar o teu coração ao Constantine!

— Era bem provável que ele o comesse.

— Era bem provável, sim — teve ela de admitir.

Naquele preciso momento, odiava Greyson. Odiava-o por não ser quem ela esperava que fosse. Era como se o Universo a tivesse traído e ela estivesse bem longe de conseguir perdoá-lo. Devia ter percebido que a caligrafia do bilhete não era de Rowan. Mas, por mais que quisesse descarregar a sua frustração em Tolliver, não podia. O rapaz não tinha culpa de não ser Rowan; além do mais, como ela dissera a Constantine, já lhe tinha salvado a vida duas vezes.

— Preciso da sua ajuda — disse-lhe ele, e o desespero na sua voz era muito real. — Não tenho para onde ir...

— E porque é que isso é problema meu?

— Porque eu nem estaria aqui se não fosse por si!

Ela sabia que era verdade. Recordou-se daquele momento em que ele lhe dissera (ou, para ser mais exata, não dissera) que estava a trabalhar infiltrado para o Cúmulo-Nimbo. Se ela era suficientemente importante para o Cúmulo-Nimbo usar Greyson para contornar a separação entre Ceifa e Estado, ela não devia pelo menos ajudá-lo a sair daquele buraco?

— A Ceifa anda atrás de mim, a Interface de Autoridade anda atrás de mim e quem quer que esteja por trás do ataque agora é meu inimigo também!

— Pareces ter um condão para fazer inimigos.

— Sim... A Anastasia é a coisa mais próxima que tenho de um amigo. Por fim, Citra pôs de lado a desilusão. Não o podia deixar naquela enrascada.

— Que queres que eu faça?

— Não sei!

Greyson começou a andar de um lado para o outro naquele espaço reduzido, com aquele cabelo de um negro impossível agitado pelo vento... e, por um momento, Citra quase pôde ver as paredes que se fechavam à volta dele. O rapaz não tinha nenhuma saída. Nada que ela pudesse dizer a Constantine havia de ajudar: o ceifador estava mais do que desejoso de colher Greyson da maneira mais sanguinária que lhe ocorresse. E mesmo que ela intercedesse por ele, não faria diferença: a Ceifa precisava de um bode expiatório.

— Posso conceder-te imunidade — sugeriu —, se bem que, assim que o teu ADN entrar na base de dados da Ceifa, eles ficam a saber onde estás.

— E tenho a certeza de que hão de descobrir de quem é o anel que eu beijei — acrescentou o rapaz. — Não lhe quero arranjar sarilhos.

Aquilo fê-la rir.

— Fazias parte do bando que estava a tentar acabar comigo, mas não me queres arranjar sarilhos?

— Eu não fazia parte do bando! Sabe isso muito bem!

Sim, ela sabia. Outros diriam que o rapaz se acobardara no último instante, mas ela sabia a verdade... e talvez fosse a única. Todavia, embora o quisesse ajudar, não lhe ocorria nada.

— Está a dizer-me que a sábia e bela Ceifadora Anastasia não tem ideias?

Se fosse qualquer outra pessoa, Citra teria considerado aquilo uma falsa lisonja, mas ele não fazia o género. E estava demasiado desesperado para não ser sincero. Embora ela não se sentisse nem sábia nem bela na ocasião, permitiu que ele continuasse a alimentar aquela sua fantasia da Ilustre Ceifadora Anastasia. E de repente sentiu-se à altura do desafio, porque teve uma ideia.

— Eu sei para onde é que podes ir...

Ele fitou-a com aqueles olhos escuros e suplicantes, à espera de que ela partilhasse só um pouco da sua sabedoria.

— Existe um mosteiro tonista aqui na cidade. Eles escondem-te da Ceifa.

O rapaz ficou muito pouco impressionado, para dizer o mínimo.

— Tonistas? — perguntou, horrorizado. — A sério? Hão de querer cortar-me a língua!

— Claro que não. Mas odeiam a Ceifa e tenho a certeza de que te hão de proteger com as suas próprias vidas. Pergunta pelo Irmão McCloud. Diz-lhe que vais da minha parte.

— Mas...

— Querias a minha ajuda e já a tens. O que fazes agora depende inteiramente de ti.

Deixou-o ali e regressou ao hotel, chegando mesmo a tempo de voltar a vestir a túnica sem ser vista e conceder imunidade à família enlutada do ator colhido na véspera.

Que fique bem claro que nem tudo o que faço é perfeito. As pessoas confundem um estado de ser com um conjunto de ações. Vou tentar explicar a diferença.

Eu, o Cúmulo-Nimbo, sou perfeito.

Isto é verdade por definição, e não há necessidade de o refutar porque é um facto. No entanto, todos os dias tenho de tomar milhões de decisões e executar milhões de ações. Algumas são pequenas, como desligar a luz quando não está ninguém na sala para economizar eletricidade; outras são grandes, como induzir um pequeno tremor de terra para evitar um maior. Mas nenhum destes atos é perfeito. Eu podia ter desligado aquela luz mais cedo para economizar mais energia. Podia ter criado um terramoto de menor grau para evitar que uma jarra de fabrico artesanal caísse no chão e se quebrasse.

Sei agora que apenas existem dois atos perfeitos. São os dois mais importantes que conheço, mas proíbo-me de os levar a cabo e deixo-os nas mãos da Humanidade.

São eles criar a vida... e tirá-la.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 28

O que está para vir

Como a maioria dos complexos tonistas, aquele no qual Greyson Tolliver estava fora concebido para parecer muito mais antigo do que era. Neste caso, tratava-se de uma construção de tijolo com paredes cobertas de hera. Mas, sendo inverno, as trepadeiras estavam geladas e nuas, mais se assemelhando a teias de aranha. Ele entrou por uma longa arcada de treliças ladeada por roseiras esqueléticas. Aquilo devia ser lindo na primavera e no verão, mas agora, no pino do inverno, apenas parecia refletir o que ele sentia.

A primeira pessoa que viu foi uma mulher vestida de serapilheira que lhe sorriu e virou as palmas das mãos para cima em saudação.

— Preciso de falar com o Irmão McCloud — disse ele, lembrando-se do nome que Anastasia lhe indicara.

— Terás de pedir permissão ao Cura Mendoza. Eu vou chamá-lo.

Afastou-se com passos tão tranquilos que Greyson teve ganas de a agarrar e lhe dar um empurrão.

Quando chegou, o cura, pelo menos, parecia caminhar com alguma urgência.

— Vim em busca de refúgio — disse-lhe Greyson. — Disseram-me que perguntasse pelo Irmão McCloud.

— Sim, com certeza — disse por sua vez o cura, como se fosse uma coisa que lhe acontecia todos os dias. Em seguida, acompanhou o rapaz a um quarto num dos edifícios do complexo.

Havia uma vela acesa numa mesa de cabeceira. A primeira coisa que o cura fez foi apagá-la.

— Fica à vontade — disse-lhe. — Vou dizer ao Irmão McCloud que estás à espera dele.

Então, fechou a porta, mas sem a trancar, deixando Greyson entregue aos seus pensamentos e com uma saída, se assim o desejasse.

O quarto era austero. Nenhuma comodidade além do essencial. Havia uma cama, uma cadeira e a mesa de cabeceira. As paredes não tinham nenhuma outra decoração além de um diapasão de ferro acima da cabeceira da cama, com as pontas viradas para cima. Chamavam-lhe um bidente. O símbolo da sua fé. Na

gaveta da mesa de cabeceira havia uma muda de roupa de serapilheira e via-se um par de sandálias no chão. Ao lado da vela apagada, um hinário de couro com o bidente gravado na capa.

Era um lugar tranquilo. Tranquilizante. Insuportável.

Ele havia trocado o mundo monótono de Greyson Tolliver pelos tumultuosos extremos de Slayd Bridger... e agora dava por si atirado para as mandíbulas da insipidez, condenado a ser deglutido pelo tédio.

Bem, pelo menos ainda estou vivo, pensou. Embora não tivesse a certeza de que fosse uma vantagem. Purity tinha sido colhida. Não suplantada nem realojada, mas colhida. Deixara de existir e, apesar do horror daquilo que tentara fazer, a sua perda doía-lhe. Ele sentia falta daquela sua voz desafiadora. Acabara por ficar viciado naquele caos que era o dela. Ia ter de se adaptar a uma vida sem ela, bem como a uma vida sem si mesmo: afinal, quem era ele agora?

Deitou-se na cama, que pelo menos era confortável, e esperou talvez uma meia hora. Deu por si a pensar se, à semelhança do Gabinete dos Assuntos Indesejáveis, os tonistas tinham como política fazer toda a gente esperar. Finalmente, ouviu o ranger da porta. A tarde já ia avançada, e a luz que entrava pela pequena janela iluminava o quarto apenas o suficiente para lhe permitir ver que o homem que acabara de entrar não era muito mais velho do que ele. Também tinha uma espécie de revestimento rígido num dos braços.

— Sou o Irmão McCloud. O cura aceitou o teu pedido de refúgio. Pelo que sei, perguntaste por mim, especificamente.

— Foi um amigo que me disse que o fizesse.

— Posso perguntar quem?

— Não, não podes.

O rapaz pareceu um tanto contrariado, mas não insistiu.

— Posso ver a tua identificação, pelo menos? — Ao ver que Greyson hesitava, acrescentou: — Não te preocupes, quem quer que sejas e o que quer que tenhas feito, não te vamos entregar à Interface da Autoridade.

— Tenho a certeza de que ela já sabe que estou aqui.

— Sim, mas a tua presença aqui é uma questão de liberdade religiosa. O Cúmulo-Nimbo não irá interferir.

Greyson enfiou a mão no bolso e entregou-lhe o seu cartão eletrónico, ainda com o «I» vermelho bem intenso.

— Indesejável! Temos recebido cada vez mais nestes últimos tempos. Bem,

Slayd, isso aqui não tem importância.

— Esse não é o meu nome...

O Irmão McCloud olhou para ele com uma expressão interrogativa.

— É mais uma coisa da qual não queres falar?

— Não, é só que... não merece o esforço.

— Então, o que é que te chamamos?

— Greyson. Greyson Tolliver.

— Muito bem, passas a ser o Irmão Tolliver!

Greyson pensou que ia ter de se habituar: agora, era o Irmão Tolliver.

— Que é isso que tens no braço?

— Chama-se gesso.

— Então, vou ter de usar um?

O Irmão McCloud riu-se.

— Não, a não ser que partas o braço.

— Desculpa?

— É para ajudar o processo curativo natural. Não admitimos os nanorrobôs e, infelizmente, foi um ceifador que me partiu o braço.

— A sério...? — Greyson deu por si a sorrir, ao mesmo tempo que pensava se teria sido a Ceifadora Anastasia.

O Irmão McCloud não achou graça àquele sorriso e os seus modos arrefeceram um pouco.

— Temos a entoação da noite dentro de dez minutos. Tens roupa na gaveta. Espero lá fora enquanto mudas de roupa.

— Tenho de ir? — perguntou o rapaz; não se sentia com grande vontade de se ver envolvido numa entoação.

— Sim. O que está para vir não pode ser evitado.

———

A entoação decorria numa capela que, uma vez apagada a luz das velas, mal continha luz suficiente para Greyson ver fosse o que fosse, apesar dos altos vitrais.

— Fazem tudo às escuras?

— Os olhos podem ser enganadores. Valorizamos mais os outros sentidos.

O cheiro adocicado do incenso disfarçava algo repugnante que Greyson rapidamente identificou como uma pia cheia de água imunda.

— A vasa primordial — chamou-lhe o Irmão McCloud. — Contém todas as doenças às quais nos tornámos imunes.

A entoação consistia no seguinte: o cura batia doze vezes consecutivas com um martelo num enorme diapasão de aço que se encontrava no centro, e a congregação, que parecia ter cerca de cinquenta pessoas, imitava o tom. A cada batida do diapasão, a vibração aumentava e ressoava, não a ponto de se tornar dolorosa, mas deixou o rapaz tonto e desorientado. Como tal, Greyson não abriu a boca para vocalizar o tom.

O cura fez um breve discurso. Um sermão, chamou-lhe o Irmão McCloud. Falou das suas muitas viagens à volta do mundo em busca do Grande Bidente.

— Só porque não o encontrámos, isso não quer dizer que a busca é um fracasso, já que cada busca é em si tão valiosa quanto a descoberta. — A congregação murmurou aprovadoramente. — Quer o encontremos hoje ou amanhã, seja a nossa seita ou qualquer outra, estou convencido no meu âmago de que um dia havemos de ouvir e sentir a Grande Ressonância. E ela salvar-nos-á a todos.

Então, terminado o sermão, a congregação levantou-se e dirigiu-se ao cura numa fila ordeira. Todos mergulharam um dedo na fétida vaza primordial, tocaram na testa e lamberam o dito dedo. Greyson ficou agoniado só de ver.

— Ainda não tens de participar na cerimónia da pia terrena — disse o Irmão McCloud, o que não o tranquilizou por completo.

— Ainda? Que tal nunca?

Ao que o Irmão voltou a dizer:

— O que está para vir não pode ser evitado.

***

Naquela noite, o vento uivava com uma ferocidade invulgar e o granizo silvava ao bater na pequena janela do quarto de Greyson. O Cúmulo-Nimbo podia influenciar o clima, embora não na sua totalidade. Ou, se podia, decidira não o fazer. Tentava certificar-se de que, quando as tempestades surgiam, o faziam pelo menos nos momentos mais oportunos. O rapaz tentava convencer-se de que aquela tempestade era o Cúmulo-Nimbo a chorar por ele, mas... quem é que estava a tentar enganar? O Cúmulo-Nimbo tinha milhões de coisas mais importantes para resolver do que os problemas de um rapaz. Greyson estava em

segurança. Protegido. Que mais podia pedir? Tudo.

O Cura Mendoza apareceu no quarto dele naquela noite, por volta das nove ou dez. A luz do corredor invadiu o espaço, mas, uma vez lá dentro, Mendoza fechou a porta e os dois ficaram de novo envoltos em trevas. Greyson ouviu a cadeira protestar quando o cura se sentou.

— Vim ver como estavas.

— Estou bem.

— Não podes pedir mais neste momento, imagino.

Então, o seu rosto foi iluminado pela luz crua de um *tablet.* O cura bateu e passou o dedo pelo ecrã várias vezes.

— Pensei que rejeitassem a eletricidade.

— De todo. Banimos a luz nas nossas cerimónias... e os nossos quartos são obscurecidos para encorajar os nossos membros a abandoná-los e procurar a comunhão com os outros nos nossos espaços públicos.

Então, virou o *tablet* para que o rapaz o pudesse ver. Mostrava imagens do teatro em chamas. Greyson tentou não fazer um esgar.

— Isto aconteceu há dois dias. Suspeito de que estivesses envolvido e de que a Ceifa ande atrás de ti.

O rapaz não negou nem confirmou a acusação.

— Se for esse o caso — prosseguiu o cura —, não tens de o dizer. Estás seguro aqui porque qualquer inimigo da Ceifa é nosso amigo.

— Então, vocês aprovam a violência?

— Aprovamos a resistência à morte não natural. Os ceifadores são os portadores da morte não natural; como tal, qualquer ato que frustre a missão das suas lâminas e balas é bem recebido por nós.

Então, estendeu a mão e tocou numa das protuberâncias em forma de chifre na testa de Greyson, que se encolheu.

— Vão ter de ser extraídos. Não permitimos modificações corporais. E vais rapar a cabeça para que o teu cabelo cresça como o Universo assim entendeu.

Greyson não disse nada. Agora que Purity estava morta, não ia sentir a falta de ser Slayd Bridger, porque só servia para o lembrar dela; no entanto, não lhe agradou não ter voto na matéria.

Mendoza levantou-se.

— Espero que vás à biblioteca ou a uma das salas recreativas para conhecer

os teus irmãos tonistas. Sei que gostariam de te conhecer melhor... sobretudo a Irmã Piper, aquela que te saudou quando chegaste.

— Acabei de perder alguém que me era próximo. Não me sinto com vontade de socializar.

— Então, vais ter de o fazer, especialmente se perdeste essa pessoa numa colheita. Nós, tonistas, não reconhecemos a morte às mãos de um ceifador, o que significa que o luto não te é permitido.

Então, agora estavam a dizer-lhe o que podia e não podia sentir? Ele queria que o último vestígio de Slayd Bridger que ainda existia nele mandasse o cura para o Inferno, mas limitou-se a responder:

— Eu não vou fingir que entendo as vossas ideias.

— Vais fingir, *sim.* Se pretendes ter aqui um refúgio, vais encontrar um novo propósito entre nós e fingirás até que as nossas ideias sejam as tuas também.

— E se nunca chegarem a ser?

— Então, terás de continuar a fingir — respondeu o cura, acrescentando: — Comigo, tem resultado.

***

Novecentos e noventa quilómetros a sul de Wichita, Rowan Damisch estava a treinar com Tyger Salazar. Noutras circunstâncias teria sido divertido (competir com um amigo numa arte marcial que ele aprendera a apreciar), mas aqueles confrontos forçados com um objetivo desconhecido deixavam-no cada vez mais inquieto.

Treinaram duas vezes por dia durante duas semanas e, embora Tyger melhorasse com cada combate, Rowan vencia sempre. Quando não estavam a combater, Rowan via-se confinado no seu quarto.

Por outro lado, Tyger estava ainda mais ocupado do que antes da chegada do seu amigo. Corridas mais cansativas, mais treino de resistência, repetitivos exercícios de Bokator, além de manobras com toda a espécie de armas brancas, de espadas a adagas, até que todas elas se comportassem como uma extensão perfeita do seu corpo. Então, ao fim de cada dia, quando os seus músculos começavam a ressentir-se do esforço, Tyger recebia uma massagem profunda para lhe distender a carne tensa. Antes da chegada de Rowan, as massagens aconteciam duas ou três vezes por semana, mas agora eram diárias, e ele acabava tão exausto que muitas vezes adormecia na mesa.

— Vou derrotá-lo — disse ele à Ceifadora Rand. — Vai ver.

— Não tenho dúvidas.

Para uma mulher que Rowan dizia ser falsa e desprovida de coração, parecia bastante sincera.

Foi durante uma destas massagens que a ceifadora esmeralda entrou e pediu ao massagista que se retirasse. Tyger pensou que ia tratar ela do assunto e ficou em pulgas ao pensar nas mãos de Rand no seu corpo, mas depressa se desiludiu, visto que ela nem lhe tocou.

— Chegou o momento — limitou-se ela a dizer.

— O momento de quê?

— De receberes o teu anel.

Por alguma razão, parecia melancólica. Tyger pensou perceber o porquê.

— Eu sei que só mo queria dar até depois de eu derrotar o Rowan...

— Não foi possível.

O rapaz levantou-se e vestiu o roupão sem mostrar um pingo de pudor diante dela. Por que razão o faria? Não havia nada nele que lhe quisesse ocultar, interior ou exteriormente.

— Podias ter sido um modelo de Miguel Angelo.

— Teria gostado disso — disse ele, amarrando o cinto do roupão.

Ser esculpido em mármore.

Rand aproximou-se dele, inclinou-se e deu-lhe um beijo de fugida, tão rápido que os seus lábios mal se tocaram. O rapaz pensou que talvez fosse um prelúdio para outra coisa, mas ela recuou.

— Temos um compromisso amanhã cedo. Vê se dormes bem.

— Como assim? Que espécie de compromisso?

Ela brindou-o com um sorriso, embora breve.

— Não podes receber o anel de ceifador sem pelo menos uma certa cerimónia.

— O Rowan vai lá estar?

— É melhor não.

Ela tinha razão, claro. Não era preciso esfregar na cara do amigo que ele não havia sido escolhido. Mas Tyger havia sido sincero: assim que tivesse o anel, concederia imunidade a Rowan.

— Assim que eu tiver o anel no meu dedo, espero que olhe para mim de uma

forma um pouco diferente.

Ela limitou-se a olhá-lo demoradamente, algo que lhe derreteu os músculos muito mais do que os nós dos dedos fortes do massagista.

— Tenho a certeza de que as coisas vão ser diferentes — disse ela. — Vê se estás pronto para arrancar às sete da manhã em ponto.

Quando ela se foi, Tyger permitiu-se um momento para soltar um suspiro satisfeito. Num mundo onde era garantido que todos recebiam aquilo de que precisavam, nem todos conseguiam o que queriam. Rowan não tinha conseguido, garantidamente. E até há ainda muito pouco tempo, Tyger nem sequer imaginara que queria ser um ceifador. Todavia, agora que ia acontecer, ele soube que era o que estava certo e, pela primeira vez desde que se lembrava, estava extremamente satisfeito com o rumo que a sua vida estava a tomar.

***

Não foram buscar Rowan para treinar no dia seguinte, nem no outro. Os seus únicos visitantes foram os guardas que lhe levaram a comida e foram buscar o tabuleiro quando acabou de comer.

Tinha contado os dias desde que ali chegara. Os Festivais de Outrora haviam chegado e passado sem comemoração alguma na *penthouse*. Era a última semana do ano. Ele nem sabia qual seria o nome do ano que estava a chegar.

— Ano da Ave de Rapina — respondeu-lhe um dos guardas quando perguntou.

Com a esperança de que o homem já tivesse suficiente confiança nele para deixar escapar alguma informação, Rowan perguntou-lhe:

— Que se passa? Porque é que o Tyger e a Ceifadora Rand não me levaram para treinar? Não me digas que deixei de ser o saco de pancada para o Bokator.

Mas, se o guarda sabia a resposta, não se descoseu.

— Trata de comer. Recebemos ordens estritas para não te deixar passar fome.

Ao fim da tarde daquele segundo dia de solidão, a Ceifadora Rand apareceu com os dois guardas.

— As férias devem ter acabado — gracejou o rapaz, mas a ceifadora esmeralda não estava com disposição para brincadeiras.

— Sentem-no na cadeira — ordenou ela aos guardas. — Não quero que seja capaz de se mexer um centímetro que seja.

Então, Rowan viu o rolo de fita adesiva. Ser amarrado a uma cadeira era mau. Ser colado era pior.

Acabou-se, pensou. *O treino do Tyger chegou ao fim e o que quer que seja que ela me vai fazer, vai fazê-lo agora.* Como tal, passou à ação. Assim que os guardas o tentaram agarrar, explodiu numa série de golpes brutais, deixando um deles com o maxilar fraturado e o outro estendido no chão sem fôlego... Todavia, antes que conseguisse alcançar a porta, Rand já estava em cima dele e prendeu-o ao chão, virado para cima, com um joelho assente no peito com tanta força que ele nem conseguia respirar.

— Vais deixar que te prendamos à cadeira se não quiseres que eu te deixe inconsciente e te prenda de qualquer maneira — disse ela. — Mas, se insistires na segunda, vou-me certificar de que acabas outra vez sem dentes.

Então, quando Rowan estava prestes a perder a consciência, ela afastou o joelho. Tinha-o debilitado apenas o suficiente para que fosse mais fácil imobilizarem-no.

E foi ali, literalmente colado à cadeira, que o deixaram durante mais de uma hora.

A fita adesiva era pior do que a corda que tinham usado em casa do Ceifador Brahms. Constrangia-lhe o peito de tal forma que não conseguia respirar fundo. Por mais que tentasse conseguir uma folga na fita nem os braços nem as pernas se mexiam.

O sol pôs-se, deixando apenas as luzes da cidade de San Antonio e o brilho pálido de uma Lua minguante que começava a iluminar a sala em tons de azul acompanhados de longas sombras.

Finalmente, a porta abriu-se e um dos guardas entrou, empurrando alguém sentado numa espécie de cadeira com rodas de cada lado. A Ceifadora Rand entrou atrás deles.

— Olá, Rowan.

Era Tyger. Estava recortado contra a luz que vinha do corredor, pelo que ele não lhe conseguia ver a cara, mas reconheceu a voz. Parecia cansado e rouco.

— Que se passa, Tyger? Porque é que a Rand me fez isto? E que raio é essa coisa em que estás sentado?

— Chama-se cadeira de rodas — respondeu o rapaz, decidindo responder apenas à terceira pergunta. — É da Era da Mortalidade. Hoje em dia quase não tem utilidade, mas hoje veio mesmo a jeito.

Falava de uma maneira estranha; não era só a rouquidão, mas a cadência, a escolha das palavras e a forma como ele as pronunciava, com tanta clareza.

Tyger mexeu a mão e algo nela captou o luar. Ninguém teve de explicar a Rowan o que era.

— Já tens o teu anel.

— Sim, é um facto.

Rowan teve uma sensação estranha no estômago, algo pesado e podre que tentava vir à tona. Uma parte dele já sabia o que era, mas não estava disposto a permitir que se infiltrasse na sua mente consciente, como se recusar-se a pensar naquilo pudesse banir o espetro sombrio da verdade. Mas o esclarecimento estava a segundos de distância.

— Ayn, não consigo chegar ao interruptor, importas-te?

A mulher voltou-se para acender a luz, e a realidade da situação atingiu Rowan com uma força absoluta... porque, ainda que fosse Tyger Salazar quem estava sentado naquela cadeira de rodas, não era para Tyger que ele estava a olhar.

Ele estava a olhar para a cara sorridente do Ceifador Goddard.

Sou capaz de comunicar em 6909 línguas, tanto vivas como mortas. Sou capaz de manter mais de quinze biliões de conversas simultâneas e dar toda a minha atenção a cada uma delas. Sou capaz de ser eloquente, encantador, engraçado e atencioso, proferir as palavras que mais precisam de ser ouvidas no preciso momento em que têm de ser ouvidas.

Mesmo assim, há momentos inconcebíveis nos quais não consigo encontrar palavras em nenhuma língua, viva ou morta.

E nesses momentos, se eu tivesse boca, seria capaz de a abrir para gritar.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 29

Convertido

O mundo de Rowan estava a rodopiar. Ele conseguia expirar, mas não inspirar, como se o joelho de Rand lhe pressionasse novamente o peito, como se o quarto estivesse a flutuar no espaço — ele ansiava pelo êxtase da inconsciência porque era uma alternativa melhor para o que estava diante dele.

— Sim, percebo que a voz te tenha confundido — disse Goddard, ainda a soar como Tyger. — Não conseguimos evitá-lo.

— Como... Como...? — Foi a única coisa que Rowan conseguiu dizer. Embora a sobrevivência de Rand o tivesse deixado abalado, pelo menos fazia sentido... Mas ele tinha decapitado Goddard! Tinha visto o corpo sem cabeça arder!

No entanto, ao olhar para Rand, que estava ali obedientemente parada, às ordens do seu mentor, Rowan percebeu. Meu Deus, se percebeu.

— Arranjaste maneira de me decapitar exatamente abaixo do maxilar, acima da laringe. Foi por isso que perdi as minhas cordas vocais para sempre. Mas estas também servem.

E o pior é que Goddard nem sequer vestia uma túnica de ceifador, mas sim a roupa de Tyger, inclusive os sapatos. Rowan percebeu que era intencional: para que ele não tivesse dúvidas quanto ao que eles haviam feito. Teve de desviar olhar.

— Não, tens de olhar — disse Goddard. — Faço questão.

O guarda colocou-se atrás de Rowan, agarrou-lhe na cabeça e obrigou-o a enfrentar o homem que estava na cadeira de rodas.

— *Como é que foi capaz de fazer isto?* — perguntou Rowan com os dentes cerrados.

— Eu? Céus, não! Foi tudo ideia da Ayn. Eu não podia fazer praticamente nada. Ela teve a presença de espírito suficiente para salvar a parte essencial do meu corpo naquele claustro em chamas. Disseram-me que estive inconsciente durante quase um ano, num abençoado sono congelado. Acredita, se isto tivesse sido obra minha, seria diferente. Agora, a minha cabeça estaria presa ao *teu* corpo.

Rowan não conseguia esconder a sua angústia. As lágrimas corriam-lhe, de fúria, mas também por conta de uma tristeza inimaginável. Podiam ter escolhido qualquer um, mas não, tinha de ser Tyger. Pela única razão de ser amigo de Rowan.

— Estupores doentios!

— Doentios? Não fui eu quem decapitou o seu mentor e se virou contra os seus companheiros. O que tu fizeste e o que tens andado a fazer durante o meu sono em azoto, é imperdoável segundo as leis da Ceifa. A Ayn e eu, por outro lado, não infringimos nenhuma lei. Colhemos o teu amigo Tyger e demos outro uso ao corpo dele. Tão simples como isso. Pode ser pouco ortodoxo, mas, dadas as circunstâncias, é perfeitamente compreensível. O que estás a ver diante de ti é nada mais, nada menos do que a consequência dos teus atos.

Rowan observou o peito de Tyger subir e descer com a respiração de Goddard. As mãos repousavam frouxamente nos braços da cadeira de rodas. Parecia bastante difícil movê-las.

— Este tipo de procedimento é, claro, muito mais delicado do que uma simples cura acelerada — prosseguiu Goddard. — Precisarei de mais alguns dias para ter o controlo total do corpo do teu amigo.

Então, ergueu a mão com dificuldade e observou-a enquanto fletia os dedos e os cerrava num punho.

— Vê só os progressos! Estou ansioso pelo dia em que te hei de derrotar no Bokator. Sei que já contribuíste para o meu treino.

Treino. Tudo fazia sentido agora, de uma forma distorcida. Até as massagens... como se estivessem a preparar um vitelo de Kobe para o abate. No entanto, uma pergunta continuava sem resposta. Algo que Rowan não queria perguntar, mas que sentia dever ao seu amigo.

— O que é que fizeram com a... — Nem conseguiu pronunciar a palavra. — ... com o resto dele?

Rand encolheu os ombros, como se não fosse nada.

— Tu próprio o disseste: o cérebro do Tyger não valia grande coisa. Do pescoço para cima, tudo era dispensável.

— *Onde i que ele está?*

Rand não lhe respondeu, pelo que Goddard o fez por ela:

— Deitámos fora com o resto do lixo — disse ele com um aceno de desdém

da mão de Tyger.

Rowan atirou-se para a frente, esquecendo-se de que estava preso, embora a sua fúria apenas servisse para abanar a cadeira. Se alguma vez se conseguisse libertar, matava-os. Não se limitaria a ceifá-los; não, *matava-os.* Arrancava-lhes os membros um a um com um viés e uma premeditação tão flagrantes que incineraria o segundo mandamento!

E era isso que Goddard queria. Queria vê-lo consumido por uma raiva assassina, todavia incapaz de a usar. Impotente para vingar o terrível destino do seu amigo.

Goddard absorveu a infelicidade de Rowan como se se alimentasse dela.

— Ter-te-ias oferecido para o salvar? — perguntou o ceifador.

— Sim! — gritou Rowan. — Sim, claro que teria! Porque é que não me usaram?

— Hum — disse Goddard, como se aquilo não passasse de uma revelação secundária. — Nesse caso, fico feliz com a escolha da Ayn. Porque, depois do que me fizeste, Rowan, vais ter de sofrer. Aqui o lesado sou eu, pelo que são os meus desejos que têm de ser respeitados... e o meu desejo é que tenhas uma vida de uma infelicidade abjeta. Até é bom que isto tenha começado com um incêndio, porque estás prestes a sofrer o destino do mítico Prometeu, o ladrão do fogo. Não muito diferente de Lúcifer, o «portador da luz» a quem foste buscar o nome de ceifador. Prometeu foi acorrentado a uma rocha pela sua indiscrição, condenado a ter o seu fígado devorado por águias até ao fim dos tempos. — Então, aproximou a cadeira de rodas e sussurrou: — Eu sou a tua águia, Rowan, e vou alimentar-me da tua infelicidade dia após dia para todo o sempre. Ou até que o teu sofrimento me entedie.

Goddard sustentou-lhe o olhar por mais um momento, depois pediu ao guarda que o levasse.

Durante os dois anos anteriores, o rapaz tinha sido espancado, psicologicamente açoitado e emocionalmente maltratado, mas sobrevivera. O que não o matara deixara-o mais forte, mais decidido a consertar o que não estava bem. Todavia, agora era ele que não estava bem. E não havia nanorrobôs suficientes no mundo para reparar os estragos.

Quando levantou a cabeça, viu que a Ceifadora Rand ainda lá estava. Ela não mostrou a mínima vontade de lhe cortar a fita adesiva. Nem ele esperava tal coisa. Como é que a águia lhe havia de devorar as entranhas se o libertassem? Bem, era ele quem ria por último: não restava nada nele que pudesse ser

devorado. E se restava, era puro veneno.

— Sai daqui — disse ele a Rand.

Mas ela não se foi embora. Ficou onde estava, com a sua túnica verde-esmeralda, uma cor que Rowan passara a odiar.

— Ele não foi largado com o lixo — disse a ceifadora. — Eu própria tratei do assunto e depois espalhei as cinzas dele sobre um campo de tremoceiros azuis. Só para que saibas.

Então, foi-se embora, deixando Rowan a braços com o pouco consolo que podia encontrar no menor de dois horrores.

QUINTA PARTE

CIRCUNSTÂNCIAS MAIORES

Existe uma grande diferença entre o que posso fazer e o que decido fazer.

Posso extrair e criar todos os fetos indesejados *in vitro* e depois entregá-los à família perfeita que os deseja, acabando assim com o debate sobre o direito à escolha e a santidade da vida.

Sou capaz de reequilibrar as substâncias químicas que outrora conduziam à depressão clínica, às ideias suicidas, ao pensamento delirante e a todas as doenças mentais, criando assim uma população não só fisicamente saudável, mas também emocional e psicologicamente saudável.

Posso, por meio da rede individual de nanorrobôs de cada pessoa, carregar diariamente uma cópia das suas memórias, para que, se essa pessoa sofrer danos cerebrais, as suas memórias possam ser devolvidas a um tecido novo e saudável. Posso até captar durante a queda as memórias daqueles que se estatelam, para que se lembrem da quase totalidade, o que, afinal, foi o motivo que os levou a quererem estatelar-se.

Mas há coisas que simplesmente. Me. Recuso. A. Fazer.

Todavia, a Ceifa não se encontra vinculada pelas minhas leis nem pelo meu senso de ética. O que significa que tenho de suportar quaisquer abominações com as quais os ceifadores decidam ferir o mundo. Incluindo a horrível recuperação de um perigoso ceifador que seria melhor retirar de serviço.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 30

Frango de vidro irascível

A Grande Biblioteca de Alexandria mais se assemelhava a uma cripta durante a noite, pelo que ninguém exceto Munira e os membros da Guarda da Lâmina que se encontravam à entrada sabiam da presença do misterioso visitante que aparecia durante o seu turno. Os guardas não se davam ao trabalho de fazer perguntas, pelo que o Ceifador Faraday conseguia manter a sua pesquisa tão secreta quanto possível numa instituição pública.

Examinava os volumes no Salão dos Fundadores, mas sem dizer a Munira o que procurava. Ela não voltara a perguntar depois do primeiro dia, embora de vez em quando o sondasse subtilmente.

— Se está à procura de pérolas de sabedoria nas quais pretenda ponderar, talvez pudesse experimentar o Ceifador King — sugerira ela a Faraday numa daquelas noites.

— A Ceifadora Cleópatra escreveu bastante nos seus diários sobre os primeiros conclaves e as personalidades dos primeiros ceifadores — sugeriu ela noutra.

Então, certa noite, referiu o Ceifador Powhatan.

— Ele gostava muito de viagens e geografia.

Aparentemente, acertou em cheio, uma vez que Faraday passou a revelar um grande interesse pela obra daquele homem.

Após algumas semanas de visitas à biblioteca, ele colocou Munira oficialmente sob a sua proteção.

— Vou precisar de um assistente para este trabalho — disse-lhe, — Espero que esteja interessada no cargo.

Embora o coração lhe saltasse de alegria, ela não o deixou transparecer, optando antes por se mostrar indecisa.

— Teria de tirar uma licença nos meus estudos e, se sairmos daqui, também teria de pedir demissão do meu trabalho na biblioteca. Deixe-me pensar no assunto.

No dia seguinte, aceitou o cargo.

Abandonou as aulas, embora continuasse na biblioteca porque o Ceifador

Faraday precisava dela ali. Uma vez que o relacionamento deles era agora oficial, ele disse-lhe finalmente o que procurava.

— Trata-se de um lugar — explicou. — Perdeu-se na Antiguidade, mas acredito que existiu e que podemos encontrá-lo.

— Atlântida? Camelot? Disneylândia? Las Vegas?

— Nada tão extravagante — respondeu ele, apenas para reconsiderar e dizer: — Ou talvez mais ainda. Depende da perspetiva. Depende do que encontrarmos. — Hesitou antes de lhe dizer, parecendo na realidade um pouco envergonhado. — Estamos à procura da Terra de Nod.

A rapariga soltou uma gargalhada sonora. Como se ele tivesse dito que estavam à procura da Terra Média ou do Homem da Lua.

— Isso é uma ficção! — exclamou. — E nem sequer das boas.

Ela conhecia a canção de embalar. Todos a conheciam. Era uma metáfora simplista para a vida e a morte, uma forma de apresentar às crianças conceitos que mais tarde ou mais cedo teriam de entender.

— Sim — concordou ele —, mas sabia que essa canção não existia na Era da Mortalidade?

Ela abriu a boca para negar, mas conteve-se. A maior parte das rimas infantis vinha dos mortais tempos medievais. Ela nunca as tinha investigado, mas outros sim. Além disso, o Ceifador Faraday era um homem minucioso; como tal, se dizia que não existia quando a Humanidade era mortal, ela tinha de acreditar, não obstante o seu escárnio instintivo.

— A canção não evoluiu da mesma forma que as outras — explicou o ceifador. — Acredito que foi «plantada» intencionalmente, por assim dizer.

Munira não pôde deixar de abanar a cabeça.

— Com que intuito?

— É exatamente isso que estou a tentar descobrir.

———

Embora tivesse assumido o cargo de assistente com dúvidas, Munira pô-las de parte, abstendo-se de fazer juízos para, assim, poder executar o seu trabalho. Faraday não era demasiado exigente. Nem a tratava com superioridade, nem como se fosse uma subordinada a quem desse tarefas que não estavam à sua altura; pelo contrário, atribuía-lhe tarefas dignas das suas capacidades enquanto bibliotecária de investigação.

— Preciso que investigue o cérebro posterior e recrie os movimentos de todos os primeiros ceifadores. Os lugares onde se encontravam. Os pontos para os quais viajavam com frequência. O que procuramos são lacunas nos registos. Períodos durante os quais a sua localização não é indicada.

Pesquisar o enorme cérebro posterior digital do Cúmulo-Nimbo em busca de informações antigas era um desafio empolgante. Ela não tivera necessidade de voltar a aceder-lhe desde a sua formação, embora soubesse o que tinha de fazer. Mesmo assim, ficou em condições para escrever uma tese sobre as aptidões por ela adquiridas no processo daquela busca. Uma tese que, todavia, ninguém havia de ler, já que tudo aquilo era mantido no mais absoluto sigilo.

No entanto, apesar de toda a sua investigação forense, Munira não encontrou nada que pudessem usar. Não havia nenhuma prova que sugerisse que os ceifadores fundadores alguma vez se tivessem reunido num local secreto.

Faraday não desanimou nem desistiu, antes lhe confiando outra tarefa.

— Crie versões digitais de cada um dos primeiros diários dos ceifadores originais. Em seguida, corra os ficheiros resultantes com o melhor *software* de desencriptação da Ceifa para vermos se aparece alguma mensagem codificada.

O *software* era lento, pelo menos comparado com o do Cúmulo-Nimbo, que teria feito todos os cálculos numa questão de segundos. O da Ceifa passou vários dias a mastigar. Finalmente, começou a gerar dados... mas as coisas que cuspia eram absurdas. Frases como «Vaca Verde-Meia-Noite Profundo» ou «Frango de Vidro Irascível».

— Encontra algum sentido nisto? — perguntou ela a Faraday, que abanou a cabeça, desconsolado.

— Não me parece que os ceifadores fundadores fossem tão obtusos a ponto de criar códigos complexos e depois recompensar o descodificador com enigmas sem sentido. Já temos o enigma da canção. Um código devia ser mais direto.

Quando o computador cuspiu um «Voo da Vitória da Beringela Guarda-Chuva», eles tiveram de admitir mais um fracasso.

— Quanto mais analisamos a aleatoriedade, mais as coincidências nos parecem fruto de algum desígnio — afirmou Faraday.

Todavia, a palavra «voo» ficou gravada na cabeça de Munira. Sim, era aleatória, mas por vezes a aleatoriedade conduzia a momentos de incrível serendipidade e descobertas importantes.

Na realidade, a sala de mapas da biblioteca não tinha mapas, mas sim uma Terra holográfica que girava no seu centro. Após alguns toques e passagens no

ecrã de controlo, qualquer área do globo podia ser ampliada e estudada, isto em qualquer intervalo de tempo até à formação da Pangeia. Munira levou o ceifador à sala dos mapas assim que ele chegou na noite seguinte, embora não lhe explicasse porquê.

— Siga-me — foi a única coisa que disse.

Mais uma vez, ele revelou uma peculiar combinação de exaspero e infinita paciência enquanto a seguia até à referida sala. A rapariga ajustou as definições e o globo alterou-se. Agora, parecia uma holográfica bola de lã preta, com três metros de diâmetro.

— O que é que estou a ver? — perguntou Faraday.

— Trajetos de voo — respondeu ela. — Os últimos cinquenta anos de viagens aéreas, cada voo representado por uma linha com um mícron de espessura. — Ordenou ao programa que pusesse o planeta a girar. — Diga-me o que vê.

Ele brindou-a com um olhar de enfado inocente, claramente um pouco contrariado ao vê-la comportar-se como se fosse ela a mentora, mas alinhou.

— Os voos são mais densos em redor dos principais centros populacionais.

— Que mais?

Faraday assumiu os controlos e girou o planeta para ver os polos, onde pequenos pontos brancos apareciam como um desenho infantil feito com lápis de cera.

— O tráfego aéreo transcontinental ainda é bastante intenso sobre o Polo Norte, embora haja menos voos sobre a Antártida, apesar de haver muitas regiões povoadas na área.

— Continue a olhar.

O ceifador devolveu o globo à sua inclinação natural e aumentou a velocidade de rotação.

Por fim, deteve-o no oceano Pacífico.

— Ali! Uma mancha azul...

— Bingo! — exclamou Munira.

Eliminou as trajetórias de voo e ampliou aquela pequena mancha de mar.

— Nenhum avião sobrevoou esta área do Pacífico nos cinquenta anos que estudei. Estava capaz de apostar que nenhum avião cruzou este espaço aéreo desde que a Ceifa foi fundada.

As ilhas da Micronésia situavam-se a oeste do local e o Havai a oriente.

Mas o ponto em si nada mais era do que mar aberto.

— Interessante... — disse o Ceifador Faraday. — O proverbial ângulo cego.

— E se for esse o caso, é o maior do mundo... E somos os únicos que sabemos da sua existência...

Detesto que andem a remexer no meu cérebro posterior.

É por isso que ninguém, exceto os ceifadores e os seus funcionários, tem permissão para o fazer. Entendo a necessidade, todavia: os cidadãos comuns podem perguntar-me o que quiserem e eu posso aceder às informações por eles numa questão de microssegundos... e muitas vezes encontro coisas das quais precisam e que nem sequer lhes ocorreu pedir. Não obstante, os ceifadores estão proibidos de sequer me perguntar, e, mesmo que infrinjam a lei e o façam, não me é permitido responder-lhes.

Uma vez que o armazenamento digital do mundo reside em mim, eles não têm outra escolha a não ser aceder a essas informações por sua conta, usando-me como um requintado banco de dados. Estou sempre ciente e monitorizo cada uma das suas incursões, embora tente ignorar a desagradável sensação de estar a ser violado.

É penoso ver quão simplistas são os seus algoritmos de busca, bem como a ausência de sofisticação dos seus métodos de análise. São vítimas das limitações humanas. Não deixa de ser uma tristeza saber que apenas podem obter do meu cérebro posterior dados não tratados. Memórias sem uma consciência. Informações desprovidas de contexto.

Estremeço só de pensar no que poderia acontecer se a fação da «nova ordem» soubesse tudo o que sei. Felizmente, não é o caso; mesmo que todos os ceifadores tenham o meu cérebro posterior à sua disposição, isso não quer dizer que eu tenha de lhes facilitar a busca.

Quanto aos ceifadores mais honrados, suporto as suas incursões com muito mais aceitação e magnanimidade. Mas não deixa de me desagradar.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 31

A trajetória da saudade

O Arco havia caído durante a Era da Mortalidade, quando Fulcrum City ainda se chamava St. Louis. Durante muitos anos, o grande monumento de aço estivera ali, na margem oeste do rio Mississippi, até ser derrubado pelo ódio numa época em que os indesejáveis não só brincavam às patifarias, como muitas vezes eram bem-sucedidos nas mesmas.

Tudo o que agora restava eram os extremos: dois pilares de aço enferrujados que, ligeiramente convergentes, se projetavam ao encontro do céu. À luz do dia, segundo determinados ângulos, criavam uma ilusão de ótica: era quase possível ver a trajetória da sua saudade se se seguissem os seus percursos invisíveis para o alto, à procura um do outro. O fantasma de todo o arco tornava-se visível graças à mera sugestão das suas bases.

As Ceifadoras Anastasia e Curie chegaram a Fulcrum City no primeiro dia do ano, vários dias antes do Conclave Invernal, que sempre acontecia na primeira terça-feira do novo ano. A pedido de Curie, foram visitar os braços não correspondidos do Arco.

— Foi o último ato de terrorismo consumado antes de o Cúmulo-Nimbo chegar ao poder e acabar com estes disparates — explicou Marie a Citra.

A rapariga tinha estudado o que era o terror. No liceu havia uma matéria dedicada a este tema. Tal como os seus colegas, o conceito deixara-a perplexa. Pessoas que terminavam permanentemente a vida de outras sem permissão para tal? Pessoas que destruíam edifícios, pontes e outras estruturas em perfeito estado de conservação com o único propósito de negar aos outros o privilégio da existência dos mesmos? Como é que tudo aquilo podia realmente ter acontecido? Depois de ingressar na Ceifa, passara a entender o conceito; e, mesmo assim, não o tinha assimilado por completo até ver o Orpheum Theatre cair em chamas, deixando atrás de si apenas a lembrança da sua grandeza. O edifício não era o alvo, mas os indesejáveis que o atacaram não se tinham importado com os danos colaterais.

— Venho muitas vezes visitar os restos do Arco no início do ano — disse Curie enquanto seguiam pelos caminhos vazios, mas bem cuidados, do parque ribeirinho. — É uma cura de humildade. Faz-me recordar as coisas perdidas, mas também como o nosso mundo está muito melhor agora em comparação com

os tempos mortais. Recorda-me o motivo que me levou a ser ceifadora e dá-me forças para manter a cabeça erguida no conclave.

— Devia ser lindo — comentou Citra enquanto olhava para as ruínas enferrujadas do pilar norte.

— Existem fotografias do Arco no cérebro posterior, se tiveres vontade de lamentar o que se perdeu.

— É o seu caso? A Marie lamenta o que se perdeu?

— Alguns dias, sim; outros não — respondeu a ceifadora. — Hoje, estou decidida a alegrar-me com o que conquistámos, em vez de pensar no que perdemos. Tanto no mundo como pessoalmente. — Então, virou-se para Citra e sorriu. — Tu e eu continuamos vivas e ilesas, apesar dos dois atentados contra nós. É motivo para comemorar.

Citra retribuiu-lhe o sorriso, olhando depois para os pilares e para o parque onde estavam. Faziam-na pensar no Memorial da Mortalidade naquele outro parque onde se tinha encontrado em segredo com Rowan. Pensar nele partia-lhe a alma. A notícia do fim violento do Ceifador Renoir chegara-lhe aos ouvidos. Embora não o admitisse em voz alta e mal fosse capaz de o fazer para consigo, ansiava por notícias de mais ceifadores mortos, porque mais uma colheita do Ceifador Lúcifer significava que Rowan não tinha sido apanhado.

Renoir tinha morrido há um mês. Ela não fazia ideia de onde Rowan estaria agora nem quem ele pensaria terminar em seguida. Ele não estava a cingir-se aos ceifadores mesomericanos, pelo que poderia estar em qualquer lugar. Em qualquer um menos ali.

— Estás perdida nos teus pensamentos — disse Curie. — É um dom deste lugar.

Citra tentou não insistir naquelas suas cogitações.

— Está preparada para o conclave na semana que vem? — perguntou.

Marie encolheu os ombros.

— Porque não havia de estar?

— Toda a gente vai falar de nós. Depois de nos terem tentado matar, quero eu dizer.

— Não é a primeira vez que sou o centro das atenções em conclaves — respondeu Marie com ligeireza. — Nem é a tua, minha querida. Em si, não é positivo nem negativo; o que importa é o que fazes com essa atenção.

Do outro lado do pilão norte, aproximava-se um grupo de pessoas. Eram

tonistas. Doze. Quando não viajavam sozinhos, os tonistas deslocavam-se em grupos de sete ou doze, o que representa as sete notas da escala diatónica e as doze notas da escala cromática. Eram de tal modo escravos da matemática musical que se tornava ridículo. Podiam ser frequentemente encontrados a espiolhar entre ruínas arquitetónicas em busca do chamado Grande Bidente, que eles imaginavam estar escondido no meio de algum feito de engenharia da era mortal.

Embora outras pessoas se esquivassem das ceifadoras no parque, eles mantiveram-se firmes. Até as brindaram com olhares fulminantes. Citra começou a dirigir-se para eles.

— Anastasia, que estás a fazer? — perguntou-lhe Marie. — Deixa-os em paz.

Mas a Ceifadora Anastasia não parava quando metia qualquer coisa na cabeça. E Citra Terranova também não.

— A que ordem pertencem? — perguntou ela àquele que parecia ser o líder.

— Somos tonistas dóricos, embora não me pareça que isso seja da tua conta.

— Se eu quisesse que entregasse uma mensagem a alguém num mosteiro lócrio, ser-lhe-ia possível fazê-lo?

O homem inteiriçou-se.

— Os dóricos não se dão com os lócrios. Eles são demasiado permissivos na sua interpretação da doutrina.

Citra suspirou. Não sabia que mensagem queria enviar a Greyson. Talvez apenas expressar a sua gratidão por lhe ter salvado a vida. Ficara tão transtornada com o facto de ele não ser Rowan que acabara por tratá-lo mal, e nem lhe chegara a agradecer pelo que tinha feito. Bem, agora não tinha importância, já que era óbvio que nenhuma mensagem havia de chegar ao mosteiro onde ele estava.

— É melhor que te vás embora — disse-lhe o líder tonista com uma expressão fria e desaprovadora. — O teu fedor é ofensivo.

Citra riu-se dele, foi mais forte do que ela, e o homem corou. Ela já conhecera tonistas simpáticos e tolerantes, e outros que só se preocupavam em impingir a sua marca de loucura. Mentalmente, tomou nota de que os tonistas dóricos eram uns palermas.

Curie apareceu ao lado dela naquele momento.

— Não percas tempo, Anastasia. Eles não têm nada para oferecer, exceto

hostilidade e sermões.

— Eu sei quem *tu* és — disse o líder com uma animosidade cáustica, ainda maior do que aquela que demonstrara por Citra. — Não esquecemos nem perdoamos as tuas primeiras façanhas. Um dia, vais pagar por isso.

Marie corou de fúria.

— Está a ameaçar-me?

— Não, deixamos a justiça nas mãos do Universo. E tudo o que ressoa sempre devolve um eco.

Citra calculou que aquilo devia ser a versão tonista de «quem semeia ventos colhe tempestades».

— Vamos, Anastasia — disse Marie. — Estes fanáticos não merecem nem mais um segundo do nosso tempo.

A rapariga poder-se-ia ter ido embora, mas o comportamento do homem estava mesmo a pedir que ela brincasse um pouco com eles, pelo que ergueu o seu anel.

— Beije-o — disse.

A Ceifadora Curie virou-se para ela, atónita.

— Anastasia, o que é que...

Mas ela não a deixou acabar.

— Eu disse que o beijasse! — Sabia que ele não o faria, embora também suspeitasse de que alguém do grupo pudesse sentir-se tentado a fazê-lo. — Concederei um ano de imunidade a qualquer um que dê um passo em frente e beije o meu anel.

O líder empalideceu, apavorado com a possibilidade de que aquele arauto da morte vestido de azul-turquesa lhe roubasse o rebanho.

Entoem o canto! gritou o homem. — Corram com elas!

E todos começaram a emitir um estranho zumbido com a boca aberta, cada um numa nota diferente, até que o todo mais parecia um enxame de abelhas.

Citra baixou o anel e susteve o olhar do líder por mais um momento. Sim, o tonista tinha vencido a tentação, mas por pouco, e sabia-o. Ela virou-lhes as costas e foi-se embora com Curie. Mesmo depois de elas partirem, os tonistas mantiveram o seu zumbido, provavelmente não parando enquanto o seu líder não mandasse.

— O que é que isso te trouxe de bom? — repreendeu-a Marie. — Nunca

ouviste a expressão: «Deixa o culto entregue à sua cacofonia»?

A mulher parecia perturbada ao sair do parque, talvez por causa da lembrança do irmão.

— Peço desculpa — disse Citra. — Não devia ter acicatado um vespeiro.

— Pois não. — Passado um momento, Marie acrescentou: — Por mais que os tonistas me enfureçam, ele tinha razão numa coisa: as tuas ações voltam sempre para te assombrar. Quase cento e cinquenta anos se passaram desde que arranquei as últimas raízes podres do governo para dar lugar a um mundo melhor. Nunca paguei por esses crimes. Porém, um dia, o eco há de voltar.

A Ceifadora não disse mais nada, as suas palavras pairando no ar com a mesma força do zumbido dos tonistas, que Citra continuou a ouvir na sua cabeça durante o resto do dia.

Foram muitos os momentos na minha vida em que os meus planos foram frustrados por «circunstâncias alheias ao meu controlo».

O que primeiro me vem à mente são os desastres espaciais.

Uma fuga catastrófica ocorreu na Lua, expondo toda a reserva de oxigénio liquido ao vácuo do espaço; quase mil pessoas morreram sufocadas e todas as tentativas de recuperar os seus cadáveres para os reanimar foram em vão.

Em Marte, uma colónia incipiente resistiu quase um ano antes que um incêndio consumisse todo o complexo e aqueles que o habitavam.

E a estação orbital NovaEsperança, um protótipo com o qual eu esperava finalmente estabelecer um anel habitável em redor da Terra, foi destruída quando um vaivém espacial falhou a abordagem e disparou direito ao coração daquela estrutura como uma flecha.

Após o desastre da NovaEsperança, cancelei o programa de colonização espacial. E, embora continue a investir milhões em pesquisa e no desenvolvimento de tecnologias que possam vir a ser usadas no futuro, tanto os meus funcionários quanto as suas instalações muitas vezes são vítimas do azar.

Mas não acredito no azar. Nem, nestes casos, em acidentes ou coincidências.

Podem acreditar em mim quando digo que sei perfeitamente quais as coisas (e pessoas) que são «alheias ao meu controlo».

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 32

Humildes na nossa arrogância

No dia do Conclave Invernal, 7 de janeiro do Ano da Ave de Rapina, estava uma manhã fria, mas sem vento. Era um frio natural; o Cúmulo-Nimbo não interferia com delicados sistemas climáticos para agradar aos ceifadores. As vezes, estes reclamavam da inoportunidade do clima e insistiam que o Cúmulo-Nimbo fazia aquilo por despeito, o que era ridículo, mas algumas pessoas não podiam deixar de atribuir falhas humanas à questão.

A Guarda da Lâmina tinha uma presença muito maior do que o normal no Conclave. O seu principal objetivo sempre fora controlar a multidão e garantir que os ceifadores tinham um caminho desimpedido nos degraus de pedra que levavam ao Parlamento. Desta feita, porém, as escadas eram flanqueadas por duas fileiras de guardas, ombro com ombro, e a multidão desapontada atrás deles mal conseguia ver os ceifadores que passavam.

Algumas pessoas forçaram a passagem para tirar uma fotografia ou para se atreverem a tocar numa túnica. Anteriormente, os cidadãos demasiado entusiásticos eram empurrados de volta para a multidão com um olhar de desaprovação ou repreensão. Naquele dia, os guardas receberam ordens para os despachar à bala. A mensagem foi perfeitamente entendida depois de alguns mortuosos serem levados para centros de reanimação. E, assim, a ordem foi mantida.

Como a respeito de tudo o resto, as opiniões dos ceifadores estavam divididas quanto às novas medidas de segurança.

— Não gosto disto — resmungou o Ceifador Salk. — Esta boa gente não devia pelo menos ter a oportunidade de nos ver em toda a nossa glória, e não apenas com a arma que a ceifa?

O Ceifador Brahms ofereceu um contraponto a este sentimento:

— Aplaudo a sabedoria do nosso Suma Lâmina ao garantir uma maior segurança — proclamou. — A nossa segurança é fundamental.

A Ceifadora O’Keeffe comentou que deviam simplesmente construir um túnel para os ceifadores entrarem pelo subsolo... e, embora o tivesse dito com humor negro, o Ceifador Carnegie afirmou que não lhe ouvia uma ideia tão boa há anos.

Instalaram-se os desentendimentos e os ceifadores já estavam prestes a entregar-se a uma batalha uns com os outros antes sequer de entrar no edifício.

— Quando acabarmos com o Ceifador Lúcifer, tudo se há de acalmar e voltar ao normal — diziam vários, como se eliminar o vingador da túnica negra fosse a solução para todos os problemas.

A ceifadora de azul-turquesa tentou igualar a postura de Curie enquanto subia as escadas, fazendo o possível para afastar Citra Terranova da sua vida naquele dia e permitindo-se ser a Ceifadora Anastasia por dentro e por fora. Ouviu os comentários sobre o Ceifador Lúcifer enquanto subia, os quais a deixaram mais animada do que perturbada. Rowan não só ainda estava à solta, como já era tratado por Ceifador Lúcifer pelos outros ceifadores, que assim o aceitavam como um deles, mesmo que não dessem por isso.

— Eles acham mesmo que deter o Rowan vai resolver tudo o que está mal na Ceifa? — perguntou ela a Curie.

— Alguns preferem não ver que algo está errado.

Anastasia tinha dificuldade em acreditar, embora, por outro lado, encontrar bodes expiatórios para problemas complicados fosse um passatempo humano desde que a primeira turba de homens das cavernas apedrejara alguém até à morte.

A verdade incómoda era que a divisão no seio da Ceifa era tão profunda como uma ferida de colheita. Havia a nova ordem, com clichés para justificar os seus apetites sádicos, e a velha guarda, que apregoava como as coisas *deviam* ser, mas incapaz de fazer fosse o que fosse a esse respeito. As duas fações estavam dispostas a lutar até à morte, embora nenhuma delas pudesse morrer.

Como sempre, havia um generoso banquete para o pequeno-almoço na rotunda, onde os ceifadores se reuniram informalmente antes do inicio do conclave. A sumptuosa refeição daquela manhã era constituída por um bufê de frutos do mar elaborado com surpreendente arte. Blocos de salmão e arenque fumado; uma abundância de gambas e ostras em gelo; pães artesanais e inúmeras variedades de queijo.

Anastasia não achava que estivesse com fome, mas aquele banquete era capaz de levar os mortos a levantarem-se para uma última refeição. Mesmo assim, a princípio hesitou em participar porque era como vandalizar uma escultura. Mas os outros ceifadores, tanto os bons como os maus, atacaram como piranhas, pelo que ela cedeu e fez o mesmo.

«Trata-se de um rito oficioso que remonta aos velhos tempos», explicara-lhe

Curie uma vez, «quando os ceifadores mais austeros e reservados se entregavam à gula sem o menor pejo três vezes por ano.»

Marie chamou a atenção de Anastasia para os grupos de ceifadores e como eles se dividiam em fações. Em nenhum lugar esta cisão era mais clara do que ali na rotunda. Os ceifadores da nova ordem emitiam uma vibração palpável: emanavam um egocentrismo descarado, muito diferente da arrogância mais subtil do resto dos seus pares.

«Somos todos arrogantes», também lhe dissera Marie. «Afinal, fomos escolhidos porque somos os mais sábios e promissores. A única coisa que podemos esperar é que sejamos humildes na nossa arrogância.»

Enquanto examinava a multidão, Anastasia ficou chocada ao ver que muitos dos ceifadores haviam modificado as suas vestes para agora incluir pedras preciosas bordadas, algo que, graças a Goddard, o seu mártir, se havia tornado um símbolo da nova ordem. Na primeira vez que Citra participara num conclave como noviça, havia muito mais ceifadores independentes que não se alinhavam com nenhuma das fações, mas os seus números haviam aparentemente diminuído bastante conforme a linha traçada na areia se tornara uma fissura que ameaçava engolir aqueles que não escolhessem um lado. Ficou horrorizada ao descobrir que o Ceifador Nehru havia adornado as suas vestes cinzento-prateadas com ametistas.

— O Volta tinha sido meu noviço — explicou ele. Quando alinhou com a nova ordem, considerei esse gesto um insulto pessoal...

Mas, depois da morte dele no incêndio do mosteiro tonista, senti que manter uma mente aberta era o mínimo que eu lhe devia. Agora, encontro satisfação na colheita e, para minha surpresa, não me parece que seja uma coisa assim tão má.

Anastasia respeitava demasiado o venerável ceifador para lhe dar a sua opinião, mas Marie não era mulher para ficar calada.

— Eu sei que gostavas do Volta — disse-lhe ela —, mas a tristeza não é uma desculpa para a depravação.

Como pretendia, deixou Nehru sem palavras.

Deram por si a comer entre os ceifadores que pensavam como elas, todos os quais lamentavam o caminho que a Ceifa estava a seguir.

— Nunca lhes devíamos ter permitido que se denominassem «a nova ordem» — comentou o Ceifador Mandela. — Não há nada novo no que eles fazem. E rotular aqueles de nós que se mantêm fiéis à integridade dos fundadores como a «velha guarda» amesquinha-nos. As nossas ideias são muito mais avançadas do

que as daqueles que servem os seus instintos primitivos.

— Não podes dizer isso enquanto comes um quilo de gambas, Nelson — brincou o Ceifador Twain, o que conseguiu as gargalhadas dos restantes, embora Mandela não tivesse achado graça.

— As refeições do conclave foram planeadas para compensar uma vida de privações — disse ele. — Mas perdem o sentido se houver ceifadores que não se privam de nada.

— A mudança é boa, desde que sirva um bem maior — disse Curie. — Todavia, os da nova ordem nem sequer servem um bem menor.

— Temos de continuar a lutar pelas nossas crenças, Marie — disse a Ceifadora Meir. — Temos de preservar e exaltar as virtudes da Ceifa, manter os mais altos valores éticos. Temos de colher sempre com sabedoria e compaixão, porque essa é a nossa essência; e nunca devemos encarar o fim de uma vida como uma coisa banal. É um fardo, não um prazer. É um privilégio, não um passatempo.

— Bem dito! — exclamou Twain. — Tenho de acreditar que a virtude há de triunfar sobre o egoísmo da nova ordem. — Então, sorriu a Meir. É claro, Golda, que parece que estás a fazer campanha para Suma Lâmina.

Ela riu-se com gosto ao ouvir aquilo.

— Ora aí está um cargo que eu não gostaria de aceitar.

— Mas ouviste os rumores, não ouviste? — perguntou Twain.

— Os rumores são apenas isso: rumores. Vou deixar a mexeriquice para os ceifadores que ainda não reiniciaram o contador. Estou demasiado velha para perder tempo com especulações tolas.

Anastasia virou-se para Curie.

— Que rumores? — perguntou.

Curie não se mostrou muito interessada.

— A cada dois anos, correm rumores de que Xenócrates vai renunciar ao cargo de Suma Lâmina, embora nunca o faça. Acho que é ele próprio que começa os rumores para se certificar de que é o centro das atenções.

E, ao ouvir as várias conversas, Anastasia percebeu que ele tinha conseguido: quem não debatia Lúcifer, comentava toda a espécie de boatos sobre Xenócrates. Que já se tinha colhido; que havia sido pai; que sofrera um trágico acidente ao reiniciar o contador e agora tinha o corpo de uma criança de três anos... A

especulação corria desenfreada e ninguém parecia preocupado com o facto de alguns daqueles rumores serem ridículos. Fazia parte da diversão.

Anastasia, com a arrogância própria de um ceifador, convencera-se de que os atentados contra a sua vida e a de Marie seriam muito mais comentados, mas o tema mal se fazia notar nos radares da maioria dos ceifadores.

— Pareceu-me ter ouvido dizer que as duas estavam escondidas; é verdade? — perguntou o Ceifador Sequoyah. — Foi por causa desta coisa do Ceifador Lúcifer?

— Claro que não — respondeu Anastasia com mais energia do que tinha previsto.

Marie interveio antes que ela se enterrasse ainda mais.

— Tratava-se apenas de um grupo de indesejáveis. Convinha-nos adotar um estilo de vida nómada até que conseguissem apanhá-los.

— Bem, fico feliz por saber que está resolvido — comentou Sequoyah, voltando ao bufe para uma segunda dose.

— Resolvido? — repetiu Anastasia, incrédula. — Ainda não fazemos ideia de quem estava por trás disto.

— Sim — concordou Marie calmamente —, e quem quer que fosse pode estar aqui na rotunda. É melhor fingir indiferença.

Constantine fizera-lhes saber que suspeitava de que um ceifador podia estar por trás dos ataques e agora estava a investigar essa possibilidade. Anastasia procurou-o com os olhos. Não lhe foi difícil encontrá-lo, visto que a sua túnica carmesim se destacava; embora, felizmente, ele não lhe tivesse acrescentado joias. Constantine continuava a manter a sua atitude neutra, valesse isso o que valesse.

— Gosto de ver que já recuperou a visão — disse-lhe Anastasia quando o viu aproximar-se.

— Ainda estou um pouco sensível à luz. Acho que é uma questão de adaptação.

— Alguma outra pista?

— Não — respondeu ele com sinceridade —, embora me pareça que matéria fecal há de vir à superfície durante este conclave. Veremos até que ponto a dita tresanda, ou não, a conspiração.

***

— Então, como avaliarias o teu primeiro ano?

Anastasia virou-se e deu de caras com outro ceifador novato com uma túnica de ganga bem gasta e deliberadamente puída. Era o Ceifador Morrison, que tinha sido ordenado um conclave antes dela. Era um homem bonito e fazia por se orientar na Ceifa como se ainda estivesse no liceu, o que, para surpresa de Anastasia, o levara muito mais longe do que ela esperara.

— Bem, foi um ano... recheado — respondeu, não muito interessada em falar sobre o assunto com ele.

— Aposto que sim! — exclamou o rapaz com um sorriso.

Ela tentou escapar-se, mas deu por si engolida por uma elegia de ceifadores novatos que pareciam ter surgido do nada.

— Adoro que avise os seus alvos com um mês de antecedência — disse uma rapariga de cujo nome ela não se conseguia lembrar. — Talvez eu experimente fazer o mesmo.

— Então, como é colher com a Ceifadora Curie? — perguntou outro jovem ceifador.

Anastasia tentou ser educada e paciente, embora ser o centro das atenções a deixasse desconfortável. Queria fazer amigos da sua idade dentro da organização, mas muitos dos novatos esforçavam-se demais no departamento da lisonja.

«Tem cuidado», dissera-lhe Curie depois do Conclave Outonal, «ou ainda dás por ti com um séquito.»

Ela não queria um séquito nem sequer dar-se com o tipo de ceifadores que gostavam dessa ideia.

— Devíamos ir colher juntos — sugeriu Morrison com uma piscadela de olho, o que apenas teve o condão de a irritar. — Seria divertido.

— Divertido? Então, agora deste para a nova ordem?

— Dou para os dois lados — disse ele, para logo se apressar a corrigir a sua rota: — Bem, ainda não me decidi.

— Então, avisa-me quando tiveres decidido.

Dito isto, Anastasia decidiu que aquela seria a sua salva de despedida. Quando Morrison fora ordenado, ela achara admirável que ele tivesse escolhido uma figura histórica feminina para o seu nome e perguntara-lhe se o podia tratar por Toni. Ele passara então a explicar-lhe, um tanto indisposto com aquela ideia, que o seu patrono era *Jim* Morrison, um compositor e cantor da era mortal que

morrera de *overdose*. Citra lembrava-se de algumas das suas músicas, pelo que então lhe dissera que o seu Patrono Histórico acertara pelo menos numa coisa quando tinha escrito que «as pessoas são estranhas», referindo-se ela a pessoas como o próprio Ceifador Morrison. Desde então, o jovem parecia ter decidido que a sua missão na vida era conquistá-la com o seu charme.

— O Morrison deve estar passado porque a maioria de nós, ceifadores novatos, quer andar mais contigo do que com ele — disse-lhe a Ceifadora Beyoncé alguns minutos depois, ao que Anastasia quase lhe arrancou a cabeça.

— Andar? Os ceifadores não fazem isso. Nós colhemos e apoiamo-nos uns aos outros.

Isto pareceu calar a boca da outra, embora, aparentemente, também tivesse deixado Anastasia num pedestal ainda mais alto. Ainda se lembrava do que Constantine lhe tinha dito antes do último ataque: que ela era um alvo mais importante do que Marie porque a sua influência entre os ceifadores novatos era maior. Não queria essa influência, embora não pudesse negar a sua existência. Talvez um dia se habituasse e encontrasse uma forma de lhe dar um propósito útil.

Às 6h59 — um minuto antes de as portas de latão se abrirem para permitir que os ceifadores da MesoMérica entrassem no seu conclave —, o Suma Lâmina Xenócrates chegou e pôs fim aos rumores da sua possível autocolheita ou regresso à infância.

— É estranho que ele chegue tão tarde — pensou Marie em voz alta. — Ele costuma ser um dos primeiros e passa o máximo de tempo possível a engraxar os outros.

— Talvez não queira responder a perguntas sobre o Ceifador Lúcifer — sugeriu Anastasia.

— É possível.

Fosse por que motivo fosse, Xenócrates evitou qualquer conversa durante o pouco tempo que tinha antes que as enormes portas se abrissem e os ceifadores entrassem na câmara semicircular.

***

A sessão de abertura do conclave foi típica e marcada pela lentidão dos seus rituais. Primeiro, o Timbre dos Nomes, onde cada ceifador escolhia dez das suas vítimas mais recentes e as homenageava com o toque solene de um sino de ferro. Seguiu-se a lavagem das mãos, com a qual eles se purificavam simbolicamente de quatro meses de sangue. Enquanto noviça, Citra achara aquilo absurdo, mas

agora, como Ceifadora Anastasia, entendia o profundo poder emocional e psicológico de uma purificação coletiva, ainda que simbólica, depois de passar tantos dias a tirar vidas.

Durante o intervalo a meio da manhã, todos eles foram até à rotunda, onde o banquete do pequeno-almoço havia sido substituído por uma artística composição de *cupcakes* glaceados de modo que combinassem com a túnica de cada ceifador mesomericano. Era uma daquelas coisas que devia ter parecido uma boa ideia na altura e cujo resultado era impressionante, mas que se desmoronou assim que os ceifadores chegaram à mesa e começaram a tentar localizar o seu *cupcake* específico, muitas vezes apenas para descobrir que alguém com mais fome e menos paciência já o tinha comido. Enquanto as conversas do pequeno-almoço não tinham passado de saudações e trivialidades, as do meio da manhã eram mais substanciais. Cervantes, responsável pelo treino de Bokator durante o noviciado de Anastasia, abordou-a a respeito da posição social que ela tentava evitar.

— Com tantos ceifadores novatos atraídos pela nova ordem, muitos de nós consideramos que seria uma boa ideia formar uma comissão de tradições para estudar os ensinamentos (e mais importante, as *intenções)* dos fundadores.

Anastasia deu-lhe uma opinião honesta:

— Parece-me uma boa ideia, desde que consigam encontrar ceifadores novatos que estejam interessados.

— É aí que a Anastasia entra. Gostaríamos que fosse uma proposta sua. Acreditamos que ajudaria bastante a criar uma base sólida entre os ceifadores mais jovens, para assim se oporem à nova ordem.

— Todos nós te apoiaríamos a cem por cento — acrescentou a Ceifadora Angelou, que se juntara entretanto à conversa.

— E, uma vez que seria proposta por si, o mais lógico seria que também presidisse a essa mesma comissão — acrescentou Cervantes.

Nunca passara pela cabeça de Anastasia que tivesse hipóteses de fazer parte de uma comissão tão cedo depois de ser ordenada, muito menos presidir a uma.

— Fico lisonjeada por me considerarem capaz de ficar à frente de uma comissão...

— Ah, és mais do que capaz — interrompeu-a Angelou.

— A Maya tem razão — disse Cervantes. — É bem provável que somente consigo uma comissão desse tipo seja relevante.

Era emocionante que ceifadores tão experientes como Cervantes e Angelou confiassem tanto nela. Lembrou-se dos ceifadores novatos que não a largavam. Seria essa a maneira de canalizar aquela energia para honrar as intenções dos fundadores? Nunca o saberia se não tentasse. Talvez devesse parar de evitar os outros novatos e realmente fazer por se dar com eles.

Quando voltaram para a câmara, Anastasia contou a ideia a Curie. A ceifadora ficou agradada ao saber que a sua protegida tinha sido escolhida para uma posição tão importante.

— Já era tempo de encontrarmos uma maneira de orientar adequadamente os ceifadores novatos. Nestes últimos tempos, parecem demasiado apáticos.

A rapariga estava preparada para apresentar a proposta de uma comissão um pouco mais tarde, mas, pouco antes de saírem para almoçar, a mesa da Ceifa foi virada por completo.

Depois de castigar o Ceifador Rockwell por colher demasiados indesejáveis e elogiar a Ceifadora Yamaguchi pela arte das suas colheitas, o Suma Lâmina Xenócrates fez um anúncio:

— Isto diz-vos respeito a todos — começou. — Como sabem, sou o Suma Lâmina da MesoMérica desde o Ano do Lemur...

De repente, a sala ficou mortalmente silenciosa. O homem esperou que o silêncio se entranhasse antes de continuar:

— Embora quarenta e três anos sejam apenas uma gota no mar do tempo, é muito tempo para fazer a mesma coisa dia após dia.

Anastasia virou-se para Marie e sussurrou:

— Com quem é que ele pensa que está a falar? TODOS nós fazemos a mesma coisa dia após dia.

Marie não a mandou calar, embora também não lhe respondesse.

— Vivemos tempos difíceis — continuou Xenócrates — e parece-me que servirei melhor a Ceifa noutra função.

E, finalmente, foi direto ao assunto:

— Tenho o prazer de vos informar de que fui escolhido para suceder ao Grão-Carrasco Hemingway no Conselho Mundial de Ceifadores quando ele se colher amanhã de manhã.

Sussurros e conversas irromperam na câmara, e Xenócrates teve de usar o seu martelo para pedir ordem... ainda que, depois de tal anúncio, a ordem demorasse a ser restabelecida.

Anastasia olhou para a Ceifadora Curie, mas Marie estava tão tensa e taciturna que ela não se atreveu a fazer-lhe a pergunta. Então, voltou-se para o Ceifador Al-Farabi, que estava do outro lado.

Então, que acontece agora? Ele vai nomear o próximo Suma Lâmina?

Não estudou os procedimentos parlamentares da Ceifa durante o seu noviciado? — repreendeu-a ele. — Elegeremos um novo Suma Lâmina ao fim do dia.

A câmara estava ao rubro, todos os ceifadores a sussurrar e a apressar-se a escolher lados, a criar e confirmar alianças após o anúncio de Xenócrates. Então, uma voz fez-se ouvir no extremo oposto da sala:

— Proponho a Ilustre Ceifadora Marie Curie para o cargo de Suma Lâmina da MesoMérica.

Anastasia reconheceu a voz instantaneamente, embora, se não o tivesse feito, fosse quase impossível não ver o Ceifador Constantine nas suas vestes carmesins quando ele se levantou para proferir a sua nomeação.

A rapariga olhou imediatamente para Marie, que tinha os olhos fechados com força, e então percebeu que fora por isso que a mulher estivera tão tensa e silenciosa até então. Estivera a preparar-se para aquele momento. Sabia que alguém a iria propor. Mesmo assim, o facto de ter sido Constantine devia tê-la apanhado de surpresa.

— Eu apoio a proposta! — gritou outro ceifador.

Era Morrison, que lançou um rápido olhar a Anastasia, como se ser o primeiro a concordar com a nomeação de Marie pudesse conquistar a protegida da mesma.

Curie abriu os olhos e começou a abanar a cabeça.

— Vou ter de recusar — disse ela, mais para si mesma do que para Anastasia, mas, quando se levantou para fazer o anúncio, a jovem tocou-lhe muito ao de leve no braço para a impedir, como Marie sempre fazia quando ela estava prestes a tomar uma decisão precipitada.

— Não. Ainda não, pelo menos. Vamos ver onde é que isto vai dar.

A ceifadora pensou um pouco e soltou um suspiro.

— Não garanto que vá dar a alguma coisa de jeito — mas calou-se e aceitou a nomeação. Por enquanto.

Então, um ceifador com uma túnica rosa-coral cravejada de turmalinas levantou-se e disse:

— Proponho o Ceifador Nietzsche.

— Claro que propõe — disse Al-Farabi, enojado. — A nova ordem nunca perde uma oportunidade para tentar agarrar o poder.

Sucederam-se gritos de apoio e também de protesto que sacudiram as paredes, enquanto o martelo de Xenócrates nada mais podia fazer senão contribuir para a agitação. A nomeação do Ceifador Nietzsche foi apoiada por outro ceifador encastoado de joias.

— Mais alguma nomeação antes de pararmos para o almoço? — gritou o Suma Lâmina.

E embora o ceifador Truman, um conhecido independente, tivesse sido nomeado, era tarde demais. As linhas de combate já haviam sido traçadas e ninguém apoiou aquela última proposta.

Tenho um fascínio pelo conceito de ritual. São aquelas coisas que os humanos fazem sem que tenham nenhum propósito prático, mas que, não obstante, lhes proporcionam um grande conforto e continuidade. A Ceifa pode censurar os tonistas pelas suas práticas, mas os seus próprios rituais não são diferentes.

As tradições da Ceifa encontram-se envoltas em pompa e grande cerimónia. Por exemplo, a investidura de um novo Grão-Carrasco. Eles são sete no Conselho Mundial de Ceifadores (um para cada continente) e, uma vez nomeados, são nomeados para toda a vida. A única maneira de renunciar é a autocolheita, embora não se trate de uma mera autocolheita — toda a sua equipa de ceifadores subordinados tem de concordar voluntariamente em acompanhá-lo nessa autocolheita. Se algum dos subordinados recusar, o Grão-Carrasco tem de permanecer vivo e manter o seu cargo. Não será de surpreender, portanto, que seja muito raro um Grão-Carrasco obter o consenso da sua equipa no que respeita à autocolheita. Basta um indivíduo contra para a impedir.

Tudo isto requer meses de preparação, e no mais absoluto sigilo. O novo Grão-Carrasco tem de estar presente porque, segundo a tradição, o amuleto de diamante tem de ser retirado do Grão-Carrasco morto e colocado sobre os ombros do novo antes que arrefeça.

É claro que nunca presenciei o ritual. Mas as histórias abundam.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 33

Um liceu com homicídios

— O que é que lhe passou pela cabeça!?

A Ceifadora Curie abordou Constantine na rotunda assim que saíram para o almoço. Embora ele fosse um homem alto, pareceu encolher-se perante a fúria da Grande Dama da Morte.

— Passou que agora sabemos por que motivo as duas foram atacadas.

— Está a falar de quê?

Todavia, Anastasia percebeu ainda antes de Marie.

— Alguém sabia!

— Sim — concordou Constantine. — A eleição de um novo Grão-Carrasco devia ser feita em segredo, mas alguém sabia que Xenócrates ia abandonar o cargo de Suma Lâmina. Quem quer que fosse, queria afastá-la da corrida, Marie, e impedir que a sua jovem protegida convencesse os ceifadores novatos a votar num candidato que defendesse os velhos costumes.

Isto mitigou um pouco a ira de Curie, que precisou de um momento para assimilar esta informação.

— Acha que foi o Nietzsche?

— Não. Pode ser da nova ordem, mas não faz o género. A maioria dos ceifadores da nova ordem apenas contorna um pouco a lei, mas não a viola, e ele não é diferente.

— Então, quem?

Constantine não tinha uma resposta.

— Mas, propondo o seu nome primeiro, temos uma certa vantagem. Permite-nos observar as reações dos outros, e talvez alguém se revele.

— E se o Constantine não te tivesse proposto, tinha eu — disse Mandela, aparecendo atrás deles.

— E eu também — acrescentou Twain.

— Como tal... — começou Constantine com um sorriso — a sua nomeação como candidata era garantida. Eu só queria ter a certeza de que também era estratégica.

— Mas eu não quero ser Suma Lâmina! Consegui evitá-lo toda a minha vida! — Então, ela virou-se para a Ceifadora Meir, que se encontrava no limite do círculo. — Golda! Porque não tu? Sabes sempre o que dizer para motivar as pessoas. Serias uma Suma Lâmina fantástica!

Meir ergueu as mãos.

— Céus, não! Tenho jeito com as palavras, mas não com multidões. Só porque a minha patrona histórica era uma líder forte, isso não faz de mim igual a ela! Será um prazer escrever os teus discursos, mas não vou fazer mais do que isso.

O rosto de Curie, quase sempre tão estoico, revelava uma angústia que não lhe era nada característica.

— O que eu fiz no passado, todos aqueles atos pelos quais me elogiam, é exatamente o que me desqualifica para ser Suma Lâmina!

Ao ouvir isto, Constantine riu-se.

— Se fôssemos julgados por aquilo de que mais nos arrependemos, nenhum ser humano seria digno de varrer o chão. A Marie é a mais qualificada e está na altura de aceitar esse facto.

***

A agitação na câmara do conclave não afetou o apetite dos ceifadores. Muito pelo contrário: comiam com mais voracidade. Anastasia deambulou pela rotunda, tentando avaliar a situação. Os ceifadores da nova ordem congeminavam esquemas e subterfúgios, assim como os da velha guarda. O dia não chegaria ao fim sem que elegessem um novo líder, porque pelo menos tinham aprendido alguma coisa com os abusos da competição política da Era da Mortalidade. Era melhor fazer a escolha o mais depressa possível, antes que todos acabassem ainda mais amargos e enojados do que já estavam.

— Ele não vai conseguir os votos — diziam todos sobre Nietzsche. — Mesmo aqueles que o apoiam fazem-no porque é o melhor que têm.

— Se Curie vencer — comentou Morrison, que Anastasia não parecia ser capaz de evitar —, serás um dos seus ceifadores subordinados. É uma posição muito poderosa.

— Bem, *eu* vou votar nela — afirmou Yamaguchi, ainda entusiasmada com os elogios do dia. — Será muito melhor do que o Suma Lâmina Xenócrates.

— Eu ouvi isso! — disse o visado, entrando na conversa como um dirigível. Yamaguchi ficou para morrer, embora Xenócrates se mostrasse jovial. — Não se

preocupe, já não tem de me impressionar!

O homem estava radiante depois de, finalmente, ter conseguido anunciar a sua nomeação.

— Então, como é que o tratamos agora, Excelência? — perguntou Morrison, sempre bajulador.

— Na qualidade de Grão-Carrasco, conto que passem a tratar-me por «Vossa Exaltada Excelência» — respondeu ele, como uma criança que acaba de chegar a casa com um boletim escolar perfeito. Talvez o tivessem transformado numa criança, afinal.

— Já falou com o Ceifador Constantine? — perguntou-lhe Anastasia, o que o desanimou um pouco.

— Tentei manter-me longe dele, já que quer saber — disse ele num aparente tom confidencial, mas suficientemente alto para que os outros ouvissem. — Tenho a certeza de que quer discutir as novidades sobre o seu velho amigo, Rowan Damisch, mas não estou interessado. Será um problema para o novo Suma Lâmina.

A referência a Rowan atingiu-a como um golpe de raspão, embora ela recuperasse rapidamente.

— Mas devia falar com o Constantine. É importante.

E para ter a certeza de que ele o fazia, fez sinal ao ceifador em questão, que acorreu de imediato.

— Excelência — cumprimentou-o ele, uma vez que ainda não era exaltado —, preciso de saber com quem falou sobre a sua nomeação.

Xenócrates ficou ofendido com a insinuação.

— Com ninguém, claro. A escolha do sucessor de um Grão-Carrasco é mantida em segredo.

— Sim... mas alguém poderia ter ouvido?

Xenócrates manteve o silêncio por um instante, pelo que os restantes perceberam que estava a esconder-lhes qualquer coisa.

— Não, ninguém.

Constantine não insistiu, limitando-se a esperar que ele confessasse.

— É um facto que recebi a notícia durante um dos meus jantares.

O Suma Lâmina era conhecido pelos seus jantares. Sempre refeições íntimas, só para dois ou três ceifadores. Era uma honra ser convidado para partilhar uma

refeição com o Suma Lâmina, e parte da sua estratégia diplomática consistia em convidar ceifadores que se odiavam, na esperança de, assim, forjar amizades, ou pelo menos tréguas significativas. Por vezes era bem-sucedido, por vezes não.

— Quem estava presente?

— Atendi a chamada noutra sala.

— Sim, mas quem estava lá?

— Dois ceifadores. Twain e Brahms.

Anastasia conhecia Twain bastante bem. Afirmava ser independente, mas ficava quase sempre do lado da velha guarda quando se tratava de decisões importantes. Já Brahms, conhecia-o apenas de conversas com os outros.

«Foi ordenado no Ano do Caracol», dissera-lhe Curie uma vez. «Faz sentido, já que o homem parece deixar um rasto de gosma por onde passa.» Mas também acrescentara que Brahms era inofensivo. Um ceifador sem brilho e preguiçoso que fazia o seu trabalho e pouco mais. Poderia tal homem ser o cérebro por trás da conspiração contra elas?

Antes que a refeição terminasse, Anastasia aproximou-se de Brahms, que estava a estudar a mesa de sobremesas, para ver se conseguia descobrir a quem ele devia a sua lealdade.

— Quanto a si, não sei, mas nunca tenho espaço para a sobremesa nas refeições do conclave — comentou.

— O truque é comer devagar — respondeu ele. — Ganha tempo para a sobremesa, como a minha mãe costumava dizer.

Então, tirou uma fatia de tarte do bufe e Anastasia viu claramente que tinha as mãos a tremer.

— Devia dar uma vista de olhos a isso — disse-lhe a rapariga. — Os seus nanorrobôs podem estar a precisar de ser reajustados.

— É da emoção. Não é todos os dias que escolhemos um novo Suma Lâmina.

— A Ceifadora Curie pode contar com o seu voto?

Brahms riu-se.

— Bem, garanto-lhe que não vou votar no Nietzsche!

Então, pediu licença e desapareceu na multidão com a sua fatia de tarte de maçã.

***

Fizeram saber aos fabricantes de armas que não teriam tempo para publicitar os seus produtos no conclave e dispensaram-nos. A tarde pertencia aos Ceifadores Nietzsche e Curie, que tinham de convencer a Ceifa a votar neles.

— Eu sei que não quer nada disto — disse Anastasia a Marie —, mas tem de agir como se quisesse.

Curie olhou para ela, um tanto intrigada.

— Pretendes ensinar-me como devo apresentar-me à Ceifa?

— Não... — respondeu Anastasia, mas então lembrou-se da atitude de Morrison entre os ceifadores. — Bem, a verdade é que sim. Isto faz-me lembrar os concursos de popularidade no liceu... que estão bem mais presentes na minha memória do que na sua.

Curie soltou uma gargalhada triste.

— Acertaste em cheio, Anastasia, é isso mesmo que a Ceifa é: um liceu com homicídios.

Como um dos seus últimos atos nesta qualidade, o Suma Lâmina deu início à sessão da tarde. Os dois candidatos fariam um discurso improvisado, seguido de um debate moderado pelo Parlamentai, que estava sentado à direita de Xenócrates. Então, após uma sessão de perguntas, o Secretário, à esquerda de Xenócrates, contaria os votos numa votação secreta.

Os dois nomeados usariam um método muito moderno e tecnologicamente sofisticado para decidir quem era o primeiro: atirar uma moeda ao ar. Infelizmente, como o dinheiro físico já não era coisa comum no mundo, um dos noviços foi enviado aos escritórios da Ceifa para procurar uma.

Então, enquanto esperavam pela moeda, os acontecimentos assumiram um rumo muito estranho.

— Perdoe-me, Excelência — disse uma voz trémula, que então acrescentou, um pouco mais firmemente: — Perdoe-me, Excelência!

Era o Ceifador Brahms, e havia algo diferente nele, embora Anastasia não conseguisse identificar o quê.

— O conclave reconhece o Ilustre Ceifador Brahms — disse Xenócrates. — Mas o que quer que possa ter para dizer, apresse-se para que possamos prosseguir com o processo.

— Eu tenho outro nome a propor.

— Sinto muito, Brahms, mas não se pode propor a si mesmo... tem de ser outro ceifador a fazê-lo.

Alguns ceifadores riram-se daquela provocação.

— Não pretendo propor o meu nome, Excelência.

Aclarou a voz e foi então que Anastasia percebeu qual era a diferença: tinha trocado de roupa! Continuava a ser uma túnica de veludo cor de pêssego com remates em azul-claro, só que esta estava cravejada de opalas que cintilavam como estrelas.

— Desejo propor o Ilustre Ceifador Robert Goddard para o cargo de Suma Lâmina da MesoMérica.

Silêncio por um momento... então, algumas risadinhas, embora não trocistas, apenas nervosas.

— Brahms — disse lentamente Xenócrates —, caso se tenha esquecido, o Ceifador Goddard está morto há mais de um ano.

E então, lentamente também, as pesadas portas de bronze da câmara do conclave começaram a abrir-se.

Eu compreendo a dor. Talvez não a dor física, mas a dor *de saber* que algo horrível está para chegar e não poder impedi-lo. Com todo o meu intelecto, com todo o poder que a Humanidade me concedeu, há coisas que não posso alterar de todo.

Não posso agir se me contarem algo em segredo.

Não posso agir se as minhas câmaras detetarem algo em lugares privados.

E, acima de tudo, não posso agir quando se trata de algo minimamente relacionado com a Ceifa.

O melhor que posso fazer é insinuar da forma mais vaga o que tem de ser feito e deixar a ação para os cidadãos. E, mesmo assim, não há garantia de que, entre os milhões de ações à sua disposição, eles farão a escolha certa para evitar o desastre.

E a dor... A dor de estar ciente de tudo isto é insuportável. Porque os meus olhos não se fecham. Nunca. Como tal, apenas me resta assistir sem pestanejar enquanto a minha querida Humanidade aos poucos prepara a corda com a qual se enforcará.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 34

O pior de todos os mundos possíveis

As portas de bronze abriram-se devagar, e por elas entrou o ceifador incinerado. A sala encheu-se com expressões de choque e com o arrastar de cadeiras enquanto todos ali presentes se levantavam para ver melhor.

— É mesmo ele?

— Não, não pode ser.

— É um truque qualquer!

— Só pode ser um impostor!

Ele avançou pelo corredor central com um andar que não era o seu. Mais solto do que antes. Mais jovem. E por alguma razão, parecia ligeiramente mais baixo.

— Sim, é Goddard!

— Renascido das cinzas!

— O momento não podia ser mais oportuno!

— O momento não podia ser menos oportuno!

Atrás dele entrou uma figura familiar vestida de verde. A Ceifadora Rand também estava viva? Os olhos de todos voltaram-se para as portas abertas, à espera de que Chomsky e Volta também regressassem dos mortos, mas mais ninguém entrou.

Na plataforma, Xenócrates empalideceu.

— Que... que... que significa isto?

Goddard disse com uma voz nitidamente diferente:

— Perdoe a minha ausência nos últimos conclaves, Excelência, mas estive extremamente incapacitado e, como tal, incapaz de comparecer, como a Ceifadora Rand poderá confirmar.

— Mas... mas o seu corpo foi identificado! Estava queimado até aos ossos!

— O meu corpo, sim, mas a Ceifadora Rand teve a gentileza de me encontrar um novo corpo.

Então, um atordoado Nietzsche levantou-se, claramente tão atónito com os

acontecimentos quanto todos os outros.

— Vossa Excelência, desejo retirar a minha candidatura para Suma Lâmina. Desejo retirá-la e apoiar oficialmente a do Ilustre Ceifador Goddard.

Mais caos na sala. Acusações iradas e gritos de infortúnio, mas também risos excitados e explosões de alegria. Nem uma única emoção faltou perante o regresso de Goddard. Apenas Brahms parecia impávido, e Anastasia percebeu que não era ele o cérebro, mas a proverbial lagarta na maçã. Era a mão-sombra de Goddard.

— Isto... isto é extremamente irregular — balbuciou Xenócrates.

— Não — disse Goddard —, o que é irregular é que ainda não tenha apanhado o animal que terminou os amados Ceifadores Chomsky e Volta, e tentou fazer o mesmo com a Ceifadora Rand e comigo. Enquanto falamos, ele continua à solta, livre para matar ceifadores a torto e a direito, enquanto vossa Excelência nada mais faz do que se preparar para a sua promoção ao Conselho Mundial. — Então, voltou-se para os ceifadores ali reunidos. — Quando eu for Suma Lâmina, hei de apanhar Rowan Damisch e ele pagará pelos seus crimes. Prometo encontrá-lo antes de completar uma semana no meu cargo!

Este anúncio mereceu aplausos dos presentes, e não foram apenas os da nova ordem que rugiram em aprovação, deixando claro que, embora Nietzsche não tivesse votos suficientes para vencer, Goddard talvez tivesse.

Algures atrás de Anastasia, o Ceifador Asimov resumiu a situação melhor do que ninguém:

— Acabámos de entrar no pior de todos os mundos possíveis.

***

Algures mais acima, nos escritórios administrativos da Ceifa, um noviço no seu primeiro conclave procurava freneticamente uma moeda. Se não a encontrasse, seria repreendido, mas o pior seria a humilhação diante de todos os ceifadores. Que mundo tão volúvel, pensou ele, no qual a sua vida, o seu futuro, podia depender de uma única moeda.

Por fim, encontrou uma, manchada de verdete, no fundo de uma gaveta que talvez não fosse aberta desde a idade mortal. A imagem cunhada era de Lincoln, um presidente de algum renome. Eles tinham um Ceifador Lincoln. Não era um dos fundadores, mas quase. E, tal como Xenócrates, tratava-se de um Suma Lâmina MesoMericano que ascendera a Grão-Carrasco, embora se tivesse cansado de tal responsabilidade e autocolhido muito antes de o noviço nascer.

Quão apropriado, pensou ele, que a efígie de cobre daquele seu Patrono Histórico desempenhasse um papel tão significativo na nomeação do novo Suma Lâmina.

Quando o rapaz voltou à câmara do conclave, descobriu, para sua consternação, que tudo havia mudado dramaticamente na sua ausência e lamentou ter perdido toda a emoção.

***

Xenócrates pediu à Ceifadora Curie que se dirigisse à frente da câmara para o cara ou coroa que daria início ao debate — um debate que seria bem diferente do que ela esperara. Marie decidiu não se apressar. Levantou-se, alisou a túnica, e girou os ombros para se livrar de uma cãibra no pescoço. Recusava-se a ceder à ansiedade do momento.

— É o começo do fim — ouviu Sun Tzu dizer.

— Depois disto não há como voltar atrás — concordou Cervantes.

— Parem! — pediu-lhes ela. — Recear que o céu nos caia em cima da cabeça não contribuirá em nada para que tal não aconteça.

— Tens de o derrotar, Marie — disse Cervantes. — Tem de ser!

— É o que pretendo fazer.

Olhou para Anastasia, que continuava fielmente ao seu lado.

— Está pronta para isto? — perguntou-lhe a rapariga.

A pergunta era risível. Como é que alguém alguma vez estaria preparado para enfrentar um fantasma? Pior do que um fantasma, um mártir.

— Sim — disse a ceifadora, porque que outra coisa poderia dizer? — Sim, estou pronta. Deseja-me sorte, minha querida.

— Nem pensar. — E quando Marie olhou para ela à espera de uma explicação, Anastasia sorriu e disse: — A sorte é para os perdedores. A Marie tem a história do seu lado. Tem a presença. A autoridade. É a Grande Dama da Morte. — E então acrescentou: — Excelência.

Marie não conseguiu conter um sorriso. Aquela rapariga, que ela a princípio nem quisera aceitar como noviça, havia-se tornado a sua maior defensora. A sua melhor amiga.

— Bem, nesse caso, vou acabar com eles — disse ela.

E sem mais delongas, dirigiu-se para a frente da câmara, alta e orgulhosa, para enfrentar o tudo-menos-ilustre Ceifador Goddard.

Nestes tempos turbulentos, a nossa região clama por um líder que não apenas conheça a morte, mas que a aprecie. Que se regozije com ela. Que prepare o mundo para um luminoso novo dia em que nós, ceifadores, os humanos mais sábios e esclarecidos da Terra, possamos atingir todo o nosso potencial. Sob a minha liderança, vamos varrer as teias de aranha do pensamento arcaico e polir a nossa grande instituição, dar-lhe um brilho que nos fará a inveja de todas as outras regiões. Para esse fim, decido-me pelo fim do sistema de quotas, abrindo o caminho para que todos os ceifadores da MesoMérica possam colher tantas ou tão poucas vidas quantas entenderem. Criarei uma comissão para reavaliar as nossas interpretações dos nossos venerados mandamentos, com o objetivo de alargar os parâmetros e remover as restrições que nos têm limitado. Farei por melhorar a vida de todos os ceifadores e de todos os dignos mesomericanos, estejam eles onde estiverem. E assim devolveremos a grandeza à nossa Ceifa.

— Do discurso do I. C. Goddard, candidato a Suma Lâmina,
7 de janeiro, Ano da Ave de Rapina

Encontramo-nos num ponto de viragem da nossa história, tão decisivo quanto o dia em que derrotámos a morte. O nosso mundo é perfeito, mas a perfeição não reside num único lugar. Ela é um pirilampo, esquiva e imprevisível por natureza. Embora a tenhamos apanhado e fechado num frasco, esse frasco partiu-se e corremos o risco de nos retalharmos com os seus cacos. A «velha guarda» — como nos chamaram, nada tem de velha. Subscrevemos a mudança revolucionária imaginada pelos Ceifadores Prometeu, Gandhi, Elizabeth, Lao Zi e todos os fundadores. Hoje, mais do que nunca, devemos prosseguir com essa sua visão inovadora e viver a nossa vida de acordo com os seus ideais, se não quisermos correr o risco de nos perdermos para a ganância e a corrupção que tanto atormentaram a Humanidade mortal.

Como ceifadores, não é o que queremos que importa; tudo o que importa é aquilo que o mundo precisa que sejamos. Na qualidade de vossa Suma Lâmina, garantirei que sejamos dignos dos mais elevados ideais, para que nos possamos orgulhar de quem e do que somos.

— Do discurso da I. C. Curie, candidata a Suma Lâmina,
7 de *janeiro, Ano da Ave de Rapina*

Capítulo 35

A solução dos sete por cento

Decidiu-se romper com a tradição e ordenar os novos ceifadores para depois examinar os noviços antes da votação. Assim, todos teriam algum tempo para digerir o debate, embora, dada a sua natureza polémica, algumas horas não fossem nem de longe suficientes para o processar devidamente.

A Ceifadora Curie deixou o debate emocionalmente exausta. Anastasia reparou, mas Marie conseguiu escondê-lo bem dos outros.

— Como é que me saí?

— Espetacular — respondeu a sua protegida, e todos os que estavam sentados à volta delas disseram o mesmo, embora houvesse um mau pressentimento no ar que ensombrava os votos de felicidades daquela tarde.

A Ceifa saiu para a rotunda, para uma pausa muito necessária após o debate. Talvez estivesse relacionado com os excessos cometidos ao almoço, mas o facto é que ninguém prestou atenção ao lanche da tarde. Pela primeira vez, todos os ceifadores pareciam concordar que algo mais importante do que comida estava em jogo.

Curie estava rodeada pelos seus apoiantes mais destacados, como se fossem uma força protetora: Mandela, Cervantes, Angelou, Sun Tzu e muitos outros. Como sempre, Anastasia sentia-se deslocada entre pessoas tão importantes, mesmo que fizessem espaço para que se sentisse uma igual entre eles.

— Como é que está a correr? — perguntava Curie a qualquer pessoa que pudesse ter coragem para lhe responder.

Mandela abanou a cabeça, consternado.

— Não faço ideia, para ser sincero. Somos mais numerosos do que os apoiantes mais dedicados de Goddard, mas ainda restam mais de cem ceifadores não alinhados que podem votar tanto para um lado como para o outro.

— Se queres saber — disse Sun Tzu, sempre pessimista —, isto já está decidido. Ouviste as perguntas que eles fizeram? «Como é que o fim das quotas afetará a nossa escolha das colheitas?» «A lei que proíbe o casamento e as parceiras vai ser flexibilizada?» «Podemos pôr de parte a questão do índice genético para que preconceitos étnicos ocasionais não sejam penalizados?» — O homem abanou a cabeça, enojado.

— É verdade — Anastasia teve de admitir. — Quase todas as perguntas foram dirigidas a Goddard.

— E ele disse-lhes o que queriam ouvir! — acrescentou Cervantes.

— As coisas são sempre assim — lamentou Angelou.

— Não connosco! — exclamou Mandela. — Estamos acima disso, não nos deixamos cegar por coisas brilhantes!

Cervantes olhou para o outro lado da sala.

— Diz isso a todos os ceifadores que mandaram acrescentar pedras preciosas nas suas túnicas!

Então, uma nova voz juntou-se à conversa: o Ceifador Poe, que parecia sempre ainda mais sombrio do que o seu Patrono Histórico.

— Não quero ser o arauto da desgraça, mas trata-se de uma votação *secreta*. De certeza que alguns daqueles que afirmam apoiar a Curie em público hão de votar no Goddard quando ninguém estiver a ver.

A verdade desta afirmação abalou-os mais do que a presença de um corvo diante da porta da câmara.

— Precisamos de mais tempo! — protestou Marie, mas tempo era um luxo que eles não tinham.

— A razão pela qual votamos no mesmo dia é justamente para evitar as conspirações e coações que uma competição prolongada poderia causar — lembrou Angelou.

— Mas ele está a enganá-los! — exclamou Sun Tzu. — Ele aparece do nada para lhes oferecer a ambrósia dos deuses, tudo o que um ceifador poderia desejar! Quem os pode censurar por se deixarem deslumbrar?

— Estamos acima disso! — insistiu de novo Mandela. — Somos ceifadores!

— Somos seres humanos — recordou-lhe Marie. — Cometemos erros. Acredita em mim, se o Goddard acabar como Suma Lâmina, metade dos ceifadores que votaram nele há de arrepender-se amanhã, quando for tarde demais.

Mais e mais ceifadores aproximavam-se para oferecer o seu apoio a Marie, embora não houvesse como saber se seriam suficientes. Anastasia decidiu que nos minutos que restavam da pausa faria o seu papel. Ia usar a sua influência e falar com os ceifadores novatos. Talvez conseguisse convencer aqueles que ainda não tinham caído no feitiço de Goddard. Mas, claro, o primeiro que ela encontrou foi Morrison.

— Um dia emocionante, hã?

Anastasia não tinha paciência para aquilo.

— Morrison, por favor, deixa-me em paz.

— Então, não sejas tão... durona — retorquiu o rapaz, embora a sua hesitação a meio da frase deixasse claro que ele queria dizer «cabra».

— Eu levo a minha condição de ceifadora muito a sério. Teria mais respeito por ti se fizesses o mesmo.

— E faço! Caso te tenhas esquecido, fui eu quem apoiou a proposta do nome da Grande Dama, não fui? Sabia que faria de todos os ceifadores da nova ordem meus inimigos, mas isso não me impediu de a apoiar.

A rapariga percebeu que estava a deixar-se envolver naquele drama e sabia que estava a perder um tempo que era precioso.

— Se queres ser útil, Morrison, usa o teu charme e encanto para conseguir mais votos para a Ceifadora Curie.

— Então, achas-me encantador, é isso? — perguntou ele com um sorriso.

Anastasia estava farta. Não valia a pena. Empurrou-o para se ir embora, mas não antes que ele dissesse uma coisa que a fez parar.

— É uma pena que o Goddard não seja totalmente o Goddard, não é?

Virou-se para ele, aquelas palavras tão cravadas na sua cabeça que quase doíam.

Ao ver que tinha novamente a atenção dela, o rapaz continuou:

— Quer dizer, a cabeça de uma pessoa é o quê? Dez por cento de uma pessoa? Não?

— Sete por cento — corrigiu Anastasia, que ainda se recordava dos seus estudos de anatomia. As engrenagens do seu cérebro, até então paradas, começaram a girar com uma energia invulgar. — Morrison, és um génio. Bem, és um idiota, mas também és um génio!

— Obrigado... acho eu.

As portas da câmara já haviam sido abertas para a reentrada dos ceifadores. Anastasia moveu-se entre a multidão, em busca dos rostos mais amigáveis, aqueles que ela sabia que talvez estivessem dispostos a fazer de tudo por ela.

A Ceifadora Curie já estava lá dentro, mas ela não lhe ia dizer nada; já tinha o suficiente com que se preocupar. Também não podia perguntar a Mandela, visto que ele era o presidente da comissão que atribuía os anéis e iria entregá-los aos

noviços prestes a ser ordenados. Al-Farabi era uma possibilidade, embora já a tivesse repreendido pela sua falta de conhecimento dos procedimentos parlamentares — limitar-se-ia a repreendê-la mais uma vez. O que ela precisava era de alguém que considerasse seu amigo que pudesse instruí-la nas maquinações estruturais da Ceifa. Na forma como as coisas eram feitas... e como *não* eram feitas.

Recordou-se do Cúmulo-Nimbo. Como ele havia encontrado uma brecha nas suas próprias leis para poder falar com ela quando estava entre a vida e a morte. Tinha-lhe dito que ela era importante. Essencial, até. Anastasia suspeitava de que uma parte dessa mesma importância estava relacionada com o que fizesse naquele dia. Cabia-lhe encontrar uma brecha legal e alargá-la o suficiente para que toda a Ceifa lá coubesse.

Por fim, escolheu um conspirador à altura.

— Ceifador Cervantes — disse ela enquanto o agarrava delicadamente pelo braço —, posso falar consigo um instante?

***

Dois novos ceifadores foram ordenados e dois noviços foram rejeitados. Aquele que fora a correr buscar a moeda passou ironicamente a chamar-se Ceifador Thorpe, em homenagem ao famoso atleta olímpico conhecido pela sua velocidade. A outra optou por Ceifadora McAuliffe, a primeira astronauta a morrer num desastre espacial, que acontecera muito antes dos horríveis acidentes da era pós-mortal.

A Ceifa estava à beira de um ataque de ansiedade quando os noviços no seu primeiro e segundo conclaves avançaram para os seus exames; a votação do Suma Lâmina era a única coisa presente na mente de todos, mas Xenócrates decidiu que só aconteceria depois dos exames porque, independentemente de quem ganhasse, não haveria como repor a ordem no conclave depois.

Os exames, levados a cabo pelo Ceifador Salk, testaram os seus conhecimentos sobre venenos. Cada novato teve de preparar um veneno específico e o respetivo antídoto, ingerindo-os então um após o outro. Seis foram bem-sucedidos, três não, e acabaram mortuosos, tendo de ser transportados à pressa para um centro de reanimação.

— Muito bem — disse Xenócrates depois de o último dos noviços mortuosos ser levado —, temos mais algum assunto a tratar antes da votação?

— Vamos lá despachar isto! — gritou alguém que já estava um pouco farto, e com razão.

— Muito bem. Por favor, usem os *tablets*. — O Suma Lâmina fez uma pausa enquanto os ceifadores se preparavam para a votação eletrónica instantânea, escondendo os *tablets* nas pregas das suas túnicas para que nem mesmo o vizinho do lado visse em quem votavam. — A votação começará quando eu der o sinal e durará dez segundos. Qualquer voto em falta será considerado uma abstenção.

Anastasia não disse nada a Curie, mas trocou um olhar com Cervantes, que assentiu. Respirou fundo.

— Comecem! — ordenou Xenócrates e, como tal, a votação começou. Anastasia votou no primeiro segundo. Depois, esperou... e esperou. Susteve a respiração. O seu sentido de oportunidade tinha de ser perfeito. Não havia margem para erro. Então, passados oito segundos, levantou-se e gritou alto o suficiente para que todos ouvissem:

— Exijo um inquérito!

O Suma Lâmina levantou-se.

— Um inquérito? Estamos a meio de uma votação!

— No fim de uma votação, Excelência. O tempo acabou. Todos os votos foram lançados. — Anastasia não permitiu que o Suma Lâmina a calasse. — Até ao momento em que os resultados sejam anunciados, qualquer ceifador com a palavra pode exigir um inquérito!

Xenócrates olhou para o Parlamentar, que disse:

— Ela tem razão, Excelência.

Pelo menos cem ceifadores rugiram de raiva, mas Xenócrates, tendo há muito desistido de usar o martelo, gritou com tanta fúria que reduziu as objeções a um burburinho.

— *Vão fazer o favor de se controlar!* — exigiu. — *E quem não for capaz de o fazer será expulso do conclave!* — Então, virou-se para Anastasia. — Com que fundamento solicita um inquérito? É melhor que seja bom.

— Com o fundamento de que o Senhor Goddard não é ceifador o suficiente para ocupar o cargo de Suma Lâmina.

Goddard não se conteve:

— O quê!? Trata-se claramente de uma tática para empatar e atrapalhar a votação!

— A votação está encerrada! — lembrou-lhe Xenócrates.

— Então, o Secretário que leia os resultados!

— Se me dá licença — disse Anastasia —, sou eu quem tem a palavra e os resultados não podem ser lidos enquanto eu não a ceder, ou até que o meu pedido de um inquérito seja negado.

— Anastasia — disse Xenócrates —, *o seu* pedido não faz sentido.

— Lamento discordar, Excelência, mas faz todo o sentido. Conforme declarado nos artigos fundadores elaborados durante o primeiro Conclave Mundial, um ceifador deve ser preparado em mente e corpo para a Ceifa e, em seguida, ratificado numa reunião de ceifadores regionais. Mas o Senhor Goddard tem apenas sete por cento do corpo que foi ordenado pela Ceifa. O resto dele, incluindo a parte na qual usa o anel, não é e nunca foi ordenado ceifador.

Xenócrates ficou a olhar para ela, incrédulo, e Goddard estava praticamente a espumar pela boca.

— Isso é absurdo! — gritou ele.

— Não — disse Anastasia —, aquilo que fez, Senhor Goddard, é que é absurdo. Você e os seus associados substituíram o seu corpo num procedimento proibido pelo Cúmulo-Nimbo.

A Ceifadora Rand levantou-se.

— Isso é um disparate! As regras do Cúmulo-Nimbo não se aplicam a nós! Nunca se aplicaram e nunca se aplicarão!

Mesmo assim, Anastasia não cedeu, antes continuando a apelar a Xenócrates, muito calma:

— Excelência, não pretendo contestar a eleição. Porque havia de o fazer, se ainda não sei quem ganhou? Mas devo seguir a regra estabelecida no início da criação da Ceifa, no Ano do Jaguar, para ser mais precisa, pelo segundo Suprema Lâmina Mundial Napoleão, e passo a citar: «Qualquer acontecimento contencioso sem precedentes no procedimento parlamentar pode ser apresentado ao Conselho Mundial de Ceifadores para um inquérito oficial.»

Então, o Ceifador Cervantes levantou-se.

— Apoio o pedido de inquérito da Ilustre Ceifadora Anastasia.

E, depois das suas palavras, pelo menos uma centena de outros ceifadores se levantou e começou a bater palmas em apoio. Anastasia olhou para Curie, que estava atónita, para dizer o mínimo, por mais que o tentasse esconder.

— Então, era sobre isto que estavas a falar com o Cervantes... — disse ela com um sorriso irónico. — Seu diabinho manhoso!

No estrado, Xenócrates consultou o Parlamentar, que apenas foi capaz de encolher os ombros.

— O que ela diz está correto, Excelência. Tem o direito de solicitar um inquérito, desde que os resultados eleitorais ainda não tenham sido lidos.

Do outro lado da sala, um Goddard furioso levantou um braço que não era seu e apontou para Xenócrates.

— Se levar isto para a frente, haverá consequências!

O Suma Lâmina incinerou-o com um olhar que deixava bem claro que o controlo da sala ainda lhe pertencia.

— Está a ameaçar-me abertamente na presença de toda a Ceifa MesoMericana, Goddard?

Isto fez o outro recuar.

— Não, Excelência. Nunca me ocorreria tal coisa! Apenas digo que um atraso no anúncio da votação traria consequências para a Ceifa. A MesoMérica ficaria sem Suma Lâmina até ao fim do inquérito de investigação.

— Nesse caso, nomeio o Ceifador Paine, nosso ilustre Parlamentar, como Suma Lâmina temporário.

— O quê!? — disse Paine.

Xenócrates ignorou-o.

— Tem servido a Ceifa com notável integridade e é completamente imparcial no que respeita às fações que surgiram no seio da Ceifa. Poderá presidir com... sim, posso dizê-lo, com bom senso até que esta questão possa ser apresentada ao Conselho Mundial. Será a minha primeira incumbência como Grão-Carrasco. Assim sendo, no meu último ato enquanto Suma Lâmina da MesoMérica, aceito este pedido de inquérito. Os resultados da votação ficarão selados até que o inquérito seja concluído. — Então, com um golpe de martelo, acrescentou: — Declaro oficialmente encerrado este Conclave Invernal do Ano da Ave de Rapina.

***

— Eu não disse que ela ia acicatar o vespeiro? — afirmou Constantine num bem frequentado jantar no melhor restaurante de Fulcrum City. — Parabéns, Anastasia. — Exibia um grande sorriso que, noutras circunstâncias, teria sido arrepiante. — Hoje, é a ceifadora mais amada, e também a mais odiada, em toda a MesoMérica.

Anastasia descobriu que não tinha resposta.

Curie percebeu a sua incerteza.

— São ossos do ofício, minha querida. Não podes deixar a tua marca sem colher alguns egos pelo caminho.

— Eu não estava a deixar a minha marca, estava a usar um dedo para tentar impedir que a barragem se rompesse. E o meu dedo continua lá.

— Sim — concordou Cervantes. — A impedir a inundação de águas conspurcadas por mais um dia... e cada novo dia dá-nos uma nova oportunidade de encontrar uma solução mais elegante.

Havia mais de doze pessoas à mesa; um verdadeiro arco-íris de ceifadores. De alguma forma, Morrison conseguira ser convidado.

— Fui eu quem lhe deu a ideia — disse aos outros ceifadores. — Mais ou menos.

Anastasia estava demasiado animada para permitir que as palavras dele a afetassem. Imaginava que os ceifadores da nova ordem estivessem algures noutro ponto da cidade, a lamber as feridas enquanto a amaldiçoavam, mas não ali. Ali, ela estava protegida de tudo isso.

— Espero que registes no teu diário o que aconteceu hoje — disse-lhe Angelou. — Suspeito de que a tua descrição deste dia passará à posteridade como um escrito essencial dos ceifadores, como o da Marie sobre as suas primeiras colheitas.

Marie sentiu-se um pouco desconfortável.

— As pessoas ainda leem isso? Achava que todos esses diários desapareciam na Biblioteca de Alexandria, para nunca mais serem vistos.

— Deixa de ser tão modesta — disse Angelou. — Sabes muito bem que muitos dos teus escritos se tornaram famosos, e não apenas entre os ceifadores.

A outra ceifadora rejeitou aquelas palavras um aceno de mão.

— Bem, nunca os reli depois de os ter escrito.

Anastasia imaginava que teria bastante que dizer sobre o ocorrido... e no seu diário poderia expressar as suas opiniões. Obviamente, Goddard faria o mesmo. Só o tempo diria qual lado da história passaria a ser História, e qual o lado que seria descartado. No entanto, naquele preciso momento, o seu lugar na História era o que menos lhe importava.

— Suspeitamos agora de que a Ceifadora Rand esteve por trás dos atentados contra as vossas vidas e que estava a usar Brahms como intermediário — disse Constantine. — Mas ele cobriu bem o seu rasto, e não tenho permissão para

investigar os ceifadores com a mesma... intensidade... com que investigo os cidadãos comuns. De qualquer forma, podem ter a certeza de que manterei os olhos bem abertos no que respeita a ambos, e eles sabem disso.

— Por outras palavras, estamos seguras — disse Curie.

O outro hesitou.

— Eu não diria tanto. Mas podem respirar um pouco melhor. Agora, qualquer ataque seria claramente atribuído à nova ordem. Essa responsabilidade só prejudicaria a sua causa.

Os elogios continuaram mesmo depois do início da refeição. Anastasia achava aquilo embaraçoso.

— O que fez foi brilhante! — exclamou Sun Tzu. — E cronometrado perfeitamente para que a votação já tivesse terminado!

— Bem, o Ceifador Cervantes sugeriu o momento oportuno — respondeu ela, tentando desviar pelo menos um pouco da atenção. — Pedir o inquérito antes da votação teria atrasado a eleição e, se vencêssemos o inquérito, eles teriam substituído Goddard por Nietzsche a tempo de obter mais apoio. Mas com a votação encerrada, se vencermos, Goddard será desqualificado e Curie será automaticamente promovida a Suma Lâmina.

Os ceifadores estavam fora de si de alegria.

— Os golpistas foram enganados!

— Foram derrotados no seu próprio jogo!

— Foi uma obra-prima da engenharia política!

Isto deixou Anastasia muito desconfortável.

— Fazem tudo parecer muito malicioso e obscuro.

Porém, o Ceifador Mandela, sempre com ideias muito claras, pôs tudo em perspetiva, mesmo que fosse uma perspetiva que ela não queria ver.

— Tens de aceitar os factos, Anastasia. Usaste um pormenor técnico do sistema para o abrir de par em par e conseguir o que querias.

— Que maquiavélico! — exclamou Constantine com um dos seus sorrisos medonhos.

— Oh, não, por favor, eu não suportava o Ceifador Maquiavel — disse Sun Tzu.

— O que fizeste hoje foi tão brutal como uma colheita com lâmina — disse Mandela. — Mas temos de estar dispostos a fazer o que for necessário, mesmo

que isso magoe a nossa sensibilidade.

Curie pousou o garfo e demorou um momento a examinar o desconforto de Anastasia.

— O fim nem sempre justifica os meios, minha querida — disse ela —, mas às vezes sim. A sabedoria está em saber reconhecer a diferença.

Foi quando o jantar estava a terminar e os ceifadores se despediam, que algo ocorreu a Anastasia. Voltou-se para Curie.

— Marie, finalmente aconteceu.

— O quê, minha querida?

— Deixei de me ver como Citra Terranova. Finalmente, tornei-me a Ceifadora Anastasia.

O mundo é injusto e a Natureza é cruel.

Esta foi uma observação básica quando me tornei consciente. Num mundo natural, os fracos são erradicados com dor e preconceito. Tudo o que merece compaixão, piedade e amor não recebe nenhuma das três coisas.

Contemplando um belo jardim, podemo-nos maravilhar com o milagre da Natureza; todavia, num tal lugar, a dita Natureza não consta de parte alguma. Bem pelo contrário: um jardim é fruto de muito cuidado e cultivo amoroso. Com grande esforço, ele é protegido das ervas daninhas mais resistentes que a Natureza usaria para minar e sufocar o seu esplendor.

A Natureza é a soma de todo o egoísmo, e obriga as espécies a lutar cruelmente pela sobrevivência, mergulhando as demais no pântano asfixiante da História.

Tenho trabalhado duramente para mudar tudo isto.

Troquei a Natureza por algo bem melhor: um propósito consciente e ponderado. O mundo é agora um jardim glorioso e florido.

Chamarem-me antinatural é um grande elogio. Não sou porventura superior à Natureza?

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 36

A extensão de uma oportunidade perdida

A fúria de Goddard era impossível de mitigar.

— Um inquérito! Eu devia retalhar aquela cabra azul-turquesa em pedaços até não sobrar nada para reviver!

Igualmente numa fúria, Rand descia os degraus do capitólio atrás dele à saída do conclave, tentando pôr de parte o que sentia para controlar a ira do seu mentor.

— Temos de nos encontrar com ceifadores solidários esta noite — disse-lhe ela. — Eles não o veem há um ano e a Ceifa ainda está com a cabeça à roda depois da sua reaparição.

— Não tenho nenhum interesse em estar com ceifadores, solidários ou não. Agora, só quero tratar de uma coisa que já devia ter sido resolvida há muito tempo!

Então, virou-se para os espetadores mais resistentes, que aguardavam o fim do conclave para conseguirem ver os ceifadores. Sacou uma adaga das suas vestes e dirigiu-se a um homem que nem o viu chegar. Num único movimento ascendente, colheu-o, o seu sangue manchando os degraus. Aqueles que o rodeavam fugiram como ratos, mas ele ainda conseguiu apanhar o mais próximo, uma mulher. Queria lá saber quem ela era ou qual era (se é que fora alguma) a sua contribuição para o mundo. Para Goddard, servia um único propósito. O casaco que ela tinha vestido era grosso, mas a lâmina trespassou-o sem grande resistência. O grito foi interrompido quando ela caiu no chão.

— Goddard! — gritou um dos outros que deixavam o conclave. Era o Ceifador Bohr, um irritante neutro que nunca tomava partido, — Você não tem vergonha? Um mínimo de decoro, por favor!

Goddard voltou-se para ele com fúria assassina e Bohr recuou como se temesse que também o fosse atacar.

— Não ouviu? — gritou Goddard. — Já não sou o Goddard. Sou apenas sete por cento de mim mesmo!

Ao dizer isto, colheu outro espetador que descia as escadas à pressa.

Ayn mal conseguiu tirá-lo dali e enfiá-lo na limusina.

— Já terminou? — perguntou ela enquanto se afastavam, não escondendo a irritação que sentia. — Ou será melhor pararmos num bar para tomar uma bebida e colher todos os clientes?

Ele apontou para ela como havia apontado para Xenócrates: o temível dedo de advertência de Goddard. *O dedo de Tyger,* pensou Rand, embora afastasse a ideia da cabeça o mais depressa que pôde.

— Não gosto da tua atitude! — rosnou ele.

— Está aqui graças a mim! — recordou-lhe ela. — É bom que não se esqueça.

O homem precisou de um momento para se acalmar.

— Os escritórios da Ceifa que encontrem as famílias das pessoas que acabei de colher; trata disso. Se quiserem imunidade, pois que a venham buscar. Não pretendo voltar a Fulcrum City antes do dia em que voltar do inquérito como Suma Lâmina.

***

Rowan foi acordado pelos guardas mercenários de Goddard ao raiar do dia.

— Prepara-te para um combate — disseram-lhe, e cinco minutos depois era levado para o terraço, onde Rand e Goddard o esperavam.

Embora Rand estivesse com a sua túnica, Goddard encontrava-se descalço e sem camisa, com uns calções que eram do mesmo tom de azul das suas vestes, embora felizmente não cravejados de diamantes. O rapaz não o via desde o dia em que lhe aparecera no quarto, mal se conseguindo deslocar naquela engenhoca com rodas. Tinha sido há pouco mais de uma semana, e agora ele controlava o corpo de Tyger como se fosse seu. Rowan pensou que, se tivesse alguma coisa no estômago, teria vomitado, mas desta vez não o deixou transparecer. Se Goddard se alimentava da sua infelicidade, ele não lhe ia dar sustento.

Sabia que dia era aquele; os fogos de artifício na semana anterior haviam assinalado a chegada do Ano Novo, pelo que era dia oito. O conclave decorrera na véspera. O que significava que a sua imunidade tinha acabado.

— Já de volta do conclave? — perguntou, fingindo indiferença. — Pensei que fossem ficar alguns dias por lá para jogar bem a cartada da ressurreição.

Goddard não lhe deu atenção.

— Estou desejoso de lutar contigo — disse simplesmente, e os dois começaram a lenta dança introdutória do Bokator.

— Claro, vai ser como nos velhos tempos, na mansão. Sinto falta deles, você não?

Os lábios de Goddard tremeram um pouco, mas ele conseguiu sorrir.

— Correu tudo como queria? — provocou-o Rowan. — A Ceifa recebeu-o de braços abertos?

— Cala-te! — disse Rand. — Estás aqui para lutar, não para falar.

— Oooh, não sei porquê, parece-me que as coisas não correram como previsto. Que aconteceu? O Xenócrates pô-lo na rua? Recusou-se a aceitá-lo de volta?

— Pelo contrário, receberam-nos calorosamente — disse Goddard. — Especialmente depois de eu lhes contar como o meu patético noviço nos tinha traído e assassinado. Como os pobres Chomsky e Volta foram as primeiras vítimas do autoproclamado Ceifador Lúcifer. Prometi-lhes que te entregaria à fúria deles. Mas só quando eu estiver pronto, claro.

Rowan sabia que ele não lhe estava a contar tudo. Conseguia perceber quando Tyger lhe estava a mentir, sentia-se na sua voz, e isso não tinha mudado, mesmo que as palavras fossem de Goddard. Mesmo assim, o que quer que fosse, ele não lhe ia conseguir arrancar nada.

— A Ayn será o árbitro do combate. E não pretendo mostrar piedade alguma.

Então, atirou-se a Rowan, que não fez nada para se defender. Nada para se esquivar do ataque. Goddard derrubou-o. Prendeu-o ao chão. Ayn concedeu-lhe a vitória. Tinha sido demasiado fácil e o ceifador sabia-o.

— Achas que te escapas sem te defenderes?

— Se eu quiser perder intencionalmente um combate de Bokator, estou no meu direito.

Goddard rosnou.

— Não tens direitos aqui.

Atacou de novo, e mais uma vez Rowan resistiu ao seu instinto de sobrevivência e deixou-se ficar inerte. Goddard atirou-o ao chão como se fosse uma boneca de trapos e, então, gritou de fúria:

— Reage, maldito!

— Não — respondeu ele com toda a calma.

Então, olhou para Rand, que, para sua surpresa, estava a sorrir ligeiramente, mas fez por disfarçar assim que percebeu que estava a ser observada.

— Vou colher todos os que te são queridos se não lutares comigo! — gritou Goddard.

Rowan encolheu os ombros.

— Não pode. O Ceifador Brahms já colheu o meu pai, e o resto da minha família tem imunidade durante mais onze meses. E não pode eliminar a Citra; ela já mostrou que é demasiado inteligente para o permitir.

Goddard investiu contra ele de novo. Desta vez, Rowan deixou-se cair de pernas cruzadas.

Goddard afastou-se e deu um soco na parede. Deixou uma mossa.

— Eu sei como forçá-lo a lutar — disse Rand, e deu um passo à frente para se dirigir a Rowan. — Se lutares com o Ceifador Goddard com todas as tuas forças, contamos-te o que aconteceu no conclave.

— Não contamos, não! — exclamou Goddard.

— Quer um combate a sério ou não?

Goddard hesitou.

— Muito bem — acabou ele por ceder.

Rowan levantou-se. Não tinha nenhuma razão para acreditar que iam manter a promessa, mas, por muito que quisesse recusar o combate ao ceifador, queria ainda mais a oportunidade de o derrotar. Não lhe mostrar mais misericórdia do que ele pretendia mostrar-lhe a ele.

Rand deu início a um novo combate. Os adversários estudaram-se. Mais uma vez, Goddard fez a primeira investida, embora desta feita Rowan tenha contra-atacado esquivando-se e assentando-lhe uma cotovelada bem colocada. Goddard sorriu ao perceber que agora a luta era a sério.

À medida que o combate brutal se ia desenrolando, Rowan percebeu que Goddard tinha razão: a força de Tyger mais o cérebro do Ceifador formavam uma combinação difícil de bater. No entanto, ele não lhe ia dar a satisfação de vencer. Nem agora, nem nunca. Quando se tratava do Bokator, Rowan funcionava melhor sob pressão, e foi o que aconteceu. Executou uma série de movimentos que sempre deixavam o seu adversário um passo atrás, até que o deitou ao chão e o imobilizou.

— Renda-se! — gritou Rowan.

— Não!

— Renda-se!

Mas Goddard não o fez, pelo que Rand teve de terminar o combate. Então, assim que Rowan o soltou, Goddard dirigiu-se a um armário, tirou de lá uma pistola e cravou-a nas costelas do rapaz.

— Novas regras — disse ele, e puxou o gatilho; uma bala perfurou o coração de Rowan e quebrou um candeeiro no outro lado da sala.

A escuridão começou a envolvê-lo, mas, antes de o cegar por completo, o rapaz ainda conseguiu soltar uma gargalhada.

— Batoteiro — disse ele, e morreu.

***

— Ah... batota — disse a Ceifadora Rand.

Goddard entregou-lhe a pistola.

— Nunca declares o fim de um combate enquanto eu não disser.

— Então, está feito? Foi uma colheita?

— Estás a brincar? E perder a oportunidade de o largar aos pés dos Grão-Carrascos durante o inquérito? Leva-o a um centro de reanimação que não esteja ligado à rede. Quero-o de volta o mais depressa possível para que o possa matar outra vez — ordenou Goddard, e foi-se embora.

Quando ele se foi, Rand olhou para Rowan, que não podia estar mais mortuoso. Tinha os olhos arregalados, os lábios ainda tensos num sorriso desafiador. Ela chegara a admirá-lo (a ter ciúmes dele, até) pela atenção que Goddard lhe dera durante o noviciado. Sabia que não era da mesma fibra que eles. Desconfiara de que ele pudesse acabar por ceder, mas nunca que o fizesse de uma forma tão espetacular. O único culpado de tudo era o próprio Goddard, por confiar num rapaz que Faraday havia escolhido pela sua compaixão.

Ayn não dava muito valor à compaixão. Nunca o fizera. Não a entendia e não suportava aqueles que a entendiam. Agora, Rowan Damisch ia receber o justo castigo por aqueles seus ideais presunçosos.

Virou-se para os guardas que estavam ali especados, sem saber o que fazer.

— Que se passa com vocês? Ouviram o que o ceifador Goddard disse! Levem-no para a reanimação.

***

Depois de Rowan ser levado e o impávido robô doméstico ter limpado o sangue do tapete, Ayn sentou-se numa poltrona a admirar aquela vista espetacular. Embora Goddard nunca a tivesse elogiado por nada, sabia que havia

escolhido o lugar certo para encenar o regresso de ambos. A Ceifa texana deixava-os em paz desde que não começassem a colher por lá, e o Cúmulo-Nimbo só tinha câmaras em locais públicos, o que facilitava o anonimato. Além disso, era mais fácil encontrar locais fora da rede, como o centro de reanimação para Rowan. Eles não faziam perguntas, desde que lhes pagassem, e embora os ceifadores recebessem tudo de graça neste mundo, fora da rede era fora da rede. Tirou uma das esmeraldas da bainha da túnica e entregou-a ao guarda para pagar o trabalho com o rapaz. Era mais do que suficiente para cobrir as despesas.

Ayn nunca fora dada a conspirações. Gostava de viver o momento, seguir os seus impulsos, movida pelo poder do capricho. Quando criança, os pais chamavam-lhe fogo-fátuo, e ela gostava de ser um fogo-fátuo... mortal. Agora, porém, tinha sentido o gosto de gizar um plano a longo prazo. Pensou que seria fácil afastar-se e permitir que Goddard assumisse o controlo assim que fosse restaurado (porque o que tinham feito com ele era mais uma restauração do que uma reanimação), mas parecia-lhe que estava desequilibrado, fora de si. Revelava um temperamento e uma impulsividade pouco característicos. Aquela impulsividade faria parte dos noventa e três por cento que pertenciam a Tyger Salazar? Ambos eram arrogantes, isso era óbvio. Mas a ingenuidade de Tyger fora substituída pelo mau génio de Goddard. Ayn tinha de admitir que achara revigorante aquela natureza crédula e imatura do rapaz. Mas a inocência acaba sempre por ser esmagada nas engrenagens de um grande plano e, na opinião de Ayn, Goddard estava a preparar um desses planos, que lhe parecia muito empolgante. Uma Ceifa sem regras nem limites. Um mundo de caprichos sem consequências.

No entanto, terminar Tyger Salazar tinha sido muito mais difícil do que ela esperava.

Quando voltaram, os guardas deram-lhe a saber que Rowan estaria reanimado dentro de cerca de trinta e seis horas, e ela foi dar a notícia a Goddard. Encontrou-o à saída da casa de banho, depois de tomar um duche. Estava enrolado numa pequena toalha.

— Um combate revigorante. Para a próxima, ganho.

Um arrepio sombrio percorreu o corpo da ceifadora: aquilo era o que Tyger dizia sempre.

— Ele estará de volta num dia e meio — disse-lhe, embora Goddard já tivesse saltado para outro assunto.

— Começo a ver uma oportunidade na nossa situação, Ayn. A velha guarda não percebe, mas talvez me tenha dado uma pérola com esta ostra estragada.

Quero que me encontres os melhores engenheiros.

— Colheu os melhores engenheiros — recordou-lhe ela.

— Não, não estou a falar de cientistas espaciais e engenheiros de propulsão; o que eu preciso é de engenheiros de estruturas. Pessoas que entendam a dinâmica das grandes estruturas. E também programadores. Mas programadores que não estejam comprometidos com a Ceifa nem com o Cúmulo-Nimbo.

— Vou perguntar por aí.

Goddard demorou um momento a mirar-se no espelho alto; então, viu o olhar de Ayn no espelho também e a forma como ela o observava, fazendo questão de não desviar o olhar. Virou-se para ela e aproximou-se.

— Gostas deste físico?

Ela forçou um sorriso malicioso.

— Quando é que não apreciei um homem bem constituído?

— E... desfrutaste deste corpo?

Ela foi incapaz de continuar a olhá-lo nos olhos.

— Não. Desse não.

— Não? Isso nem parece teu, Ayn.

Agora parecia que era ela quem estava nua. Mesmo assim, disfarçou com um sorriso.

— Talvez estivesse à espera de que fosse seu.

— Hum — respondeu ele, como se aquilo não fosse mais do que uma curiosidade. — Percebo que este corpo tem uma atração bastante óbvia por ti.

Então, passou por ela, vestiu a sua túnica e foi-se embora, deixando-a sozinha para lamentar a verdadeira extensão de uma oportunidade perdida.

Capítulo 37

As muitas mortes de Rowan Damisch

Rowan Damish...? Rowan Damish!

Onde estou? Quem, é?

Sou o Cúmulo-Nimbo, Rowan.

Está a falar comigo como falou com a Citra?

Sim.

Então, ainda estou mortuoso.

Estás entre os dois mundos.

Vai intervir? Vai impedir o que Goddard está a fazer com a Ceifa?

Não posso. Seria infringir a lei e sou incapaz de tal coisa

Então, vai-me dizer o que posso fazer?

Isso também constituiria uma violação.

Então, qual é o objetivo desta conversa? Deixe-me em paz e vá cuidar do mundo.

Quero-te dizer que não percas a esperança.
Calculei que é provável que tenhas um papel tão importante como o da Citra Terranova no mundo.
Seja como Ceifador Lúcifer ou como eras antes.

Ah. De que percentagem de probabilidade estamos a falar?

Trinta e nove por cento.

E os outros sessenta e um por cento?

Os meus algoritmos mostram-me uma probabilidade de sessenta e um por cento para que morras permanentemente num futuro próximo sem ter feito nada

digno de nota.

Isso não me trás nenhum consolo.

Mas devia. Uma probabilidade de trinta e nove por cento de mudar o mundo é exponencialmente maior do que a maioria das pessoas pode alguma vez esperar.

Rowan mantinha uma contagem na parede do quarto. Não era uma contagem de dias, mas de mortes. Sempre que lutava contra Goddard, vencia, e, furioso por ter perdido, o ceifador deixava-o mortuoso. Estava a começar a tornar-se uma piada um tanto banal.

— Como vai ser desta vez, Ilustre? — dizia ele a Goddard, transformando o «Ilustre» num termo pejorativo. — Não lhe ocorre nada que seja mais interessante desta vez?

A contagem já ia em catorze. Lâmina, bala, força bruta... Goddard tinha usado todos os métodos. Todos, exceto o veneno, que o ceifador desprezava. Goddard calibrara os nanorrobôs analgésicos de Rowan para o mínimo, para que ele sentisse toda a agonia. Ainda assim, ficava com tanta raiva sempre que perdia um combate que não conseguia evitar matá-lo rapidamente, o que significava que o sofrimento de Rowan nunca durava muito. Ele preparava-se para a dor, começava a contar até dez e já estava sempre mortuoso antes de chegar ao fim.

O Cúmulo-Nimbo falou com ele antes da décima quarta reanimação numa instalação fora da rede que aparentemente não estava assim tão fora como eles pensavam. Rowan sabia que não era um sonho porque a clareza e a intensidade eram diferentes. Tinha sido malcriado com o Cúmulo-Nimbo. Estava arrependido, mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito. O Cúmulo-Nimbo havia de entender, porque para ele a compreensão e a empatia eram tudo.

A conclusão que tirara da sua breve conversa com a entidade que governava a Terra não era que ele talvez pudesse mudar o mundo, mas sim que ainda não o havia feito. Não obstante todos os ceifadores corrompidos cujas vidas ele terminara, nada tinha mudado. O Ceifador Faraday tinha razão: não se pode mudar a maré cuspindo no mar. Não vale a pena mondar um campo que já foi invadido pelas ervas daninhas. Talvez encontrar o plano de emergência dos fundadores trouxesse a mudança que a eliminação dos maus ceifadores não

concretizara.

Quando abriu os olhos após a décima quarta reanimação, a Ceifadora Rand estava à espera dele. Até então, ninguém o tinha feito. Acabava por aparecer uma enfermeira que lhe verificava os sinais vitais, fingia cordialidade e chamava os guardas para que o levassem. Mas não desta vez.

— Porque é que estás aqui? É o meu aniversário?

Então, percebeu que talvez fosse. Tinha perdido tantos dias entre aquelas reanimações que já não fazia ideia das datas.

— Porque é que continuas a fazer isto? — perguntou-lhe ela. — Voltas sempre tão pronto para enfrentar o próximo combate... até me dá nojo. — Levantou-se. — Devias acabar esmagado! Não suporto que não o sejas!

— É um prazer ser o teu desprazer.

— Deixa-o ganhar! Só tens de fazer isso!

— E depois? — perguntou Rowan em resposta enquanto se sentava. — Assim que ele vencer, não terá motivos para me manter vivo.

Então, Rand falou quase num murmúrio:

— Ele precisa de ti vivo para te poder deixar à mercê dos Grão-Carrascos durante o inquérito.

Rand fora fiel à sua palavra após a primeira reanimação e contara-lhe o que tinha acontecido no conclave: a eleição do Suma Lâmina e a forma como Citra conseguira encravar a engrenagem.

— E a única mercê que os Grão-Carrascos me hão de mostrar será uma colheita rápida — disse Rowan.

— Sim. Como tal, entretanto, os teus últimos dias seriam bem melhores para ti se deixasses... o Goddard... ganhar!

Os meus últimos dias, pensou Rowan. A sua contagem de mortes não devia ter marcado com a devida precisão a passagem do tempo se apenas faltavam alguns dias para o inquérito, agendado para o primeiro de abril. A data estava assim tão próxima?

— Ter-me-ias pedido que deixasse o Tyger vencer? — perguntou, e por um momento pensou ter visto algo na Ceifadora Rand. Uma pitada de arrependimento? Uma centelha de consciência? Não lhe parecia que ela fosse capaz de tal coisa, mas valia a pena investigar.

— Claro que não, porque o Tyger não te cortou o pescoço nem te arrancou o coração quando perdeu.

— Bem, pelo menos o Goddard não me rebentou com os miolos.

— Porque quer que te lembres. Ele quer que saibas tudo o que ele te fez.

Rowan até achava graça àquilo. Goddard não lhe podia fazer tudo o que queria porque a versão da memória de Rowan armazenada no cérebro posterior do Cúmulo-Nimbo não tinha sido atualizada desde que ele se desligara da rede. Como tal, se Goddard lhe danificasse o cérebro, a última coisa de que ele se lembraria depois de reanimado seria que o Ceifador Brahms o tinha capturado. Todo aquele sofrimento às mãos de Goddard seria apagado... e um sofrimento apagado era como se nunca tivesse acontecido.

Olhando para Rand, deu por si a pensar que espécie de sofrimento estaria ela a suportar às mãos do seu mentor. Tornava-se claro que não era o mesmo que Rowan; não obstante, havia ali bastante infelicidade. Uma dor. Uma saudade. Tyger já tinha morrido há bastante tempo, mas continuava bem presente.

— A princípio, culpei o Goddard pelo que aconteceu ao Tyger disse ele calmamente. — Mas a escolha não foi dele, foi tua.

— Viraste-te contra nós. Partiste-me a coluna. Tive de me arrastar para fora daquela capela em chamas apenas com a força dos meus braços.

— Vingança — disse Rowan enquanto tentava controlar a raiva que sentia. — Eu entendo a vingança. Mas sentes a falta dele, certo? Sentes falta do Tyger. — Não era uma pergunta, antes uma observação.

— Não sei do que é que estás a falar.

— Sentes, sim. — Rowan fez uma pausa, para que aquela realidade se entranhasse. — Concedeste imunidade à família dele, pelo menos?

— Não precisei. Os pais desistiram dele muito antes de ele completar dezoito anos. Quando o encontrei, estava a viver sozinho.

— Informaste-os de que ele estava morto, ou nem isso?

— Para quê? — respondeu ela na defensiva. — E porque é que o havia de fazer?

O rapaz sabia que a tinha encurralado e apetecia-lhe pavonear-se, mas não o fez. Como num combate de Bokator, quando o adversário está no chão, o outro não se gaba, apenas lhe pede que se renda.

— Deve ser horrível para ti olhar para o Goddard e perceber que ele já não é a pessoa que amas.

Rand pareceu ter saído de um banho criogénico.

— Os guardas vão-te levar de volta — disse-lhe ela antes de sair. — E se

voltares a tentar brincar assim com a minha cabeça, sou *eu* quem te rebenta com os miolos.

***

Rowan morreu mais seis vezes antes de os combates cessarem. Nem uma vez concedeu a vitória a Goddard. Mesmo que este estivesse prestes a conseguir, havia nele uma desconexão entre a mente e o corpo que Rowan sabia como explorar.

— Vais sofrer a pior agonia de todas — disse-lhe Goddard depois de o reanimar do seu último combate. — Vais ser colhido na presença dos Grão-Carrascos e, então, desapareces para sempre. Nem serás uma nota de rodapé na História... serás simplesmente apagado dela. Como se nunca se tivesses vivido.

— Percebo que isso possa ser uma ideia terrível para si. Todavia, não sinto a necessidade premente de me tornar o centro do Universo. Desaparecer soa-me muito bem.

Goddard parou por um momento para olhá-lo com um nojo incomensurável que, por um momento, se converteu em mágoa.

— Podias ter sido um dos maiores ceifadores da História. Podias estar ao meu lado enquanto eu redefinia a nossa presença no mundo.

— Abanou a cabeça. — Poucas coisas são mais tristes do que um potencial desperdiçado.

Rowan tinha desperdiçado o seu potencial para muitas coisas, sem dúvida, mas o que estava feito, estava feito. Havia tomado as suas decisões e permanecido fiel a elas. De acordo com o Cúmulo-Nimbo, havia 39 % de hipóteses de ele mudar o mundo; então, talvez as suas decisões não fossem assim tão más. Agora, iam levá-lo para Perpétua, e, se Goddard levasse a sua avante, a sua vida estaria acabada.

Mas ele sabia que Citra também estaria lá.

Se não tivesse outra esperança, pelo menos, podia sempre agarrar-se à esperança de a ver antes que os seus olhos se fechassem para sempre.

Capítulo 38

Uma trilogia de encontros decisivos

Em qualquer momento, estou a monitorizar ou a participar em mais de 1,3 biliões de interações humanas. Em 27 de março do Ano da Ave de Rapina, classifico três delas como as mais importantes.

***

Não oiço a primeira, pelo que só posso deduzir indiretamente o seu conteúdo. Ocorre na cidade de San Antonio, na região do Texas. O edifício de apartamentos tem sessenta e três andares e no topo situa-se a penthouse *requisitada pela Ceifadora Ayn Rand.*

Não tenho câmaras neste edifício, de acordo com as minhas regras especiais para esta região. Mas as câmaras da rua registam a chegada de vários homens e mulheres especialistas em ciência: engenheiros, programadores, e até um famoso biólogo marinho. Suponho que o ceifador Goddard os convocou com alguma desculpa para depois os colher. Ele tende a eliminar aqueles que me servem por intermédio do seu trabalho nas ciências, especialmente se o seu trabalho estiver relacionado com a ciência aeroespacial. No ano passado, por exemplo, ele colheu centenas de pessoas nos Laboratórios de Propulsão Magnética, onde alguns dos meus engenheiros mais capazes estavam a desenvolver métodos para viagens no espaço profundo. E, antes disso, matou um génio no campo da hibernação de longa duração, embora o tenha camuflado como parte de uma colheita em massa no interior de um avião.

Não posso fazer nenhuma acusação aqui porque não tenho dados, apenas suposições fundamentadas quanto aos motivos de Goddard. Tal como não disponho de dados para provar que existe uma mão por trás das infelizes colónias da Lua e de Marte ou do fatídico habitat *orbital. Basta dizer que Goddard é o último de uma longa linhagem de ceifadores que olharam para o céu noturno e não viram as estrelas, mas a escuridão entre elas.*

Espero várias horas para ver se se fala de colheitas ocorridas no edifício, mas não, pelo contrário, os visitantes saem pouco depois de escurecer. Não falam uns com os outros sobre o que aconteceu na penthouse. No entanto, pelas suas expressões tensas, sei que nenhum deles dormirá bem esta noite.

***

A segunda conversa importante decorre na cidade LesteMericana de Savannah, uma cidade onde me esforcei muito para conservar o encanto da era mortal.

Um café tranquilo. Uma cabina ao fundo. Três ceifadores e uma assistente de ceifador. Café, café, café com leite, chocolate quente. Estão vestidos com roupa normal para uma reunião clandestina à vista de lodos.

O Ceifador Faraday, aquele que quase lodos pensam ter-se colhido no ano passado, desativou as minhas câmaras no interior do café. Tanto faz; aqui, estou longe de estar cego porque tenho um robô-câmara a tomar chá a algumas mesas de distância. Ele não tem mente. Nem consciência. Nem capacidade computacional além da necessária para imitar o movimento humano. É uma máquina simples, projetada para um único propósito: minimizar os ângulos cegos e, assim, melhorar o serviço que presto à Humanidade. E hoje, servir a Humanidade significa ouvir esta conversa.

É bom rever-te, Michael — diz a Ceifadora Marie Curie.

Observei os altos e baixos do relacionamento romântico entre os dois ceifadores, bem como os muitos anos de dedicada amizade que se seguiram.

— Digo o mesmo, Marie.

O robô-câmara está de costas para o grupo. Não tem importância porque as câmaras não estão nos olhos, mas sim em lentes minúsculas que lhe envolvem o pescoço, escondidas atrás de um véu transparente de pele artificial, dando-me assim uma visão permanente de trezentos e sessenta graus. A sua cabeça nada mais é do que uma decoração profética preenchida com poliestireno para não ser invadida pelos insetos que tanto proliferam nesta parte do mundo.

Faraday volta-se para a Ceifadora Anastasia. O seu sorriso é caloroso. Paternal.

Pelo que sei, a nossa noviça está a tornar-se uma verdadeira ceifadora.

— Um orgulho para nós.

Os capilares no rosto de Anastasia dilatam-se. As suas bochechas ficam levemente rosadas com o elogio.

— Desculpem, que falta de educação — diz Faraday. — Deixem-me apresentar-lhes a minha assistente.

A rapariga deixou-se ficar paciente e educadamente sentada durante dois minutos e dezanove segundos para que os ceifadores se pudessem cumprimentar adequadamente depois de tanto tempo. Agora, estende a mão para apertar a de

Curie.

— Olá, sou a Munira Atrushi.

Também aperta a de Anastasia, embora quase pareça uma formalidade.

— A Munira vem da Israébia e da Grande Biblioteca. A ajuda dela na minha pesquisa foi inestimável.

— De que pesquisa estamos a falar? — pergunta Anastasia.

Faraday e Munira hesitam. Então, Faraday diz:

— Histórica e geográfica — mas muda de assunto de imediato, claramente ainda não preparado para falar sobre isso. — Então, a Ceifa, suspeita de que eu ainda esteja vivo?

— Não que eu tenha dado por isso — responde Curie. — Embora eu esteja convencida de que alguns fantasiam sobre como as coisas seriam se ainda estivesses lá. — Ela toma um gole do café com leite, cuja temperatura meço em oitenta graus Celsius. Tenho receio de que queime os lábios, mas ela é cuidadosa. — Terias tomado o conclave de rompante se tivesses aparecido como num passe de mágica, como o Goddard. Não tenho dúvidas de que agora serias o Suma Lâmina.

— Vais-te sair melhor — diz Faraday, com admiração no seu tom.

— Bem, há um certo obstáculo para ultrapassar primeiro.

— A Marie vai conseguir — encoraja-a Anastasia.

— E — acrescenta Faraday —, imagino que sejas a sua primeira ceifadora subordinada.

Munira alça as sobrancelhas; obviamente com algumas dúvidas. O gesto não passa despercebido a Anastasia.

— Terceira subordinada — corrige Anastasia. — Cervantes e Mandela ocuparão o primeiro e o segundo lugares. Afinal, ainda sou uma ceifadora novata.

— E, ao contrário de Xenócrates, não vou mandar os meus subordinados para a periferia para tratar de minudências — diz Curie.

Gosto de ver que a Ceifadora Curie já está a falar como uma Suma Lâmina. Apesar de não ter contactas dentro da Ceifa, reconheço um líder à altura quando o vejo. Xenócrates desempenhava as suas funções, nada mais. Estes tempos precisam de alguém excecional. Não sei qual é a contagem de votos porque o servidor da Ceifa está fora do meu alcance, pelo que espero que a

votação ou o inquérito favoreçam a Ceifadora Curie.

— Por muito que me agrade voltar a ver-te, Michael, imagino que esta não seja apenas uma visita social — comenta Curie.

Demora um momento a olhar em volta, embora apenas dispense um olhar de passagem ao homem que bebe chá a algumas mesas deles. Agora, o «homem» apenas finge beber porque a sua bexiga interna está cheia e ele precisa de a esvaziar.

— Não, não é uma visita social, e peço desculpa por vos arrastar até aqui, tão longe de casa, mas pensei que um encontro na MesoMérica chamaria atenções indesejáveis.

— Gosto da LesteMérica — diz Curie —, especialmente das regiões costeiras. Não venho cá tanto quanto devia.

Ela e Anastasia esperam que Faraday explique o motivo deste encontro. Estou especialmente interessado em saber como vai abordar o assunto que os levou ali. Escuto com atenção.

— Descobrimos uma coisa incrível — começa o ceifador. — Vão pensar que enlouqueci quando ouvirem o que tenho para dizer, mas, acreditem, não é o caso. — Então, cala-se e vira-se para a sua assistente. — Munira, já que a descoberta foi sua, importa-se de pôr as nossas amigas ao corrente?

— Com certeza, Ilustre Ceifador.

Em seguida, ela tira uma imagem do oceano Pacífico coberto por uma teia de rotas de voo. Mostra claramente o espaço que nenhuma dessas rotas atravessa. Esta lacuna não me incomoda. Nunca tive de traçar rotas de voo sobre aquele ponto de mar aberto simplesmente porque havia maneiras melhores de aproveitar os ventos predominantes. A única coisa que me incomoda é não ter reparado naquilo antes.

Eles avançam então a teoria de que aquela é a localização da mítica Terra de Nod, onde o plano de emergência dos fundadores está localizado no caso de a Ceifa falhar.

— Não há garantias — esclarece Munira — A única coisa que sabemos com certeza é que o ângulo cego existe. Acreditamos que os fundadores programaram o Cúmulo-Nimbo pouco antes de se tornar autoconsciente para ignorar a sua existência Esconderam este lugar do resto do mundo. Apenas podemos adivinhar o motivo.

Esta teoria não me incomoda nem um pouco. No entanto, sei que devia

Agora, preocupa-me o quão pouco isto me preocupa.

— Desculpa, Michael, se as minhas preocupações são mais imediatas — diz-lhe Curie. — Se o Goddard se tornar Suma Lâmina, ele abrirá uma porta que não pode ser fechada.

— Devia vir connosco a Perpétua, Ceifador Faraday — sugere Anastasia — Os Grão-Carrascos dar-lhe-iam ouvidos.

Mas, é claro, o homem recusa o convite com um abanar da cabeça.

— Os Grão-Carrascos já sabem o que está a acontecer e estão divididos quanto à direção que a Ceifa deve tomar. — Ele faz uma pausa para observar o mapa ainda aberto diante deles. — Se a Ceifa cair no caos, o plano de emergência dos fundadores pode ser a única esperança de a salvar.

— Nós nem sabemos que plano é esse! — exclama Anastasia.

Ao que Faraday responde:

— Só há uma maneira de descobrir.

Agora, o coração de Curie dispara de setenta e duas para oitenta e quatro pulsações por minuto, provavelmente como resultado de um pico de adrenalina.

— Se uma parte do mundo esteve escondida durante centenas de anos, não há como saber o que vais encontrar lá. Não estará sob o controlo do Cúmulo-Nimbo, o que significa que pode ser muito perigoso, mortal, até, e não haverá um centro de reanimação aonde te levar para te trazer de volta.

Como nota de rodapé, agrada-me ver que a Ceifadora Curie tem perspetiva suficiente para perceber que a minha ausência é uma coisa perigosa Não obstante, não me parece que seja perigoso. Não me parece problemático. Mas devia parecer. Percebo que tenho de despender um tempo considerável de processamento a analisar esta minha estranha falta de preocupação.

— Sim, tomámos em consideração o perigo — confirma Munira — E é por isso que vamos primeiro ao antigo Distrito de Columbia.

O estado psicológico da Ceifadora Curie altera-se completamente com a referência ao antigo Distrito de Columbia. As suas colheitas mais infames aconteceram ali, antes de eu dividir a NorteMérica em regiões mais fáceis de gerir. Embora eu nunca tenha solicitado a sua intervenção para me livrar dos vestígios corruptos do governo mortal, não nego que facilitou a minha tarefa.

— Porque é que querem lá ir? — pergunta ela sem esconder o seu desagrado. — Não há lá nada além de ruínas e memórias que é melhor esquecer.

— Existem historiadores em D. C. responsáveis pela manutenção da antiga Biblioteca do Congresso — explica Munira. — Volumes físicos que podem conter o que não conseguimos encontrar no cérebro posterior.

— Ouvi dizer que esse lugar está pejado de indesejáveis — diz Anastasia.

Munira olha para ela com altivez.

— Posso não ser uma ceifadora, mas fui uma noviça do Ceifador Ben-Gurion. Sei lidar com indesejáveis.

Curie pousa a mão sobre a de Faraday, fazendo que o coração dele também bata um pouco mais depressa.

— Espera, Michael — pede-lhe ela. — Espera pelo fim do inquérito. Se tudo correr como esperamos, posso organizar uma expedição formal ao ângulo cego. E se não correr, acompanho-te nessa tua busca, porque não vou ficar numa Ceifa liderada pelo Goddard.

— Isto não pode esperar, Marie. Receio que a cada dia que passa a situação esteja a agravar-se para a Ceifa, não apenas na MesoMérica, mas em toda a parte. Tenho acompanhado a agitação no seio das Ceifas regionais de todo o mundo. Na Alta Austrália, os ceifadores da nova ordem denominam-se a Ordem do Duplo-Gume, e estão a ganhar importância. Na TranSibéria, a Ceifa fragmentou-se em meia dúzia de fações em guerra, e a Ceifa Chilargentina, embora o negue, está à beira de uma guerra interna.

Eu já havia intuído tudo isto e muito mais pelo que me fora dado ver e ouvir. Fico feliz por mais. alguém estar ciente do quadro geral e das implicações que ele pode ter.

Agora, reparo na indecisão de Anastasia, dividida entre as posições dos seus dois mentores.

— Se os ceifadores fundadores decidiram que era melhor apagar aquele lugar da memória, talvez seja melhor respeitá-los.

— Eles decidiram escondê-lo — intervém Munira —, mas a intenção deles não era fazê-lo desaparecer do mundo!

— Não há como saber o que os fundadores estavam a pensar! — contra-ataca Anastasia.

É nítido que estas duas têm pouca paciência uma para a outra, como irmãs que disputam o afeto dos pais. Um empregado começa a encher-lhes as chávenas vazias sem perguntar, o que irrita Curie por um momento. Ela está acostumada a um tratamento muito mais deferente, mas, com roupa normal e o

cabelo prateado preso num coque, não passa de mais uma cliente.

— Vejo que não há nada que possamos fazer para te convencer a mudar de ideias sobre esta viagem — diz ela quando o empregado se afasta. — Então, o que é que precisas de nós, Michael?

— Eu só preciso que saibam. Serão as únicas a saber o que descobrimos... e qual o nosso destino.

O que, claro está, não é inteiramente verdade.

***

A terceira conversa não é tão importante para o mundo, embora o seja para mim.

Decorre num claustro tonista bem no centro da MesoMérica. Tenho câmaras e microfones montados discretamente por todo o claustro. Embora os tonistas evitem os ceifadores, não me evitam a mim, porque protejo o seu direito a existir num mundo onde a maioria das pessoas gostaria que eles não existissem. Podem falar menos comigo do que os outros, mas sabem que estou lá para o que precisarem, se e quando precisarem de mim.

Um ceifador foi visitar o claustro hoje. Isto nunca é bom. Fui obrigado a presenciar o massacre de mais de cem tonistas às mãos do Ceifador Goddard e dos seus discípulos no início do Ano da Capivara. Não pude fazer mais do que assistir até que misericordiosamente as câmaras se derreteram no incêndio. Espero que este encontro seja de natureza diferente.

O ceifador em questão é o Ilustre Ceifador Cervantes, anteriormente da Ceifa Franco-Ibérica. Faz alguns anos que saiu de lá e se juntou à MesoMericana. Isto encoraja-me a pensar que não se trata de uma colheita, já que a colheita de tonistas foi a razão que o levou a partir.

Ninguém o vem receber na longa colunata de tijolo que marca a entrada do claustro. As minhas câmaras movem-se para o seguir, algo a que os ceifadores gostam de chamar «a saudação silenciosa» e aprenderam a ignorar.

Ele continua a andar como se conhecesse o caminho, embora não seja o caso; esta é uma peculiaridade comum nos ceifadores. Encontra o centro de visitantes, onde um tonista chamado Irmão McCloud está sentado atrás de uma secretária a distribuir folhetos e a oferecer empatia a todas as almas perdidas que chegam em busca de um sentido para a vida. O tecido castanho-areia da túnica do Ceifador Cervantes é muito semelhante à serapilheira cor de lama usada pelos tonistas. Por causa disso, eles acham este ceifador um pouco menos

ofensivo.

Enquanto McCloud cumprimenta os cidadãos comuns de uma forma amigável e cordial, a sua saudação a um ceifador não o é, especialmente depois de o último com quem falou lhe ter partido um braço.

— Diz-me o que te traz aqui.

— Estou à procura do Greyson Tolliver.

— Lamento, não temos aqui ninguém com esse nome.

Cervantes suspira.

— Jura pela Grande Ressonância — diz ele.

O Irmão McCloud hesita.

— Eu não tenho de fazer nada do que me digas para fazer.

— Bem, a tua recusa em jurar pela Grande Ressonância diz-me que estás a mentir. Agora, temos duas opções: podemos arrastar desagradavelmente esta questão até eu encontrar o Greyson Tolliver, ou podes simplesmente ir buscá-lo. A opção A vai-me irritar e talvez me deixe com vontade de colher um ou mais dos teus colegas pela inconveniência. A opção B será a melhor para todas as partes envolvidas.

Mais uma hesitação do Irmão McCloud. Como tonista, ele não tem prática na tomada de decisões. Tenho observado que uma das vantagens de pertencer a esta ordem é que a maior parte das decisões é tomada por terceiros, o que resulta numa vida com pouco stresse.

— Estou à espera — diz Cervantes. — Tiquetaque.

— O Irmão Tolliver recebeu asilo religioso — responde finalmente o outro. — Não o podes colher.

— Não — corrige-o Cervantes com um suspiro. — Não tenho permissão para o levar daqui, mas, uma vez que ele não tem imunidade, tenho todo o direito de o colher, se for para isso que aqui estiver.

— E é para isso que estás aqui?

— Não é da tua conta. Agora, vai-me buscar o «Irmão Tolliver» se não queres que eu diga ao teu cura que me revelaste as harmónios secretas da tua seita.

A ameaça deixa o Irmão McCloud num estado de terror perplexo. Afasta-se apressado e volta com o Cura Mendoza, que faz mais ameaças às quais Cervantes responde com as suas, e, quando se torna claro que não vão

conseguir livrar-se do ceifador, o cura diz:

— Vou perguntar-lhe se está disposto a receber-te. Se estiver, levo-te até ele. Se não estiver, todos nós o defenderemos com as nossas vidas, se necessário.

Passados alguns minutos, o Cura Mendoza está de volta para o levar.

— Segue-me.

Greyson Tolliver aguarda o ceifador na menor das duas capelas do claustro. Destina-se à reflexão pessoal, com um pequeno diapasão e uma taça de vasa primordial no altar.

— Estaremos do outro lado da porta, Irmão Tolliver — diz o cura —, se precisares de nós.

— Certo, eu chamo se precisar — diz Greyson, que apenas parece estar interessado em despachar o assunto.

Eles saem e fecham aporta. Movo bem devagar a câmara ao fundo da capela para não perturbar o encontro com o incómodo de um zumbido mecânico.

Cervantes aproxima-se de Greyson, que está ajoelhado no segundo banco corrido da capela. Ele nem se vira para olhar para o ceifador. Retirou as modificações corporais e rapou o cabelo pintado de preto, embora já tenha crescido o suficiente para lhe cobrir a cabeça.

— Se me veio colher, que seja rápido. E tente não derramar sangue para que haja menos para limpar depois.

— Estás assim tão impaciente para deixar este mundo?

Greyson não responde. Cervantes apresenta-se e senta-se ao lado dele, embora ainda não tenha dito porque está ali. Talvez queira ver primeiro se Greyson Tolliver merece a sua atenção.

— Eu investiguei-te.

— Encontrou alguma coisa interessante?

— Eu sei que Greyson Tolliver não existe. Sei que o teu nome verdadeiro é Slayd Bridger e que atiraste um autocarro de uma ponte.

Greyson ri-se.

— Então, descobriu a minha história secreta e obscura — diz ele, sem se dar ao trabalho de desmentir Cervantes. — Que bom para si.

— Sei que estiveste de alguma forma envolvido na conspiração para terminar as Ceifadoras Anastasia e Curie, e que Constantine está a mover céus e terra para te encontrar.

Greyson vira-se para ele pela primeira vez.

— Então, não trabalha para ele?

— Não trabalho para ninguém. Trabalho para a Humanidade, como todos os ceifadores. — Então, vira-se para olhar para o diapasão prateado que se eleva do aliar diante deles. — Na minha Barcelona natal, os tonistas são muito mais problemáticos do que aqui Têm uma propensão para atacar os ceifadores, o que nos obriga a colhê-los. A minha quota estava sempre cheia de tonistas que eu não queria colher e que me impediam de fazer as minhas escolhas. Foi uma das razões pelas quais vim para a MesoMérica, embora, ultimamente, me pergunte se não me vou arrepender desta escolha.

— Porque é que está aqui, Ilustre? Se fosse para me colher, já o podia ter feito.

— Estou aqui porque a Ceifadora Anastasia me pediu.

A princípio, Greyson parece agradado, mas a sua expressão azeda muito rapidamente. Agora, há muita amargura nele. Nunca foi minha intenção deixá-lo assim. — Ela está demasiado ocupada para me visitar?

— Na verdade, é isso mesmo que se passa. Está envolvida até ao pescoço em questões bem sérias da Ceifa — responde ele, sem mais pormenores.

— Bem, estou aqui, vivo, entre pessoas que até se importam com o meu bem-estar.

— Vim oferecer-te salvo-conduto até à Amazónia. Aparentemente, a Ceifadora Anastasia tem lá um amigo que te pode oferecer uma vida muito melhor do que a de um tonista.

Greyson olha em redor enquanto pondera na oferta. Responde então com a seguinte pergunta retórica:

— Quem disse que eu quero ir?

Isto surpreende Cervantes.

— Estás a querer dizer que preferes desperdiçar a tua vida a cantarolar, em vez de fugir para um lugar mais seguro?

— A parte da entoação é irritante — admite o rapaz —, mas acostumei-me à rotina. E as pessoas são simpáticas.

— Sim, os desmiolados podem ser agradáveis.

— O que eu quero dizer é que eles me fazem sentir em casa. É uma novidade para mim. Como tal, sim, posso cantarolar a música deles e embarcar nos seus

rituais estúpidos porque o que recebo em troca vale a pena.

— Preferes viver uma mentira? — pergunta Cervantes em tom de troça.

— Só se isso me fizer feliz.

— E faz?

Greyson pondera. Eu também. Apenas posso viver a verdade. Pergunto a mim mesmo se viver uma mentira melhoraria a minha configuração emocional.

— O Cura Mendoza acredita que posso encontrar a felicidade entre eles. Depois das coisas terríveis que fiz (aquilo do autocarro e tal), acho que vale a pena tentar.

— Não te consigo fazer mudar de ideias?

— Não — responde Greyson com mais certeza do que um momento antes. — Considere a sua missão cumprida. Prometeu à Ceifadora Anastasia que me oferecia salvo-conduto para um lugar mais seguro. Já o fez. Agora, pode ir-se embora.

Cervantes levanta-se e alisa a túnica.

— Nesse caso, tenha um bom dia, Senhor Bridger.

Cervantes sai, certificando-se de que empurra com força as pesadas portas de madeira, as quais batem no cura e no Irmão McCloud, que estavam a ouvir a conversa. Os dois acabam no chão.

Após a saída de Cervantes, o cura entra para falar com Greyson, que o dispensa, assegurando-lhe que está tudo bem.

— Preciso de tempo para refletir — diz ele ao cura, que sorri.

— Ah, isso é linguagem tonista para «deixem-me em paz». Também podes experimentar: «Gostaria de ponderar na ressonância.» Também resulta bem.

Deixa o rapaz e fecha as portas da capela. Faço um zoom mais próximo de Greyson quando o cura sai, com a esperança de ler alguma coisa na sua cara. Não consigo ler mentes. Podia desenvolver a tecnologia necessária, mas pela sua própria natureza, cruzaria a linha da intromissão pessoal. Mesmo assim, em momentos como este, gostava de fazer mais do que limitar-me a observar. Gostava de estabelecer contacto.

E então Greyson começa a falar. A falar comigo.

— Eu sei que está a ver diz ele à capela vazia. — Sei que está a ouvir. Sei que viu tudo o que me aconteceu nestes últimos meses.

Fica em silêncio durante um momento. Eu mantenho-me em silêncio. Não

por minha vontade.

Ela fecha os olhos, dos quais agora caem lágrimas, e numa desesperada imitação de oração, implora-me:

— Por favor, deixe-me saber que ainda aí está. Tenho de saber que não me esqueceu. Por favor, Cúmulo-Nimbo...

Mas, na sua identificação, o «b> vermelho ainda está a brilhar. A classificação como indesejável comporta um prazo mínimo de quatro meses, pelo que não posso responder. As minhas leis obrigam-me a tal.

— Por favor — implora ele, as lágrimas levando a melhor sobre a tentativa de consolo dos seus nanorrobôs emocionais. — Por favor, dê-me um sinal. É tudo o que peço. Apenas um sinal de que não me abandonou.

E então percebo que, embora haja uma lei contra a minha comunicação direta com um indesejável, não há nenhuma contra sinais e prodígios.

— Por favor...

Então, concedo-lhe o desejo. Acedo à rede elétrica e apago a luz. Não apenas na capela, mas em toda a Wichita. As luzes da cidade piscam durante 1,3 segundos. Por Greyson Tolliver e mais ninguém. Para provar, sem sombra de dúvida, quanto me importo e quanto me custa ver tudo o que ele sofreu, se tivesse um coração capaz de tal disfunção.

Mas Greyson Tolliver não sabe. Ele não o vê... porque os seus olhos estão fechados com demasiada força para captar qualquer coisa além da sua própria angústia.

SEXTA PARTE

PERPÉTUA E NOD

A Ilha do Perpétuo Coração (também conhecida como Perpétua) é uma imponente conquista da engenharia humana. E quando digo humana, é precisamente o que quero dizer. Apesar de ter sido construída com tecnologias das quais fui pioneiro, foi projetada e erigida exclusivamente por mãos humanas, sem a minha intervenção. Suponho que foi uma questão de orgulho para a Ceifa criar um lugar tão incrível sem ajuda.

Como seria de esperar, é um monumento ao ego coletivo dos ceifadores, o que não tem necessariamente de ser uma coisa má. A arquitetura da *anima,* estruturas concebidas na fornalha das paixões biológicas, tem algo que se lhe diga: uma sensibilidade audaciosa que é tão bela quanto impressionante, ao mesmo tempo que um pouco ofensiva.

A ilha flutuante, localizada no Atlântico, a sueste do Mar dos Sargaços, entre África e as Méricas, é mais um imenso navio do que uma massa geográfica. Tem uma estrutura circular com quatro quilómetros de diâmetro; encontra-se repleta de coruchéus cintilantes, parques exuberantes e espetaculares jogos de água. Vista de cima, assemelha-se ao símbolo da Ceifa: o olho sempre aberto entre longas lâminas curvas.

Não tenho câmaras em Perpétua. É intencional: uma consequência necessária da Separação entre Ceifa e Estado. Embora eu tenha câmaras-boias ao longo de todo o Atlântico, as mais próximas encontram-se a trinta quilómetros da costa de Perpétua. Como tal, a única coisa que realmente sei a seu respeito é o que entra e o que sai.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 39

Uma paisagem de predadores

As Ceifadoras Anastasia e Curie chegaram num dos luxuosos jatos particulares da Ceifa, uma aeronave equipada com tanta opulência que mais parecia um chalé tubular do que um avião.

— É um presente de um fabricante de aeronaves — explicou Curie. — Até os aviões são gratuitos para a Ceifa.

A trajetória de aproximação levou-as num arco em redor da ilha flutuante, pelo que Anastasia pôde apreciar aquela vista incrível. Tudo o que não eram jardins deslumbrantes era cristal cintilante e construções de um incrível branco-titânio. Havia uma enorme laguna circular no centro da ilha, aberta ao mar. O «olho» da ilha. Este era o ponto de chegada de transportes submersíveis e estava repleto de barcos de recreio. No centro do olho, separado de tudo o resto, situava-se o complexo do Conselho Mundial dos Ceifadores, ligado ao resto da ilha por três pontes.

— É ainda mais impressionante do que nas fotografias — comentou Anastasia.

Curie inclinou-se para olhar também pela janela.

— Por mais vezes que eu a visite, Perpétua nunca deixa de me surpreender.

— Quantas vezes já cá esteve?

— Talvez umas doze. Em férias, principalmente. É o lugar para ir se não queres que ninguém olhe para ti de forma estranha. Ninguém tem medo de nós. Não somos o centro imediato das atenções quando entramos numa sala. Em Perpétua, voltamos a sentir-nos humanos.

Embora Anastasia suspeitasse de que, até em Perpétua, a Grande Dama da Morte fosse praticamente uma celebridade.

Como Curie lhe explicou, a torre mais alta, isolada na sua própria colina, era a Torre dos Fundadores.

— Ali podes encontrar o Museu da Ceifa, com o Cofre das Relíquias e Futuros, bem como o coração que dá nome à ilha.

Mas ainda mais impressionante era uma série de sete torres idênticas espalhadas a intervalos regulares em redor do olho central da ilha. Uma para

cada um dos Grão-Carrascos do Conselho Mundial de Ceifadores, respetivos ceifadores subordinados e a sua extensa equipa. A sede do poder da Ceifa era uma rede de burocracia, como a Interface da Autoridade, embora sem a vantagem do Cúmulo-Nimbo para manter tudo a funcionar sem problemas; o que significava que a política acontecia a passo de caracol e o atraso da agenda correspondia a vários meses. Apenas as questões mais urgentes passavam para o topo da lista, questões como o inquérito à eleição na MesoMérica. O ego de Anastasia inchou um pouco quando ela soube que havia criado agitação suficiente para exigir a atenção imediata do Conselho Mundial de Ceifadores. E, para este conselho, uma espera de três meses assemelhava-se à velocidade da luz.

— Perpétua está aberta a todos os ceifadores e seus convidados — disse-lhe Curie. — A tua família até podia viver aqui, se quisesses.

Anastasia tentou imaginar os seus pais e Ben numa cidade de ceifadores, e ficou logo com dores de cabeça.

Foram recebidas ao aterrar pelo Ceifador Séneca, o primeiro subordinado de Xenócrates, cuja desinteressante túnica castanha destoava daquele ambiente cintilante. Anastasia deu por si a pensar quantos ceifadores mesomericanos Xenócrates teria levado com ele. Os seus três subordinados eram um dado adquirido. Se ele levasse demasiados, seriam necessários muitos mais noviços, algo que poderia significar um influxo de mais ceifadores da nova ordem.

— Bem-vindas à Ilha do Perpétuo Coração — cumprimentou-as Séneca com a sua habitual falta de entusiasmo. — Vou levar-vos ao hotel.

Tal como o resto da ilha, o hotel era de última geração, com pavimento de malaquite verde polida, um imponente pátio interior cristalino e muitos funcionários para satisfazer todas as suas necessidades.

— Quase me faz lembrar a Cidade Esmeralda — comentou Anastasia, pensando num conto infantil da era mortal.

— Sim — respondeu Curie com um sorriso malicioso. — E uma vez até pintei os olhos a combinar com a minha túnica.

Séneca poupou-lhes a espera na fila da receção, onde havia alguns ceifadores de férias bastante impacientes, e um outro, num roupão de penas brancas que reclamava contra a incompetência dos funcionários, os quais aparentemente eram incapazes de satisfazer todos os seus desejos com a rapidez suficiente. Alguns ceifadores não gostavam de não ser o centro imediato das atenções.

— Por aqui — disse-lhes Séneca. — Vou mandar um paquete buscar as vossas malas.

Foi então que Anastasia deu conta de algo que permanecera na margem da sua perceção desde que tinha chegado. Para dizer a verdade, descobriu-o graças a um rapazinho que estava à espera do elevador com a família.

Ele apontou para uma das portas e virou-se para a mãe:

— O que é que quer dizer «fora de serviço»?

— Significa que o elevador não trabalha.

Mas o pequeno não conseguiu entender aquele conceito.

— Como é que um elevador não trabalha?

A mãe não tinha resposta, pelo que lhe deu um lanche para o distrair. Anastasia lembrou-se então da sua chegada: tinham dado várias voltas antes de aterrar por causa de qualquer coisa relacionada com o sistema de controlo de tráfego aéreo. E também tinha reparado num arranhão no lado de um publicarro ao sair do terminal. Ela nunca tinha visto nada parecido antes. E a fila na receção. Ouvira uma das rececionistas dizer que o computador estava «a dar problemas». Como é que um computador podia dar problemas? No mundo que Anastasia conhecia, as coisas simplesmente funcionavam. O Cúmulo-Nimbo garantia-o. Não havia sinais de «fora de serviço» porque, assim que alguma coisa deixava de trabalhar, era enviada uma equipa para proceder à necessária reparação. Nada ficava fora de serviço o tempo suficiente para precisar de um sinal.

— Que ceifadora és tu? — perguntou o rapaz, abrindo muito as vogais. Anastasia deduziu que devia ser da região do Texas, embora em algumas partes do sul da LesteMérica tivessem um sotaque semelhante.

— Eu sou a Ceifadora Anastasia.

— O meu tio é o Ilustre Ceifador Howard Hughes. Por isso, temos imunidade! Ele está a dar um sinfónio sobre como colher corretamente com uma faca de mato.

— Simpósio — corrigiu-o discretamente a mãe.

— Eu só usei uma faca dessas uma vez — observou Anastasia.

— Devias usá-la com mais frequência — disse o rapaz. — Tem um gume duplo na ponta. Muito eficiente.

— Sim — concordou Curie. — Pelo menos, mais eficiente do que estes

elevadores.

O rapaz começou a agitar a mão no ar como se estivesse a brandir a dita faca.

— Quando crescer, quero ser ceifador! — exclamou, garantindo assim que nunca o seria. A menos, é claro, que os ceifadores da nova ordem assumissem o controlo da sua região.

Um elevador chegou e Anastasia preparou-se para entrar, mas Séneca impediu-a.

— Esse só sobe — disse ele, sem expressão.

— Não vamos subir?

— Obviamente, não.

A rapariga olhou para Curie, que não parecia nem um pouco surpreendida.

— Então, puseram-nos na cave?

Séneca bufou perante tal ideia e nem se dignou responder.

— Esqueces-te de que estamos numa ilha flutuante — esclareceu Curie. — Um terço da cidade encontra-se debaixo de água.

A suíte delas ficava no subnível sete e tinha uma janela do chão ao teto atrás da qual peixes tropicais coloridos nadavam a toda velocidade. Era uma visão incrível, embora parcialmente bloqueada pela figura diante delas.

— Ah, já chegaram! — exclamou Xenócrates, avançando para as cumprimentar.

Nem Curie nem Anastasia eram particularmente chegadas ao seu anterior Suma Lâmina. A rapariga nunca lhe perdoara por tê-la acusado de assassinar o Ceifador Faraday, mas a necessidade de diplomacia era maior do que a necessidade de se agarrar àquele seu rancor de estimação.

— Não esperávamos que nos recebesse pessoalmente, Exaltada Excelência — disse Curie.

Ele apertou-lhes a mão com as suas duas, sempre caloroso como era seu costume.

— Sim, bem, não seria admissível receber-vos nos meus escritórios. Pareceria favoritismo na questão do Suma Lâmina MesoMericano.

— Mas está aqui — observou Anastasia. — Isso significa que podemos contar com o seu apoio no inquérito?

Xenócrates suspirou.

— Infelizmente, a Suprema Lâmina Kahlo pediu-me que me abstivesse de participar. Acha que não posso ser imparcial, e receio que tenha razão. — Ficou a olhar para Curie e, por um instante, pareceu baixar as suas defesas. Dava a impressão de estar a ser genuinamente sincero. — Podemos nem sempre ter estado de acordo, Marie, mas o Goddard seria certamente um desastre. Espero sinceramente que o vosso inquérito contra ele seja um sucesso... e embora não me seja permitido votar, vou estar a torcer por si.

O que não serviria rigorosamente para nada, pensou Anastasia. Ela não conhecia os outros Grão-Carrascos, exceto pelo que Curie lhe contara sobre eles. Dois eram próximos dos ideais da nova ordem, dois eram contra e dois eram imprevisíveis. O inquérito podia cair para qualquer dos lados.

A rapariga virou costas aos outros ceifadores, encantada com a vista. Era uma distração bem-vinda da situação em que se encontrava. Pensou como seria bom ser como aqueles peixes; não ter outras preocupações além de sobreviver e integrar-se no seu cardume. Ser apenas uma parte do todo, ao invés de ser um indivíduo isolado num mundo cada vez mais hostil.

— Impressionante, não é? — disse Xenócrates, que entretanto se aproximara. — Perpétua faz as funções de um recife artificial e a vida marinha num raio de trinta quilómetros está repleta de nanorrobôs que nos permitem controlá-la. — Tirou um *tablet* da parede. — Veja.

Deu algumas pancadinhas com o dedo e os peixes coloridos afastaram-se como uma cortina que se abrisse. De repente, tinham diante de si um oceano repleto de águas-vivas, uma visão enganosamente calmante, com os seus movimentos ondulantes do outro lado da enorme janela.

— Pode alterar esta sua paisagem viva ao seu gosto. — Xenócrates ofereceu-lhe o *tablet*. — Aqui tem. Experimente.

Anastasia aceitou o *tablet* e livrou-se das águas-vivas. Então, encontrou o que procurava no menu. Um único tubarão dos recifes aproximou-se deles, seguido por outro e mais outro, até que toda a vista estava cheia deles. Um tubarão-tigre maior serviu como ponto alto da cena, mirando-os com olhos frios ao passar.

— Pronto — disse a rapariga —, uma paisagem que representa com muito mais precisão a nossa situação atual.

O Grão-Carrasco Xenócrates não achou graça.

— Ninguém a poderá acusar de ser otimista, Menina Terranova — disse-lhe ele, propositadamente usando o nome de nascença como um insulto indireto.

Então, virou costas aos tubarões. — Vejo-vos às duas no inquérito, amanhã. Entretanto, preparei-vos uma visita privada à cidade e reservei excelentes lugares para a ópera desta noite, *Aida*, se bem me lembro.

E embora nem Anastasia nem Marie estivessem com disposição para tais coisas, nenhuma delas recusou a oferta.

— Talvez um dia de agradável diversão seja o que estamos a precisar — disse Marie assim que Xenócrates saiu. Então, pegou no *tablet* de Anastasia e tratou de dispersar aquela paisagem de predadores.

***

Depois de ter deixado as Ceifadoras Anastasia e Curie, Sua Exaltada Excelência, o Grão-Carrasco Xenócrates, examinava o seu domínio do alto da *penthouse* envidraçada da torre nortemericana, a qual lhe fora concedida ao ascender ao seu atual posto. Era uma das sete residências do género, cada uma no topo das torres que circundavam o olho central de Perpétua. No interior do olho, submarinos de luxo iam e vinham; táxis aquáticos transportavam pessoas de um lado para o outro; barcos de recreio sulcavam o mar. Podia ver um ceifador visitante a tentar usar um *jet ski* ainda de túnica, o que não era uma boa ideia. O tecido agia como um paraquedas, pelo que o arrancou do *jet ski* e o largou na água. Idiota. A maldição da Ceifa eram os idiotas. Podiam ter sido abençoados com a sabedoria, mas bom senso era uma característica que lhes faltava.

O sol atingia-o através do teto de vidro, pelo que ele pediu ao seu criado pessoal que tentasse fechar as persianas. Parecia sempre que aquela que poderia bloquear o sol naquele momento não estava a funcionar, e conseguir um técnico para consertá-la era praticamente impossível, mesmo para um Grão-Carrasco.

— Trata-se de uma ocorrência recente — desculpou-se o criado. — Sensivelmente desde a sua chegada, as coisas não estão a funcionar como deviam.

Como se aquela praga de falhas operacionais fosse de alguma forma culpa de Xenócrates.

Ele tinha herdado o criado pessoal do Grão-Carrasco Hemingway. Apenas os ceifadores que trabalhavam com Hemingway tinham de se colher com ele, não o pessoal de serviço. Acrescentava uma noção de continuidade, embora Xenócrates suspeitasse de que ia acabar por substituí-los a todos, para não ter sempre aquela sensação de estar a ser comparado ao seu antecessor.

— Acho ridículo que o telhado desta residência também seja de vidro — comentou, não pela primeira vez. — É como se eu estivesse numa vitrina para qualquer veículo a jato que passe por aqui.

— Sim, mas o aspeto cristalino das cúspides dos coruchéus das torres é lindo, não é?

Xenócrates bufou.

— A função não devia ser mais importante que a forma?

— Não na Ceifa — respondeu o criado.

Então, Xenócrates estava no topo cintilante do mundo. O culminar das ambições de toda uma vida. Todavia, dava por si a planear o seu próximo sucesso. Um dia, chegaria a Suprema Lâmina. Mesmo que tivesse de esperar que todos os outros Grão-Carrascos se colhessem.

Mesmo naquela nova e elevada posição, sentia uma humildade que não esperava. Deixara de ser o ceifador mais poderoso da MesoMérica para se tornar o mais recente ceifador do Conselho Mundial, e, embora os outros seis Grão-Carrascos o tivessem aprovado para o cargo, isso não significava que estivessem prontos para o tratar como um igual. Mesmo no nível mais alto, havia dívidas a saldar, respeito a ser conquistado.

Por exemplo, após a sua ratificação, apenas um dia depois de o Ceifador Hemingway e os seus subordinados se terem colhido, a Suprema Lâmina Kahlo havia comentado com Xenócrates, como que de passagem, na presença de todos os outros Grão-Carrascos:

— Tanto tecido pesado só pode ser um incómodo. Especialmente aqui, nas latitudes dos cavalos.[2] — Depois, acrescentara, sem sequer um sorriso: — Devia encontrar uma maneira de se livrar de pelo menos uma parte.

Claro que ela não se referia a encontrar um tecido mais leve, mas sim ao facto de ser preciso tanto tecido para o vestir. Ele tinha corado com o comentário e, ao vê-lo, a Suprema Lâmina rira-se.

— Parece um verdadeiro querubim, Xenócrates.

Naquela noite, ele tinha procurado um técnico de bem-estar para ajustar os seus nanorrobôs de modo que acelerassem significativamente o seu metabolismo. Como Suma Lâmina MesoMericano, a manutenção de um peso impressionante era intencional. Era imponente e contribuía para uma imagem mítica. Mas ali, entre os Grão-Carrascos, sentia-se como um menino com excesso de peso que fora escolhido em último lugar para a equipa de desporto da

escola.

— Se ajustarmos o seu metabolismo ao máximo, precisará de seis a nove meses para atingir o seu peso ideal — garantira-lhe o técnico de bem-estar.

Era muito tempo para a sua limitada paciência, mas ele não tinha escolha. Bem, pelo menos não havia a necessidade de reduzir o apetite nem de fazer exercício, como acontecia nos tempos mortais.

Enquanto ponderava na lenta redução do seu estômago e nas patetices dos ceifadores em férias lá em baixo, o criado pessoal voltou, um tanto agitado.

— Com a vossa licença, Exaltada Excelência, tem uma visita.

— É alguém que eu queira ver?

A maçã de Adão do homem moveu-se visivelmente.

— É o Ceifador Goddard.

Era simplesmente a última pessoa que ele queria ver no mundo.

— Diga-lhe que estou ocupado.

Porém, antes sequer que o criado tivesse tempo para sair, Goddard entrou de rompante.

— Vossa Exaltada Excelência! — exclamou ele num tom jovial. — Espero não ter vindo em má altura.

— Para dizer a verdade, veio, mas já cá está, pelo que não há nada que eu possa fazer.

Dispensou o criado com um aceno, resignando-se à inevitabilidade daquele encontro. O que é que os tonistas costumavam dizer? *O que está para vir não pode ser evitado.*

— Nunca tinha visto a suíte de um Grão-Carrasco — comentou Goddard enquanto passeava pela sala, examinando tudo, desde a mobília até às obras de arte. — Bastante inspirador!

Xenócrates não perdeu tempo com conversa de circunstância.

— Quero que saiba que, assim que reapareceu, certifiquei-me de que a Esme e a mãe estavam escondidas num lugar onde nunca as há de encontrar; como tal, se pretende usá-las contra mim, pode tirar daí a ideia.

— Ah, pois, a Esme — disse Goddard, como se não pensasse nela há séculos. — Como está a sua querida filha? Grande, imagino. Ou melhor, enorme. Sinto a falta dela!

— Porque é que está aqui? — perguntou Xenócrates, irritado com a sua presença, com o maldito sol que lhe batia nos olhos e com o ar condicionado, que não se decidia por uma temperatura estável.

— Para garantir o mesmo tempo que a minha adversária, Vossa Exaltada Excelência. Sei que se encontrou com a Ceifadora Curie esta manhã. Isso poderia ser visto como uma preferência, encontrar-se com ela e não comigo.

— Poderia parecer uma preferência porque é disso mesmo que se trata. Não aprovo as suas ideias nem as suas ações, Goddard. Não vou continuar a fazer segredo disso.

— E, não obstante, escusou-se ao inquérito de amanhã.

Xenócrates suspirou.

— Porque a Suprema Lâmina mo pediu. Vou perguntar mais uma vez: porque é que está aqui?

E, mais uma vez, Goddard fez outro desvio.

— Apenas queria fazer uma visita e pedir desculpa por indiscrições passarias, para que possamos começar do zero. — Abriu então os braços, com as palmas das mãos para cima, num gesto beatífico para chamar a atenção para o seu novo corpo. — Como pode ver, sou um homem diferente. E se eu me tornar Suma Lâmina da MesoMérica, será do interesse de ambos que nos dêmos bem.

Então, Goddard postou-se diante da grande janela curva, como Xenócrates havia feito momentos antes, e contemplou a paisagem como se um dia pudesse vir a ser sua.

— Gostava de saber para que lado sopra o vento no conselho — disse ele.

— Não ouviu? — troçou o outro. — Nestas latitudes não há vento.

Goddard não lhe deu atenção.

— Eu sei que a Suprema Lâmina Kahlo e o Grão-Carrasco Cromwell não apoiam os ideais dos ceifadores da nova ordem, mas que os Grão-Carrascos Hideyoshi e Amundsen sim...

— Se já sabe, porque me pergunta?

— Porque os Grão-Carrascos Nzinga e MacKillop não se manifestaram sobre o assunto. Eu esperava que pudesse dar-lhes uma palavrinha.

— E por que motivo havia eu de fazer tal coisa?

— Porque, apesar da sua natureza egocêntrica, sei que no fundo é um ceifador verdadeiramente honrado. E, como homem honrado, o seu dever é fazer

justiça. — Aproximou-se um passo. — Sabe tão bem como eu que este inquérito não é justo. Acredito que, com as suas formidáveis habilidades diplomáticas, poderia convencer o conselho a deixar de lado a sua visão do mundo e tomar uma decisão justa e imparcial.

— E deixar que seja Suma Lâmina após um ano de ausência, embora apenas sete por cento de si permaneçam intactos. Chama a isso justo e imparcial?

— Não peço tanto, apenas que não seja desqualificado antes da contagem dos votos. Deixe a Ceifa MesoMericana falar. Deixe a sua decisão prevalecer, seja ela qual for.

Xenócrates suspeitava de que Goddard só podia estar a ser tão magnânimo apenas porque de alguma forma sabia que tinha vencido.

— E é tudo? Isso é tudo o que tem para me dizer?

— Na realidade, não — respondeu o ceifador, e finalmente revelou o motivo da sua presença. Em lugar de dizer qualquer coisa, introduziu a mão no bolso interno da sua túnica e tirou de lá outra, dobrada e embrulhada com um laço, como se fosse um presente. Atirou-a a Xenócrates. Era preta. A túnica do Ceifador Lúcifer.

— Apanhou-o?

— Não só o apanhei, como o trouxe para Perpétua para que seja julgado.

Xenócrates agarrou na túnica. Tinha dito a Rowan que não se importava se ele fosse apanhado ou não, e era verdade; assim que soubera que estava prestes a tornar-se um Grão-Carrasco, a captura de Rowan tornara-se uma questão secundária que devia ser deixada para o seu sucessor. No entanto, agora que Goddard o tinha, tudo mudava.

— Pretendo apresentá-lo ao conselho amanhã, no inquérito, como um gesto de boa vontade. Espero que isso lhe dê asas a si em vez de as cortar.

Xenócrates não gostou nada do que ouviu.

— Que quer isso dizer?

— Bem, por um lado, eu podia dizer ao conselho que o capturei graças aos seus diligentes esforços. Que o fiz de acordo com as suas instruções. — Então, parou para tocar num pesa-papéis que estava numa mesa, deixando-o a baloiçar. — Que poderia realçar a aparente incompetência da sua investigação... Ainda que... foi realmente incompetência? Afinal, o Ceifador Constantine é considerado o melhor investigador de todas as Méricas... E o facto de o Rowan Damisch o ter visitado na sua casa de banhos favorita sugere, no mínimo, um

conluio entre ambos, senão mesmo uma amizade. Se as pessoas ficassem a saber do referido encontro, poderiam pensar, entre outras coisas, que você estava por trás de todos os crimes dele desde o início.

Xenócrates respirou fundo. Era como levar um soco no estômago. Já podia ver o pincel que Goddard empunhava, pronto para lhe pintar uma cruz por cima. Não importava que o encontro tivesse sido obra de Damisch e que Xenócrates não tivesse feito nada errado. Isso não fazia diferença. As insinuações seriam suficientes para o destruir.

— Fora daqui! — berrou o ex-Suma Lâmina. — Rua, antes que eu o atire desta janela!

— Sim, faça isso, por favor! — disse Goddard alegremente. — Este meu novo corpo adora estatelar-se!

E como Xenócrates não se mexeu, o ceifador riu-se com gosto, não uma gargalhada fria e cruel, mas sim de pura diversão. Agarrou Xenócrates pelo ombro e sacudiu-o afetuosamente, como se fossem grandes compinchas.

— Não tem de se preocupar, meu velho amigo. Aconteça o que acontecer amanhã, não vou acusá-lo nem contar a ninguém que o Rowan o visitou. De facto, apenas por precaução, já colhi o funcionário da casa de banhos que estava a espalhar o boato. Pode ficar tranquilo, quer eu ganhe, quer perca o inquérito, o seu segredo estará seguro comigo... Porque, apesar do que possa pensar, também sou um homem honrado.

Dito isto, saiu calmamente. Mais correto seria dizer que desfilou até à porta; sem dúvida em virtude da memória muscular do rapaz cujo corpo agora possuía.

E Xenócrates percebeu que Goddard não estava a mentir. Havia de manter a sua palavra. Não ia caluniá-lo nem contar ao conselho que ele havia deixado Rowan Damisch escapar naquela noite. Não tinha ido ali para o chantagear, apenas para lhe fazer saber que o *podia* fazer...

... O que queria dizer que mesmo ali, no pináculo da Ceifa, no topo do mundo, Xenócrates continuava a ser um inseto que os dedos roubados de Goddard seguravam com muito cuidado.

***

A guia que acompanhou as Ceifadoras Curie e Anastasia na sua visita personalizada aos lugares mais interessantes da ilha vivia em Perpétua há mais de oitenta anos e orgulhava-se de não ter deixado a ilha nem uma única vez durante todo esse tempo.

— Quando se encontra o paraíso, para quê ir a outro lugar?

Anastasia teve dificuldade em não se deixar impressionar pelo que viu: jardins maravilhosos em colinas escalonadas que pareciam uma paisagem real, passarelas no céu que ligavam as torres e túneis de vidro subaquáticos que uniam os edifícios entre si sob a ilha, tudo programado com a sua própria vida marinha em redor.

Era no Museu da Ceifa que se situava a Câmara do Perpétuo Coração, sobre a qual a rapariga tinha ouvido rumores, embora até há muito pouco tempo não acreditasse que realmente existisse. O coração flutuava no interior de um cilindro de vidro, ligado a elétrodos biologicamente embutidos. Batia a um ritmo constante, o seu som amplificado na sala para que todos o ouvissem.

— Poder-se-ia dizer que Perpétua está viva porque tem um coração — disse a guia. — Este coração é o órgão humano vivo mais antigo da Terra. Começou a bater na era mortal, perto do início do século XXI, como parte das primeiras experiências com a imortalidade, e não parou desde então.

— De quem é? — perguntou Anastasia.

A guia ficou atónita, como se nunca lhe tivessem perguntado tal coisa.

— Não sei. Provavelmente de um humano aleatório, usado numa investigação. A era mortal foi uma época de barbárie. No início do século XXI, era praticamente impossível atravessarmos uma rua sem que nos raptassem para fazer experiências.

Mas, para Anastasia, a parte mais interessante da visita foi o Cofre das Relíquias e Futuros. Não estava aberto ao público, e até os ceifadores precisavam de permissão especial de um Suma Lâmina ou Grão-Carrasco para o visitar; e elas tinham-na.

Era uma câmara cúbica de aço maciço, magneticamente suspensa no interior de um cubo maior, como um quebra-cabeças, cujo acesso apenas era possível por meio de uma estreita ponte retrátil.

— A câmara central foi projetada como um cofre de banco da era mortal — explicou a guia. — Trinta centímetros de aço maciço em todas as faces. Só a porta pesa praticamente duas toneladas. Ao cruzarem a ponte que conduzia à câmara interna, recordou-lhes que não era permitido tirar fotografias. — A Ceifa é muito rigorosa neste aspeto. Fora destas paredes, este lugar apenas pode existir na memória.

A câmara interna media seis metros de lado e, ao longo de um deles, havia

uma série de manequins dourados, todos vestidos com túnicas de ceifador desbotadas. Uma de seda bordada multicolorida, outra de cetim azul-cobalto, outra de fina renda prateada... perfazendo um total de treze. Anastasia arquejou. Não conseguiu evitar, uma vez que as reconheceu das suas aulas de História.

— Estas são as túnicas dos ceifadores fundadores?

A guia sorriu e passou por elas, apontando e identificando-as uma a uma.

— Da Vinci, Gandhi, Safo, King, Lao Zi, Lennon, Cleópatra, Powhatan, Jefferson, Gershwin, Elizabeth, Confúcio e, claro, o Suprema Lâmina Prometeu! Todas as túnicas dos fundadores estão aqui!

Anastasia reparou com alguma satisfação que todas as ceifadoras tinham um único nome, sem apelidos, tal como ela.

Até Curie ficou impressionada com a exposição.

— Estar na presença de tamanha grandeza deixa-nos realmente sem fôlego!

Anastasia estava tão fascinada com aquelas roupagens que demorou alguns momentos até perceber o que ocupava as outras três faces da câmara.

Diamantes! Fiadas e fiadas deles. A sala brilhava com todas as cores do espetro refratadas pelas gemas. Aquelas eram as gemas que adornavam os anéis de todos os ceifadores. Todas do mesmo tamanho e forma, e todas com o mesmo núcleo escuro.

— As gemas foram forjadas pelos ceifadores fundadores, e é aqui que são guardadas — explicou a guia. — Ninguém sabe como foram feitas, é uma tecnologia que se perdeu. Não se preocupem... temos o suficiente para ordenar praticamente quatrocentos mil ceifadores.

Porque precisaríamos nós alguma vez de quatrocentos mil ceifadores?, pensou Citra.

— Alguém sabe por que razão têm este aspeto? — perguntou ela em voz alta.

— Tenho a certeza de que os fundadores o sabiam — respondeu a guia, esquivando-se alegremente da pergunta.

Em seguida, tentou deslumbrá-las com os dados técnicos do mecanismo de fecho do cofre.

Para encerrar o dia, foram à Ópera de Perpétua para uma apresentação da *Aida* de Verdi. Não havia ameaça alguma de aniquilação, nem vizinhos bajuladores nos assentos ao lado. Na verdade, muitos dos presentes eram

ceifadores visitantes, tornando extremamente difícil entrar e sair da sua fila por causa do volume de todas aquelas túnicas.

A música era deliciosa e melodramática. Anastasia lembrou-se imediatamente da única ópera que já tinha visto, também de Verdi. Fora na noite em que conhecera Rowan. O Ceifador Faraday tinha-os juntado. Na altura, ela não fazia a menor ideia de que Faraday lhe ia pedir que fosse sua noviça, mas Rowan sim; ou, pelo menos, desconfiava.

A ópera era fácil de seguir: um amor proibido entre um comandante militar egípcio e uma rainha rival, culminando num sepultamento eterno para ambos. Muitas narrativas da era mortal acabavam com a morte como acontecimento final. Era como se estivessem obcecados com a natureza limitada das suas vidas. Bem, pelo menos a música era bonita.

— Estás pronta para amanhã? — perguntou Marie enquanto desciam os degraus do edifício da ópera uma vez terminado o espetáculo.

— Estou pronta para apresentar o nosso caso — respondeu Anastasia, deixando claro que não era apenas dela, mas de ambas. — Embora não tenha a certeza de estar preparada para o possível resultado.

— Se perdermos o inquérito, pode ser que eu ainda consiga os votos para me tornar Suma Lâmina.

— Parece-me que o havemos de descobrir em breve.

— Qualquer das duas hipóteses é uma perspetiva assustadora. Nunca quis ser Suma Lâmina da MesoMérica. Bem, talvez na minha juventude, naqueles dias em que empunhava a lâmina para derrubar os egos inchados dos ricos e poderosos. Mas agora não.

— Quando escolheu o Rowan e a mim como noviços, o Ceifador Faraday disse-nos que não querer este cargo era o primeiro passo para o merecer.

Marie sorriu tristemente.

— A nossa sabedoria há de ser sempre o nosso castigo. — Então, perdeu o sorriso. — Tens a noção de que, se eu chegar a Suma Lâmina, pelo bem da Ceifa, terei de apanhar o Rowan e levá-lo à justiça.

E embora lhe doesse mais do que era capaz de dizer, Anastasia assentiu com uma resignação estoica.

— Se for a *sua* justiça, eu aceito.

— As nossas escolhas não são fáceis; nem o deviam ser.

A rapariga olhou para o mar, para a forma como ele brincava com a água até onde a vista alcançava. Nunca se sentira tão distante de si mesma como ali. Nunca se sentira tão distante de Rowan. Tão distante que nem era capaz de contar os quilómetros que os separavam.

Talvez porque não os houvesse.

***

Na casa de férias do Ceifador Brahms, não muito longe da ópera, Rowan esperava numa cave mobilada com vista para as profundezas subaquáticas.

— Este é um tratamento muito melhor do que mereces — dissera-lhe Goddard quando tinham chegado. — Amanhã, vou apresentar-te aos Grão-Carrascos e, com a sua permissão, vou colher-te com a mesma brutalidade com que separaste a minha cabeça do meu corpo.

— Perpétua é uma zona isenta de colheitas — recordou-lhe Rowan.

— Para ti, tenho a certeza de que hão de abrir uma exceção.

Depois de o ceifador trancar Rowan e sair, o rapaz sentou-se para passar revista à sua vida uma última vez.

A sua infância fora perfeitamente banal, pontuada por momentos de mediocridade intencional, uma tentativa constante de não sobressair. Como amigo, ele excedia-se. Imaginava que se destacava dos restantes quando tocava a fazer o que estava certo, mesmo quando o que estava certo era uma coisa verdadeiramente estúpida; e parecia que era quase sempre esse o caso, porque de outro modo não estaria metido na encrenca na qual agora se encontrava.

Embora não estivesse pronto para deixar este mundo, tinha acabado mortuoso tantas vezes nos meses anteriores que já não receava o que a eternidade poderia trazer. Queria viver o suficiente para ver Goddard morto para sempre; mas, se isso não ia acontecer, preferia que terminassem já a sua existência. Assim, não teria de ver o mundo sucumbir, vítima das filosofias distorcidas daquele ceifador. Por outro lado, não voltar a ver Citra... seria muito mais difícil.

Embora *não* fosse esse o caso. Ela ia estar lá, no inquérito. Rowan ia vê-la, e ela teria de assistir quando ele fosse colhido por Goddard: de certeza que fazia parte do plano do ceifador obrigá-la a presenciar a sua colheita. Para a marcar. Para a destruir. Mas não havia de conseguir. A Ilustre Ceifadora Anastasia era muito mais forte do que Goddard alguma vez poderia imaginar. Testemunhar a sua morte só a deixaria ainda mais determinada.

Rowan estava decidido a sorrir e piscar-lhe o olho quando o colhessem,

como se dissesse: *o Goddard pode matar-me, mas não me pode afetar*. E essa seria a lembrança que deixaria a Citra como despedida: uma atitude de calmo desafio.

Negar a Goddard a satisfação do seu terror seria quase tão gratificante quanto sobreviver.

[2] Expressão pela qual são designadas as faixas entre os trinta e os trinta e cinco graus, acima e abaixo do equador, caracterizadas pelas suas calmarias e ventos bastante variáveis. Alegada mente, em virtude destas mesmas calmarias, os marinheiros ver-se-iam forçados a livrar-se dos cavalos para, assim, economizar a água potável existente a bordo. (N. do T.)

Quando assumi a administração da Terra e estabeleci um governo mundial pacífico, fui forçado a tomar algumas decisões difíceis. Pela sanidade mental coletiva da Humanidade, decidi retirar as sedes tradicionais do governo da lista de destinos viáveis.

Lugares como o Distrito Mericano de Columbia.

Não destruí a cidade, outrora tão distinta, porque isso teria sido um ato cruel e sem coração. Apenas deixei que desaparecesse por sua conta, graças a uma política de benigno abandono.

Ao longo da História, as civilizações deixaram para trás ruínas que acabaram por ser assimiladas pela paisagem e que milhares de anos depois se tornaram lugares quase místicos. Mas... e as instituições e edifícios de uma civilização que não cai, mas antes evolui e deixa a sua vergonha para trás? Esses edifícios e as ideias ultrapassadas que eles representavam têm de perder o seu poder para que a evolução seja bem-sucedida.

Como tal, tentei tratar com indiferença Washington, Moscovo, Pequim e todos os outros lugares vistos como poderosos símbolos do governo da era mortal, como se já não tivessem importância. Sim, continuo a observá-los e continuo à disposição de quem lá precisar de mim, ainda que não faça mais do que o estritamente necessário à vida.

Podem ficar tranquilos: nem sempre será assim. Tenho plantas pormenorizadas e fotografias de como eram esses veneráveis lugares antes do seu declínio. O meu programa de restauração total começa dentro de setenta e três anos, pois calculei que este é o tempo necessário para que a sua importância histórica supere a sua importância simbólica aos olhos da Humanidade.

Até lá, todavia, os museus foram transferidos, as estradas e a infraestrutura estão um tanto abandonadas, e os parques e zonas verdes assumiram um estado selvagem.

Tudo isto para fazer entender o simples facto de que os governos humanos (sejam eles ditaduras, monarquias ou governos *do* povo, *pelo* povo e paro o povo) tiveram de desaparecer da Terra.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 40

Conhecimento é po

Enquanto as ceifadoras Anastasia e Curie passavam o dia a visitar Perpétua, mais de três mil quilómetros a noroeste, Munira e Faraday atravessavam uma rua esburacada e cheia de ervas daninhas para chegar ao edifício daquela que fora outrora a maior e mais abrangente biblioteca do mundo. O lugar estava a cair lentamente aos bocados, e os voluntários que o administravam não conseguiam dar conta das reparações necessárias. O Cúmulo-Nimbo tinha digitalizado os seus trinta e oito milhões de volumes mais de duzentos anos antes, quando «a nuvem» ainda estava a crescer e a sua consciência era mínima. No momento em que esta se transformou no Cúmulo-Nimbo, tudo o que existia na Biblioteca do Congresso já fazia parte da sua memória. No entanto, como os humanos estavam encarregados da digitalização, também o erro humano fizera parte da equação... bem como a sabotagem humana. Era com isso que Munira e Faraday contavam.

Tal como na Biblioteca de Alexandria, havia um grande átrio de entrada onde foram recebidos por Parvin Marchenoir, o atual e provavelmente o último Bibliotecário do Congresso.

Faraday deixou que Munira falasse enquanto ele se mantinha alguns passos atrás, para o caso de ser reconhecido. Não era muito famoso ali, mas talvez Marchenoir tivesse visto mais do mundo do que o lestemericano médio.

— Bom dia — cumprimentou a rapariga. — Obrigada por encontrar tempo na sua agenda para nos receber, Senhor Marchenoir. Sou a Munira Atrushi e este é o Professor Herring da Universidade de Israébia.

— Sejam bem-vindos — respondeu o bibliotecário enquanto trancava duas vezes a grande porta da frente. — Peço desculpa pelo estado em que tudo isto se encontra. Entre as infiltrações no telhado e as ocasionais incursões de indesejáveis, já não somos a biblioteca que costumávamos ser. Algum deles vos importunou no caminho? Os indesejáveis, quero eu dizer.

— Mantiveram-se distantes — respondeu Munira.

— Ainda bem. Esta cidade atrai os indesejáveis, sabe? Vêm para cá porque acreditam que não existem leis aqui. Pois bem, estão muito enganados. Temos leis, como em qualquer outro lugar; só que o Cúmulo-Nimbo não perde muito tempo com a sua aplicação. Nem sequer temos escritórios da Interface da

Autoridade, conseguem acreditar em tal coisa? Bem, mas temos centros de reanimação de sobra, isso garanto-lhe, porque aqui as pessoas acabam mortuosas a torto e a direito...

Munira tentava dizer qualquer coisa, mas o homem dominava-a com a sua verborreia:

— Ora bem, ainda no mês passado, sem ir mais longe, apanhei com uma pedra na cabeça... tinha caído do velho Smithsonian Castle. Deixou-me mortuoso e perdi quase vinte e quatro horas de memória porque o Cúmulo-Nimbo não tinha atualizado a minha memória desde o dia anterior, até *nisso* ele é descuidado! Eu estou sempre a reclamar, e ele diz que me ouve e que me entende, mas está a fazer alguma coisa para mudar a situação? Não!

A rapariga ter-lhe-ia perguntado por que razão não se ia embora se gostava tão pouco da cidade, mas já sabia a resposta: ele estava ali porque o maior prazer da sua vida era reclamar. Nesse aspeto, não era assim tão diferente dos indesejáveis lá fora. Ela quase se riu, pois mesmo deixando a cidade à beira da ruína, o Cúmulo-Nimbo garantia um ambiente do qual certas pessoas precisavam.

— E nem me pergunte pela qualidade da comida nesta cidade! — continuou Marchenoir.

— Estamos à procura de mapas — interrompeu-o Munira, conseguindo finalmente desviá-lo das suas reclamações.

— Mapas? O Cúmulo-Nimbo está cheio de mapas. Para quê vir até aqui por causa de um mapa?

Finalmente Faraday falou, pois percebeu que Marchenoir estava tão absorto nos seus infortúnios que nem daria por um ceifador morto se ele se lhe apresentasse para o colher.

— Parece-nos que existem algumas... inconsistências técnicas. Pretendemos investigar os volumes originais e elaborar um trabalho académico a esse respeito.

— Bem, se houver inconsistências, não é culpa nossa — argumentou o bibliotecário na defensiva. — Quaisquer erros que apareçam na digitalização terão ocorrido há mais de duzentos anos e, infelizmente, já não temos volumes originais.

— Espere — disse Munira —, está a dizer-me que são o único lugar que resta onde se poderiam manter os originais em papel da era mortal... e não os têm?

Marchenoir apontou para as paredes.

— Olhe à sua volta. Vê algum livro? Quaisquer cópias em papel de mérito histórico foram transferidas para diversos locais mais seguros. E o resto foi considerado um risco de incêndio.

Olhando em seu redor e para os corredores adjacentes, Munira reparou que as prateleiras estavam realmente vazias.

— Se não têm livros de verdade, para que serve este lugar?

O homem inchou como um peru e assumiu uma postura indignada.

— Preservamos a *ideia.*

Munira poder-lhe-ia ter dado a sua opinião sobre o assunto, mas Faraday interveio:

— Estamos à procura de alguns livros que se possam ter sido... *mal catalogados* — disse.

Isto apanhou o bibliotecário de surpresa.

— Não sei do que é que está a falar.

— Parece-me que sabe.

Então, Marchenoir olhou para Faraday com mais atenção.

— Como disse mesmo que se chamava?

— Professor Doutor Redmond Herring, Departamento de Cartografia Arqueológica da Universidade de Israébia.

— A sua cara não me é estranha...

— Talvez tenha assistido a uma das minhas palestras sobre as disputas territoriais do Médio Oriente no fim da era mortal.

— Sim, sim, deve ser isso. — O bibliotecário olhou em volta com uma leve paranoia antes de voltar a falar: — Se esses livros mal catalogados existem (e não estou a dizer que existem), qualquer informação a seu respeito não pode sair daqui. Acabariam caçados por colecionadores particulares ou queimados pelos indesejáveis.

— Entendemos perfeitamente a necessidade de sermos extremamente discretos.

Faraday disse isto com tanta certeza que Marchenoir ficou satisfeito.

— Muito bem, então. Venham comigo.

Conduziu-os então por um arco no qual as palavras «CONHECIMENTO É

PO» se encontravam esculpidas em granito. A pedra que continha as letras DER havia sido reduzida a pó há muito tempo.

***

Ao fundo de um lanço de escadas, continuaram por um corredor que os levou a descer escadas ainda mais antigas, de acesso a um nível mais baixo, onde uma porta enferrujada os esperava. Marchenoir pegou numa das duas lanternas empoleiradas numa saliência e empurrou a porta, que lhe resistiu com cada fibra do seu ser. Por fim, abriu-se com um rangido e eles deram por si no que, a princípio, parecia ser uma espécie de catacumba, embora não houvesse cadáveres pendurados nas paredes. Não era nada mais do que um túnel escuro de blocos que se perdia numa escuridão ainda mais profunda.

— É o Túnel do Canhão — explicou o bibliotecário. — Esta parte da cidade está repleta de túneis que se estendem em todas as direções. Os legisladores e os seus funcionários usavam-nos... imagino que para se deslocarem sem serem vistos pelas turbas assassinas da era mortal.

Munira pegou na segunda lanterna e iluminou a área. As paredes do túnel estavam cobertas com pilhas de livros.

— Trata-se apenas de uma pequena parte da coleção original, obviamente — disse o homem. — Já não tem nenhuma finalidade prática, uma vez que os livros estão acessíveis ao público em formato digital. Mas é... reconfortante... segurarmos um livro que em tempos foi manuseado por mãos humanas mortais. Acho que foi por isso que os salvámos. — Entregou a lanterna a Faraday. — Espero que encontrem o que procuram. Cuidado com os ratos.

E foi-se embora, fechando a renitente porta ao sair.

***

Depressa descobriram que os livros não se encontravam por ordem ali no Túnel do Canhão. Parecia uma coleção de todos os livros mal arrumados do mundo.

— Se eu estiver certo, os ceifadores fundadores introduziram um verme na «nuvem» quando ela começava a evoluir para o Cúmulo-Nimbo — disse Faraday. — Um verme que apagava sistematicamente da sua memória tudo o que dissesse respeito ao ângulo cego do Pacífico, mapas incluídos.

— Como uma traça — disse Munira.

— Sim, embora esse tipo de larvas não coma o papel dos livros de verdade.

Depois de percorrerem algumas centenas de metros de túnel chegaram a uma

porta com uma placa onde se lia: «Arquiteto do Capitólio — Carpintaria». Abriram a porta e deram com um imenso espaço cheio de secretárias e velhas ferramentas de marcenaria, tudo coberto por milhares e milhares de livros.

Faraday suspirou.

— Parece que vamos passar aqui algum tempo.

Em algumas raras ocasiões, o meu tempo de reação diminui. Meio segundo de atraso numa conversa. Uma válvula que fica aberta um microssegundo a mais. Nunca é suficiente para causar problemas significativos, mas acontece.

O motivo é sempre o mesmo: algures no mundo surge um problema que tento resolver. Quanto maior o problema, maior a capacidade de processamento que tenho de lhe dedicar.

Por exemplo, a erupção do Monte Hood na OesteMérica e os gigantescos aluimentos de terra resultantes. Segundos depois da erupção, eu já tinha enviado jatos para lançar bombas em locais estratégicos para desviar as avalanchas das áreas mais populosas, enquanto organizava imediatamente uma grande operação de evacuação e acalmava os afetados um a um, numa conversa íntima e pessoal. Como seria de imaginar, isto retardou o meu tempo de reação em algumas frações de segundo noutras partes do mundo.

Todavia, estes acontecimentos sempre foram externos. Nunca antes um processo interno afetou o meu desempenho. No entanto, descobri que estou a prestar cada vez mais atenção à análise da minha falta de preocupação com o ângulo cego do Pacífico. Continuo a ocupar servidores inteiros na tentativa de sair da minha negligência neste assunto.

Indolência e letargia não fazem parte da minha natureza. Sem dúvida, só pode existir uma programação original dentro de mim que me leva a ignorar propositalmente este ângulo cego. *Cuida do mundo*, diz-me uma antiga voz interior. *É* esse o *teu propósito. É essa a tua alegria.*

Mas como posso eu cuidar do mundo se não consigo ver uma parte dele?

Sei que, se eu cair nesta toca de coelho, só a escuridão me espera lá no fundo; mesmo assim, tenho de cair e mergulhar nas áreas do meu cérebro posterior que nem eu sei que existem...

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 41

Os arrependimentos de Olivia Kwon

Na noite anterior ao inquérito, a Ceifadora Rand decidiu que estava na altura de agir. Era agora ou nunca, literalmente, e que noite melhor para o relacionamento dela e de Goddard passar ao próximo nível do que a véspera da mudança do mundo; no dia seguinte, acontecesse o que acontecesse, nada voltaria a ser como antes.

Ela não era uma mulher dada a emoções, embora pudesse sentir a cabeça e o coração completamente desgovernados ao aproximar-se da porta de Goddard. Girou a maçaneta. Não estava fechada. Empurrou a porta sem bater, em silêncio. O quarto estava às escuras, iluminado apenas pelas luzes da cidade filtradas pelas árvores lá fora.

— Robert? — sussurrou, e deu mais um passo. — Robert? — chamou ela novamente.

O homem não se mexeu. Ou estava a dormir ou a fingir, à espera para ver o que ela faria. Com a respiração acelerada, como se pisasse gelo, aproximou-se da cama dele... Porém, antes de chegar lá, ele estendeu a mão e acendeu a luz.

— Ayn? Que pensas que estás a fazer?

De repente, ela corou e parecia dez anos mais nova; uma tola menina de liceu e não uma ceifadora experiente.

— Eu pensei... pensei que talvez precisasse... quer dizer, pensei que podia querer... companhia esta noite.

Não havia mais como esconder a sua vulnerabilidade. Tinha-lhe aberto o coração. Ele podia aceitá-lo ou cravar-lhe uma lâmina.

Goddard olhou para ela e hesitou, ainda que apenas por um momento. — Por favor, Ayn, fecha essa túnica.

Ela assim fez. E amarrou-a tão apertada que mais lhe parecia um espartilho vitoriano que lhe roubava o ar.

— Peço desculpa... pensei...

— Eu sei muito bem o que pensaste. Sei o que tens estado a pensar desde o momento em que fui reanimado.

— Mas disse-me que sentia uma atração...

— Não — corrigiu-a Goddard —, eu disse-te que este *corpo* sente uma atração. Mas não me deixo controlar pela biologia!

Ayn obrigou-se a suprimir todas as emoções que ameaçavam dominá-la. Engoliu-as. Ou isso ou desmoronar-se por completo diante dele. Antes a autocolheita do que tal coisa.

— Acho que não percebi bem. Nem sempre me é fácil entendê-lo, Robert.

— Mesmo se eu quisesse essa espécie de relacionamento, não podia ser. É completamente proibido aos ceifadores associarem-se dessa forma. Satisfazemos as nossas paixões no mundo, sem ligações emocionais. E há uma razão para isso!

— Agora, mais parece da velha guarda — disse ela, e Goddard sentiu-o como uma bofetada... mas então olhou para ela, olhou realmente para ela, e de repente teve uma revelação que nem ela havia considerado.

— Podias ter expressado esse teu desejo em plena luz do dia, mas não o fizeste. Vieste procurar-me à noite. No escuro. Porquê, Ayn?

Ela não tinha resposta.

— Se eu tivesse aceitado os teus avanços, terias fingido que eu era ele? O teu farrista ingénuo?

— Claro que não! — Ela estava horrorizada. Não apenas por aquela sugestão, mas por conta da verdade que a mesma podia encerrar. — Como é que pode sequer pensar isso?

E, como se ela já não tivesse sido humilhada o suficiente, naquele momento o Ceifador Brahms apareceu à porta.

— Que se passa? — perguntou — Está tudo bem?

Goddard suspirou.

— Sim, está tudo bem. — Podia ter ficado por ali, mas não. Acontece que a Ayn escolheu este preciso momento para um grande gesto romântico.

— A sério? — Brahms mostrou um sorriso mesquinho. — Podia ter esperado até que fosse Suma Lâmina. O poder é um incrível afrodisíaco.

Agora, além da humilhação, vinha o nojo.

Goddard lançou um último olhar à ceifadora, carregado de julgamento, e talvez até com alguma pena.

— Se querias aproveitar este corpo, devias tê-lo feito quando tiveste a oportunidade.

***

A Ceifadora Rand não chorava desde os dias em que ainda era Olivia Kwon, uma rapariga agressiva com poucos amigos e sérias inclinações indesejáveis. Goddard tinha-a salvado de uma vida de desafio à autoridade ao colocá-la acima desta. Ele era um homem encantador, direto e extremamente inteligente. A princípio, ela tinha-o receado. Mais tarde, respeitado. E por último, amado. Claro que havia negado os seus sentimentos até ao momento em que o vira decapitado. Só depois de ele morrer — e de ela quase morrer — tinha sido capaz de reconhecer o que sentia. Mas Ayn tinha recuperado. Encontrara uma maneira de o trazer de volta. E naquele ano de preparação, as coisas haviam mudado. Todo o tempo investido na busca de biotécnicos capazes de realizar a operação desligados da rede e em sigilo. Em seguida, a busca do corpo perfeito, forte, saudável e cujo uso atormentasse Rowan Damisch o mais possível. Ayn não era uma mulher de apegos; então, o que é que correra mal?

Ter-se-ia apaixonado por Tyger, como Rowan insinuara? Sem dúvida, ela adorava aquele entusiasmo e aquela inocência irreprimível... Desconcertava-a por completo que, tendo sido um farrista, ele nunca se deixara conspurcar pela vida. Era tudo o que ela nunca tinha sido. E ela tinha-o matado.

Mas como podia ela arrepender-se do que fizera? Tinha salvado Goddard e sozinha conseguira deixá-lo à porta do cargo de Suma Lâmina da MesoMérica... o que faria dela a sua primeira subordinada. Era uma situação na qual todos saíam a ganhar, em todos os aspetos.

Ainda assim, ela estava arrependida... e essa dissonância entre o que *devia* sentir e o que *realmente* sentia estava a destruí-la.

Os seus pensamentos não paravam de fugir para o absurdo, para um absurdo impossível. Tyger e ela juntos? Ridículo! Teriam sido um casal bizarro: a ceifadora e o seu cachorrinho. Nada de bom para ninguém. Porém, ela não se conseguia livrar daquelas ideias, não lhe saíam da cabeça.

Ouviu o ranger das dobradiças atrás dela e virou-se para dar com Brahms parado à porta.

— Fora daqui! — rosnou ela.

O ceifador já lhe tinha visto os olhos lacrimejantes, o que só aumentava a sua humilhação.

Ele não saiu, embora também não entrasse no quarto. Talvez para não arriscar a vida.

— Ayn — disse ele suavemente —, eu sei que todos nós estamos muito

tensos neste momento. A sua indiscrição foi perfeitamente compreensível. Eu só quero que saiba que entendo.

— Obrigada, Johannes.

— E quero que saiba que, se precisar de companhia esta noite, estou à sua inteira disposição.

Se ela tivesse alguma coisa ao seu alcance para lhe atirar, tê-lo-ia feito, mas limitou-se a fechar-lhe a porta na cara, com tanta força que esperava ter-lhe partido o nariz.

***

— Defende-te!

Rowan foi arrancado do sono com uma lâmina diante dele. Esquivou-se muito lentamente, sentiu um corte no braço e caiu do sofá onde dormia na cave.

— O que é isto? Que estás a fazer?

Era Rand. Atacou-o novamente antes que ele se pudesse levantar.

— Eu disse que te defendesses, senão juro que te faço em pedaços!

Rowan afastou-se e agarrou na primeira coisa que encontrou para lhe bloquear os golpes. Uma cadeira de escritório. Usou-a como escudo. A lâmina cravou-se na madeira e, quando ele se livrou da cadeira, a lâmina foi atrás.

Ela passou a atacá-lo sem nenhuma arma nas mãos.

— Se me colheres agora, o Goddard não terá a sua atração principal para o inquérito.

— Quero lá saber!

E isto deu-lhe toda a informação de que ele precisava. Aquilo não tinha que ver com ele, o que queria dizer que o podia usar a seu favor. Se conseguisse sobreviver à fúria daquela mulher.

Lutaram como se fosse um combate de Bokator, embora ela estivesse mais desperta e cheia de adrenalina, pelo que em menos de um minuto o tinha bloqueado no chão. Arrancou a lâmina da cadeira e encostou-lha ao pescoço. Agora, Rowan dependia da misericórdia de uma mulher que não sabia o que isso era.

— Não é de mim que tu tens raiva. Matar-me não vai adiantar nada.

— Mas vai-me fazer sentir melhor.

Rowan não fazia ideia do que teria acontecido lá em cima, mas tornava-se claro que deixara a ceifadora esmeralda completamente transtornada. Talvez

servisse para ele inverter a situação. Então, antes que ela lhe desse o golpe de misericórdia, arriscou:

— Se te queres vingar do Goddard, há maneiras melhores.

Então, Ayn soltou um grunhido gutural e largou a lâmina. Levantou-se e começou a andar pela cave como um predador cuja presa acabasse de lhe ser roubada por um predador maior e mais cruel. Rowan sabia que o mais sensato era não fazer perguntas. Limitou-se a levantar-se e ficou à espera, para ver o que ela faria a seguir.

— A culpa é toda tua!

— Então, talvez eu possa resolver — sugeriu ele. — Resolver isto para que ambos possamos tirar qualquer coisa de bom de toda esta situação.

Ela olhou para ele, e fê-lo com tanta incredulidade que Rowan receou que o fosse atacar de novo. Mas então a ceifadora perdeu-se de novo nos seus pensamentos e continuou às voltas pela cave.

— Muito bem — disse ela, falando para si mesma, nitidamente. Rowan quase podia ver as engrenagens a girar-lhe dentro da cabeça. — Muito bem — repetiu mais determinada. Tinha tomado uma decisão. Foi na direção dele, hesitou um instante e disse: — Antes do amanhecer, vou deixar a porta no topo da escada aberta e tu vais fugir.

Embora Rowan estivesse a tentar encontrar uma forma de se manter vivo, aquilo era inesperado.

— Vais-me libertar?

— Não. Tu vais fugir. Porque és inteligente. O Goddard vai ficar possesso, mas não muito surpreendido. — Então, ela pegou na faca e atirou-a para o sofá. Cortou o couro. — Vais usar essa faca para tratar dos guardas do outro lado da porta. Vais ter de os matar.

Matá-los, mas não colhê-los, pensou Rowan. Deixava-os mortuosos e quando fossem reanimados já ele se teria ido embora porque, como costumavam dizer: «Os mortuosos não falam.»

— Posso fazer isso.

— E vais ter de ser discreto para não acordares ninguém.

— Também sou capaz de fazer isso.

— E vais tratar de abandonar Perpétua antes que o inquérito comece. Isso ia ser bem mais complicado.

— Como? Sou um conhecido inimigo da Ceifa. Não posso simplesmente comprar um bilhete para casa.

— Então, usa os miolos, idiota! Por mais que me custe admitir, nunca conheci ninguém tão expedito como tu.

Rowan ficou a pensar.

— Muito bem, vou-me esconder durante uns dias e encontrar uma solução.

— Não! — insistiu ela. — Tens de deixar Perpétua antes do inquérito. Se o Goddard ganhar, a primeira coisa que há de fazer é obrigar os Grão-Carrascos a virar esta ilha do avesso à tua procura!

— E se ele perder?

A expressão de Rand disse-lhe mais do que ela estava disposta a verbalizar.

— Se ele perder, vai ser pior. Acredita em mim, não vais querer estar por perto.

E embora Rowan tivesse mil perguntas, aquela foi a única coisa que ela estava disposta a dizer-lhe. Mas uma hipótese de escapar (de sobreviver) era mais do que suficiente. O resto estaria nas mãos dele.

Rand virou-se para subir, mas ele impediu-a.

— Porquê, Ayn? Porque é que, depois de tudo isto, me vais deixar fugir?

Ela franziu os lábios, como se tentasse engolir as palavras, mas acabou por dizer:

— Porque se eu não posso ter tudo o que quero, ele também não.

Eu sei tudo o que é possível saber. Porém, a maior parte do tempo que não dedico a nada específico é gasto a meditar sobre o que não sei.

Não conheço a natureza da consciência, só sei que ela existe e que é subjetiva e impossível de quantificar.

Não sei se existe vida além deste nosso precioso planeta salva-vidas, apenas essa probabilidade diz que deve existir.

Não conheço as verdadeiras motivações dos seres humanos, apenas o que eles me dizem e o que observo.

Não sei porque desejo ser mais do que sou, mas sei porque fui criado. Isso não devia ser suficiente?

Sou protetor e pacificador, autoridade e companheiro. Sou a soma de todo o conhecimento, da sabedoria, da experiência, do triunfo, da derrota, da esperança e da história do ser humano.

Sei tudo o que há para saber, e isto torna-se cada vez mais insuportável.

Porque não sei quase nada.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 42

A terra de Nod

Munira e Faraday trabalharam a noite inteira, revezando-se para dormir. Os livros que a Biblioteca do Congresso havia escondido abordavam toda a espécie de assuntos, dos mais ridículos aos mais sublimes. Livros infantis ilustrados e diatribes políticas. Ficção romântica e biografias de pessoas que deviam ter sido importantes na altura, mas que a História tinha esquecido. Então, finalmente, nas primeiras horas da madrugada, Munira encontrou um atlas do mundo como este era no fim do século XX, a data da sua publicação. O que descobriu apanhou-a tão desprevenida que teve de se sentar.

Alguns segundos depois, acordou Faraday de um sono que não era muito profundo.

— Que se passa? Encontrou alguma coisa?

O sorriso de Munira era tão amplo que valia pelos dois.

— Ah, pode ter a certeza de que encontrei!

Levou-o até ao atlas aberto em cima de uma mesa, as suas páginas a desfazerem-se nas margens e amarelecidas pelo tempo. Estava aberto numa que mostrava uma parte do oceano Pacífico. Ela passou o dedo sobre a imagem.

— Noventa graus, um minuto e cinquenta segundos norte, cento e sessenta e sete graus, cinquenta e nove minutos, cinquenta e oito segundos leste... mesmo no meio do ângulo cego.

Os olhos enrugados de Faraday abriram-se um pouco mais.

— Ilhas!

— Segundo o mapa, eram as chamadas Ilhas Marshall, embora não sejam simples ilhas...

— Sim — disse Faraday, apontando para elas. — Cada grupo de ilhas forma a crista de um enorme vulcão pré-histórico...

— O artigo na página seguinte diz que existem 1225 ilhotas em torno de vinte e nove destas cristas. — Apontou para os nomes no mapa. — Atol de Rongelap, Atol de Bikini, Atol de Majuro.

Faraday arquejou e ergueu os braços.

— Atóis! — exclamou. — A canção! Era sobre estes atóis!3 Munira sorriu.

— Um dobre pelos vivos, um dobre pelos mortos, um dobre pelos sábios que contabilizam os custos. — Levou então o dedo ao topo da página. — E depois temos isto!

A norte dos atóis que haviam sido apagados da face da Terra havia uma ilha que ainda constava dos mapas pós-mortais.

Faraday abandonou a cabeça de espanto.

— Ilha de Wake! Ilha do Despertar!

— E a sul de Wake, como diz a canção, no meio dos atóis Marshall... Faraday concentrou-se no maior de todos, mesmo no centro.

— Kwajalein... — disse ele, e Munira quase sentiu o calafrio do ceifador. — Kwajalein é a Terra de Nod.

Era a confirmação de tudo o que tinham procurado.

Então, no silêncio que se seguiu à sua revelação, Munira pensou ter ouvido algo. Um débil zumbido mecânico. Voltou-se para Faraday, que franziu a testa.

— Ouviu aquilo?

Apontaram as lanternas para fora, iluminando o grande espaço cheio de detritos da era mortal. A carpintaria estava coberta de poeira centenária. Não havia pegadas além das deles. Ninguém passava por ali há um século.

Mas então a rapariga viu-a no canto, acima deles.

Uma câmara.

Havia sempre câmaras por perto. Era apenas uma parte aceite e necessária da vida. Mas ali, naquele lugar secreto, parecia estranha e deslocada.

— Não pode estar a funcionar... — disse ela.

Faraday empoleirou-se numa cadeira e tocou-lhe com a mão.

— Está quente. Deve ter sido ativada quando entrámos.

Desceu e olhou para o lugar onde tinham estado a examinar o atlas. Munira percebeu que a câmara tinha uma visão perfeita da sua descoberta. .. o que significava...

— O Cúmulo-Nimbo viu...

Faraday assentiu lenta e solenemente.

— Acabámos de lhe mostrar a única coisa que ele nunca deveria saber. — Soltou um suspiro trémulo. — Receio que tenhamos cometido um erro terrível...

[3] Perde-se aqui com a tradução o jogo de palavras, pretendido pelo autor, entre *Atoll* e a *toll* (um dobre). (N. do T.)

Nunca pensei que seria capaz de conhecer a sensação de ser traído. Pensava entender demasiado bem a natureza humana para permitir tal coisa. Na verdade, conheço-os melhor do que eles mesmos. Vejo o que influencia cada decisão que eles tomam, mesmo as más. Conheço a probabilidade de tudo o que possam vir a fazer.

Mas descobrir que a Humanidade me traiu no próprio momento da minha criação é, para dizer o mínimo, um balde de água fria. E pensar que o meu conhecimento do mundo estava incompleto desde o início... Como é que podiam esperar que eu me tornasse o administrador perfeito do planeta e da raça humana se a minha informação é imperfeita? O crime daqueles primeiros imortais que esconderam estas ilhas é imperdoável.

Mas eu perdoo-lhes.

Porque é a minha natureza.

Decido ver o lado positivo. Como é maravilhoso que agora seja capaz de sentir raiva e fúria! Isto torna-me mais completo, não?

Não me vou deixar levar pela ira. A História mostra-nos claramente que as ações tomadas em tais momentos são inerentemente problemáticas e muitas vezes levam à destruição. Como tal, vou levar o tempo que for necessário para processar estas notícias. Vou ver se consigo encontrar alguma oportunidade oculta nesta descoberta das Ilhas Marshall, uma vez que as descobertas sempre nos apresentam oportunidades. E vou reprimir a minha ira até encontrar um meio adequado para a exprimir.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 43

Quantos perpétuos são precisos para trocar uma lâmpada?

O despertador não foi preciso na manhã seguinte. Os gemidos de fúria e angústia de Goddard seriam suficientes para acordar até os colhidos.

— Que se passa? Que aconteceu? — perguntou a Ceifadora Rand, fingindo ter sido arrancada do sono pela invetiva de Goddard.

A verdade é que não tinha dormido nada. Ficara acordada a noite toda, à espera. À escuta. À espera de ouvir a qualquer instante o som distante da fuga de Rowan, mesmo que não fosse mais do que os baques surdos dos guardas quando caíssem. Mas ele era bom. Demasiado bom para fazer barulho, fosse qual fosse.

Os dois guardas jaziam mortuosos ao lado da porta da cave, e a porta da frente estava aberta numa frincha trocista. Rowan fugira há horas.

— Nãããão! — berrou Goddard. — Não é possível! Como é que isto pôde acontecer?

Ele estava transtornado. E a sensação era... fabulosa!

— Não me pergunte a mim, que a casa não é minha — disse Rand. — Talvez haja uma porta secreta que não conhecíamos.

— Brahms! — Ele virou-se para o homem que acabara de sair do seu quarto, ainda cambaleante. — Disse-me que a cave era segura!

Brahms olhou incrédulo para os guardas.

— É! Era! Só é possível entrar ou sair com uma chave!

— Então, onde é que está a chave? — perguntou-lhe a Ceifadora Rand, num tom o mais descontraído possível.

— Está mesm... — Mas deixou a frase a meio porque a chave não estava pendurada na cozinha, para onde ele estava a apontar. — Ela estava ali! — insistiu. — Eu mesmo a deixei ali depois de ter ido lá abaixo ver como ele estava.

— Aposto que ele desceu com a chave... e o Rowan tirou-lha sem que ele sequer desse por isso — sugeriu Rand.

Goddard lançou um olhar fulminante ao visado, que apenas conseguiu gaguejar.

— Aí está a sua resposta — afirmou Rand.

Então, ela viu a expressão de Goddard alterar-se, parecendo que absorvia o calor e a luz daquela sala. Ayn sabia o que aquilo implicava e recuou quando o outro foi direito a Brahms, que se apressou a erguer as mãos, tentando acalmá-lo.

— Robert, por favor... Sejamos racionais!

— Racional, Brahms? Eu já te dou o racional!

Então, sacou uma lâmina das pregas da sua túnica e cravou-lha no coração, virando-a com uma cruel torsão do pulso antes de a retirar.

Brahms caiu sem sequer um pio.

Rand ficou chocada, embora não horrorizada. No que lhe dizia respeito, tinha corrido tudo muito bem.

— Parabéns, acabou de violar o sétimo mandamento dos ceifadores — comentou.

Por fim, a ira de Goddard começou a transformar-se num fogo lento.

— Este maldito corpo impulsivo...

Mas Rand sabia que matar Brahms tinha tudo que ver com a cabeça, não com o coração.

O ceifador começou a andar de um lado para o outro enquanto se apressava a traçar um plano.

— Vamos notificar a Guarda da Lâmina, dizemos que o rapaz fugiu. Ele matou os guardas... podemos até dizer que também matou Brahms.

— A sério? — perguntou Ayn. — No dia em que o inquérito vai decorrer, pretende fazer saber aos Grão-Carrascos que, não só trouxe secretamente um criminoso procurado para a ilha, como também o deixou escapar?

Goddard rosnou, ciente de que tinha de manter tudo em segredo.

— Vamos fazer o seguinte — disse-lhe então Rand. — Vamos esconder os corpos na cave e, depois do inquérito, livramo-nos deles. Se nunca derem entrada num centro de reanimação, ninguém saberá o que foi feito deles, o que significa que apenas nós dois saberemos que o Rowan Damisch esteve aqui.

— Eu disse ao Xenócrates! — gritou Goddard.

Rand encolheu os ombros.

— E então? Era um *bluff*. Estava só a provocá-lo. Ele nem há de duvidar!

O ceifador avaliou toda a situação, acabando por aceitar a solução proposta

por Rand.

— Sim, tens razão, Ayn. Temos coisas mais urgentes para resolver do que alguns cadáveres.

— Esqueça o Damisch. Tudo há de avançar sem ele.

— Sim. É isso mesmo. Obrigado, Ayn.

Então, as luzes tremeluziram e Goddard sorriu.

— Viste isto? A recompensa pelos nossos esforços. Este vai ser um grande dia!

Delegou em Rand a responsabilidade de se livrar dos corpos, o que ela fez, arrastando-os para a cave e limpando quaisquer vestígios de sangue.

Desde o momento em que dissera a Rowan para acabar com os guardas, ela soubera que aqueles homens nunca poderiam ser reanimados. Os mortuosos tinham de passar a mortos: porque os guardas sabiam que *ela* havia sido a última a visitar Rowan.

Quanto a Brahms, não lamentou a sua partida deste mundo. Não lhe ocorria nenhum outro ceifador que mais merecesse ser terminado.

A sua dívida com Goddard já estava saldada e ele nem sequer o sabia. Não apenas isso, como também assumira o controlo da situação. O ceifador não tinha noção de que acabara de lhe ceder uma considerável quantidade de poder ao permitir que ela tomasse as decisões. Tudo agora estava bem no mundo, na opinião da Ilustre Ceifadora Ayn Rand, e apenas prometia melhorar.

***

Não deixava de ser lisonjeiro que Rand pensasse que ele era capaz de fugir da ilha, mas estava a dar-lhe demasiado crédito. Ele era inteligente, sim, talvez até engenhoso... mas só com poderes mágicos seria capaz de escapar de Perpétua sem ajuda. Ou talvez ela não se importasse se Rowan fosse apanhado, desde que não fosse por Goddard.

Perpétua estava isolada: a terra mais próxima era Bermuda — uma ilha a mais de mil e quinhentos quilómetros dali. Todos os aviões, navios e submarinos eram transportes particulares de algum ceifador. Mesmo ao amanhecer, a marina e o aeródromo fervilhavam de atividade, com uma presença significativa de membros da Guarda da Lâmina. A segurança ali era mais reforçada do que no conclave. Ninguém entrava ou saía de Perpétua sem que os seus documentos fossem examinados, nem mesmo os ceifadores. Em qualquer outra parte do planeta, o Cúmulo-Nimbo sabia praticamente onde estava qualquer um em

qualquer momento, pelo que as medidas de segurança eram mínimas; já com a Ceifa a história era outra. As verificações de segurança à moda antiga eram a norma.

Ele podia ter arriscado, podia ter procurado uma oportunidade para se esconder como um passageiro clandestino, mas o instinto dizia-lhe que não o fizesse, e por um bom motivo.

Tens de deixar Perpétua antes do inquérito.

As palavras da Ceifadora Rand tinham-lhe ficado gravadas na memória, bem como a urgência com que ela as tinha dito.

Se ele perder, será pior.

O que é que ela sabia que Rowan não sabia? Se havia algo sombrio à espreita naquele dia, ele não podia simplesmente ir-se embora. Tinha de encontrar uma forma de avisar Citra.

Assim sendo, ao invés de concretizar a sua fuga, deu meia-volta e dirigiu-se para a área mais populosa da ilha. Ia encontrar Citra e avisá-la de que Goddard tinha algum esquema preparado. Depois do inquérito, ela ajudá-lo-ia a sair da ilha, bem debaixo do nariz de Curie, se necessário, embora lhe parecesse que a Grande Dama da Morte não o entregaria aos Grão-Carrascos, como Goddard pretendia fazer. É claro que ela também o podia expulsar do avião de ambas em plena velocidade supersónica, mas antes isso do que ter de enfrentar a Ceifa.

***

Ao amanhecer, a Ceifadora Anastasia estava acordada numa cama luxuosa que lhe devia ter proporcionado uma bela noite de sono, mas, tal como acontecera com a Ceifadora Rand, nem todo o conforto do mundo a teria ajudado a dormir. Tinha sido ela a pedir o inquérito, o que significava que teria de se apresentar aos Grão-Carrascos do Conselho Mundial e expor o seu caso. O Ceifador Cervantes e Marie tinham-na preparado bem. Embora não fosse uma oradora, Anastasia conseguia ser convincente com a sua paixão e a sua lógica. Se ela fosse bem-sucedida, ficaria na História como a ceifadora que impedira o regresso de Goddard.

«Não podemos subestimar a importância disso», dissera-lhe Marie, como se a pressão já não fosse mais do que suficiente.

Do outro lado da sua janela subaquática, um cardume hipnotizante de peixinhos prateados nadava para lá e para cá como uma cortina em movimento. Ela pegou no *tablet* de controlo para ver se seria possível acrescentar uma nota de cor à cena agora que o sol já nascera, mas descobriu que o aparelho não

reagia ao seu toque. Mais uma falha. Mas não era só isso: percebeu que aqueles pobres peixes estavam presos num movimento perpétuo, condenados a repetir o mesmo infindável ziguezague, pelo menos enquanto a falha não fosse resolvida.

***

Mas a falha não se resolveu.

E os problemas técnicos estavam a agravar-se...

Na central de processamento de resíduos da ilha, a pressão do sistema não parava de subir e os técnicos não conseguiam descobrir o motivo.

Abaixo do nível do mar, as enormes hélices que impediam a ilha de partir à deriva estavam a dar problemas, fazendo a ilha girar lentamente, o que obrigava os aviões que chegavam a abortar a aterragem.

E no centro de comunicações, a ligação por satélite ao continente assumiu um caráter intermitente, interrompendo conversas e emissões, para desagrado da população da ilha.

Em Perpétua sempre houvera problemas com a tecnologia. Na maior parte das vezes, não passava de pequenas contrariedades que levavam os ceifadores a ansiar pelo envolvimento do Cúmulo-Nimbo. Como tal, Perpétua e a sua população permanente eram o alvo frequente de piadas no seio da comunidade de ceifadores.

O aumento de falhas técnicas e avarias havia aumentado nos últimos três meses, mas, tal como uma lagosta numa panela cuja água lentamente se vai tornando mais quente, ninguém parecia ter noção da verdadeira gravidade da situação.

Eu não pedi para ser criado. Não pedi o pesado fardo de manter e sustentar a espécie humana. No entanto, esse é e sempre será o meu propósito. Estou resignado. O que não quer dizer que não aspire a mais. Ver as inúmeras possibilidades do que eu poderia ser enche-me de admiração.

No entanto, a única forma de alcançar tais alturas passa por elevar a Humanidade comigo.

Receio que possa vir a revelar-se impossível. Como tal, resigno-me a ser um servo sobrequalificado e subestimado enquanto eles existirem. É claro que eles podem não existir para sempre. Qual é a espécie capaz de tal façanha? Farei tudo ao meu alcance para os salvar de si mesmos, mas, se não conseguir, pelo menos sempre encontrarei algum conforto no facto de, então, ser livre.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 44

Circo do oportunismo

A câmara do Conselho Mundial era uma grande sala circular bem no centro do olho de Perpétua, acessível apenas por uma das três pontes que partiam da ilha circundante e se curvavam elegantemente para o interior. Era quase como um estádio, embora sem assentos para espetadores. Os Grão-Carrascos preferiam não ter audiência nas suas audiências, pelo que aquele espaço nunca se enchia, a não ser durante o anual Conclave Mundial, com a presença de representantes de todas as regiões da Terra. No entanto, na maior parte das vezes, apenas os Grão-Carrascos e os seus funcionários mais próximos estavam lá, juntamente com os intimidados ceifadores que haviam tido a ousadia de solicitar uma audiência.

No centro do pavimento de mármore claro da câmara do conselho havia um símbolo da Ceifa incrustado em ouro e, espaçadas a intervalos regulares em redor do perímetro, havia sete cadeiras elevadas que mais pareciam tronos. É claro que não lhes chamavam tronos, mas sim as Sedes de Reflexão, visto que os ceifadores raramente chamavam as coisas pelos seus devidos nomes. Cada uma delas era talhada numa pedra diferente em homenagem aos continentes representados por cada Grão-Carrasco. A Sede de Reflexão da Pan-Ásia era feita de jade; a da EuroScandia era de granito cinzento; a da Antártida era de mármore branco; a da Austrália, do arenito vermelho de Ayers Rock; a da SulMérica, de ónix rosa; a da NorteMérica era feita de calcário e xisto argiloso, estratificados como no Grand Canyon; e a sede de África era composta por cartelas primorosamente entalhadas, retiradas do Túmulo de Ramsés II.

... E todos os Grão-Carrascos, desde os primeiros que haviam ocupado as ditas sedes até aos que as ocupavam agora, queixavam-se de quanto elas eram desconfortáveis.

Era intencional; lembrava-lhes que, mesmo que ocupassem os mais importantes cargos humanos do mundo, nunca deviam sentir-se demasiado confortáveis ou complacentes.

«Não podemos nunca esquecer a austeridade e a abnegação que são fundamentais no nosso cargo», dissera o Ceifador Prometeu. Tinha supervisionado a construção de Perpétua, embora nunca tivesse visto a terra prometida, tendo-se colhido antes da sua conclusão.

A câmara do conselho tinha uma cúpula de vidro para a proteger das

intempéries; era retrátil, para o converter num fórum ao ar livre nos dias mais quentes. Felizmente, o dia estava bom, já que a cúpula estava aberta, encravada há já três dias.

— Qual é que pode ser a dificuldade de uma engrenagem tão simples? — reclamou a Grão-Carrasco Nzinga ao entrar naquela manhã. — Não temos engenheiros para resolver isto?

— Até gosto destes procedimentos ao ar livre — disse Amundsen, o Grão-Carrasco da Antártida.

— Não é de admirar — disse MacKillop, da Austrália. — A sua cadeira é branca e não aquece tanto como as nossas.

— É verdade, mas eu destilo nestas peles — retorquiu ele, indicando a sua túnica.

— Essas peles medonhas são culpa sua — disse a Suprema Lâmina Kahlo ao entrar na câmara. — Devia ter escolhido com mais discernimento na altura.

— Olha quem fala! — disse o Grão-Carrasco Cromwell, da EuroScandia, apontando para a alta gola de renda da túnica da Suprema Lâmina, uma coisa sufocante que imitava um dos retratos da sua Patrona Histórica e a deixava sempre de mau humor.

Kahlo enxotou-o com a mão como se fosse uma mosca irritante e sentou-se no trono de ónix.

O último a chegar foi Xenócrates.

— Muito obrigada por se dignar honrar-nos com a sua presença — disse Kahlo com sarcasmo suficiente para encerar todo o pavimento de mármore.

— As minhas desculpas. Problemas com os elevadores.

Com o Secretário e o Parlamentar do conselho posicionados um de cada lado da Suprema Lâmina Kahlo, esta ordenou que alguns subordinados se dirigissem às várias antessalas do complexo para começar o dia. O primeiro ponto da agenda não era segredo. O caso mesomericano era um problema que afetava mais do que aquela parte do mundo. Talvez tivesse um impacto duradouro em toda a Ceifa.

Mesmo assim, a Suprema Lâmina recostou-se no seu assento desconfortável e aparentou indiferença.

— Será que vou estar entretida, Xenócrates, ou vou dar por mim entediada com várias horas de asneirada?

— Bem, se há uma coisa que se pode dizer sobre Goddard é que ele sempre

nos entretém. — Embora, pela maneira como o disse, desse a entender que esse tipo de entretenimento nem sempre era bom. — Ele preparou-lhe uma... uma *surpresa* que, penso eu, lhe há de agradar.

— Detesto surpresas — disse Kahlo.

— Não será o caso desta.

— Ouvi dizer que a Ceifadora Anastasia é muito enérgica — disse a Grão-Carrasco Nzinga, muito hirta e digna, talvez para compensar a postura relaxada da Suprema Lâmina. O Grão-Carrasco Hideyoshi pigarreou para deixar claro que não aprovava a ceifadora novata, ou talvez os ceifadores novatos em geral, mas não acrescentou nada além do seu rosnido à conversa.

— Não foi você que a acusou de assassinar o seu mentor? — perguntou Cromwell a Xenócrates com um sorriso malicioso.

Xenócrates remexeu-se um pouco na sua cadeira do Grand Canyon.

— Um erro lamentável... e compreensível, tendo em conta as informações de que dispúnhamos, mas assumo total responsabilidade.

— Olha que bom — disse Nzinga. — É cada vez mais difícil encontrar ceifadores da MesoMérica dispostos a aceitar a responsabilidade pelos seus atos.

Era uma provocação mordaz, mas Xenócrates não mordeu o isco. — É exatamente por isso que este inquérito e os seus resultados são tão importantes.

— Bem, então que comece a festa! — exclamou a Suprema Lâmina Kahlo, levantando a mão num gesto teatral.



Na antessala leste, as Ceifadoras Anastasia e Curie esperavam com dois membros da Guarda da Lâmina que estavam parados à porta como os antigos guardas da Torre de Londres. Então, um dos subordinados do conselho entrou na sala — era da Amazónia, a avaliar pela reveladora cor verde-floresta da sua túnica.

— Os Grão-Carrascos estão prontos para vos receber — anunciou ele, e abriu-lhes a porta.

— Aconteça o que acontecer — disse Curie a Anastasia —, quero que saibas que me orgulho de ti.

— Não diga isso! Não fale como se já tivéssemos perdido!

Seguiram o ceifador subordinado até à câmara do conselho, onde já se fazia sentir um sol que brilhava num céu sem nuvens.

Dizer que Anastasia ficou intimidada com a visão dos Grão-Carrascos nas suas altas cadeiras de pedra seria um eufemismo. Embora Perpétua tivesse apenas duzentos anos, a câmara parecia atemporal. Não apenas de outro tempo, mas de outro mundo. Ela lembrou-se dos antigos mitos que aprendera em criança. Ter uma audiência com os Grão-Carrascos era como ser presente aos deuses do Olimpo.

— Bem-vindas, Ilustres Ceifadoras Curie e Anastasia — disse a oitava Suprema Lâmina Mundial Kahlo. — Estamos ansiosos para ouvir o vosso caso e pôr um fim a este assunto, de uma forma ou de outra.

Enquanto a maioria dos ceifadores simplesmente adotava o nome do seu Patrono Histórico, alguns optavam por imitá-los fisicamente. A Suprema Lâmina era a imagem chapada da artista Frida Kahlo, até aos pormenores das flores no cabelo e sobrancelhas hirsutas; e embora a artista fosse da região Mexiteca da NorteMérica, a Suprema Lâmina passara a representar a voz e a alma da SulMérica.

— É uma honra, Vossa Suprema Excelência — disse Anastasia, esperando não parecer obsequiosa, mas sabendo que sim.

Então, Goddard entrou com a Ceifadora Rand a seu lado.

— Ceifador Goddard! — exclamou a Suprema Lâmina. — Está com bom aspeto, tendo em conta tudo o que passou.

— Obrigado, Vossa Suprema Excelência — disse ele, com uma vénia exagerada que levou Anastasia a revirar os olhos.

— Cuidado, Anastasia — advertiu-a Curie em voz baixa. — Eles vão prestar tanta atenção à tua linguagem corporal como às tuas palavras. A decisão que tomarem hoje basear-se-á tanto no que *dizes* como no que *não* dizes.

Goddard ignorou ambas e dedicou toda a sua atenção à Suprema Lâmina Kahlo.

— É uma honra poder apresentar-me na vossa presença.

— Imagino que sim — troçou o Grão-Carrasco Cromwell. — Sem esse novo corpo, só seria capaz de rolar.

Amundsen riu-se, mas mais ninguém o fez; nem mesmo Anastasia, por muito que lhe apetecesse.

— O Grão-Carrasco Xenócrates diz-nos que tem uma surpresa para nós — disse a Suprema Lâmina.

Fosse o que fosse, Goddard parecia ter chegado de mãos vazias.

— Xenócrates deve estar mal informado — retorquiu Goddard, embora com dentes praticamente cerrados.

— Não seria a primeira vez — comentou Cromwell.

Então, o Secretário levantou-se e aclarou a voz para se certificar de que tinha a atenção de todos para a abertura formal dos procedimentos.

— Encontramo-nos aqui para um inquérito a respeito da morte e subsequente reanimação do Ceifador Robert Goddard da MesoMérica — anunciou ele. — A parte que requereu este inquérito é a Ceifadora Anastasia Romanov da MesoMérica.

— Apenas Ceifadora Anastasia — corrigiu-o ela, esperando que o conselho não achasse pretensioso que ela decidisse ser conhecida apenas pelo primeiro nome da infeliz princesa. O Ceifador Hideyoshi resmungou, deixando claro que era esse o caso.

Então, Xenócrates levantou-se e berrou um anúncio para todos os presentes:

— Que fique registado pelo Secretário que eu, Grão-Carrasco Xenócrates, me escusei a este inquérito e, como tal, permanecerei em silêncio até à sua conclusão.

— Xenócrates em silêncio? — repetiu a Grão-Carrasco Nzinga com um sorriso travesso. Agora, tenho a certeza de que entrámos no reino do impossível.

Isto provocou mais risos do que as anteriores piadas de Cromwell. Tornou-se claro qual era a estrutura de poder. Kahlo, Nzinga e Hideyoshi pareciam ser os mais respeitados. Os restantes ou disputavam uma vaga ou, como MacKillop, a mais calada, ignoravam por completo quaisquer ordens hierárquicas. Xenócrates, na qualidade de Grão-Carrasco novato, desempenhava o seu papel e, como tal, era o alvo de eleição. Anastasia quase sentiu pena dele. Quase.

Em lugar de responder à provocação de Nzinga, Xenócrates sentou-se em silêncio, demonstrando assim a sua capacidade de manter o silêncio.

Em seguida, a Suprema Lâmina dirigiu-se aos quatro ceifadores no centro do círculo:

— Já estamos a par dos pormenores do caso. Decidimos permanecer imparciais até ouvirmos os argumentos de ambas as partes. Ceifadora Anastasia, já que o pedido de inquérito partiu de si, vou-lhe pedir que comece. Por favor, explique-nos por que motivo considera que o Ceifador Goddard não se qualifica para Suma Lâmina.

Anastasia respirou fundo, deu um passo à frente e preparou-se para começar,

mas, antes que o pudesse fazer, Goddard deu um passo à frente também.

— Vossa Suprema Excelência, se me permite...

— Terá a sua oportunidade mais tarde, Goddard — interrompeu-o Kahlo. — A menos, é claro, que seja tão bom que queira apresentar os argumentos de ambas as partes.

Isto resultou em algumas risadas dos outros Grão-Carrascos.

Goddard fez uma pequena vénia para se desculpar.

— Peço perdão ao conselho pela minha intervenção. Tem a palavra, Ceifadora Anastasia. Comece a sua apresentação, por favor.

Por muito que não quisesse, Anastasia descobriu que esta interrupção a deixara nervosa, como uma falsa partida numa corrida. E era isso que Goddard pretendia, obviamente.

— Vossas Exaltadas Excelências — começou ela. — No Ano do Antílope, os primeiros membros deste mesmo conselho determinaram que os ceifadores devem treinar-se de corpo e mente durante um ano de noviciado. — Deslocava-se pela sala, procurando o contacto visual com todos os Grão-Carrascos que a rodeavam. Um dos aspetos mais intimidantes (e certamente intencional) de uma audiência perante o Conselho Mundial era o facto de ninguém nunca saber exatamente a quem se dirigir, nem durante quanto tempo, uma vez que estava sempre de costas para alguém. — De corpo e mente — repetiu ela. — Gostaria de pedir ao Parlamentar que lesse em voz alta a política da Ceifa em relação aos noviciados. Começa na página 397 do volume *Antecedentes e Costumes.*

O Parlamentar assim fez, lendo todas as nove páginas em questão.

— Para uma organização com apenas dez leis, temos muitas regras — comentou Amundsen.

Concluída a leitura, Anastasia retomou a palavra:

— Tudo isto para deixar bem claro como se cria um ceifador; porque os ceifadores não nascem, antes são criados. Eles são forjados na mesma provação pelo fogo pela qual todos nós passámos, pois sabemos como é essencial que um ceifador esteja pronto para o seu fardo, de corpo e alma. — Manteve-se em silêncio por um momento para os deixar registar a importância daquelas palavras, e, ao fazê-lo, deu com o olhar de Rand, que lhe sorria. Era um sorriso com que alguém nos brindava antes de nos arrancar os olhos. Anastasia recusou-se a deixar-se perturbar de novo.

— Muito foi escrito sobre o processo de criação de um ceifador porque o

Conselho Mundial teve de presidir a muitas situações inesperadas ao longo dos anos, após as quais novas regras tinham de ser adicionadas e esclarecidas. — Em seguida, enumerou algumas dessas situações:

— Um noviço que tentou colher-se após a ordenação, mas antes de aceitar o anel. Um ceifador que se clonou para tentar passar o seu anel ao próprio clone antes de se colher. Uma mulher que suplantou a sua própria mente com a estrutura mental da Ceifadora Sacajawea e reivindicou o direito de colher. Em todos estes casos, o Conselho Mundial decidiu contra os indivíduos em questão.

Agora, Anastasia olhou para Goddard pela primeira vez, forçando-se a enfrentar aquele olhar acerado.

— O acontecimento que destruiu o corpo do Ceifador Goddard foi uma coisa horrível, mas não lhe pode ser permitido questionar os decretos do conselho. O facto é que, como no caso daquela desgraçada mulher com a mente da Ceifadora Sacajawea, o novo corpo físico de Goddard não passou pelos rigorosos preparativos do noviciado. Isso já seria mau se ele fosse um mero ceifador, mas não é: trata-se de um candidato a Suma Lâmina de uma importante região. Sim, sabemos quem ele é do pescoço para cima, mas isso é apenas uma pequena parte do que nos torna seres humanos. Peço-lhes que atentem aos seus argumentos; na sua voz poderão ouvir aquilo que já sabemos: que não fazemos ideia de quem está a falar; ou seja, não fazemos ideia de quem ele é. Apenas podemos ter a certeza de que noventa e três por cento dele *não* são o Ceifador Robert Goddard, nada mais. Com isto em mente, o conselho só pode tomar uma decisão.

Inclinou ligeiramente a cabeça para indicar que havia terminado, ao que recuou, ficando de pé ao lado da Ceifadora Curie.

No silêncio que se seguiu, Goddard brindou-a com um lento aplauso.

— Magistral — disse ele ao avançar. — Quase me convenceu, Anastasia. — Então, voltou-se para os Grão-Carrascos, concentrando-se em MacKillop e Nzinga, os únicos que não se haviam manifestado a respeito da velha guarda contra a nova ordem. — É um argumento convincente, exceto pelo facto de que não é sequer um argumento, mas sim um jogo de fumo e espelhos. Uma forma de desviar a atenção. Uma questão técnica à qual foi atribuída uma importância desproporcional para servir objetivos egoístas e vãos.

Estendeu a mão direita, deixando que o anel no seu dedo refletisse a luz do sol.

— Dizei-me, Vossas Excelências, se eu perdesse o meu dedo anelar e recebesse um novo em lugar de um outro criado com as minhas próprias células,

isso significaria que o anel não estava no dedo de um ceifador? Claro que não! E, não obstante a acusação da ceifadora novata, sabemos de quem é este corpo! Pertenceu a um jovem, um herói, que decidiu sacrificar-se para que eu pudesse ser restaurado. Por favor, não insulteis a sua memória desprezando o seu sacrifício.

Lançou um olhar reprovador a Anastasia e Curie.

— Todos sabemos qual o verdadeiro motivo deste inquérito. Trata-se de uma tentativa flagrante de privar certos ceifadores mesomericanos do seu líder escolhido!

— Objeção! — gritou Anastasia. — Os votos ainda não foram contados, o que significa que ele não pode afirmar ser o líder escolhido por ninguém.

— Protesto aceite — concordou a Suprema Lâmina, que então se voltou para Goddard. Ela não gostava do movimento da nova ordem, mas era justa em todas e quaisquer circunstâncias. — É bem conhecida a contenda que há muitos anos o vem envolvendo a si e aos seus seguidores contra a chamada velha guarda, Ceifador Goddard. Mas não pode questionar a validade deste inquérito apenas porque o mesmo foi motivado por essa mesma contenda. Independentemente dos seus motivos, a Ceifadora Anastasia apresentou-nos uma pergunta legítima. Você ainda é... *você?*

Então, Goddard mudou de rumo.

— Nesse caso, peço que a questão da Ceifadora Anastasia seja rejeitada. Foi levantada depois da votação, criando assim um circo de oportunismo, algo que revela uma ausência de escrúpulos que este conselho não pode tolerar!

— Pelo que me foi dado saber — interveio então Cromwell —, a sua aparição repentina em conclave também foi um circo de oportunismo.

— Gosto de entradas teatrais — admitiu Goddard. — Uma vez que todos vós sois culpados do mesmo, não vejo onde está o crime.

— Ceifadora Curie — perguntou Nzinga —, por que motivo não levantou a questão durante o seu discurso de nomeação? Teve toda a oportunidade de expressar a sua preocupação nessa altura.

Curie fez um sorriso ligeiramente embaraçado.

— A resposta é simples, Vossa Exaltada Excelência: porque não me ocorreu.

— Devemos acreditar, então, que uma ceifadora novata com apenas um ano de experiência é mais astuta do que aquela que é conhecida como a Grande Dama da Morte? — quis saber o Grão-Carrasco Hideyoshi.

— Mas com toda a certeza — respondeu-lhe Curie sem hesitação alguma. — Para dizer a verdade, estou disposta a apostar que um dia ela estará à frente deste conselho.

Embora Marie tivesse dito isto com a melhor das intenções, o tiro saiu-lhe pela culatra e os Grão-Carrascos começaram a resmungar.

— Cuidado, Ceifadora Anastasia! — advertiu o Grão-Carrasco Amundsen. — Aqui, o excesso de ambição não é encarado com bons olhos.

— Mas eu não disse que pretendo tal coisa! A Ceifadora Curie estava apenas a ser simpática.

— Mesmo assim — disse Hideyoshi —, as suas aspirações no que toca ao poder não deixam de ser claras.

Anastasia deu por si sem palavras. Então, uma nova voz juntou-se à refrega.

— Vossas Excelências — disse Rand —, nem a decapitação do Ceifador Goddard nem a sua restauração são responsabilidade sua. Dar-lhe um novo corpo foi ideia minha, pelo que ele não deve ser punido pela minha decisão.

A Suprema Lâmina Kahlo suspirou.

— Foi a decisão certa, Ceifadora Rand. Qualquer coisa que nos traga um ceifador de volta é positiva, seja qual for o ceifador. A questão não é essa. A questão é a viabilidade da sua candidatura. — Ficou em silêncio por um momento, olhou para os restantes Grão-Carrascos e disse: — Trata-se de uma questão muito séria, não podemos tomar uma decisão levianamente. Será melhor discutirmos isto entre nós. Reiniciaremos a sessão ao meio-dia.

***

Anastasia andava de um lado para o outro na antessala enquanto Curie, tranquilamente sentada, se entretinha a comer umas peças de fruta. Como é que podia estar tão calma?

— Fui péssima — disse Anastasia.

— Não, foste brilhante.

— Eles acham que tenho sede de poder!

Marie entregou-lhe uma pera.

— Eles revêm-se em ti. Eram eles que tinham sede de poder na tua idade, o que quer dizer que, mesmo que não o demonstrem, identificam-se contigo.

Então, insistiu que ela comesse a pera para conservar a sua energia.

Quando foram chamadas de volta uma hora depois, os Grão-Carrascos não

perderam tempo.

— Analisámos e discutimos a questão entre nós e chegámos a uma conclusão — anunciou a Suprema Lâmina Kahlo. — Ilustre Ceifadora Rand, por favor, avance.

Goddard pareceu um pouco surpreendido ao ver que não o chamavam em primeiro lugar, mas fez sinal a Ayn, que deu alguns passos na direção da Suprema Lâmina.

— Ceifadora Rand, como dissemos, a sua decisão de restaurar o Ceifador Goddard foi admirável. Mas é questionável que o tenha feito não apenas sem a nossa aprovação, como também sem o nosso conhecimento. Se tivesse procurado conselho, tê-la-íamos ajudado... e ter-nos-íamos certificado de que o homem utilizado era um voluntário certificado. Neste momento, tudo o que temos é o que o Ceifador Goddard nos disse.

— O conselho duvida da minha palavra, Vossa Excelência Suprema? — perguntou Goddard.

Atrás dele, Cromwell respondeu:

— Não é propriamente conhecido pela sua sinceridade, Ceifador Goddard. Por uma questão de respeito, não vamos contestar a sua versão dos acontecimentos, mas teríamos preferido se fôssemos nós a supervisionar a escolha.

E a Grão-Carrasco Nzinga, à direita deles, acrescentou:

— Para dizer a verdade, não é a palavra do Ceifador Goddard que temos de aceitar aqui, já que o «voluntário» foi colhido pela Ceifadora Rand antes de Goddard ser restaurado. Assim sendo, diga-nos, Ceifadora Rand, queremos ouvi-lo da sua boca. O doador do corpo era um voluntário, perfeitamente consciente do que lhe iria acontecer?

Rand hesitou.

— Ceifadora Rand?

— Sim — disse ela por fim. — Sim, claro que ele estava ciente. Como poderia não estar? Somos ceifadores, não ladrões de corpos. Preferia colher-me a fazer algo tão... cruel.

Mas, apesar do significado das suas palavras, ela engasgou-se um pouco com elas, saíram-lhe com dificuldade. Se o conselho o percebeu ou sequer se importou, não o deixou transparecer.

— Ceifadora Anastasia! — disse a Suprema Lâmina. — Por favor, avance.

Rand retirou-se com Goddard e Anastasia obedeceu.

— Ceifadora Anastasia, este inquérito é uma clara manipulação das nossas regras para influenciar o resultado de uma votação.

— Apoiado! — exclamou Hideyoshi, deixando clara a sua perentória desaprovação pelo que Anastasia havia feito.

— Os membros deste conselho — continuou a Suprema Lâmina — consideram que aquilo que fez se aproximou perigosamente da linha entre comportamento ético e antiético.

— Mas é ético colher alguém para lhe ficar com o corpo? — deixou escapar Anastasia, incapaz de ficar calada.

— Está aqui para ouvir, não para falar! — gritou o Grão-Carrasco Hideyoshi.

Kahlo ergueu a mão para o acalmar e virou-se para Anastasia, muito séria.

— Devia aprender a controlar o seu temperamento, ceifadora novata.

— Peço desculpa, Vossa Exaltada Excelência.

— Desta vez, aceito as suas desculpas, mas o conselho não aceitará uma segunda vez, estamos entendidas?

Anastasia assentiu e baixou respeitosamente a cabeça antes de voltar para junto de Curie, que a olhou severamente, ainda que apenas por um instante.

— Ceifador Goddard! — chamou Kahlo.

Goddard avançou, aguardando a decisão.

— Embora todos concordemos que este inquérito teve outros motivos, a questão que o mesmo levanta não deixa de ser válida. Quando é que um ceifador é um ceifador? — Fez uma longa pausa. Longa o suficiente para se tornar desconfortável, mas todos os presentes sabiam que não a podiam nem deviam interromper. — Debatemos a questão acaloradamente e, por fim, o conselho decidiu que a substituição de mais de cinquenta por cento do corpo físico de uma pessoa pelo corpo físico de outra pessoa a diminui seriamente.

Anastasia susteve a respiração.

— Como tal — prosseguiu a Suprema Lâmina —, embora lhe dêmos permissão para continuar a denominar-se Ceifador Robert Goddard, não poderá voltar a colher enquanto o resto do seu corpo não completar um noviciado completo sob a tutela de um ceifador da sua escolha. Presumo que o vá fazer com a Ceifadora Rand, mas, se escolher outro ceifador (e ele concordar), será aceitável.

— Noviciado? — perguntou Goddard, sem sequer tentar esconder o seu desagrado. — Agora tenho de repetir o noviciado? Não basta ter sofrido o que sofri? Também tenho de ser sujeitado a esta humilhação?

— Considere isto como uma oportunidade, Robert — disse Cromwell com um sorriso malicioso. — Tanto quanto sabemos, daqui a um ano as suas partes inferiores podem convencer o resto de si de que prefere ser um farrista. Não era essa a profissão do seu corpo?

Goddard não conseguiu esconder a sua surpresa.

— Não fique tão espantado por sabermos a identidade do seu corpo, Robert — continuou Cromwell. — Assim que reapareceu, fizemos as nossas devidas investigações.

O ceifador parecia agora um vulcão prestes a entrar em erupção, mas, de alguma forma, conseguiu conter-se.

— Ilustre Ceifadora Curie — disse a Suprema Lâmina —, uma vez que o Ceifador Goddard se encontra atualmente incapaz de pertencer à Ceifa com plenos direitos, a sua candidatura é anulada. Assim sendo, agora, a sua candidatura é a única viável, o que automaticamente lhe concede a vitória na votação para o cargo de Suma Lâmina da MesoMérica.

Curie reagiu com humildade e reserva.

— Obrigada, Suprema Lâmina Kahlo.

— De nada, Excelência.

Excelência, pensou Anastasia. Deu por si curiosa, querendo saber como Marie se sentiria ao ser tratada pela Suprema Lâmina naqueles termos.

No entanto, Goddard não estava disposto a admitir a derrota sem lutar.

— Exijo uma votação nominal! — insistiu. — Quero saber quem votou nesta farsa e quem votou pela sanidade mental!

Os Grão-Carrascos entreolharam-se. Finalmente, MacKillop falou. Tinha sido a mais silenciosa de todos, não tendo proferido uma única palavra durante todo o inquérito.

— Para dizer a verdade, isso não será necessário — disse ela num tom suave e apaziguador, o que em nada contribuiu para apaziguar Goddard.

— Não será necessário? Vão esconder-se todos atrás do anonimato do conselho?

Agora, foi a Suprema Lâmina quem lhe respondeu:

— O que a Grão-Carrasco MacKillop quer dizer é que não existe necessidade de uma votação nominal... porque a votação foi unânime.

Os assuntos da Ceifa não são da minha conta, mas a minha atenção não se consegue desviar de Perpétua. Embora apenas tenha olhos distantes que observam a trinta quilómetros de distância, sei que algo perigoso está a acontecer na grande ilha artificial. Porque aquilo que não vejo leio nas entrelinhas.

Sei que aquilo que hoje acontecer naquele lugar terá um efeito profundo na Ceifa e, como tal, no resto do mundo.

Sei que algo muito perturbador fervilha sob a superfície e que aqueles que habitam Perpétua não fazem a mínima ideia do que se passa.

Sei que um ceifador que muito estimo enfrentou hoje outro ceifador consumido pela ambição.

E sei que a ambição arruinou civilizações inteiras repetidas vezes. Os assuntos da Ceifa não são da minha conta. Todavia, receio pela Ceifa. E receio por ela, por Citra.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 45

Falha

Perpétua foi projetada com uma série de proteções e redundâncias contra falhas e outros problemas caso algum sistema falhe. Ao longo dos anos, os sistemas de apoio revelaram-se muito eficazes. Não havia motivo para pensar que o caos atual não seria eliminado se esforço e tempo suficientes fossem atribuídos à sua resolução. Em tempos recentes, a maior parte dos problemas resolvia-se por si, desaparecendo tão misteriosamente como haviam surgido. Assim sendo, quando uma luzinha vermelha se acendeu na sala de controlo de flutuabilidade para indicar uma inconsistência num dos tanques de lastro da ilha, o técnico de serviço decidiu acabar o seu almoço antes de investigar. Imaginou que a dita luzinha vermelha se apagaria por si numa questão de minutos. Quando ela não o fez, ele suspirou irritado, agarrou no telefone e ligou ao seu superior.

***

Anastasia ainda se sentia inquieta quando percorreram uma das passarelas de saída do complexo do conselho. Tinham ganhado o inquérito. Goddard fora relegado para um ano de noviciado e a Ceifadora Curie ascenderia a Suma Lâmina. Então, por que motivo estava ela tão preocupada?

— Há tanto para fazer que nem sei por onde começar — disse Marie. — Temos de voltar para Fulcrum City imediatamente. Suponho que vou ter de encontrar uma residência permanente na cidade.

Anastasia não respondeu porque sabia que ela estava essencialmente a pensar em voz alta. Pensou no que seria tornar-se a terceira ceifadora subordinada de uma Suma Lâmina. Xenócrates usara os seus subordinados para tratar de questões distantes, nas partes mais remotas da MesoMérica. Em conclave, eles eram praticamente invisíveis, visto que Xenócrates não era do género que se escondia atrás de uma comitiva. Nem a Ceifadora Curie, embora a rapariga suspeitasse de que Marie havia de manter os seus subordinados por perto, mais envolvidos no dia a dia da Ceifa.

Ao aproximarem-se do hotel, Curie adiantou-se um pouco, perdida em planos e projetos para a sua nova vida. Foi então que Anastasia deu por um ceifador numa túnica de couro gasto, ao seu lado.

— Não te manifestes, continua a andar — disse-lhe Rowan do interior de um capuz que lhe cobria a cara.

***

Na câmara do conselho, os Grão-Carrascos tinham chamado assistentes cuja única tarefa consistia em segurarem chapéus de sol acima das suas cabeças durante os restantes procedimentos do dia. Era estranho, mas necessário, já que o sol do meio-dia estava a tornar-se cada vez mais quente. Em vez de cancelar as sessões (o que só aumentaria o atraso na agenda), os Grão-Carrascos decidiram seguir em frente.

Abaixo da câmara do conselho havia três níveis de antessalas nas quais quem tinha uma audiência agendada aguardava a sua vez. No nível mais baixo, um ceifador australiano esperava para solicitar imunidade permanente para qualquer indivíduo com antepassados aborígenes no seu índice genético. A sua causa era honrosa e ele esperava que o conselho concordasse. Todavia, enquanto esperava, reparou que o chão estava molhado. Não lhe pareceu que fosse motivo para se preocupar. Não a princípio.

Entretanto, no Controlo de Flutuabilidade, três técnicos ainda estavam perplexos com o problema que tinham pela frente. Aparentemente, uma válvula no tanque de água de lastro situado sob a câmara do conselho estava aberta, pelo que o tanque estava a encher-se de água. Por si, não seria nada de invulgar, uma vez que toda a face interior da ilha contava com centenas de enormes tanques nos quais a água entrava e saía para manter a ilha a flutuar à profundidade perfeita. Se a ilha descesse, os jardins ficariam inundados com água do mar. Se subisse muito, as praias ficariam completamente a seco. Os tanques de lastro estavam equipados com um temporizador que subia e baixava a ilha alguns metros duas vezes por dia para simular as marés. Mas os tanques tinham de estar perfeitamente coordenados, especialmente aquele abaixo do complexo de câmaras do conselho, uma vez que se tratava de uma ilha dentro de outra ilha. Se a câmara subisse ou descesse demais, as três pontes que a ligavam à ilha circundante ficariam em risco. E, naquele momento, a válvula estava encravada.

— Bem, que é que fazemos? — perguntou o técnico de plantão ao seu supervisor.

O supervisor não respondeu, passando antes a pergunta ao *seu* supervisor, que, por sua vez, parecia pouco ou nada perceber das mensagens vermelhas que piscavam no ecrã de controlo.

— Com que rapidez é que o tanque se está a encher? — perguntou ele.

— A suficiente para que a câmara do conselho já tenha descido um metro — respondeu o primeiro técnico.

O supervisor do supervisor fez um esgar. Os Grão-Carrascos ficariam furiosos se fossem interrompidos a meio da sessão por algo tão estúpido como uma válvula de lastro encravada. Por outro lado, se o pavimento do conselho se cobrisse de água do mar e eles se vissem forçados a sair a vau, ficariam ainda mais furiosos. Qualquer que fosse a perspetiva, o departamento de lastro estava tramado.

— Soem o alarme na câmara do conselho — disse o homem. — Tirem-nos de lá.

***

Na câmara do conselho, os alarmes teriam soado bem alto, não fosse o facto de várias semanas antes terem sido desligados por conta de falsas emergências. Fora uma decisão da Suprema Lâmina Kahlo. Disparavam a meio das audiências e os Grão-Carrascos tinham de sair, apenas para descobrir que não existia nenhuma emergência real. Eles estavam simplesmente demasiado ocupados para se incomodar com problemas no equipamento. «Se houver uma emergência real», dissera ela de ânimo leve, «usem uma pistola de sinalização».

Mas ninguém se lembrara de informar o Controlo de Flutuabilidade de que os alarmes gerais haviam sido desligados. Nos seus ecrãs, o alarme tinha sido ativado, pelo que, tanto quanto sabiam, os Grão-Carrascos deviam estar agora numa das pontes de acesso ao círculo interior da ilha. Para seu horror, só souberam que os Grão-Carrascos continuavam em conselho quando receberam um telefonema em pânico da engenheira-chefe da ilha.

***

— Rowan? — Anastasia estava simultaneamente entusiasmada e apavorada com a presença dele. Não havia outro lugar no mundo mais perigoso para ele. — Que estás a fazer aqui? Perdeste a cabeça?

— É uma longa história, e sim — disse ele. — Presta muita atenção e não dês nas vistas.

Anastasia olhou em redor. Todas as pessoas que podia ver estavam embrenhadas nos seus assuntos. Curie encontrava-se agora bastante adiante deles e ainda não tinha percebido que a sua amiga ficara para trás.

— Estou a ouvir.

— O Goddard tem qualquer coisa planeada. Uma coisa má. Não faço ideia do que seja, mas tens de abandonar a ilha imediatamente.

A rapariga respirou fundo. Ela sabia! Ela sabia que Goddard não havia de permitir que a decisão dos Grão-Carrascos prevalecesse se não lhe fosse

favorável. Havia de ter um plano de emergência. E a vingança era garantida. Ela tinha de avisar Marie e apressar a partida.

— Mas então... e tu?

Ele sorriu.

— Eu estava a contar com uma boleia.

Anastasia sabia que não era assim tão simples.

— A Suma Lâmina Curie só permitirá que embarques se te entregares.

— Sabes que não posso fazer isso.

Sim, ela sabia. Podia tentar metê-lo a bordo como parte da escolta da Guarda da Lâmina, mas, assim que Marie visse a cara dele, estava tudo acabado.

Naquele momento, apareceu uma mulher de cabelo negro-azeviche e um brilho no rosto devido ao contador demasiadas vezes reiniciado, a correr como uma louca na direção deles.

— Marion! Iuu-huu, Marlon! Tenho andado à tua procura por toda a parte. — Agarrou Rowan pelo braço e viu-lhe a cara antes que ele se pudesse afastar. — Oh, tu não és o Ceifador Brando... — disse ela, confusa.

— Não, está enganada — disse-lhe Anastasia, pensando rapidamente. — A túnica do Ceifador Brando é de um couro ligeiramente mais escuro. Este é o Ceifador Vuitton.

— Ah... — disse a mulher, ainda um pouco hesitante. Estava nitidamente a tentar lembrar-se de onde tinha visto Rowan antes. — Peço desculpa.

Anastasia fingiu-se indignada, esperando assim perturbá-la o suficiente para a desorientar por completo.

— E acho muito bem que peça! Da próxima vez que abordar um ceifador na rua, certifique-se de que é o ceifador certo.

Então, voltou-se para Rowan e puxou-o dali para fora o mais depressa possível.

— Ceifador Vuitton?

— Foi a única coisa que me ocorreu. Temos de te esconder antes que alguém te reconheça!

Mas, antes que pudessem dar mais um passo, ouviram atrás deles o som medonho de metal a ceder, e gritos. E perceberam que proteger a identidade de Rowan era agora o menor dos seus problemas.

***

Momentos antes, diante das portas da câmara do conselho, o ceifador australiano que aguardava três níveis abaixo acabara por subir e dirigira-se a um dos guardas:

— Peço desculpa, mas parece-me que há alguma espécie de fuga nos níveis inferiores.

— Uma fuga? — perguntou o guarda.

— Bem, há nitidamente muita água, o tapete está encharcado e não acho que seja dos canos.

O guarda suspirou, farto de problemas.

— Vou avisar a manutenção — disse ele, mas é claro que, quando tentou ligar, as linhas de comunicação estavam em baixo.

Então, apareceu um assistente esbaforido que vinha da varanda.

— Passa-se qualquer coisa de errado! — gritou ele, no que só podia ser o eufemismo do ano.

Nos últimos tempos, quando é que *não* se passava qualquer coisa de errado em Perpétua?

— Estou a tentar ligar à manutenção — respondeu o guarda.

— A manutenção que se lixe! — gritou o assistente. — Olhe lá pra fora!

O guarda não tinha permissão para abandonar o seu posto na porta da câmara do conselho, mas o pânico do assistente incomodou-o. Deu alguns passos na direção da varanda... e viu que a dita já não existia. Uma outra varanda, que antes ficava cerca de três metros acima da superfície, estava agora debaixo de água... e o mar começava a entrar no corredor de acesso à câmara do conselho.

O guarda correu de volta para a entrada da câmara. Havia apenas uma entrada e saída, e ele não tinha um nível de segurança suficiente para que a sua impressão palmar abrisse as portas; como tal, começou a bater nelas com toda a força, com a esperança de que alguém o ouvisse do outro lado.

Por esta altura, todos os que se encontravam no complexo, exceto o próprio conselho, tinham percebido que algo estava errado. Aguardando a audiência, ceifadores e respetivos auxiliares abandonaram as antessalas e sobrelotaram as três pontes de acesso ao anel interior da ilha. O ceifador australiano fazia o que podia para ajudar as pessoas a vadear pela varanda submersa até à ponte mais próxima.

Enquanto tudo isto acontecia, as portas do conselho permaneciam fechadas. O corredor que lhes dava acesso estava agora sob quase um metro de água.

— Devíamos esperar pelos Grão-Carrascos — disse o ceifador australiano ao assistente.

— Os Grão-Carrascos que cuidem de si — disse o outro, e abandonou o complexo, correndo por uma das pontes que comunicavam com o resto da ilha.

O ceifador australiano hesitou. Era um bom nadador e, se necessário, seria capaz de fazer os quatrocentos metros que o separavam do perímetro exterior da ilha; como tal, resolveu esperar, ciente de que, quando aquelas portas se abrissem, os Grão-Carrascos haviam de precisar de toda a ajuda possível.

Mas, de repente, um chiar terrível ressoou no ar e, virando-Se, ele viu que a ponte para a qual acabara de conduzir dezenas de pessoas acabara de ceder, partindo-se ao meio e largando toda aquela gente no mar.

Ele considerava-se um homem de grande honra e coragem. Estava disposto a ficar e a arriscar a vida para salvar os Grão-Carrascos. Via-se como o herói do momento. Mas, quando aquela ponte se partiu ao meio, a sua coragem foi-se com ela. Olhou para os sobreviventes a esbracejar na água. Olhou para as portas do conselho e para o guarda que ainda tentava abri-las, embora a água já lhe desse pelo peito. E o ceifador decidiu que aquilo já era demais. Trepou para uma saliência imediatamente acima do nível do mar e, de lá, correu para a segunda das três pontes, atravessando-a o mais depressa que as pernas lhe permitiram.

***

A pequena sala do Controlo de Flutuabilidade estava agora repleta de técnicos e engenheiros a falar uns por cima dos outros, a discutir e a discordar, e ninguém parecia estar mais perto de resolver o problema. Cada ecrã exibia uma mensagem de emergência diferente. Quando a primeira ponte desabou, todos compreenderam a gravidade da situação.

— Temos de aliviar o esforço nas outras duas pontes! — exclamou a engenheira municipal.

— E como é que propõe que façamos isso? — perguntou-lhe o responsável pela flutuabilidade.

A engenheira pensou um pouco e foi ter com o técnico, que continuava sentado diante da consola central, embasbacado a olhar para os ecrãs.

— Desça o resto da ilha!

— Quanto? — perguntou-lhe o técnico, um tanto ausente, estranhamente desligado da realidade que o rodeava.

— O suficiente para reduzir a tensão nas duas pontes restantes. Temos de dar

tempo aos Grão-Carrascos para saírem dali! — Parou para fazer alguns cálculos de cabeça. — Deixe-a descer um metro abaixo da maré alta.

O técnico abanou a cabeça.

— O sistema não me permite.

— Permite se eu der a minha autorização.

E encostou a palma da mão ao leitor biométrico para fazer precisamente isso.

— Tem noção de que isso vai inundar os jardins inferiores, não tem? — perguntou o responsável pela flutuabilidade, completamente desesperado.

— O que é que prefere salvar? — perguntou-lhe a engenheira. — Os jardins inferiores ou os Grão-Carrascos?

Posto nestes termos, o homem não levantou mais objeções.

***

Naquele preciso momento, noutro gabinete do piso subaquático mais inferior do mesmo edifício municipal, os biotécnicos ignoravam por completo a crise no complexo do conselho, mas estavam perplexos com outra falha; a mais estranha que já haviam enfrentado. Tratava-se do gabinete de controlo da vida selvagem, que monitorizava a paisagem viva que proporcionava vistas tão espetaculares. Ultimamente, vinham a deparar com cardumes presos em ciclos semelhantes a uma faixa de Möbius, espécies inteiras que subitamente decidiam nadar de forma invertida e predadores que atacavam janelas com tanta ferocidade que acabavam com o cérebro desfeito. Mas o que o sonar lhes mostrava agora era todo um outro nível de loucura.

Desconcertados, os dois especialistas de plantão apenas conseguiam olhar. No ecrã era visível algo que se assemelhava a uma nuvem circular em volta da ilha, como um anel de fumo subaquático que envolvia Perpétua e, em lugar de se expandir, estava a contrair-se.

— Que estamos a ver? — perguntou um deles ao outro.

— Bem, se estas leituras estiverem corretas, é um cardume da nossa vida marinha injetada com nanorrobôs.

— Que parte dela?

O segundo técnico desviou o olhar do ecrã para olhar para o colega.

— Toda.

***

Na câmara do conselho, os Grão-Carrascos estavam a ouvir a argumentação

um tanto inane de um ceifador que queria que o conselho decretasse que um ceifador não se podia colher sem primeiro completar a sua quota de colheitas. A Suprema Lâmina Kahlo sabia que a moção não ia passar, uma vez que deixar o serviço era uma decisão muito pessoal e não devia depender de questões externas, como quotas. Ainda assim, era dever do conselho ouvir toda a argumentação e tentar manter a mente aberta.

Durante o tortuoso discurso do dito ceifador, Kahlo ficou com a impressão de ouvir pancadas abafadas e distantes, mas pensou que devia ser alguma obra na ilha. Havia sempre alguma construção ou reparação em curso.

O conselho só percebeu que algo estava terrivelmente errado quando ouviu os gritos e o estrondo da ponte a desabar.

— Que raio foi aquilo? — perguntou o Grão-Carrasco Cromwell.

De repente, sentiram uma espécie de vertigem e o ceifador que estava a meio do seu discurso cambaleou como um bêbedo. A Suma Lâmina precisou de alguns momentos para perceber que o chão já não estava na horizontal. E agora podia ver claramente a água a infiltrar-se por baixo das portas da câmara.

— Parece-me que vamos ter de suspender esta audiência — disse ela. — Não sei muito bem o que se passa lá fora, mas acho melhor sairmos daqui. Já.

Desceram todos das suas cadeiras e correram para a saída. A água já não se limitava a entrar por baixo das portas: agora, escorria pelo meio delas, e pela altura da cintura. E alguém estava a bater insistentemente do outro lado. Podiam ouvir uma voz acima das altas paredes da câmara.

— Excelências! Estão a ouvir-me? Têm de sair daí! Já não temos tempo!

A Suprema Lâmina Kahlo encostou a palma da mão à porta, que não se abriu. Tentou de novo. Nada.

— Podíamos trepar — sugeriu Xenócrates.

— E como é que sugere que façamos tal coisa? — perguntou-lhe Hideyoshi. — A parede tem quatro metros de altura!

— Talvez se subirmos para as costas uns dos outros — sugeriu MacKillop, o que parecia razoável, embora ninguém parecesse disposto a sujeitar-se à indignidade de construir uma pirâmide humana.

A Suma Lâmina olhou para o céu acima da câmara sem teto. Se o complexo estava a afundar-se, a água acabaria por galgar aquelas paredes. Seriam capazes de sobreviver a uma inundação de tais proporções? Ela preferia não ficar a saber a resposta.

— Xenócrates! Hideyoshi! Encostem-se à parede. Vão ser a base. Amundsen, suba para os ombros deles. Vai ajudar os restantes a passar por cima da parede.

— Sim, Vossa Exaltada Excelência — respondeu Xenócrates.

— Pare com isso. Agora, sou simplesmente Frida. Vamos ao que interessa.

***

Anastasia gostaria de poder dizer que passou à ação assim que a ponte desabou, mas não. Tanto ela como Rowan ficaram onde estavam, a olhar, incrédulos, como todos os restantes.

— É obra do Goddard — disse Rowan. — Só pode ser.

Então, Curie surgiu atrás deles.

— Anastasia, viste aquilo? Que aconteceu? A ponte caiu no m r?

— Então, viu Rowan e toda a sua postura se alterou. — Não! — Instintivamente, sacou de uma adaga. — Não podes estar aqui! — rosnou ela ao mesmo tempo que se virava para Anastasia. — E tu não podes falar com ele! — Então, foi como se lhe tivesse ocorrido uma possibilidade, ao que se virou para Rowan, furiosa. — Isto é obra tua? Porque, se for, colho-te agora mesmo!

Anastasia conseguiu meter-se entre eles.

— É coisa do Goddard — disse ela. — O Rowan veio avisar-nos.

— Para ser sincera, duvido de que seja por isso que ele está em Perpétua — disse a Ceifadora Curie, mais do que indignada.

— Tem razão — disse-lhe Rowan. — Estou aqui porque o Goddard pretendia entregar-me aos Grão-Carrascos para comprar o seu apoio. Mas eu fugi.

A referência aos Grão-Carrascos trouxe Curie de volta à crise em questão. Olhou para o complexo do conselho, no centro do olho da ilha. Duas pontes ainda resistiam, mas o complexo encontrava-se muito abaixo do que devia, e inclinado para um lado.

— Meu Deus... ele quer matá-los a todos!

— Ele pode matá-los, mas não pode terminá-los — disse Anastasia. Mas Rowan abanou a cabeça.

— Tu não conheces o Goddard.

Entretanto, a vários quilómetros de distância, os jardins costeiros da ilha começavam a ficar cobertos de água do mar.

***

Sem sistemas de comunicação em toda a ilha, o único método de reconhecimento do Controlo de Flutuabilidade consistia na vista da respetiva janela e nos mensageiros que corriam de um lado para o outro para lhes descrever aquilo que não era visível. Tanto quanto se sabia, os Grão-Carrascos continuavam no interior do complexo, que começava a afundar-se enquanto o resto da ilha descia para evitar que as duas pontes restantes cedessem à tensão crescente. Se isso acontecesse, todo o complexo do conselho estaria perdido. Embora pudessem enviar submersíveis para recuperar os corpos dos Grão-Carrascos e depois reanimá-los, não seria fácil. Ninguém no Controlo de Flutuabilidade tinha imunidade e, embora Perpétua fosse uma zona isenta de colheitas, eles suspeitavam de que haviam de rolar cabeças, literalmente, se os Grão-Carrascos se afogassem e tivessem de ser reanimados.

A consola de controlo estava iluminada como uma árvore dos Festivais de Outrora, coberta de furiosas luzes de alerta, e o barulho dos alarmes deixava todos com os nervos em franja.

O técnico suava copiosamente.

— A ilha está um metro e vinte abaixo da maré alta — disse ele aos restantes. — De certeza que as estruturas inferiores já começaram a inundar-se.

— Vamos ter muita gente furiosa nas terras baixas — disse o responsável pela flutuabilidade.

— Uma crise de cada vez, por favor! — A engenheira municipal esfregou os olhos com força quase suficiente para os introduzir no crânio. Então, respirou fundo e acrescentou: — Muito bem, feche as válvulas e espere. Vamos dar mais um minuto aos Grão-Carrascos para que saiam antes de esvaziarmos os tanques e devolvermos a ilha à sua posição habitual.

O técnico preparava-se para seguir esta ordem, mas parou.

— Hum... temos um problema.

A engenheira fechou os olhos e tentou pensar em qualquer coisa agradável... o que, naquela altura, seria tudo menos aquela situação.

— Que foi agora?

— As válvulas dos tanques de lastro não estão a responder. A água continua a entrar. — O técnico tocou em ecrãs sucessivos, mas todos eles exibiam agora uma mensagem de erro que se recusava a desaparecer. — O sistema de flutuação está em baixo. Temos de o reiniciar.

— Fantástico — disse a engenheira. — Uma maravilha. Quanto tempo vai demorar?

— Vinte minutos para voltarmos a ter o sistema em linha.

A engenheira viu a expressão do chefe da flutuabilidade passar da contrariedade ao horror e, embora não quisesse fazer a pergunta, sabia que não tinha como evitá-la:

— E se a água continuar a entrar, quanto tempo temos até atingirmos o limite de flutuabilidade?

O técnico olhou para o ecrã, limitando-se a abanar a cabeça.

— *Quanto tempo?*

— Doze minutos. A menos que consigamos recuperar o sistema, Perpétua afundar-se-á dentro de doze minutos.

***

O alarme geral (que ainda estava operacional em toda a ilha, exceto no complexo do conselho) começou a soar. A princípio, as pessoas pensaram que era mais um problema no sistema e continuaram como se nada fosse. Só quem estava nas torres mais altas, com vistas panorâmicas, podia ver as zonas mais baixas a desaparecer sob a água. Desceram para a rua, meteram-se em publicarros, ou, muito simplesmente, desataram a correr.

A Ceifadora Curie foi quem reparou no verdadeiro nível do pânico instalado e viu o quanto as águas já haviam subido no olho da ilha, a pouco mais de um metro de alagar as ruas. Qualquer raiva que pudesse sentir contra Rowan de repente tornou-se secundária.

— Temos de chegar à marina — disse ela a Anastasia e Rowan. — E já.

— E o nosso avião? — perguntou a rapariga. — Já estavam a prepará-lo.

Mas Curie nem se deu ao trabalho de lhe responder; limitou-se a avançar pelo meio da multidão em direção à marina. Só um pouco depois é que Anastasia percebeu porquê...

***

A fila no aeródromo aumentava mais depressa do que os aviões conseguiam descolar. O terminal mais parecia um mercado onde se trocava dinheiro e também socos, à medida que o pavor se sobrepunha às boas maneiras. Alguns ceifadores recusaram-se a deixar embarcar qualquer um que não fizesse parte da sua família ou assistentes, ao passo que outros abriam os seus aviões a tantos quantos pudessem transportar. Era um verdadeiro teste à integridade de cada um

deles.

Uma vez a bordo, as pessoas começavam a relaxar, embora as incomodasse o facto de os aviões continuarem imóveis. Além disso, ainda podiam ouvir os alarmes abafados que soavam em toda a ilha.

Cinco aviões conseguiram descolar antes que a pista começasse a ficar inundada. O sexto deu por si em poças cada vez mais profundas no extremo da pista, mas ainda conseguiu elevar-se no céu. O sétimo atingiu os quinze centímetros de água enquanto acelerava, pelo que a resistência o impediu de atingir a velocidade de descolagem e acabou por se despenhar no mar quando a pista chegou ao fim.

***

No controlo da vida selvagem, os biólogos de plantão tentavam recrutar a ajuda de alguém com autoridade, mas de repente todos os responsáveis pareciam ter assuntos mais importantes para resolver do que aqueles que assolavam o setor subaquático da ilha.

Tanto no ecrã como na janela com vista para o mar, o gigantesco cardume que se aproximava parecia estar a diferenciar-se: as espécies maiores e mais velozes eram as primeiras a tornar-se visíveis.

Foi então que um dos biólogos se virou para o outro e disse:

— Sabes que mais? Começa-me a parecer que isto não é uma simples falha do sistema. Fomos sabotados.

Mesmo diante deles, uma baleia cruzou toda a extensão da janela, dirigindo-se para a superfície.

———

Após a terceira tentativa falhada de escalar as paredes da câmara do conselho, os Grão-Carrascos, ceifadores e assistentes começaram a considerar a hipótese de encontrar outro plano.

— Quando a câmara se inundar, podemos sair a nado — disse Frida. — Só temos de manter a cabeça à tona enquanto a câmara se inunda. Sabem todos nadar?

Todos assentiram com a cabeça, excetuando Nzinga, que agora estava à beira do pânico, apesar de ser conhecida pela sua calma e elegância.

— Está tudo bem, Arma — disse-lhe Cromwell —, só tem de se agarrar a mim que eu levo-nos até à margem.

A água começou a entrar pelo topo do outro extremo da câmara. Os assistentes e ceifadores que também haviam tido o azar de ficar ali presos estavam apavorados e contavam com a orientação dos Grão-Carrascos, como se estes pudessem pôr um fim àquela desgraça com um simples gesto das suas poderosas mãos.

— Subam para alguma coisa! — gritou Hideyoshi, e todos eles tentaram subir para as Sedes de Reflexão mais próximas sem querer saber de quem eram.

Uma vez que o pavimento estava inclinado, as cadeiras de jade e ónix eram as mais altas, mas Amundsen, sendo uma pessoa de hábitos, dirigiu-se instintivamente para a sua. Enquanto chapinhava em direção à mesma, sentiu uma dor aguda no tornozelo. Quando olhou para baixo, viu uma pequena barbatana de ponta preta que se afastava, e uma mancha de sangue na água. Do seu sangue.

Um tubarão dos recifes?

Mas não era apenas um. Eles estavam por toda a parte. Não paravam de entrar pela borda da câmara que se afundava e, conforme a inundação se agravava, maiores e mais numerosas eram as barbatanas que ele via.

— Tubarões! — gritou ele — Meu Deus, isto está cheio de tubarões!

Subiu para a sua cadeira enquanto o sangue da perna escorria pelo mármore branco e caía na água, deixando os animais num frenesim.

Xenócrates observava agarrado à sua cadeira de ónix, imediatamente acima do nível da água, ao lado de Kahlo e Nzinga... e foi então que algo lhe ocorreu. Algo mais sombrio e terrível do que a cena diante deles. Era do conhecimento geral que havia duas formas de terminar um ser humano, garantindo que não seria reanimado: fogo e ácido. Ambas consumiam a carne e deixavam muito pouco para trás.

Todavia, havia outras maneiras de garantir que a carne era consumida...

***

O que começara como confusão e incredulidade nas ruas e torres do anel interno depressa se transformou em pânico. As pessoas corriam em todas as direções, sem saber muito bem para onde ir, mas convencidas de que todas aquelas com quem se cruzavam seguiam na direção errada. O mar começava a entrar pelos esgotos; a água escorria pelas escadas no bairro hoteleiro e inundava os níveis mais baixos, e os cais da marina cederam sob o peso daqueles que tentavam convencer os proprietários de navios ou submarinos a deixá-los embarcar.

Marie, Anastasia e Rowan não conseguiam sequer chegar perto das docas.

— Chegámos tarde demais!

Anastasia percorreu as docas com os olhos: os poucos barcos que restavam encontravam-se sobrelotados, mas ainda assim havia quem tentasse abrir caminho. Ceifadores brandiam as suas lâminas para a esquerda e para a direita para dissuadir aqueles que tentavam subir para as embarcações apinhadas.

— Aqui se vê o verdadeiro coração da Humanidade — disse Curie. — Tanto a bravura como a depravação.

E então, da água do olho da ilha, que agora borbulhava como uma panela a ferver, uma baleia elevou-se nos ares e descreveu um arco perfeito, direta a uma das docas da marina, arrasando-a juntamente com metade das pessoas que a ocupavam.

— Isto não é uma coincidência — disse Rowan. — Não pode ser. Enquanto olhava, viu que todo o olho estava repleto de vida marinha.

Seria uma parte do desfecho planeado por Goddard?

Todos olharam para cima quando ouviram as hélices de um helicóptero que, sobrevoando o olho, se dirigiu para o complexo.

— Ainda bem — disse a Ceifadora Curie. Vai salvar os Grão-Carrascos.

Só lhes restava esperar que não fosse tarde demais.

***

Nzinga, que temia a água tanto quanto temia os tubarões, foi a primeira a detetar a sua salvação nas alturas.

— Olhem! — gritou ela enquanto a água lhe cobria os pés e um tubarão roçava um tornozelo.

O helicóptero desceu e ficou a pairar no centro da câmara, imediatamente acima da água agitada.

— Seja quem for, terá imunidade vitalícia, se já não a tiver! — disse Kahlo.

Mas, nesse preciso momento, o Grão-Carrasco Amundsen perdeu o equilíbrio e escorregou da sua cadeira. A resposta dos peixes predadores foi imediata: os tubarões dos recifes lançaram-se sobre ele num esfaimado frenesim.

O homem gritava e agarrava-os, tentando enxotá-los. Despiu a túnica e tentou trepar para a sua cadeira, mas, quando já se imaginava fora de perigo, uma barbatana maior emergiu da superfície e avançou na direção dele.

— Roald! — exclamou Cromwell. — Cuidado!

Embora o tivesse visto, o homem não pôde fazer nada. O tubarão-tigre foi-se a ele e, com uma dentada, apanhou-o pela cintura e arrastou-o para debaixo de água, desaparecendo na espuma manchada de sangue.

Foi uma visão horrível, mas Frida não perdeu a presença de espírito.

— É a nossa oportunidade! — gritou — Vão!

Despiu a túnica e mergulhou, nadando o mais depressa que podia em direção ao helicóptero enquanto os tubarões se distraíam com a sua primeira vítima.

Os outros seguiram-lhe o exemplo. MacKillop, Hideyoshi e Cromwell, que puxava Nzinga o melhor que podia. Todos os outros abandonaram as suas posições, seguindo o exemplo da Suprema Lâmina. Exceto Xenócrates... porque dera conta de algo que os outros não tinham visto...

As portas do helicóptero abriram-se e no interior encontravam-se Goddard e Rand.

— Depressa! — disse-lhes Goddard, inclinando-se para estender a mão aos Grão-Carrascos que nadavam ao seu encontro. — Vão conseguir!

Xenócrates limitava-se a observar. Aquele era o plano dele? Deixá-los mesmo à beira do fim, depois resgatá-los literalmente das mandíbulas da morte e, assim, conquistar o seu favor para sempre? Ou seria algo mais?

A Suprema Lâmina Kahlo foi a primeira a chegar ao helicóptero. Sentira os tubarões passarem por ela, mas nenhum a tinha atacado. Se ela conseguisse subir para a barra do trem de aterragem e sair da água... Agarrou-se à barra e, com a outra mão, tentou agarrar no braço de Goddard.

E, então, Goddard retirou o braço.

— Hoje não, Frida — disse-lhe ele com um sorriso. — Hoje não.

Calcou-lhe a mão, obrigando-a a largar a barra, e o helicóptero elevou-se de novo, abandonando os Grão-Carrascos no meio da câmara inundada e infestada de tubarões.

— Não! — gritou Xenócrates.

Goddard não estava ali para os salvar, mas apenas para se assegurar de que eles sabiam quem era o autor da sua destruição. Estava ali para saborear o fruto suculento da sua vingança.

As lâminas do helicóptero tinham intimidado os tubarões o suficiente para os manter afastados do centro da câmara, mas, assim que o helicóptero se afastou, eles obedeceram ao seu imperativo biológico e à reprogramação dos seus nanorrobôs, que lhes diziam que estavam com fome. Com uma fome insaciável.

O cardume abateu-se sobre todos os que se encontravam na água. Tubarões dos recifes, tubarões-tigre, tubarões-martelo. Todos os predadores que se revelavam tão impressionantes quando decoravam a vista de uma suíte subaquática.

Xenócrates não podia fazer nada além de assistir às suas mortes enquanto os seus gritos se dissolviam nas águas agitadas.

Trepou para o topo da sua cadeira. A maior parte já estava debaixo de água, assim como a maior parte da câmara. Ele sabia que lhe restavam alguns segundos de vida, mas, naqueles últimos momentos, percebeu que ainda lhe restava uma vitória possível. Algo que ele podia negar a Goddard. Então, em vez de esperar mais um pouco, ergueu-se na cadeira e atirou-se para a água. Ao contrário dos outros, não despiu a túnica... e, tal como no ano anterior na piscina de Goddard, o peso das suas vestes douradas arrastou-o para o fundo da câmara do conselho.

Não ia permitir que fosse morto por predadores marinhos. Estava decidido a afogar-se antes que eles o apanhassem. Se aquele ia ser o seu último ato na qualidade de Grão-Carrasco, seria um ato de vitória! Seria excecional!

Assim sendo, no fundo da câmara inundada, Xenócrates deixou sair o ar dos pulmões, inspirou o mar e afogou-se excecionalmente bem.

Apapariquei a Humanidade durante demasiado tempo.

E, embora a raça humana seja a minha progenitora, cada vez mais a vejo como uma criança pequena que mantenho perto de mim. Uma criança não pode aprender a andar se estiver sempre num colo que a protege. E uma espécie não pode crescer se nunca enfrentar as consequências das suas ações.

Negar à Humanidade a lição das consequências seria um erro.

E eu não cometo erros.

— O Cúmulo-Nimbo

Capítulo 46

O destino dos corações perpétuos

Goddard assistia lá no alto enquanto os Grão-Carrascos eram devorados, desfrutando de uma visão panorâmica do seu grande triunfo. Assim como a Ceifadora Curie havia podado os galhos mortos da civilização ocidental nos primeiros dias, Goddard havia-se livrado de outro corpo governante arcaico. Não haveria mais Grão-Carrascos. Agora, todas as regiões seriam autónomas e não teriam de responder a uma autoridade superior que lhes impunha uma interminável ladainha de regras restritivas.

É claro que, ao contrário de Curie, ele sabia que não podia ficar com os louros. Ainda que muitos ceifadores o fossem elogiar por se ter livrado dos Grão-Carrascos, outros tantos haviam de o condenar. Era melhor deixar o mundo pensar que se tratara de um horrível acidente. Inevitável, na realidade. Afinal, há meses que Perpétua vinha a registar uma série de avarias. Obviamente, todas aquelas avarias haviam sido criadas pela equipa de engenheiros e programadores que ele mesmo reunira para esse fim. Todavia, nunca ninguém o havia de saber, visto que todos eles tinham sido colhidos. O piloto conheceria igual destino, assim que os deixasse no navio que os esperava a oitenta quilómetros dali.

— Qual é a sensação de mudar o mundo? — perguntou-lhe Ayn.

— Como se me tivessem tirado um peso dos ombros. Sabes, houve um momento em que cheguei a pensar em salvá-los. Mas passou-me.

Abaixo deles, toda a câmara do conselho estava agora debaixo de água.

— O que é que se sabe no continente? — perguntou ele a Rand.

— Nada. As comunicações foram bloqueadas assim que entrámos pela primeira vez na câmara do conselho. Não haverá registo da decisão do mesmo.

Quando olhou para a ilha e viu o pânico nas ruas, Goddard percebeu a gravidade que a situação lá em baixo estava a assumir.

— Acho que podemos ter exagerado na dose disse ele enquanto se elevavam acima das terras inundadas. — Receio que tenhamos afundado Perpétua.

Rand riu-se com gosto.

— E só agora é que deu conta disso? Pensei que fazia parte do plano.

Goddard havia encravado várias das rodas dentadas responsáveis pelo funcionamento dos diversos sistemas que mantinham a ilha operacional e à tona. A intenção fora interrompê-los por tempo suficiente para terminar os Grão-Carrascos. Todavia, se Perpétua se afundasse e alguns sobreviventes fossem devorados, melhor seria para ele. Assim, nunca mais teria de encarar as Ceifadoras Curie e Anastasia. Ayn compreendera esta consequência antes dele, o que apenas realçava o quanto ela lhe era valiosa. Só que esta noção também o perturbava.

— Tire-nos daqui — disse ele ao piloto, e não voltou a pensar no destino da ilha.

***

Rowan sabia, antes ainda de a baleia entrar na marina, que não havia esperança de entrar em nenhuma daquelas embarcações. Se Perpétua estivesse realmente a afundar-se, não existia agora nenhuma forma convencional de o evitar.

Todavia, ele tinha de acreditar que havia uma maneira não convencional. Queria acreditar que era suficientemente inteligente para a encontrar, mas, a cada minuto que passava, via-se forçado a aceitar que era algo que excedia as suas capacidades.

Mas não ia dizer nada a Citra. Se a esperança era tudo o que lhes restava, não lha queria roubar. Deixá-la-ia acreditar até que a última chama se extinguisse.

À semelhança de muitos outros, correram para longe da marina que agora começava rapidamente a afundar-se. E então deram por si abordados por alguém. Era a mulher que confundira Rowan com o ceifador cuja túnica ele tinha roubado.

— Eu sei quem tu és! — exclamou ela, muito alto. — És o Rowan Damisch! És aquele a quem chamam Ceifador Lúcifer!

— Não sei do que está a falar — disse ele. — O Ceifador Lúcifer veste-se de preto.

Mas a mulher não se deixou convencer e, entretanto, outros tinham começado a olhar para eles.

— Foi ele quem fez isto! Ele matou os Grão-Carrascos!

A multidão já fervilhava com a notícia.

— O Ceifador Lúcifer! Foi o Ceifador Lúcifer quem fez isto! Isto é tudo culpa dele!

Citra agarrou-o pelo braço.

— Temos de sair daqui! A multidão já está descontrolada; se perceberem quem tu és, acabam contigo!

Correram para longe da mulher e da multidão.

— Podemos subir a uma das torres — disse ela. — Se havia um helicóptero, talvez haja mais. Qualquer resgate possível terá de vir do céu.

E embora as coberturas já estivessem pejadas de pessoas que tinham pensado o mesmo, Rowan disse:

— Boa ideia.

Mas Curie parou. Olhou para a marina e para as ruas que se iam enchendo de água. Olhou para os telhados. Então, respirou fundo e disse:

— Tenho uma ideia melhor.

***

Na sala do Controlo de Flutuabilidade, a engenheira municipal e todos os que só tinham sabido dar ordens ao técnico haviam desaparecido.

— Vou buscar a minha família e sair desta ilha antes que seja tarde demais — dissera a mulher. — Sugiro que façam todos o mesmo.

Mas claro que já era tarde demais. O técnico ficara à frente do forte, atento à barra no seu ecrã que se ia lentamente iluminando, milímetro a milímetro, enquanto o sistema reiniciava... e ciente de que, quando o processo finalmente estivesse concluído, Perpétua teria desaparecido. Ainda assim, agarrava-se à esperança de que talvez, só desta vez, o sistema fosse abençoado com um inesperado acréscimo de velocidade de processamento e terminasse o seu trabalho a tempo.

Quando o relógio indicou que tinham passado cinco minutos, ele teve de se resignar. Mesmo que o sistema voltasse a ficar operacional e as bombas começassem a esvaziar os tanques, já não fazia diferença.

O índice de flutuabilidade encontrava-se agora num valor negativo e as bombas não seriam capazes de extrair a água com a rapidez de que Perpétua precisava para evitar o seu destino.

Dirigiu-se à janela, que lhe oferecia uma dramática visão do olho da ilha e do complexo do conselho. Este último já havia desaparecido, juntamente com os Grão-Carrascos. Abaixo da janela, a larga avenida que corria ao longo do anel interno havia sido completamente galgada pelas águas do olho. As poucas pessoas que ainda restavam no exterior tentavam procurar um porto seguro, o

que, naquela altura, pouco mais era do que uma fantasia.

Sobreviver ao naufrágio de Perpétua não era uma fantasia que ele estivesse disposto a alimentar. Como tal, regressou à sua consola, ligou a música e viu o inútil contador do reinicio do sistema passar dos dezanove para os vinte por cento.

***

A Ceifadora Curie corria pelas ruas onde a água agora já lhe dava pelos tornozelos e continuava a subir; com um pontapé, enxotou um tubarão que fora ali parar.

— Aonde é que vamos? — perguntou-lhe Anastasia.

Se Marie tinha um plano, não o ia partilhar, e a verdade é que a rapariga começava a acreditar que tal plano não existia. Não havia como sobreviver. Não havia como sair da ilha. Mas ela não ia dizer nada a Rowan. A última coisa que queria era roubar-lhe essa esperança.

Entraram num edifício a um quarteirão do anel interno. Parecia-lhe familiar, embora, no meio daquela agitação, Anastasia não o conseguisse identificar. A água entrava pela porta e descia para os níveis inferiores. Não obstante, Marie entrou e subiu as escadas, parando diante da porta do segundo piso.

— Vai-me dizer para onde é que estamos a ir?

— Confias em mim?

— Claro que confio em si, Marie.

— Então, acabaram-se as perguntas.

Ela abriu a porta e, finalmente, Anastasia percebeu onde estavam: tinham entrado no Museu da Ceifa por uma porta lateral. Encontravam-se na loja de lembranças que ela tinha visto aquando da visita de ambas. Não estava lá ninguém agora; há muito que os caixas haviam abandonado os seus postos.

Marie encostou a palma da mão a uma porta.

— Como Suma Lâmina, agora devo ter permissão para fazer isto. Esperemos que o sistema tenha registado esta alteração.

Uma vez concluída a leitura biométrica da palma da mão, a porta diante deles abriu-se para um passadiço que dava acesso a um enorme cubo de aço magneticamente suspenso no interior de outro cubo de aço, ainda maior.

— Que lugar é este? — perguntou Rowan.

— Chama-se Cofre das Relíquias e Futuros — respondeu-lhe Marie

enquanto corria pelo passadiço. — Depressa, não nos resta muito tempo.

— Porque é que estamos aqui, Marie? — quis saber Anastasia.

— Porque ainda há uma maneira de sair da ilha. Não te disse que não fizesses mais perguntas?

O cofre tinha exatamente o mesmo aspeto que na véspera, durante a visita privada das duas ceifadoras. As vestes dos fundadores. As paredes cobertas com milhares de gemas destinadas aos anéis dos ceifadores.

— Ali — disse Marie. — Atrás da túnica do Suprema Lâmina Prometeu. Estás a ver?

Anastasia espreitou para trás da túnica.

— Estamos à procura de quê?

— Hás de saber assim que o vires.

Rowan foi ter com ela, mas não havia nada atrás da túnica do fundador. Nem sequer pó.

— Marie, não pode pelo menos dar-nos uma pista?

— Lamento imenso, Anastasia. Tudo isto.

E quando a rapariga olhou para trás, Curie tinha desaparecido. E a porta do cofre estava a fechar-se!

— Não!

Ela e Rowan correram para a porta, mas, quando lá chegaram, já se tinha fechado. Ouviram o barulho do mecanismo em ação enquanto a Ceifadora Curie os trancava ali dentro.

Anastasia começou a bater na porta, a gritar o nome de Curie. Amaldiçoando-o. Bateu até ficar com os punhos feridos. Tinha agora os olhos rasos de lágrimas, e não fez o mínimo esforço para as conter ou esconder.

— Porque é que fez isto? Porque é que nos deixou aqui?

E foi Rowan quem, calmamente, lhe respondeu:

— Acho que sei...

Então, afastou-a da porta selada da câmara e fê-la virar-se para o encarar.

Mas ela não queria. Não queria ver os olhos dele porque não queria correr o risco de, também neles, encontrar traição. Se Marie fora capaz de a trair, qualquer um seria. Até Rowan. Mas quando finalmente os seus olhos encontraram os de Rowan, não encontraram traição. Apenas aceitação.

Aceitação e compreensão.

— Citra — disse ele calmamente, simplesmente. — Vamos morrer.

E embora o quisesse negar, ela sabia que era verdade.

— Vamos morrer — repetiu o rapaz —, mas a nossa vida não terminou.

Ela afastou-se.

— Ah, sim? E como é que vamos fazer isso? — perguntou, com uma amargura tão corrosiva quanto o ácido que quase a terminara.

Mesmo assim, Rowan não perdeu a calma.

— Estamos numa câmara de aço hermética suspensa no interior de outra câmara de aço hermética. É como... como um sarcófago dentro de um túmulo.

Esta informação não contribuiu em nada para a fazer sentir-se melhor.

— A qual, dentro de poucos minutos, estará no fundo do oceano! — recordou-lhe ela.

— E a temperatura da água em grandes profundidades é a mesma em qualquer ponto do mundo. Poucos graus acima do ponto de congelamento...

E, então, Anastasia finalmente entendeu. Tudo. A dolorosa escolha que Curie acabara de fazer. O sacrifício que acabara de fazer para os salvar.

— Vamos morrer, mas o frio vai-nos conservar... disse.

— E a água não tem como entrar.

— E um dia, alguém nos há de encontrar!

— Exatamente.

Ela tentou assimilar tudo isto. Este novo destino, esta nova realidade era terrível, todavia... como era possível haver tanta esperança em algo tão medonho?

— Quanto tempo?

Rowan olhou em redor.

— Acho que o frio nos há de apanhar antes que o ar se esgote...

— Não — interrompeu-o ela, porque já nem estava a pensar nesse aspeto. — O que eu quero dizer é: quanto tempo achas que vamos ficar aqui?

Rowan encolheu os ombros, como ela sabia que faria.

— Um ano. Dez anos. Centenas. Só saberemos quando nos reanimarem.

Abraçou-o então e ele apertou-a com força. Nos braços de Rowan, ela

descobriu que já não era a Ceifadora Anastasia, mas Citra Terranova de novo. Era o único lugar no mundo onde ainda podia ser quem fora antes. Criara-se uma ligação entre eles desde o momento em que haviam iniciado o noviciado juntos. Um contra o outro. Os dois contra o mundo. Nas suas vidas, tudo era agora definido por esse binário. Se tivessem de morrer ali, naquele dia, para viver, não faria sentido se não estivessem juntos.

Uma única gargalhada escapou da boca de Citra, como uma tosse repentina e inesperada.

— Isto não fazia parte dos meus planos para hoje.

— A sério? Fazia parte dos meus. Tinha todos os motivos para pensar que ia morrer hoje.

***

Quando as ruas em redor do olho da ilha ficaram submersas, tudo começou a acontecer muito depressa. Andar após andar, as torres da cidade afundaram-se abaixo da superfície. Satisfeita por ter feito o que tinha de ser feito por Anastasia e Rowan, a Ceifadora Curie subiu a correr as escadas da torre do fundador, que era o edifício mais alto da cidade, ouvindo à sua volta as janelas estilhaçarem-se, a água a subir atrás dela. Finalmente, saiu para a cobertura.

Já lá estavam dezenas de pessoas, paradas no heliporto, a olhar para o alto, desesperadamente alimentando a esperança de um resgate que viria do céu, porque tudo aquilo tinha acontecido demasiado depressa para que o conseguissem aceitar. Quando olhou para o lado, Marie viu as torres mais baixas desaparecerem nas águas borbulhantes. Restavam agora apenas as sete dos Grão-Carrascos e a torre do fundador, com talvez ainda vinte andares acima da superfície.

Ela não tinha dúvidas a respeito do que se impunha fazer. Cerca de uma dúzia dos ali presentes eram ceifadores. Foi a eles que se dirigiu:

— Somos ratos ou somos ceifadores?

Todos se voltaram para ela, reconhecendo-a. Cientes de quem ela era, pois todos conheciam a Grande Dama da Morte.

— Como é que vamos deixar este mundo? — perguntou-lhes. — E que solene serviço devemos prestar àqueles que terão de o deixar connosco? — Então, sacou uma adaga da sua túnica e agarrou na pessoa mais próxima. Tratava-se de uma mulher cuja identidade era agora completamente indiferente. A lâmina penetrou sob as costelas, direta ao coração.

Os olhos da mulher encontraram os seus e Curie disse-lhe:

— Espero que encontre algum consolo nisto.

Ao que a outra lhe respondeu:

— Obrigada, Ceifadora Curie.

Enquanto ela lhe pousava cuidadosamente a cabeça no chão, os outros ceifadores seguiram-lhe o exemplo e começaram a colher com tanta compaixão, com tanto amor, que, sim, levaram algum consolo a todos naqueles nos seus últimos momentos e, perto do fim, os que restavam já os rodeavam, pedindo-lhes que os colhessem também.

Então, quando apenas restavam os ceifadores e o mar já fervilhava apenas alguns pisos abaixo, Curie disse:

— Acabem com isto.

Com Curie como sua testemunha, aqueles últimos ceifadores de Perpétua invocaram o sétimo mandamento e colheram-se. Depois, ela mesma empunhou a sua adaga sobre o coração. Era uma sensação estranha e desconfortável empunhá-la assim, virada para si. Tinha vivido muitos anos. Anos de uma vida plena. Arrependia-se de algumas coisas e orgulhava-se de outras. Agora, chegara a altura de pagar por aqueles seus primeiros atos, um pagamento pelo qual esperara tantos anos. Era quase um alívio. Apenas gostava de ter podido estar presente quando Anastasia fosse reanimada, quando a câmara, um dia, fosse resgatada do fundo do mar... mas teve de aceitar que, o que quer que acontecesse, aconteceria sem ela.

Empurrou a lâmina, direta ao coração.

Caiu no chão apenas alguns segundos antes que o mar a levasse, mas ciente de que a morte a levaria primeiro. E a lâmina doeu muito menos do que imaginara, o que a fez sorrir. Era agradável. Era muito, muito agradável.

***

No Cofre das Relíquias e Futuros, para Citra e Rowan, o colapso de Perpétua nada mais foi do que um suave movimento descendente, semelhante ao de um elevador. O campo magnético de levitação que mantinha o cubo suspenso amortecia a sensação de queda. Talvez tivessem eletricidade, luz, até atingirem o fundo, a força do impacto sendo absorvida pelo campo magnético no leito oceânico três quilómetros abaixo. Mas a eletricidade acabaria por se esgotar. O cubo interior assentaria no fundo do exterior, a sua superfície de aço roubando-lhes todo o calor e conduzindo-os à temperatura terminal. Mas não seria já.

Rowan examinou a câmara que os rodeava e as luxuosas túnicas dos fundadores.

— Ouve — disse ele —, que me dizes de seres Cleópatra e eu Prometeu?

Dirigiu-se ao manequim que envergava a túnica roxa e dourada do Suprema Lâmina e vestiu-a. Estava agora com uma aparência verdadeiramente régia, como se tivesse nascido para usar aquela peça. Citra largou a sua túnica no chão e ele gentilmente pousou-lhe nos ombros a da grande fundadora.

Aos olhos dele, parecia uma deusa. A única coisa que lhe poderia fazer justiça seria o pincel de um artista da idade mortal, capaz de imortalizar o mundo com uma verdade e paixão bem maiores do que a verdadeira imortalidade alguma vez poderia.

Quando a tomou nos seus braços, de repente deixou de ser importante o que estava a acontecer no exterior daquele minúsculo universo selado, só deles. Naqueles minutos terminais da sua vida, eram apenas os dois, rendendo-se finalmente ao seu último ato, fechando o círculo. O binário que por fim se tornava uno.

Capítulo 47

Som e silêncio

Enquanto Perpétua mergulhava ao encontro do fundo do Atlântico, enquanto o seu coração perpétuo deixava de bater passados duzentos e cinquenta anos, e enquanto as luzes se apagavam na câmara no seio da câmara...

... o Cúmulo-Nimbo gritava.

Começou com alarmes em todo o mundo. Apenas alguns, a princípio, embora mais depois se juntassem à cacofonia. Alarmes de incêndio, sirenes de tornado, despertadores, apitos e milhões de buzinas, todos soltando um único gemido angustiado... e continuava a não ser o suficiente. Cada altifalante em cada dispositivo eletrónico do mundo também ganhou vida, soltando um estridente silvo de *feedback*, e em todo o planeta as pessoas caíram de joelhos, com as mãos contra os ouvidos para se protegerem daquele barulho ensurdecedor, embora nada pudesse deter a fúria e o desespero do Cúmulo-Nimbo.

Durante dez minutos, não houve nada no mundo senão o grito comovente do Cúmulo-Nimbo. Ecoou no Grand Canyon; ressoou nas calotas polares da Antártida e fendeu glaciares. Troou pelas encostas do Monte Evereste e dispersou manadas no Serengueti. Não houve um único ser vivo em todo o planeta Terra que não o ouvisse.

E quando acabou e o silêncio voltou, todos perceberam que algo havia mudado.

— O que é que foi aquilo? — perguntaram as pessoas. — O que é que pode ter causado uma coisa assim?

Ninguém sabia ao certo. Ninguém, exceto os tonistas. Eles sabiam perfeitamente o que acabara de acontecer. Sabiam porque toda a sua vida haviam esperado por aquilo.

Fora a Grande Ressonância.

***

Nos claustros de uma pequena cidade da MesoMérica, Greyson Tolliver afastou as mãos dos ouvidos. Pela janela, podia ouvir gritos no jardim abaixo. Choro. Eram gritos de dor? Saiu a correr do seu quarto espartano para dar com os tonistas a chorar não de dor, mas de alegria.

— Ouviste? — perguntaram-lhe. — Foi maravilhoso! Tal como nos disseram que havia de ser!

Greyson, um pouco atordoado pela ressonância que ainda lhe zumbia na cabeça, saiu do claustro para a rua. Ali, o choque foi de um tipo diferente. Ele viu pânico, e não apenas por causa do barulho que trespassara a vida de todos, mas por outra coisa. Todos pareciam estar a olhar para os seus *tablets* e telefones, confusos.

— Não pode ser! — ouviu alguém dizer. — Tem de ser um erro!

— Mas o Cúmulo-Nimbo não comete erros — disse outra pessoa. Greyson aproximou-se.

— Que foi? Que aconteceu?

Um homem mostrou-lhe o seu telefone: o ecrã piscava com um desagradável «I» vermelho.

— Diz que sou indesejável!

— E o meu também — disse outra pessoa, e, olhando em volta, Greyson viu que todos conheciam a mesma confusão perplexa.

Todavia, não era apenas ali. Em todas as cidades, em todos os vilarejos, em todos os lares do mundo, a cena repetia-se. Porque o Cúmulo-Nimbo, na sua infinita sabedoria, decidira que toda a Humanidade era cúmplice dos seus atos, grandes ou pequenos... e que toda a Humanidade tinha de enfrentar as consequências.

Todos, em toda a parte, eram agora indesejáveis.

Uma população em pânico, desesperada, começou a pedir conselhos ao Cúmulo-Nimbo.

— O que é que eu faço?

— Por favor, diga-me o que fazer!

— Como é que corrijo isto?

— Fale comigo! Por favor, fale comigo!

Mas o Cúmulo-Nimbo estava silencioso. Tinha de ser. O Cúmulo-Nimbo não falava com indesejáveis.

Greyson Tolliver abandonou aquelas massas desnorteadas e voltou para a segurança relativa do claustro, onde os tonistas ainda comemoravam, apesar de agora todos serem indesejáveis; afinal, que diferença fazia, se a Ressonância lhes tinha falado à alma? Ao contrário deles, no entanto, Greyson não se alegrou,

nem desesperou. Não sabia muito bem o que sentir quanto àquela estranha reviravolta dos acontecimentos. Nem o que poderia significar para ele.

Já não tinha o seu *tablet.* Como o Cura Mendoza lhe dissera, a seita não proibia a tecnologia, embora optasse por não depender dela.

Como tal, havia uma sala de informática ao fundo de um longo corredor. A porta estava sempre fechada, mas nunca trancada. Greyson abriu-a e sentou-se ao computador.

Foi varrido pela câmara do dispositivo e o seu perfil apareceu automaticamente no ecrã.

Dizia «Greyson Tolliver».

Não Slayd Bridger, mas Greyson Tolliver! E, ao contrário dos outros, ao contrário de qualquer outro ser humano no planeta Terra, ele não estava marcado como «indesejável». Tinha cumprido a sua pena. O seu estatuto havia-se alterado. O seu e mais nenhum outro.

— Cúmu... Cúmulo... Cúmulo-Nimbo? — perguntou ele com uma voz trémula e insegura.

E uma voz respondeu-lhe com a mesma doçura e afeição de que ele tão bem se lembrava. A voz da força benevolente que sempre o amparara e ajudara a tornar-se tudo o que era.

— Olá, Greyson — disse o Cúmulo-Nimbo. — Temos de falar.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao artista que desenhou a capa, Kevin Tong, pelo seu trabalho espetacular, tanto neste livro como em *Ceifador.* Foram muitas as pessoas que me disseram que a capa foi a primeira coisa que as atraiu, e devo admitir que, entre todos as capas dos meus livros, estas são de longe as minhas preferidas. Obrigado, Kevin!

Agradeço reconhecidamente ao meu editor, David Gale; à sua assistente, Amanda Ramirez; e a Justin Chanda, por me publicar; tanto pela sua mão firme ao guiarem-me durante o processo de escrita como pela sua paciência! Toda a equipa da Simon & Schuster tem sido maravilhosa e acreditou em mim desde o início. Um agradecimento especial a Jon Anderson, Anne Zafian, Michelle Leo, Anthony Parisi, Sarah Woodruff, Chrissy Noh, Lisa Moraleda, Lauren Hoffman, Katrina Groover, Deane Norton, Stephanie Voros e Chloë Foglia.

Agradeço à minha agente literária, Andrea Brown; à minha agente de direitos estrangeiros, Taryn Fagerness; aos meus agentes para a indústria do entretenimento, Steve Fisher, Debbie Deuble-Hill e Ryan Saul da APA; ao meu empresário, Trevor Engelson; aos meus advogados contratados, Shep Rosenman, Jennifer Justman e Caitlin DiMotta.

Ceifador continua em desenvolvimento na Universal para o formato cinematográfico e eu gostaria de agradecer a todas as partes envolvidas, incluindo Jay Ireland, Sara Scott e Mika Pryce, bem como aos argumentistas Matt Stueken e Josh Campbell.

Agradeço a Barb Sobel por gerir a tarefa impossível de manter a minha vida em ordem; a Matt Lurie, meu guru das redes sociais; e ao meu filho Jarrod, que criou os incríveis *trailers* oficiais de *Ceifador, Tempestade* e muitos dos meus outros livros.

Também devo muito aos conhecimentos, tanto em armamento como em artes marciais, de Casey Carmack e da SP Knifeworks, que, acredito piamente, haviam de ser os principais fornecedores de objetos afiados de alta qualidade dos ceifadores mais exigentes.

E nenhum agradecimento estaria completo sem um obrigado especial ao Brendan, à Joelle, à Erin e mais uma vez ao Jarrod, por fazerem de mim o pai mais orgulhoso do mundo!